

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - PPGCOM**

JULIANA LOPES DIAS

**PAISAGENS, AMBIÊNCIAS E SITUAÇÕES COMUNICATIVAS NA PRAÇA
DA SAVASSI:
FABULAÇÕES E DISPUTAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE.**

Belo Horizonte

2017

JULIANA LOPES DIAS

**PAISAGENS, AMBIÊNCIAS E SITUAÇÕES COMUNICATIVAS NA PRAÇA DA
SAVASSI:
FABULAÇÕES E DISPUTAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação Social.

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva

Belo Horizonte

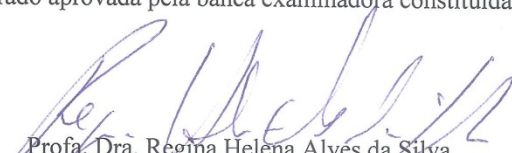
2017

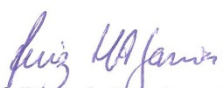
	Dias, Juliana Lopes
301.16	Paisagens, ambiências e situações comunicativas na Praça da Savassi [manuscrito] : fabulações e disputas na produção do espaço da cidade. / Juliana Lopes Dias. - 2017.
D541p	321 f. : il.
2017	Orientadora: Regina Helena Alves da Silva.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia
	1.Comunicação – Teses . 2.Praça Diogo de Vasconcelos (Belo Horizonte, MG) - Teses. 3.Capitalismo - Teses. I. Silva, Regina Helena Alves da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

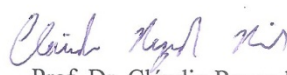
Paisagens, ambiências e situações comunicativas na Praça da Savassi: Fabulações e disputas na produção do espaço da cidade


Juliana Lopes Dias

Tese de doutorado aprovada pela banca examinadora constituída por


Prof.ª Dra. Regina Helena Alves da Silva
(Orientadora – UFMG)


Prof. Dr. Luiz Henrique Assis Garcia
(Universidade Federal de Minas Gerais)


Prof. Dr. Cláudio Rezende Ribeiro
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)


Márcio Simeone Henriques
(Universidade Federal de Minas Gerais)


Joana Ziller de Araújo Josephson
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 04 de dezembro de 2017.

À minha família, com todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão por ter realizado este trabalho é enorme, e muitas pessoas foram fundamentais para que ele se tornasse realidade. Agradeço aos professores que estiveram em minha banca de qualificação, Márcio Simeone Henriques e Luiz Henrique Assis Garcia, por suas contribuições, que foram fundamentais para que a tese fosse concluída. A generosidade de vocês foi muito importante. Agradeço também a ambos, e ao professor Cláudio Rezende Ribeiro (a quem incomodei um pouco desde o início do doutorado) e à professora Joana Ziller de Araújo Josephson, por sua dedicação à banca de defesa.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Público Mineiro, da biblioteca da Fafich e da Escola de Arquitetura (UFMG) pela grande ajuda em diversos momentos, nos quais sempre demonstraram boa vontade e empenho. Nesses lugares eu encontrei o que eu nem sabia que estava procurando, e isso foi muito importante para os rumos da tese. Meus agradecimentos, também, a Elaine Martins e Tatiane Oliveira pela ajuda de sempre na secretaria do PPGCOM/UFMG.

Obrigada à Paula Ziviani e ao Marcelo Alves que dedicaram muito do seu tempo a ler e corrigir a tese. Vocês tiveram importância fundamental ao enxergar os erros que eu não via mais e, principalmente, ao me colocar no meu devido lugar quando eu estava falando demais. O carinho de vocês não tem preço.

Sou muitíssimo grata aos colegas do CCNM, especialmente Coca, Pedro Marra e Balu (que, aqui, só pode ser chamado assim...) por me ajudarem durante toda a pesquisa, desde 2012, por escreverem comigo e pela generosidade de ceder materiais e textos. Obrigada pelas incursões pela Savassi e pelas boas conversas que tivemos. Foi muito bom encontrar com vocês quando o doutorado ainda era uma ideia bem solta e ver, nos percursos de pesquisa de vocês, como ele poderia virar realidade. Espero que vocês possam se sentir parte da tese.

Muito obrigada à Joana, que além de ser uma amiga maravilhosa, sempre me incentiva e me ajuda na vida profissional e acadêmica. Você foi corresponsável pelo mestrado e, agora, pelo doutorado, e eu tenho muita sorte de contar com alguém como você. Nunca poderei retribuir, mas sempre vou agradecer.

Agradeço, de todo o coração, à minha orientadora Lena. Você foi a melhor surpresa de todo esse processo, pois, quando nós começamos, eu não fazia ideia do quanto iria gostar de conversar com

você, discutir com você e aprender com você. Você é uma pessoa genial e inspiradora, e suas orientações foram definitivas para que a tese tivesse um rumo, um ponto de partida e, agora, um ponto final. Obrigada por ter se tornado uma grande amiga e por ter dividido uma parte da sua vida comigo - principalmente a parte que trouxe a Duda e o Pedro junto! Obrigada por todas as vezes que você disse: É isso aí, companheira. Elas me fizeram chegar até aqui.

Finalmente, agradeço a Deus e aos meus anjos da guarda, que estão entre os melhores do céu, e à minha família. Meus pais Lisbela e Marcílio, meus irmãos Fabíola e Frederico, meu marido Pedro e minha filha Beatriz: obrigada por tudo o que vocês fizeram e aguentaram enquanto eu estudava e escrevia. Mas, principalmente, obrigada pelo amor que vocês me dão, cotidianamente, e que enche a minha vida de sentido e de felicidade.

A favor da rua.
Não se trata simplesmente de um lugar de
passagem e circulação. [...] Na rua, teatro
espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às
vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura,
sem os quais não há vida urbana, mas separação,
segregação estipulada e imobilizada.

(LEFEBVRE, 1999, p. 29)

RESUMO

Esta tese se propõe a analisar como o espaço urbano contemporâneo é produzido e disputado por diferentes atores, especialmente através das práticas comunicacionais. Para tanto, pretendeu-se discutir as intencionalidades da constituição física dos espaços urbanos e como se processam as relações entre a morfologia e os usos e apropriações do espaço pelos cidadãos. Compreendendo que o capital global se faz presente de diversas formas, inclusive através de intervenções físicas em pontos de grande significação das cidades, pretendemos observar como as interações comunicativas se relacionam com a paisagem e a ambiência comunicativas e como a comunicação se relaciona com os movimentos de adaptação e resistência que (re)configuram esses espaços, em especial nas praças. Escolheu-se como recorte de estudo a Praça da Savassi, em Belo Horizonte, onde buscamos evidências de como as situações comunicativas que tem lugar no espaço urbano são afetadas pelas características da paisagem contemporânea - sendo estranguladas, inibidas, limitadas; ou contribuindo para (re)estabelecer as relações do cidadãos com esses espaços. Foram utilizados os métodos de análise documental, pesquisa de survey, observação participante e deriva cartográfica. Entre os resultados alcançados, destacamos que a construção dos espaços da cidade é influenciada pelos esforços de criação e recriação dos lugares por parte de diversos atores, entre os quais: aqueles que detêm o poder de gestão sobre os lugares; outros que, não tendo esse poder formal, utilizam-se dele das mais diversas formas; e os cidadãos em sua vida cotidiana construída no lugar. A noção da comunicação como tentativa nos ajuda a demonstrar como as fabulações, estratégias de marketing e intervenções, entre outros, afetam os sentidos que perpassam o lugar sem nunca, no entanto, conseguir determiná-lo.

Palavras-chave: Comunicação; Capitalismo global; Paisagem, situação e ambiência comunicativas; Praça da Savassi.

ABSTRACT

This doctoral thesis proposes to analyze the how the urban space is produced and disputed by different actors, especially through communicative practices. To this end, it is intended to discuss the intentions of the physical constitution of urban spaces and how to handle the relationship between the morphology and the uses and appropriation of space by citizens. Understanding that global capital is present in a variety of ways, including through interventions in the physical space at points of high significance of the cities, we are interested in how the communicative interactions engage with the landscape and the communicative ambience and how the communication process is connected with the process of adaptation and resistance that (re)configure these spaces, specially the squares. It was chosen as the object of study the Savassi Square, in Belo Horizonte, where we seek evidence of how the communicative situations that takes place in urban space are affected by the characteristics of the contemporary landscape - being embarrassed, inhibited, limited; or contributing to (re)establish the relations of citizens with these spaces. We used the methods of documentary analysis, survey, participant observation and "cartographic drift" - unplanned journeys through the landscape, as proposed by the Situationist International. Among the main results, we highlight that the construction of the spaces of the city is influenced by the attempts to create and recreate the places by many actors, including: those who has the authority on the places; others that, in spite lacking that power, know how to use then in many ways; and the citizens, on their everyday lives, built on the place. The notion of communication as a attempt helps us to demonstrate how the tales, marketing strategies and interventions, among others, influence the senses that pass through the places without, however, define it.

Keywords: Communication; Global Capitalism; Landscape, situation and communicative ambience; Savassi Square.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Inauguração da Padaria Savassi.....	24
FIGURA 02: Área da Praça da Savassi.....	31
FIGURA 03: Esquema demonstrativo da área afetada pelas obras de requalificação.....	32
FIGURA 04: Ouro Preto, segunda capital de Minas Gerais.....	46
FIGURA 05: Planta geral da Cidade de Minas, ou Belo Horizonte.....	52
FIGURA 06: Redesenho do mapa original de Aarão Reis.....	52
FIGURA 07: Praça da Liberdade, com a réplica do Pico Itacolomi.....	56
FIGURA 08: Praças do Progresso, Benjamin Constant e José Bonifácio na planta original.....	57
FIGURA 09: Praça 14 de Setembro na planta original.....	57
FIGURA 10: Centro de Belo Horizonte, com a Praça Sete ao meio.....	61
FIGURA 11: Praças previstas na planta de 1895, dentro da Avenida do Contorno.....	63
FIGURA 12: Detalhe da planta de 1895 com a previsão da construção da Praça da Savassi (13 de Maio).....	63
FIGURA 13: Fachada da Estação de Minas e vista parcial da Praça Rui Barbosa.....	65
FIGURA 14: Detalhe da Praça Rui Barbosa.....	65
FIGURA 15: Vista da Praça Raul Soares com o Mercado Municipal à esquerda.....	66
FIGURA 16: Praça Sete de Setembro na década de 1940.....	66
FIGURA 17: Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha (sem data).....	68
FIGURA 18: Praça Sete de Setembro quando ainda não era um cruzamento.....	71
FIGURA 19: Praça Sete de Setembro em 1948.....	71
FIGURA 20: Banco da Lavoura e Praça Sete de Setembro, sem o obelisco, em 1964.....	72
FIGURA 21: Praça Sete de Setembro em 1971. Detalhe para o fluxo intenso de veículos.....	72
FIGURA 22: Praça Sete de Setembro sem o obelisco e aberta ao trânsito.....	73
FIGURA 23: Instalação do obelisco na Praça da Savassi.....	74
FIGURA 24: Praça da Savassi com o 'pirulito'.....	74
FIGURA 25: Praça Sete volta a abrigar o 'pirulito'.....	75
FIGURA 26: Praça da Estação e Museu de Artes e Ofícios.....	77
FIGURA 27: Praia da Estação.....	78
FIGURA 28: Praia da Estação, com as fontes em funcionamento.....	79
FIGURA 29: Água sendo jogada do caminhão-pipa na Praia da Estação.....	79
FIGURA 30: Praia da Estação sem água.....	80
FIGURA 31: Praia da Estação na Praça da Savassi.....	82
FIGURA 32: Fonte da Praça da Savassi em dia de Praia.....	82
FIGURA 33: Vista aérea do Circuito Liberdade.....	83

FIGURA 34: Esferas sobre as quais atua a comercialização da cidade.	93
FIGURA 35: Museu do Amanhã, uma das principais obras do Porto Maravilha.	98
FIGURA 36: Orla Conde.	98
FIGURA 37: Puerto Madero, Buenos Aires.	99
FIGURA 38: Logomarca do projeto.	101
FIGURA 39: Logomarca da concessionária.	101
FIGURA 40: Ocupação cultural do cais Estelita.	105
FIGURA 41: Movimento pede o tombamento do Cais Estelita.	105
FIGURA 42: Logomarca do consórcio Novo Recife.	105
FIGURA 43: Ilustração do projeto para o Cais Estelita.	106
FIGURA 44: Rua General Jardim, São Paulo.	109
FIGURA 45: Protesto na Praça da Savassi.	115
FIGURA 46: Fachada da Pizzaria Domino's em Los Angeles.	119
FIGURA 47: Fachada da Pizzaria Domino's na Savassi.	119
FIGURA 48: Vista aérea da Place des Vosges, em Paris.	130
FIGURA 49: Detalhe da Place des Vosges, em Paris.	130
FIGURA 50: Ilustração da Covent Garden, em Londres, por volta de 1720.	131
FIGURA 51: Detalhe da Covent Garden, em Londres.	131
FIGURA 52: Praça da Concórdia, em Paris.	132
FIGURA 53: Abrigo de ônibus da Praça 13 de maio.	134
FIGURA 54: Website da Padaria Savassi – Página Inicial.	137
FIGURA 55: Website da Padaria Savassi – Página História.	137
FIGURA 56: Mudança na fachada da Padaria Savassi (sem indicação de data).	139
FIGURA 57: Região da Savassi, delimitada pela Lei 5872/91.	142
FIGURA 58: Bairros de Belo Horizonte em 2010.	143
FIGURA 59: Bairros de Belo Horizonte em 2014.	143
FIGURA 60: Polígono da Savassi.	144
FIGURA 61: Fachada do Cine Pathé, nos anos 1930, no centro de Belo Horizonte.	146
FIGURA 62: Fachada do Cine Pathé, nos anos 1950, na Savassi.	146
FIGURA 63: Fachada do prédio onde funcionava o Cine Pathé, em 2016, na Savassi.	147
FIGURA 64: Praça da Savassi, em 1970, com a Padaria Savassi ao fundo e à esquerda.	148
FIGURA 65: Ruas fechadas ao trânsito de veículos após a requalificação de 2012 (em vermelho).	154
FIGURA 66: Times Square, Nova York.	158
FIGURA 67: Loja da Telemig Celular na Praça da Savassi em 2007.	160
FIGURA 68: Loja da Vivo.	160
FIGURA 69: Loja TIM na Praça da Savassi no dia do lançamento do iPhone 5.	161

FIGURA 70: Loja da operadora Oi.	161
FIGURA 71: Loja da Claro antes de ser aberta em 2006.	163
FIGURA 72: Loja da Claro.	163
FIGURA 73: A Cafeteria em sua nova sede, ao lado da Claro.	164
FIGURA 74: Localização das lojas na Praça da Savassi.	164
FIGURA 75: Esquema geral da obra.	170
FIGURA 76: Proposta para o cruzamento central.	170
FIGURA 77: Perspectiva ilustrada dos quarteirões.	171
FIGURA 78: Praça da Savassi antes das obras.	173
FIGURA 79: Praça da Savassi após o término das obras de 2012.	173
FIGURA 80: Detalhe da obra em 2011.	175
FIGURA 81: Trânsito de pedestres durante a obra.	176
FIGURA 82: Detalhe da colocação do piso no cruzamento central.	176
FIGURA 83: Panfleto convocava os comerciantes para protestarem contra a demora na conclusão das obras.	177
FIGURA 84: Teste das fontes.	179
FIGURA 85: Visitantes na primeira noite de funcionamento das fontes.	180
FIGURA 86: Primeira noite de funcionamento das fontes.	180
FIGURA 87: Pequenas lojas que sobreviveram à obra de 2012.	181
FIGURA 88: As divisões do piso da calçada em frente à loja Fran Modinha.	181
FIGURA 89: Detalhes do mobiliário, com cadeiras isoladas e bancos divididos ao meio.	182
FIGURA 90: Os bancos que foram comparados a lápides.	182
FIGURA 91: Banca de revistas pichada na Praça da Savassi.	187
FIGURA 92: Anúncio de serviço de pintura.	188
FIGURA 93: Moradores de rua descansam nos bancos.	188
FIGURA 94: O palco citado na matéria anterior.	190
FIGURA 95: Antiga Livraria da Travessa.	192
FIGURA 96: Um dos totens do cruzamento central da Praça.	194
FIGURA 97: No quarteirão da Rua Tomé de Souza, três lojas vizinhas estão disponíveis para aluguel.	195
FIGURA 98: Loja fechada no <i>Shopping 5ª Avenida</i> , na Rua Alagoas.	195
FIGURA 99: Esquema representativo dos quarteirões da Praça da Savassi.	196
FIGURA 100: Quarteirão dos bares durante a cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014.	197
FIGURA 101: Fachada do McDonald's voltada para a Avenida Getúlio Vargas.	198
FIGURA 102: Fachada do McDonald's voltada para o centro da Praça da Savassi.	198
FIGURA 103: Palco montado no quarteirão quatro no dia da abertura da Copa do Mundo.	199

FIGURA 104: Vista aérea da Praça da Savassi, com as ruas que delimitam sua área oficial. O ponto vermelho é nosso ponto de partida.	203
FIGURA 105: Lotérica Show da Sorte.	204
FIGURA 106: Lojas das operadoras TIM e Claro no quarteirão fechado da Antônio de Albuquerque.	205
FIGURA 107: Vista da Avenida Getúlio Vargas a partir do cruzamento central.	205
FIGURA 108: Esquina da Rua Fernandes Tourinho com a Avenida Getúlio Vargas.	206
FIGURA 109: Área proposta como <i>shopping</i> 24 horas.	209
FIGURA 110: Entrada principal do <i>Shopping</i> Pátio Savassi, na Avenida do Contorno.	211
FIGURA 111: Fachada do Gujoreba Café, na Rua Antônio de Albuquerque.	213
FIGURA 112: Quarteirão “de baixo” da Avenida Cristóvão Colombo.	214
FIGURA 113: Entrada da Feira Shop na Savassi.	215
FIGURA 114: Bar do João na Savassi.	216
FIGURA 115: Feirinha na Rua Tomé de Souza.	217
FIGURA 116: Food truck na Rua Tomé de Souza.	217
FIGURA 117: Parklet na Rua Tomé de Souza.	218
FIGURA 118: Detalhe do parklet.	218
FIGURA 119: Paisagem Comunicativa.	225
FIGURA 120: Situação Comunicativa.	225
FIGURA 121: Ambiência Comunicativa.	225
FIGURA 122: A Cafeteria antes da chegada da operadora Claro, com a fachada voltada para o cruzamento central da Praça e o mobiliário fixo.	227
FIGURA 123: A Cafeteria após a obra de 2012, voltada apenas para a Rua Antônio de Albuquerque e com as mesas e cadeiras móveis.	228
FIGURA 124: As mesas da A Cafeteria em 2016.	228
FIGURA 125: As mesas dos bares Baiana do Acarajé e Croasonho.	230
FIGURA 126: Pintura que adorna a entrada da feira de artes.	231
FIGURA 127: Quadros dispostos ao longo do quarteirão.	232
FIGURA 128: Feira de troca de livros que eventualmente acontece durante a feira de artes.	232
FIGURA 129: O quarteirão vazio à noite.	233
FIGURA 130: Brinquedos infantis ao lado do McDonald’s.	234
FIGURA 131: Esquina do McDonald’s, onde acontecia uma ação promocional.	234
FIGURA 132: Perspectiva da lanchonete Burguer King, à direita, em relação ao prédio onde fica o McDonald’s do lado esquerdo.	235
FIGURA 133: Entrada da lanchonete Burguer King.	236
FIGURA 134: Lojas na Rua Antônio de Albuquerque.	237

FIGURA 135: Apesar de fechados, os quarteirões precisam permitir a entrada e saída dos carros das garagens (Rua Antônio de Albuquerque).	237
FIGURA 136: Página inicial do site Via Albuquerque.	238
FIGURA 137: Viatura da Polícia Militar estacionada na Savassi.	241
FIGURA 138: Van da Polícia Militar estacionada no canteiro central da Avenida Getúlio Vargas.	241
FIGURA 139: Moradores de rua próximos a uma das fontes.	242
FIGURA 140: Morador de rua instala rede na Praça da Savassi.	243
FIGURA 141: Jogo de abertura da Copa no quarteirão dos bares.	245
FIGURA 142: Momento de maior ocupação dos bares no dia do jogo de abertura.	245
FIGURA 143: Quarteirão dos bares ainda vazio, com os banheiros químicos ao fundo.	246
FIGURA 144: O mesmo quarteirão em sentido oposto.	246
FIGURA 145: Feira de roupas ao lado do McDonald's.	247
FIGURA 146: Mesas da Livraria Status, com grades para delimitar o espaço.	247
FIGURA 147: Mesas dos bares contíguos à Livraria Status.	248
FIGURA 148: Base móvel da PM na Avenida Getúlio Vargas, ao lado do McDonald's.	248
FIGURA 149: Palco do Savassi Cultural, no quarteirão 'de cima' da Rua Antônio de Albuquerque.	249
FIGURA 150: Rua Tomé de Souza esquina com Avenida Cristóvão Colombo.	249
FIGURA 151: Bar do João, na esquina da Rua Tomé de Souza com Avenida Getúlio Vargas.	250
FIGURA 152: Rua Pernambuco no quarteirão seguinte ao do McDonald's.	250
FIGURA 153: Bares e outras lojas fazendo estoque de cerveja para os jogos.	251
FIGURA 154: Novos banheiros químicos foram adicionados ao quarteirão dos bares.	251
FIGURA 155: Concentração de pessoas no quarteirão dos bares, à tarde, no dia 14 de junho.	252
FIGURA 156: Concentração de pessoas no quarteirão dos bares, à noite, no dia 14 de junho.	252
FIGURA 157: Parada do ônibus especial da Copa.	254
FIGURA 158: Torcedores aguardando o início do jogo no dia 14 de junho.	256
FIGURA 159: Torcida no quarteirão dos bares no dia 17 de junho.	257
FIGURA 160: Alguns dos cerca de 200 manifestantes que estiveram na Savassi no dia 17 de junho.	258
FIGURA 161: Artistas de circo fazem performance durante o protesto.	258
FIGURA 162: Performance durante o protesto.	259
FIGURA 163: Cordão de isolamento no protesto.	260
FIGURA 164: Meme sobre a "PM Nutricionista".	260
FIGURA 165: Público da Savassi no dia 17 de junho de 2014.	261
FIGURA 166: Controle de acesso à Praça da Savassi.	262
FIGURA 167: Detalhe das catracas em funcionamento no dia 17 de junho de 2014.	262

FIGURA 168: Vista aérea da Praça Sete de Setembro.	267
FIGURA 169: Um dos quarteirões fechados da Praça Sete de Setembro.	267
FIGURA 170: Uma das praças de Düsseldorf, na Alemanha.	268
FIGURA 171: Bancos em Düsseldorf, na Alemanha.	269
FIGURA 172: Quarteirão fechado em Barcelona.	270
FIGURA 173: Praça Charles de Gaulle e o Arco do Triunfo cercados pelo trânsito.	271
FIGURA 174: Calçada da Avenida Champs-Élysées.	271
FIGURA 175: Um dos trechos alargados da Avenida Champs-Élysées.	272
FIGURA 176: Ocupação parcial da calçada.	272
FIGURA 177: Grupo de caçadores de Pokémon no Parque Florestal.	273
FIGURA 178: Uma das pequenas 'praças' do Parque Florestal.	273

LISTA DE TABELAS E QUADROS

TABELA 01: Tabela de Tagliacarne.	30
QUADRO 01: Número de registros encontrados por ano.	29
QUADRO 02: Nomes das praças previstas na planta de 1895.	64

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Locais que concentram mais lojas fechadas, de acordo com o Sistema Fecomercio Minas.	178
GRÁFICO 02: Motivos para frequentar a Praça da Savassi.	183
GRÁFICO 03: Motivos para frequentar a Praça da Savassi.	184

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADEs - Áreas de Diretrizes Especiais
AMAS - Associação dos Moradores da Savassi
APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
BH - Belo Horizonte
BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CCNM - Centro de Convergência de Novas Mídias
CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas
CDPCM-BH - Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte
CMBH – Câmara Municipal de Belo Horizonte
CNDDH - Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População de Rua e Catadores de Materiais Recicláveis
COMAM - Conselho Municipal de Meio Ambiente
COMPUR - Conselho Municipal de Política Urbana
FARCs - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FECOMERCIO – Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Minas Gerais
FIFA - Fédération Internationale de Football Association
FMI - Fundo Monetário Internacional
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IS - Internacional Situacionista
LUOS - Lei de Uso e Ocupação do Solo
OMC - Organização Mundial do Comércio
PBH - Prefeitura de Belo Horizonte
PPP – Parceria público-privada
PwC - PricewaterhouseCoopers
Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
Sindilojas-BH - Sindicato dos Lojistas do Comércio de Belo Horizonte
Sudacap - Superintendência de Desenvolvimento da Capital
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
ZA - Zona Adensada
ZAP - Zona de Adensamento Preferencial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1. A CIDADE IMAGINADA.....	39
1.1. A Cidade de Minas	43
2. A CIDADE CONSTRUÍDA.....	61
2.1. A cidade como marca.....	84
2.2. Capitalismo global no território das cidades	108
3. PRAÇA DA SAVASSI: MATERIALIDADES E REPRESENTAÇÕES	127
3.1. Da Praça 13 de Maio à Praça da Savassi	133
3.2. Da Praça da Savassi à praça das telefônicas.....	156
3.3. Da praça das telefônicas à sala de estar dos turistas.....	166
4. PAISAGENS, AMBIÊNCIAS E SITUAÇÕES COMUNICATIVAS NA PRAÇA DA SAVASSI ..	202
4.1. Os quarteirões fechados da Praça da Savassi	226
4.2. Savassi em tempos de Copa.....	244
4.3. A praça é nossa?	262
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	274
REFERÊNCIAS	280
APÊNDICE 1: RESULTADOS DA BUSCA SISTEMÁTICA NO GOOGLE	301
APÊNDICE 2: PESQUISA QUANTITATIVA – PRAÇA DA SAVASSI	320

INTRODUÇÃO

“A arquitetura é uma forma de comunicação e a cidade, um discurso.”
(HARVEY, 2008, p. 95)

Esta tese tem como objeto os processos comunicativos próprios do espaço urbano contemporâneo. Partimos de algumas noções que perpassam o campo da comunicação, mas, também, da geografia, do urbanismo e da globalização – ou, melhor dizendo, que atravessam todos esses campos, pelo menos sob um ponto de vista específico. Nossa compreensão é de que a cidade sempre foi um espaço privilegiado de interação, dotado de processos e práticas comunicativas bastante próprias, a partir do qual os homens experimentam e constroem parte importante da vida em sociedade. Além disso, a pesquisa busca demonstrar nosso entendimento de que a cidade só pode ser apreendida e significada a partir das interações que abriga. O espaço dado, objetivado, ainda não é o lugar – conceitos que vamos procurar discutir ao longo da tese. Por outro lado, a arquitetura e o urbanismo se apresentam como discursos que visam conduzir as práticas do lugar, resultando, por vezes, numa fabulação¹ que busca predefinir o espaço. Tais práticas, por sua vez, poderão ser o reforço dessa primeira manifestação discursiva ou o seu contrário – ou não tão completamente uma coisa ou outra – mas sempre estarão em relação com a proposição inicial: a concretude do espaço.

É importante voltar na transição do feudalismo para o capitalismo, quando a cidade emerge como o território do trabalho livre, sendo esta a principal diferenciação em relação ao campo. Ela ressurge - pois já existia por volta de 3.500 a.C – como uma semente de liberdade de escolha (SANTOS, 1988, p. 19). Mas o que, na cidade, a faz tão diferente do campo? O que dá a ela esse caráter de promessa, o que a faz tão atrativa, tão símbolo do moderno, do novo, do melhor? Claramente não se trata apenas das construções, da forma de organização espacial, e nem mesmo das facilidades que uma cidade, em geral, traz para a vida cotidiana. Nas palavras de Lefebvre (2006), a cidade é uma mediação entre as mediações. O espaço é produzido e atualizado constantemente, e ele encarna, de maneira concreta, essa mediação entre uma ordem distante, abstrata, e a ordem próxima, das relações sociais cotidianas entre os homens. Com base em 25 anos de pesquisa na Costa Rica, a pesquisadora Setha Low defende que “os espaços públicos culturais e políticos são

¹ O conceito de fabulação aqui utilizado busca denotar uma produção discursiva menor do que o conceito de representação social poderia evocar. Conforme Tostes (2015, p. 52), “Com a recusa ao modelo de verdade que funda a cisão entre ficção e real, a fabulação criadora recusa também a representação. Não há uma verdade a ser representada.” As representações sociais podem ser entendidas como uma forma de conhecimento socialmente elaborado, enquanto a “fabulação não representa o real, age nele”. (TOSTES, 2015, p. 52)

essenciais para a vida cívica diária e para a manutenção da democracia participativa.” (LOW, 2000, p. XIV). Em seu estudo sobre o design e a significação das praças nas cidades latino-americanas, ela destaca a importância delas como *locus* privilegiado da produção de sentidos sobre e na cidade.

Historicamente, a praça, a rua e a cidade como um todo têm desempenhado papéis decisivos nas mudanças processadas na sociedade contemporânea. Seja a partir do conflito, do embate, do tumulto; seja através de manifestações pacíficas ou dos simples encontros do dia a dia, o povo – entendido como “conjunto de homens e mulheres vivendo em uma sociedade” (FRANÇA, 2006, p. 20) – utilizou-se e utiliza-se do espaço urbano como palco para suas atuações. Esse mesmo espaço, por outro lado, é disputado por forças outras, que afetam sua conformação física, seu cotidiano e, em muitos casos, sua própria existência. Os conceitos de urbano e público, espaço e lugar encontram-se em constante tensão na cidade contemporânea exatamente devido a essa polifonia, a esse “teatro” que envolve diversos atores, um cenário inacabado e nenhum ensaio.

“A aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais.” (HARVEY, 2008, p. 69) Considerando a importância do cenário para o “desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele” (GOFFMAN, 1985, p. 29), é preciso problematizar como a inserção do capital global no espaço urbano local – discreta e dissimulada em alguns casos, ostensiva em outros – relaciona-se com o uso do espaço pelos habitantes da cidade e com os processos de significação desse espaço. É importante ressaltar que as inserções às quais nos referimos nem sempre são “assinadas” pelas empresas globais. Obras, leis e ações capitaneadas pelos próprios governos são gestadas e geridas para atender, muitas vezes, aos interesses das grandes corporações, quase sempre desconsiderando os anseios dos habitantes e usuários.

Um dos espaços mais privilegiados para essa observação é a praça. Trata-se de uma arena de encontros, onde diversos grupos e classe sociais se reúnem, divididos por espaço e tempo, mas entremeando-se e interagindo no lugar (LOW, 2009). Urbanisticamente, a praça pode ser entendida como uma configuração física dotada de intencionalidade. Suas dimensões (amplas, livres de construções, abertas), sua localização (espaços centrais da cidade ou de partes dela), seu mobiliário e o paisagismo próprio são algumas das características mais frequentemente usadas para se dizer que determinado lugar é uma praça, e não qualquer outra coisa. Tais características podem ser entendidas como indícios da intencionalidade da construção, e mostram-se importantes - mas não determinantes - para o tipo de interação que se espera ver/ter.

Conforme Netto, Vargas e Saboya (2012, p. 262), “Entender os impactos de diferentes morfologias arquitetônicas sobre a vitalidade de entornos urbanos significa entender as implicações entre essa morfologia em dinâmicas mais amplas.” Para os autores, essa preocupação tem grande sentido no Brasil, uma vez que podemos observar padrões de urbanização usualmente limitados à otimização dos processos construtivos e sua rentabilidade. Esses padrões demonstram desconhecimento ou, pelo menos, descaso em relação à extensão das possíveis influências da tipologia e das configurações físicas urbanas sobre as condições da apropriação social do espaço. Podemos comparar o espaço da cidade com o conceito de Braga (2011a) sobre dispositivos de interação: espaços e modos de uso caracterizados por regras institucionais, mas, também, pelos agenciamentos táticos locais, pelas tentativas, pela experiência e pela prática social.

De acordo com Silva (2012), em sua análise sobre o conjunto da obra de Milton Santos, a geografia configurou-se como uma área importante para o campo teórico da comunicação, especialmente a partir do final da década de 1980, quando os conceitos geográficos passam a ser adotados, com maior frequência, na explicação comunicacional do mundo. Jansson (2005) defende que a ligação entre geografia e comunicação reside em dois fatos: a) todas as formas de representação ocorrem no espaço; b) todos os espaços são produzidos por representação. Em outras palavras, as “teorias sobre a produção espacial devem, até certo ponto, ser entendidas como teorias da comunicação/mediação” (JANSSON, 2005, p. 1. Tradução nossa) Para ele, o ambiente construído é uma das instâncias de mediação entre a experiência do espaço, as visões e as (pre)condições materiais, e deve ser analisado sob uma dupla hélice: como a comunicação produz o espaço e como o espaço produz comunicação.

De todos os cantos que uma cidade pode abrigar, acreditamos que a praça é um desses *hubs* que ainda se sobressaem. Segundo Ferrara (2003, p.45), “a praça é [...] uma síntese da percepção urbana da população, que, sorrateiramente, rouba, na cidade, seus espaços para, também, viver.” Para Low (2009), a praça latino-americana – muito notadamente nos países de colonização espanhola, que são os estudados pela autora - pode ser definida como um espaço eminentemente público, fonte e símbolo do poder cívico, associada a uma ampla tradição como centro cultural da cidade. Seu destaque na paisagem urbana é evidente, e sua carga simbólica, reforçada ao longo do tempo, resiste, inclusive, à já corriqueira descaracterização física que se observa ao redor do mundo: a praça contemporânea permanece viva, em boa parte dos casos, apenas na memória de alguns, ou nas esquinas e quarteirões fechados que a rodeiam. Muitas delas foram transformadas em cruzamento de vias para trânsito de veículos, em estacionamentos ou em espaços cercados, murados, gradeados, de acesso controlado. Elas podem ser igualmente apreendidas como perfeitos exemplos da interferência do capital no espaço urbano ou pela força com que elas

insistem em resistir na memória, na linguagem e nos afetos das pessoas. Muitas praças só continuam sendo praças no discurso de quem se refere a elas, na história que se conta delas.

Considerando a multiplicidade de tentáculos que se lançam sobre as cidades, em todas as direções, pareceu-nos adequado concentrar nossas discussões sobre as praças, apesar de haver diversas outras movimentações importantes nos mais variados espaços e cenários urbanos. Nosso ponto de partida foram os diversos estudos já existentes, em especial sobre as praças centrais de Belo Horizonte. Este é um dos interesses do grupo de pesquisadores que integra o Centro de Convergência de Novas Mídias - CCNM / UFMG², do qual esta autora faz parte. Vários trabalhos já foram publicados como resultados das pesquisas do Grupo, o que nos levou a voltar nossa atenção para uma das praças mais famosas de Belo Horizonte: a Praça Diogo de Vasconcelos, conhecida como Praça da Savassi, localizada na região Centro-Sul da capital de Minas Gerais. A Região Centro-Sul é destacada dentre as demais regiões da cidade por apresentar características marcantes como, por exemplo, alta taxa de ocupação do solo, grande volume de edificações verticalizadas, além do alto grau de atividades socioeconômicas e culturais. (DONAGEMMA, 2002, p. xxi) Para Silva e Silveira (2010), é o espaço de maior centralidade do município, onde se encontram as principais referências simbólicas e culturais da cidade, além de importantes espaços públicos e áreas de recreação e lazer.³

O nome oficial da Praça data de 1943, e é uma homenagem ao deputado, senador e historiador natural de Mariana, Minas Gerais (ESTADO DE MINAS, 2012a). A alcunha mais famosa, no entanto, é uma referência ao sobrenome de uma família de italianos que, em março de 1940, inaugurou a Padaria e Confeitaria Savassi no cruzamento das avenidas Cristóvão Colombo e Paraúna (hoje Avenida Getúlio Vargas), na então Praça 13 de Maio. (VIVER BRASIL, 2011)

² O Centro de Convergência de Novas Mídias é um grupo interdisciplinar de pesquisa, ensino e extensão criado em 2004 sob liderança da professora Regina Helena Alves Silva (PPG Comunicação e História/UFMG) e co-liderança do prof. Wagner Meira (PPG Ciências da Computação/UFMG). Registrado no CNPq, é composto por docentes e pesquisadores de diversas áreas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e de outras instituições, ligados principalmente às Ciências Sociais Aplicadas. (CCNM, 2014, s.p.)

³ As informações apresentadas nesta tese referem-se à situação da Praça da Savassi e dos demais locais citados até o ano de 2016.

FIGURA 01: Inauguração da Padaria Savassi.

Fonte: Viver Brasil, 2011, s.p.

A foto anterior é uma das mais famosas desse período inicial. Retrata o dia da inauguração da famosa Padaria, mas não traz informações sobre as pessoas que estão presentes. Ao longo dos anos, vários outros estabelecimentos comerciais, como bares, cafés e livrarias foram surgindo na região. Durante boa parte de sua existência, a Praça da Savassi foi considerada um reduto da boemia intelectual da cidade, não só pela presença dos bares, mas, também, porque a região abrigava a maior concentração de livrarias de rua da capital. (VIVER BRASIL, 2011) Nos anos 2000, a Praça ganhou a menos nobre, mas igualmente adequada, alcunha de "praça das telefônicas". Isso porque, até os dias atuais, seu quadrante principal praticamente se resume a *corners* ocupados pelo McDonald's e por lojas das principais operadoras de telefonia celular que atuam no Brasil. Foi exatamente este o ponto que deu início às inquietações desta autora em relação à Praça da Savassi: como frequentadora habitual da Cafeteria, senti-me pessoalmente atingida com o anúncio de que o restaurante fecharia suas portas para que, em seu lugar, fosse instalada uma loja da operadora de telefonia Claro. A essa altura, as operadoras Vivo (antiga Telemig Celular), Tim e Oi já se encontravam devidamente alojadas em três das outras esquinas.

Desde então, passamos a observar as transformações da Praça com outro olhar. Os eventos patrocinados pelas empresas de telefonia incomodavam. Os encontros com os amigos, nos bares da região, quase sempre eram pontuados por questões como: Até quando teremos esse espaço? Até quando esses bares vão poder ficar aqui? A incerteza sobre a permanência dos bares ou a sobrevivência das antigas lojas aumentou quando, em 2012, a Praça teve suas feições novamente alteradas por uma intervenção de grande impacto, que será especialmente problematizada nesta tese. A chamada revitalização da Praça da Savassi foi um projeto de grande envergadura, liderado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e levado a cabo de março de 2011 a maio de 2012.

Todas essas transformações foram devidamente acompanhadas das respectivas narrativas, que também serão destacadas neste trabalho, uma vez que ajudam a conformar a fábula da Savassi e de sua emblemática Praça, além de darem mostras das disputas que as atravessam.

A Praça já foi reduto tradicional de bares, cafés e pequenos estabelecimentos que davam vida e movimento ao lugar, convidando à permanência e à sociabilidade. Hoje, é uma arena de disputa das marcas que se digladiam com a face voltada para onde já houve um obelisco, um espaço central, uma “cara” de praça. Essa Praça - tradicional palco de encontros de políticos, de comemorações de vitórias dos times mineiros e da seleção brasileira de futebol – hoje abriga eventos culturais patrocinados pelas mesmas empresas globais que ocupam suas fachadas. As mudanças físicas são muitas, e muito importantes, mas a grande transformação simbólica pela qual passa o espaço urbano contemporâneo é a sua conversão em uma sucessão de vitrines de marcas, num loteamento icônico e ideológico que ameaça reduzir nosso existir na cidade a um espetáculo do capitalismo mundial – do qual se espera que sejamos mero público-alvo.

O que pode ser verificado na Praça da Savassi encontra paralelo em outras praças e espaços públicos pelo mundo. Em virtude do nosso crescente envolvimento com o estudo, viagens de férias às cidades de Düsseldorf (Alemanha), Santiago (Chile), Paris (França) e Barcelona (Espanha) acabaram se convertendo em momentos de observação e reflexão sobre o espaço urbano. Nesses locais, pudemos constatar o mesmo movimento de tomada das praças pelo comércio ou pelo trânsito de veículos, criando um espaço que, se não impede, constrange a permanência e o convívio. Por outro lado, um movimento contrário também se apresenta, e pode ser percebido através dos pedintes que insistem em ficar no caminho, desafiando o andar apressado da maioria; das pessoas que sentam no chão mesmo, por não encontrarem mobiliário adequado, e ficam batendo papo; dos bares que esperam as lojas baixarem as portas para espalhar suas mesas pelas calçadas ou canteiros centrais. Principalmente, percebemos um movimento que ‘transfere’ para quarteirões fechados, canteiros centrais ou trechos de parques algumas das atividades mais tradicionalmente associadas às praças.

Diante disso, esta tese buscou investigar a relação entre a morfologia do espaço urbano contemporâneo e as características dos processos comunicativos que nele ocorrem. Para tanto, pretendeu-se discutir as intencionalidades da constituição física dos espaços urbanos e como se processam as relações entre a forma construída e os usos e apropriações do espaço pelos cidadãos. Interessa-nos verificar como a comunicação relaciona-se com os movimentos de adaptação e resistência que (re)configuram esses espaços, em especial na Praça da Savassi. Dito de outra maneira, pretendemos problematizar os aspectos pelos quais a morfologia do espaço

urbano e suas intencionalidades se relacionam com os processos comunicativos na cidade contemporânea.

Nogué Font e San Eugenio (2009) ressaltam a importância do estudo das implicações comunicativas presentes na paisagem. Para eles, os efeitos que a paisagem gera nos processos de comunicação têm enorme relevância nas sociedades contemporâneas, motivo pelo qual se faz urgente avançar em direção a um modelo de análise comunicativa da paisagem. O conceito que se apresenta, aqui, é o de paisagem comunicacional: “não importa por onde se olhe, na própria essência do conceito de paisagem existe uma dimensão comunicativa, pois ela não se concebe sem um observador, seja individual ou coletivo, que, com seu olhar, dota de identidade um território determinado”. (NOGUÉ FONT e SAN EUGENIO, 2009, p. 31. Tradução nossa.) Para Silva et al (2008, p.10), ela exige “um ponto de vista que relaciona tudo que a compõe: os sujeitos que vivem ali, trabalham, frequentam ou apenas passam, as fachadas dos edifícios, o comércio, a sinalização, os acontecimentos.” Compreendemos a comunicação como uma forma de analisar dinâmicas específicas, relações, processos, nos quais os mais diversos elementos sofrem mútua influência dos demais - sujeitos, dispositivos, ambiente. Esse olhar privilegia a visada de construção social da realidade ao entender os processos comunicativos como constituintes da vida em sociedade, ao mesmo tempo em que essa sociedade é produzida, continuamente, pela comunicação entre os indivíduos em sua vida cotidiana. Conforme alerta Mead (1968), tentamos fugir da simplificação do ‘tudo é comunicação’; buscamos, antes, privilegiar a abordagem comunicacional dos fenômenos sociais para mapear as dinâmicas que permeiam e conformam a vida na sociedade contemporânea. A interação das pessoas com e no lugar deixam marcas e criam significados que pretendemos perseguir.

É nosso objetivo discutir os processos comunicacionais próprios do espaço urbano contemporâneo considerando, em especial, como eles são afetados pela morfologia dos espaços. Pretende-se, ainda:

- Discutir como o capitalismo global se relaciona às intervenções físicas nos espaços das cidades;
- Problematizar as transformações físicas num recorte específico da cidade de Belo Horizonte, a Praça da Savassi, em especial a resultante do processo de requalificação concluído no ano de 2012;
- Dar relevo às narrativas sobre a Praça da Savassi como parte integrante da tentativa de conformação do espaço por diferentes forças em disputa;
- Analisar a paisagem, as ambiências e situações comunicativas da Praça da Savassi, relacionando-as com as intervenções realizadas no espaço físico.

Para alcançar os objetivos propostos, nosso trajeto da pesquisa baseou-se nos métodos de análise documental, pesquisa de survey, observação participante e deriva cartográfica.

A análise documental consiste na verificação e apreciação de documentos que trazem dados e informações pertinentes ao campo de estudo. A maior parte dos dados é de caráter secundário (já foram tratados, reunidos e organizados) (MOREIRA, 2005). Empreendemos a análise de documentos de diversos tipos, como publicações oficiais, acervos fotográficos, legislações e outros, capazes de promover uma melhor compreensão sobre a Praça da Savassi. Seguindo a sistemática adotada em outras pesquisas do CCNM (algumas delas apresentadas ao longo desta tese), os documentos analisados permitiram a comparação dos usos dessa região com o passado, contrapondo discursos, representações, formas de ocupação e apropriação dos espaços. Além disso, foi objetivo da pesquisa documental conhecer a atuação do poder público no planejamento e intervenção na cidade, e na tentativa de determinação de normas de conduta. Nosso foco se volta para as sucessivas intervenções arquitetônicas ocorridas na Praça, as mudanças de seus ocupantes, bem como a legislação ligada ao uso daquele espaço, as políticas públicas desenvolvidas para ele e os discursos e narrativas que se constroem em torno dela. Em especial, podemos citar os seguintes documentos analisados:

- Dossiê BH 100 anos, elaborado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte - PBH;
- Dossiê BH à primeira vista, elaborado pela PBH;
- Relatórios do projeto História de Bairros;
- Revista e acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH;
- Coleção José Góes, do APCBH;
- Coleção sobre a região centro-sul da Hemeroteca do APCBH;
- Coleção da Comissão Construtora da Capital – CCC;
- Coleção sobre a região centro-sul da Hemeroteca da Escola de Arquitetura da UFMG;
- As diversas edições da Lei de Uso e Ocupação do Solo de Belo Horizonte, bem como a legislação relacionada, mais especificamente, à Savassi.
- Diversas edições do Diário Oficial do Município – DOM.

Os documentos foram pesquisados na medida em que apareciam em nossa pesquisa bibliográfica, para elucidar pontos divergentes em diversos textos ou para demonstrar alguns dos pontos de interesse da tese. Não partimos das publicações oficiais ou do texto das leis, mas chegamos a eles quase como uma consequência natural das leituras. Iniciamos nossa aproximação do objeto pela observação e pelos registros textuais que encontramos, e fomos completando, corrigindo, aprimorando nosso conhecimento sobre a Praça com esses documentos.

Na tentativa de complementar as informações dos documentos e de abarcar diversos tipos de registros, optamos pela inclusão de reportagens e outros textos escritos em nosso *corpus* empírico. Acreditamos que, com isso, seria possível apreender parte dos discursos dissonantes que se constroem sobre a Praça da Savassi, bem como compreender como os documentos oficiais e as decisões do poder público ecoam nas vozes da mídia, representadas pelos grandes veículos de comunicação, e de outros grupos, que se manifestam em blogs, sites sobre turismo, páginas de entidades de classe, vídeos, letras de músicas e outros. As fabulações e as disputas emergem aqui com muita clareza. Como fio condutor, buscamos, através do Google, todas as publicações que citavam a Praça nos últimos anos. O marco inicial escolhido foi o ano de 2006, quando a já citada Cafeteria deu lugar à loja da operadora Claro. Definiu-se como limite final o período de dez anos, o que nos permitiu incluir documentos publicados até 2016.

A busca foi feita em três momentos, sempre usando o termo 'Praça da Savassi' como operador. Optou-se pelo buscador Google e pela pesquisa do termo sem nenhum detalhamento a mais porque o objetivo era apenas levantar o que se destacou sobre a Praça nesse período e analisar tais assuntos à luz das teorias que dão base à tese e, principalmente, confrontá-los com nossa própria observação. Devido às características do próprio sistema de buscas, obtivemos muito mais resultados dos anos mais recentes. Ao todo, foram encontrados 376 registros compreendidos entre os anos de 2006 e 2016. Desses, 100 resultados não tinham relação com o nosso objeto - eram páginas em que figuravam anúncios com o termo Praça da Savassi, ou se referiam à praça homônima situada no bairro Palmital em Belo Horizonte. Dessa forma, foram analisados 276 documentos, em sua maioria reportagens. O conteúdo encontrado nessa miríade de textos foi utilizado ao longo da tese. Textos de reportagens, fotos, conteúdo de blogs, sites e até páginas do Facebook foram de grande ajuda para demonstrar nossas principais discussões em torno da Savassi. A distribuição do número de documentos encontrados ao longo do período, por ano, ficou assim:

QUADRO 01: Número de registros encontrados por ano.

Ano	Número de Registros
2006	02
2007	--
2008	--
2009	01
2010	02
2011	09
2012	26
2013	29
2014	77
2015	84
2016	46
TOTAL	276

Fonte: desenvolvido pela autora, 2016.

A lista completa dos documentos analisados encontra-se no Apêndice 1.

Imediatamente após a reinauguração da Praça, em 2012, realizamos uma pesquisa de survey. O estudo teve como objetivo registrar a opinião das pessoas quanto à nova Praça da Savassi. Mesmo reconhecendo que outras metodologias poderiam ser utilizadas – e poderiam trazer resultados até mais ricos e interessantes -, ponderamos, à época, que um levantamento quantitativo seria útil para nos servir como base para as investigações seguintes. Estávamos ansiosos por apreender aquele momento único, cujos efeitos nas pessoas poderiam se tornar difíceis de captar com o passar dos dias. A aplicação dos questionários foi realizada nas esquinas ao redor do cruzamento central, nas datas e horários abaixo, para que aquelas primeiras percepções pudessem ser registradas de pronto:

- 31/05/2012 – quinta-feira - das 11:30 às 14:00;
- 01/06/2012 – sexta-feira - das 11:30 às 14:00 e das 22:00 às 22:30;
- 02/06/2012 – sábado – das 11:00 às 16:00 e das 17:00 às 21:00;
- 04/06/2012 – segunda-feira - das 11:30 às 13:30;
- 05/06/2012 – terça-feira - das 16:00 às 19:00 e das 19:30 às 21:00

O questionário (Apêndice 2) abordou questões sobre os motivos que levam as pessoas a frequentar a Praça da Savassi, a frequência de visitação e a percepção acerca da beleza, limpeza,

segurança e outros fatores sobre o local após a reforma. A amostra foi dividida entre 50% de homens e 50% de mulheres e definida em 400 questionários, o que permite uma margem de confiança de 95%, levando-se em consideração a Tabela de Tagliacarne para cálculo amostral:

TABELA 01: Tabela de Tagliacarne.

Amplitude da população (universo)	Amplitude da amostra com as seguintes margem de erro					
	± 1%	± 2%	± 3%	± 4%	± 5%	± 10%
.....	--	--	--	--	222	83
1.000	--	--	--	385	286	91
1.500	--	--	638	441	316	94
2.000	--	--	714	476	333	95
2.500	--	1.250	769	500	345	96
3.000	--	1.364	811	517	353	97
3.500	--	1.458	843	530	359	97
4.000	--	1.538	870	541	364	98
4.500	--	1.607	891	549	367	98
5.000	--	1.667	909	556	370	98
6.000	--	1.765	938	566	375	98
7.000	--	1.842	949	574	378	99
8.000	--	1.905	976	580	381	99
9.000	--	1.957	989	584	383	99
10.000	5.000	2.000	1.000	588	383	99
15.000	6.000	2.143	1.034	600	390	99
20.000	6.667	2.222	1.053	606	392	100
25.000	7.143	2.273	1.064	610	394	100
50.000	8.333	2.381	1.087	617	397	100
100.000	9.091	2.439	1.099	621	398	100
Infinita	10.000	2.500	1.111	625	400	100

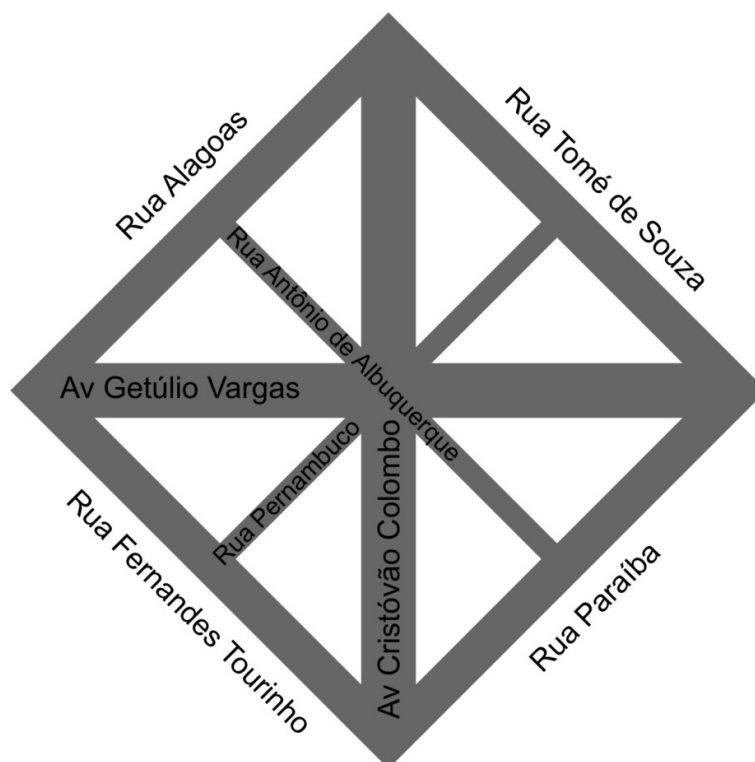
Fonte: TAGLIACARNE, 1976.

Já a observação participante é uma metodologia de fundamental importância para a tese. Conforme Peruzzo (2003, s.p.), a pesquisa participante “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.” Conforme Minayo (2011, p. 70), o observador “fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa [...] participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa”. Por se tratar de um espaço de acesso público – tanto a Praça quanto os estabelecimentos comerciais -, não foi necessária a nossa apresentação ou introdução. Apenas nos deixamos estar nos ambientes, em meio aos demais presentes. A metodologia não permite que o objeto seja totalmente alheio ao pesquisador: nossa simples presença já altera o curso dos acontecimentos. Mas, a fim de interferir o mínimo possível nas dinâmicas já estabelecidas, adotamos a postura de não iniciar nenhuma conversação, de não provocar nenhuma situação. No entanto, reagimos quando fomos provocados, e

aproveitamos todas as oportunidades de diálogo e interação para, dando andamento natural à conversa, colher impressões sobre nossos interesses: os hábitos dos frequentadores, as opiniões sobre o andamento e o resultado da obra encerrada em 2012, a frequência de presença na Praça, entre outros.

Dessa forma, nossa presença nos ambientes pesquisados foi planejada de maneira a permitir uma ampla coleta de dados, suficiente para trazer elementos que pudessem lançar luz sobre as questões colocadas. As primeiras observações, ainda não estruturadas, realizadas em 2011, serviram como guia para que tentássemos estabelecer os pontos de atenção da nossa investigação. Dessas incursões livres emergiram algumas conclusões. A primeira delas é que a Praça da Savassi não se resume ao que rodeia o cruzamento das avenidas Getúlio e Vargas e Cristóvão Colombo. Os vendedores das lojas, as pessoas que nos pedem alguma informação na rua e os amigos que nos convidam para tomar uma cerveja na Praça da Savassi estão se referindo, na verdade, a algum lugar nos quatro quarteirões fechados que têm origem no referido cruzamento ou a algum ponto ao longo das avenidas citadas. Mais raramente as áreas que estão a mais de um quarteirão do entroncamento central são consideradas como Praça da Savassi. Dessa maneira, limitamos nossa observação ao quadrilátero contido entre as Ruas Alagoas, Tomé de Souza, Paraíba e Fernandes Tourinho, representado no esquema a seguir:

FIGURA 02: Área da Praça da Savassi.



Fonte: desenvolvido pela autora, 2012.

- Escolha do local a ser observado ou do caminho a ser percorrido de acordo com a movimentação do momento;
- Adoção de postura condizente com a dos demais frequentadores: caminhar pelas lojas e entrar em algumas; sentar nos bancos ou próximo às fontes e ficar mexendo no celular; assistir aos shows que aconteciam nas ruas; sentar no bar para assistir a um jogo de futebol; almoçar num dos restaurantes ou lanchonetes próximos.

De 2012 a 2016, estivemos na Praça da Savassi em inúmeras oportunidades, e produzimos registros de 25 momentos de observação participante, sendo:

- duas observações durante a finalização das obras: 07 (quarta-feira à tarde) e 18 (domingo à tarde) de março de 2012;
- quatro observações focadas na reinauguração da Praça: dias 23 (quarta-feira no período da tarde) e 31 de maio (quinta-feira à noite), 02 (sábado nos períodos da tarde e da noite) e 03 (domingo pela manhã) de junho de 2012;
- quatro observações quando a “nova” Praça completou um ano: dias 12 (domingo à tarde), 20 (segunda-feira à tarde), 22 (quarta-feira à noite) e 25 (sábado pela manhã) de maio de 2013;
- duas observações ainda no ano de 2013: nos dias 06 (domingo) de outubro e 15 (quinta-feira) de novembro;
- seis observações durante a Copa do Mundo de 2014: dia 10 de junho (terça-feira à tarde), quando as estruturas para receber os torcedores ainda estavam sendo montadas; dia 12 de junho (quinta-feira nos períodos da tarde e da noite), dia de abertura da Copa do Mundo; 14 de junho (sábado nos períodos da manhã e da tarde), dia do primeiro jogo realizado em Belo Horizonte; 15 (domingo nos períodos da tarde e da noite) e 21 (sábado nos períodos da tarde e da noite); e 28 de junho (sábado nos períodos da manhã e da tarde), data do primeiro jogo do Brasil em Belo Horizonte;
- três observações no ano de 2015: dia 15 de agosto (sábado nos da tarde e da noite, quando completamos as informações para a redação de um artigo) e durante o período de compras de Natal, em 01 (terça-feira à tarde) e 17 (quarta-feira à noite) de dezembro;
- quatro observações no ano de 2016: 09 de setembro (sexta-feira à tarde), 22 de outubro (sábado à tarde) e 03 e 04 de novembro (quinta e sexta-feira à noite).

Nossas observações foram feitas de acordo com os ambientes e momentos nos quais nos encontrávamos. Nas situações em que a maior parte das pessoas apenas caminhava, olhando as vitrines, nós procuramos fazer o mesmo. Também entrávamos nas lojas, acompanhando o fluxo. Nos locais onde havia pessoas sentadas nos bancos, ou tirando fotos junto às fontes de água da Praça, por exemplo, nós também nos detivemos. À noite, sentamos nos bares, não sem antes dar uma boa volta para escolher entre as muitas ofertas. Durante a obra, caminhamos pelas calçadas, desviando dos buracos; durante a Copa, assistimos aos jogos e aos shows, entoamos os gritos das

torcidas, lutamos para encontrar um lugar para sentar. Como o método preconiza, tentamos nos misturar ao ambiente e observar de dentro, sem, no entanto, interferir no andamento dos acontecimentos. Como já dito, interagimos com outras pessoas apenas quando provocados; não iniciamos os diálogos, mas respondemos, demos continuidade a eles. Tiramos fotos para um casal que nos pediu; discutimos futebol em várias oportunidades; fizemos coro às críticas contra o novo mobiliário da Praça... Enfim, tentamos ser “mais um” naquele ambiente.

O tempo das observações variou, mas praticamente todas elas tiveram entre três e seis horas de duração. Começávamos com um “reconhecimento do terreno”, caminhando pelos quatro quarteirões fechados da Praça. Isso se fazia em 30, 40 minutos. Depois, seguíamos para o local ou a atividade que seria observada com mais atenção. Durante e após os momentos de observação participante, tentamos registrar todas as nossas impressões em fotos (quando fotografar era uma ação que condizia com o contexto da observação; não fotografamos o interior das lojas, por exemplo), anotações e arquivos de áudio. O conjunto desses registros está demonstrado ao longo da tese.

Finalmente, utilizamos a deriva cartográfica para ajudar a compreender os múltiplos significados que perpassam a cidade contemporânea, o que torna necessário dedicar-se às “aventuras e desventuras de se andar por aí; perambular; descobrir os lugares dos quais e nos quais somos parte.” (CARDOSO, 2015, s.p.) O método baseia-se nas propostas da Internacional Situacionista - IS, que definia a deriva como o “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas” (JACQUES, 2003, p. 65). Conforme Fonseca (2008, p.35), a IS foi um movimento de intelectuais europeus que “se constituiu em torno de uma crítica radical ao urbanismo, à cidade contemporânea – transformada em espetáculo - e à passividade dos cidadãos - reduzidos à condição de espectadores.” Formado na década de 50, o grupo propunha a participação mais ativa das pessoas na vida urbana e discutia como as cidades poderiam ser apropriadas e resignificadas.

De acordo com Jacques (2003), uma das principais críticas do movimento volta-se para o pensamento urbanístico da época, que previa a supressão de espaços de encontro nas cidades. Como alternativa, propunham a construção de situações diferenciadas do uso tradicional do espaço urbano – daí o nome do movimento. Nas palavras de Andrade (2003, p. 11) a ordem era clara: “Cidadãos de todos os países, derivem! Dissolvam as fronteiras e destruam os muros de todos os tipos, das prisões e asilos aos condomínios residenciais fechados, dos *shopping centers* aos conjuntos habitacionais modernos!” Para ele, a IS buscava resgatar as formas de viver que a cidade moderna foi esquadrinhando, restringindo e confinando ao longo do tempo.

Estas práticas tinham como princípio uma apropriação do espaço que ultrapassasse a lógica da definição de funções. Para os situacionistas, era preciso explorar o espaço e suas possibilidades contrapondo-se à passividade diante dos usos pré-definidos, decorrentes da estruturação capitalista da cidade. Henri Lefévre, que foi ligado ao grupo até o início dos anos 60, ressalta a possibilidade de criar situações como uma experiência que é capaz de revelar a cidade. (SILVA, 2008, s.p.)

Diante da priorização de construção de vias de grande circulação de veículos das cidades, por exemplo, os situacionistas procuravam estabelecer práticas desviantes e compreender a relação dos sujeitos com as cidades. Esta tese integra um conjunto de estudos mais amplo, empreendido pelo CCNM / UFMG, sobre o hipercentro e as praças de Belo Horizonte - especialmente aquelas localizadas em bairros centrais. Desde 2004, pesquisadores do Grupo se debruçam sobre alguns temas e objetos contemporâneos, entre eles a cidade. Através do Projeto Cartografias do Hipercentro, o grupo buscou compreender um pouco sobre as relações de uso e apropriação do espaço urbano na região mais central da cidade. O projeto se apropriou do ideário Situacionista para desenvolver a metodologia de pesquisa de derivas cartográficas. O método busca apreender como as pessoas usam a cidade e se apropriam de seus espaços, de seu mobiliário e de suas estruturas. Ao contrário dos Situacionistas, no entanto, as derivas cartográficas não buscam inventar situações, mas antes registrar e compreender a participação dos habitantes na constituição do espaço da cidade:

Concebido a partir da experiência de deriva desenvolvida pelo grupo Internacional Situacionista, a experiência não só permitiu a passagem rápida por ambiências diversas que constituem o espaço urbano, mas também um registro dos usos dos espaços urbanos que constituem esses ambientes. Os percursos foram chamados de derivas numa clara referência aos situacionistas [...]. A semelhança que se buscava estava, sobretudo, na atitude de estranhamento do cotidiano e na valorização das possibilidades de uso dos lugares. (FRANCO e MARRA, 2011, p. 151)

Conforme Fonseca, Dias e Marra (2016), o território da cidade é um espaço de disputa, é atravessado por temporalidades diversas, o que podemos chamar de "multiterritorialidade". Para conseguir perceber essa topografia de ambientes que o urbano configura, o único recurso que temos é entrar nele e caminhar por suas ruas. As derivas cartográficas são feitas a partir da identificação e do registro de trajetos habituais na cidade, a partir da observação de pontos fixos, entre outros. Envolve o registro das observações através de imagens, sons e anotações em cadernos de campo. As derivas direcionam o olhar para as situações comunicativas, e o resultado desses levantamentos ajuda a compreender como os sujeitos comuns participam da vida urbana e se apropriam da cidade através das situações comunicativas encontradas na rua.

Nesta tese, a deriva foi adotada não só como método, mas também como moldura de análise. Isso significa que buscamos observar como as situações são propostas no espaço, ou como o uso dos

lugares traz elementos que ajudam a qualificá-los. Essa simbiose entre a paisagem construída, o ir e vir ou o se deixar estar das pessoas, a adição de elementos os mais diversos (músicas, sons, cheiros, grades, banners...), entre outras coisas, trazem para a nossa análise as construções de situações, e a relação delas com os lugares é de interesse central para nós. Entender porque determinadas situações acontecem em certos horários, dias ou épocas; vislumbrar o que cada elemento novo altera na relação entre o lugar e seus frequentadores; acompanhar esse balé, esse balanço constante que envolve a vida cotidiana nos espaços da cidade: tudo isso nos ajudou a aprofundar a compreensão sobre o que a concretude do espaço apresenta para a interação, e como a interação se relaciona com o espaço construído.

Assim como no Projeto Cartografias do Hipercentro, pretendemos também trazer uma análise crítica dos discursos tradicionais sobre a Praça da Savassi, na tentativa de problematizar alguns significados tradicionalmente conformadores da Praça e fazer emergir aquilo que se percebe no uso do espaço. Ao mergulhar no cotidiano da cidade, dialogar com seus atores e estudar seus fluxos e apropriações - nem sempre óbvias -, buscamos entender os processos que animam e reconfiguram a imagem imediata ou institucionalizada em movimentos de continuidade e ruptura. Após muitas incursões à Praça da Savassi e seus arredores, estruturamos nossas derivas em quatro momentos distintos, numa tentativa de complementar a observação participante, conforme descrição a seguir.

A primeira deriva foi realizada logo após o fim das obras de 2012, em 02 de junho, entre o fim da tarde e o início da noite. Estivemos na Praça da Savassi durante quase todo o dia aplicando questionários, observando e fazendo registros fotográficos. Durante aproximadamente uma hora, passamos a acompanhar dois grupos de pessoas que estavam lá para conhecer a nova Praça. Um dos grupos era formado por uma família - pai, mãe e dois filhos. Eles tiraram fotos, as crianças correram um pouco. Ficaram o tempo todo no mesmo quarteirão fechado, em frente ao McDonald's. Quando se retiraram da Praça, nós passamos a acompanhar um grupo de oito jovens que estava no mesmo local. Depois de tirar algumas fotos e fazer bastante barulho, eles seguiram a pé pela Avenida Getúlio Vargas em direção ao *shopping* 5ª Avenida. Também não estiveram nos outros quarteirões enquanto observávamos.

A segunda deriva foi realizada durante a Copa do Mundo de 2014, no dia do primeiro jogo em Belo Horizonte: 14 de junho, um sábado. Chegamos à Savassi por volta das 09:00 e iniciamos nossa deriva um quarteirão antes do nosso perímetro oficial, na Avenida Getúlio Vargas esquina com Avenida do Contorno. De lá, seguimos um grupo de três homens que se dirigiam para a Escola Estadual Barão do Rio Branco. Era ali que se encontrava o ponto do ônibus especial, que levaria

os torcedores ao estádio de futebol Governador Magalhães Pinto, mais conhecido como Mineirão. O jogo, às 13:00, era entre Colômbia e Grécia. Permanecemos ali até o embarque do grupo.

No mesmo dia realizamos a terceira deriva. Por volta das 11:00, passamos a acompanhar um grupo de brasileiros e colombianos que assistiu ao jogo na Praça. Estivemos próximos a eles até o final da partida, que a Colômbia venceu por três a zero.

A quarta deriva foi realizada no dia 15 de agosto de 2015, sábado, à noite. Dessa vez, ao invés de seguir e observar grupos específicos, caminhamos de maneira mais livre por todos os quarteirões fechados ao redor da Praça da Savassi. Tentamos imaginar um percurso de quem não conhece o lugar e faz um passeio exploratório – um turista, por exemplo. Nessa ocasião, houve, também, registros sonoros do ambiente.

A organização da tese busca demonstrar como a morfologia do espaço urbano influencia e é influenciada pelos processos comunicativos próprios deste espaço. Para isso, iniciamos nossa discussão com o projeto e a construção da cidade de Belo Horizonte, na tentativa de explicitar as ideias e forças que forjaram materialmente a cidade e, por consequência, a Praça da Savassi. Partindo da gênese da cidade de Belo Horizonte, tentamos demonstrar o que há de comunicacional no espaço urbano e como o planejamento urbano é um campo atravessado por diversas tensões. Estendemos nossas reflexões sobre as práticas comunicativas que tem lugar no espaço urbano contemporâneo e buscamos indícios de sua relação com a morfologia desses espaços, de forma mais ampla, e com as intencionalidades dos projetos urbanísticos, de forma mais específica. As dinâmicas comunicativas permeiam as análises desde esse momento, e diversos teóricos do urbanismo também foram de grande ajuda nessa etapa, que se concentra no primeiro capítulo: A cidade imaginada.

As intencionalidades - manifestas ou não - na constituição física da cidade e os tensionamentos delas decorrentes foram objeto do segundo capítulo: A cidade construída. Nele, dedicamo-nos a discutir como a cidade projetada pode ser muito diferente da cidade que efetivamente se constrói. Buscamos problematizar a inserção do capitalismo global no território das cidades contemporâneas, discutindo mais especificamente o caso de Belo Horizonte e, dentro dele, da Praça da Savassi. A tentativa de explicitar as características, as táticas e os operadores de um sistema que, acreditamos, faz-se presente no cotidiano das cidades contemporâneas e é simbolicamente traduzido em formas específicas de apropriação local, nos levou aos conceitos de comunicação e marketing aplicados às cidades, que se mostraram muito oportunos para lançar luz sobre o *continuum* intencionalidade das construções – morfologia dos espaços – interações comunicativas.

No terceiro capítulo – Praça da Savassi: materialidades e representações -, dedicamo-nos aos principais marcos da história da Praça da Savassi, bem como um detalhamento atualizado da sua organização e sua morfologia. Os conceitos de praça, do ponto de vista urbanístico, emergem aqui. Apesar da obra de requalificação concluída em 2012 ser de grande relevância para este estudo desde o início, ela não foi tratada como um divisor de águas, como se houvesse um antes e um depois. Ao contrário, buscamos localizar a intervenção no fluxo da história da Praça da Savassi, tendo em vista uma percepção de que ela é fruto de tudo o que veio antes e causa de muito do que veio depois, ou parte de uma lógica que sempre se impôs à Praça. As alcunhas pelas quais ela foi sendo conhecida, os discursos que se produziu sobre ela, as mudanças de sua ocupação, as intervenções arquitetônicas, os frequentadores e seus hábitos... Buscamos sintetizar um pouco de tudo isso tendo como fio condutor as materialidades e representações. A pesquisa documental é de fundamental importância neste capítulo, bem como o que chamamos de representações da Praça, ou suas reverberações em reportagens e outros registros escritos, o que resulta nas mais diversas narrativas sobre o lugar. Também nele apresentamos a deriva realizada quando da reinauguração da Praça em 2012.

O capítulo quatro apresenta os principais achados de campo resultantes de nossa investigação sobre a Praça da Savassi, iniciada no ano de 2012, abarcando os diversos movimentos que, no nosso entender, configuram ou reconfiguram esse espaço. Discutimos os conceitos de paisagens, ambiências e situações comunicativas como operadores de análise. Apresentamos as discussões suscitadas pelas derivas em dois momentos específicos: a Copa do Mundo em 2014 e o cotidiano da Praça em 2015, quando ela não aguarda novas intervenções e não há outros eventos à vista. Nossas considerações finais são discutidas na sequência.

1. A CIDADE IMAGINADA

As interpenetrações entre o capitalismo global (e o alcance global dos objetivos e interesses das corporações transnacionais) e a produção, tanto física, quanto simbólica, do espaço urbano, são de interesse central para a discussão que se propõe nesta tese, especialmente por entendermos que grande parte da história da Praça da Savassi e das intervenções pelas quais ela passou se relacionam com essa temática. Ao pensarmos na existência de uma comunicação própria do espaço urbano, é fundamental analisar as condições de produção desse espaço na contemporaneidade. A investigação sobre as formas de interação no cotidiano de uma grande cidade deve partir, no nosso entendimento, da gênese da própria cidade, que entendemos estar umbilicalmente ligada aos movimentos do capitalismo global, pelo menos, desde o século XX.

Começamos pela comunicação. O primeiro desafio que se impõe a ela como ciência é a definição de seu escopo de estudos. Talvez em decorrência da amplitude do que pode ser considerado comunicação, este campo sempre foi atravessado por múltiplos olhares, por estudiosos das mais diversas áreas e, claro, por um fluxo constante e torrencial de críticas. Se, por um lado, a comunicação pode mesmo ser entendida como quase onipresente - o que justifica a multiplicidade dos objetos e dos fenômenos sobre os quais se debruça - também é justo entender porque, para muitos, ao tentar explicar tantas coisas, a ciência da comunicação parece acabar por não esclarecer nada.

Um possível avanço em relação a essas discussões parece emergir quando se abandona o caminho da busca de temas, objetos ou processos que poderiam ser definitivamente adotados pela ciência da comunicação e somente por ela. Em alternativa, podemos compreender a ciência da comunicação apenas como uma forma de olhar. Nas palavras de Braga (2011a, p. 66), "como um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional." Assim, perde importância a escolha dos fenômenos a serem considerados, bem como a incidência - ou não - de outras áreas do conhecimento sobre os mesmos objetos. O campo da comunicação vem sendo construído por pesquisadores das mais diversas áreas, mas isso não precisa significar uma "'invasão' do que seria nossa especificidade" (BRAGA, 2011a, p. 71) Nossa expertise seria tão somente a capacidade de desentranhar o que há de comunicacional nos fenômenos do mundo, ainda que eles possam ser atravessados por outros olhares e interesses os mais diversos. Ou, ainda, de gerar perguntas e hipóteses diferentes daquelas que outras ciências possam criar em torno da realidade social.

Essa autoconsciência muda tudo o que ocorria anteriormente. A comunicação aparecia apenas indiretamente, como subsidiária das dinâmicas que a moviam – a ponto de sequer ser percebida. Hoje, a própria questão investigativa é desencadeada por essa condição, básica e disseminada, da forte acuidade social sobre os processos comunicacionais, com sua relevância em todas as instâncias sociais e suas potencialidades. Tal fato faz parte da situação indeterminada que exige nossa investigação. Tenho o objetivo de investigar – *nesse espaço das práticas sociais* – o que a sociedade está fazendo. (BRAGA, 2012, p. 27)

A discussão de Louis Quéré (1991) caminha no mesmo sentido. A proposição de seu modelo praxiológico baseia-se na possibilidade de se construir um mundo comum através da comunicação, reforçando o já antigo debate sobre a construção social da realidade. Quéré (1991, s.p.) defende uma abordagem comunicacional dos fenômenos sociais "como esquema conceitual para dar conta da atividade e da organização sociais, das relações sociais e da ordem social [...]". Ele cita Mead, que já destacava determinados aspectos do que ele viria a chamar de dupla reflexividade da comunicação: ação e ambiente se determinam recíproca e simultaneamente. Ou, nas palavras do próprio: "Os objetos estão constituídos em termos de significados, dentro do processo social da experiência e da conduta, graças à adaptação mútua das reações ou ações dos distintos organismos individuais envolvidos nesse processo". (MEAD, 1968, p. 86. Tradução nossa.)

É possível pensar, de um lado, a configuração territorial e, de outro, as relações sociais? A primeira seria dada apenas pelo conjunto de elementos naturais e pelos acréscimos fornecidos pelos homens. Mas tal configuração não é o lugar, já que sua realidade vem, apenas, de sua materialidade. A existência social do espaço só pode ser dada pelas relações sociais (SANTOS, 1988). O espaço deve ser considerado como um arranjo entre os objetos geográficos, naturais e sociais, por um lado, e a vida que os preenche e anima, por outro. "O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo." (SANTOS, 1988, p. 10). Silva et al (2008, p. 7) completam ao afirmar que entender a cidade como um espaço vivido é considerá-la "um espaço do movimento, da diferença, da multiplicidade, da hibridação, do conhecimento, da subversão e da liberdade."

Estar em determinado local implica uma série de adaptações no modo de ser e agir, o que faz com que as possibilidades de comunicação sejam afetadas pelo ambiente. Ao se questionar sobre o que faz as pessoas se transformarem de acordo com o lugar onde estão – no caso de sua investigação, no mercado ou na praça – Richardson (2010, p. 75) conclui que é a cultura material do lugar: "nós precisamos considerar a natureza da cultura material e sua relação com o processo de construção do mundo." (Tradução nossa.) Rodman (2010) afirma que os lugares são socialmente construídos através do agenciamento dos indivíduos, ou das realidades físicas, emocionais e experimentais que esperam pelos indivíduos em momentos específicos.

Assim raciocina Mead (1968), quando aponta que o meio social é uma organização que surge quando em relação com os indivíduos em sua experiência social. A natureza do mundo exterior está objetivamente presente, mas ela adquire determinadas características em virtude das suas relações com a experiência dos indivíduos, ou "com seu espírito" (p. 124), e não as possuiaria de outra forma. Essas características é que compõem o significado para mim e para os outros. "Os objetos experimentados têm significados definidos para os indivíduos que pensam sobre eles." (p.125) Assim, os processos da experiência só são possíveis para as pessoas em interação. O caráter reflexivo da consciência é o que nos permite compreender o todo, o mundo e a nós mesmos. A partir disso, podemos nos adaptar às situações, ao meio e às atitudes sociais dos outros para unificar os diferentes aspectos da nossa personalidade de forma coerente e organizada. Na compreensão de Quéré (1991), essa dinâmica é sintomática da intencionalidade do curso da ação: se, por um lado, o ambiente e os mais diversos estímulos (sons, cheiros, a ação dos outros) suscitam respostas dos agentes, por outro, a atualização dessas possibilidades de ações é mediada pela compreensão que temos - ou que pensamos ter - do ponto de vista do outro sobre nós. E não faz diferença se esse ponto de vista que adotamos tem maior ou menor correspondência com o que o outro realmente pensa: como ressalta Richardson, se "o homem define situações como reais, elas serão reais nas suas consequências." (THOMAS e THOMAS, 1928, apud RICHARDSON, 2010, p. 76)

Comunicar significa colocar em comum ou, pelo menos, tentar. De acordo com Braga (2010), nem sempre o objetivo comunicacional é alcançado, o que não invalida a tentativa. Esse processo resulta de uma verdadeira negociação social, permeada por valores simbólicos. Nesse jogo, além dos próprios sujeitos, contam também as coisas, o entorno, as condições de interação. Na experiência comunicacional, a interlocução e a interação são determinantes, e (re)criam laços de sociabilidade entre os indivíduos. A análise da vida cotidiana impescinde da compreensão da experiência social. "O mundo ganha sentido por ser esse objeto comum, alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação." (SANTOS, 1997a, p. 214) O estar em comum reforça os quadros de experiência e o passado compartilhado, refletindo-se na construção do presente. Desse modo, a comunicação se constitui como "o meio de nos unir, sem nos confundir" (BERGER, 1964, apud SANTOS, 1997a).

De acordo com França (2004), o viés comunicativo ou a abordagem comunicacional permitem observar o mundo em movimento, construído pelos sujeitos em suas atuações. Em outra obra, a autora realça que a comunicação "tem uma existência sensível; é do domínio do real, trata-se de um fato concreto de nosso cotidiano, dotada de uma presença quase exaustiva na sociedade contemporânea" (FRANÇA, 2001, p. 39). Para Santos (1997a), a informação e comunicação alcançaram todos os aspectos da vida social e do cotidiano. Elas passam a fazer parte do espaço

na medida em que lhe dão relevo, ao mesmo tempo em que o espaço é componente imprescindível, uma condição para a ação. O espaço encoraja, limita, convida ou constrange nossa ação, que não pode ter lugar a não ser a partir dos objetos que nos cercam.

O pensamento de Braga (2011b, 2012) também elucida bem nosso percurso em direção à cidade e ao espaço urbano ao partir "da premissa de que as interações sociais são o lugar de ocorrência da comunicação" (BRAGA, 2012, p. 26). Para ele, a interação comunicacional pode ser vista como qualquer processo simbólico que viabiliza as ações e objetivos humanos, nas mais diversas áreas, a partir de trocas simbólicas - quer harmoniosas, quer conflituosas e, mais comumente, um pouco de cada. Ele reforça que o episódio comunicacional só se desenvolve no contexto de 'dispositivos interacionais', dentre os quais entendemos que os espaços da cidade se inscrevem. Para Low e Lawrence-Zúñiga (2010), o relacionamento das pessoas com o entorno implica, além da atribuição de significado ao espaço, a elaboração cultural das propriedades percebidas dos ambientes através das narrativas e práticas.

Em nosso entendimento, o espaço urbano deve ser analisado sob uma ótica comunicativa. Podemos nos apropriar do pensamento de Richardson (2010), que chama a atenção para as discussões sobre 'ser no mundo'. Ele defende que ser no mundo significa que, para sermos, precisamos de um mundo para estar em. Sem ele, não podemos existir. Por outro lado, o que ele chama, genericamente, de mundo - e que, no desenvolvimento de seu raciocínio, vai desmembrando em partes - não é uma coisa externa, que existe separadamente das nossas ações e esperando pela nossa entrada. Ao contrário, ele é dependente do nosso estar nele: através de nossas ações e interações, nós damos origem ao mundo onde estamos e somos. Nós criamos um mundo no qual possamos ser e nós só existimos na nossa criação. Nesse sentido, os lugares não são apenas protagonistas nas narrativas dos moradores e usuários, mas eles próprios são narrativas. (RODMAN, 2010)

As marcas encontradas no cotidiano, indelevelmente, alimentam um olhar que não se quer tão-somente objetivo ou subjetivo. A ordem das coisas, em constante estado de desordem, contribui para o exercício de ler (compreender?) o mundo. A comunicação, nesse aspecto, cumpre um papel fundamental: ela tece as (des)ordens do cotidiano. No hoje, cabe a ela a tarefa de entrelaçar as histórias. Suas narrativas, atrofiadas ou não, inscrevem-se e escrevem o cotidiano. Entendemos cotidiano como os modos e as práticas de vida que são compartilhados, as práticas culturais que historicamente se experimentam, enfim, os saberes que se mediam. (SILVA, 2003, p. 03)

Para "pensar as formas de comunicação em implicação direta com a cidade contemporânea" (FONSECA, 2008, p. 05), acreditamos ser de fundamental importância a compreensão de como a cidade foi e vem sendo materialmente forjada. Se já nos convencemos de que as relações e

experiências humanas é que vão conferir sentido ao espaço, também nos parece claro que a morfologia desse espaço configura uma espécie de dispositivo que não pode ser ignorado ao se tentar apreender a cidade pelo viés comunicacional. Assim, a concepção de Belo Horizonte e a história de sua construção oferecem uma das bases para nossa análise. Por esse motivo, optamos por discutir, muito brevemente, alguns pontos do projeto de cidade que nasceu para ser a nova capital do Estado de Minas Gerais, no qual se inserem, de maneira muito emblemática, as praças. Acreditamos que essa retomada é oportuna na medida em que, ao contrário da maioria das cidades, Belo Horizonte foi riscada na prancheta antes de se erguer do solo, o que nos dá uma amostra interessante de como as intenções se materializam em concreto e asfalto para, ao mesmo tempo, serem apropriadas pelo viver diário dos cidadãos.

1.1. A Cidade de Minas

Fazendo jus ao próprio nome do Estado, a história da capital das Minas Gerais tem início com a exploração mineral. “Da Vila de São Vicente (São Paulo), em meados do século XVII, partiram os primeiros bandeirantes em busca das riquezas do interior de Minas” (NAGEM FRADE, 2011, p. 32), o que culminou, no caso de Belo Horizonte, com a chegada do bandeirante João Leite da Silva Ortiz, que desbravou a região em busca de ouro e pedras preciosas. Ao se deparar com uma planície de clima agradável, cercada por uma serra, decidiu fundar, em 1701, uma fazenda que batizou de Cercado. Na propriedade, investiu na agricultura e na criação de gado. Outras fazendas surgiram nas proximidades, e, algum tempo depois, um pequeno arraial se desenvolveu entre elas, em torno da capela dedicada a Nossa Senhora da Boa Viagem. A devoção dos viajantes à Santa rendeu-lhe a homenagem registrada no nome do povoado: Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral del Rei. (APCBH, s/d). O distrito foi reconhecido pela coroa portuguesa em 1748 (NAGEM FRADE, 2011). Mais conhecido apenas como Curral del Rei, teve o nome estendido também à serra que cerca a região, que é chamada, até hoje, de Serra do Curral.

Com o passar do tempo, surgiram pequenas fábricas de algodão, fundição e outras. De acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH, 1997), o arraial cresceu e chegou a ter cerca de 18 mil habitantes. Seu crescimento era beneficiado pelo fluxo de tropeiros, que ajudavam no desenvolvimento do comércio. (NAGEM FRADE, 2011) O Curral del Rei era cortado por três importantes vias de trânsito da região. “Com o intuito de controlar e fiscalizar o trânsito de pessoas, mercadorias e animais entre as capitâneas, a Coroa oficializou as vias que poderiam ser utilizadas” (NAGEM FRADE, 2011, p. 36). Eram elas Caminho Velho, Caminho Novo, Caminho dos Diamantes ou do Mato Dentro e Caminho dos Currais do São Francisco ou Sabarabuçu (que, em 2001, viriam a ser alvo do projeto turístico Instituto Estrada Real, que sinalizou os caminhos e fez várias intervenções nas cidades adjacentes). O arraial era atravessado pelos três primeiros, o que

certamente contribuía para o grande fluxo de viajantes. Talvez esse tenha sido um dos motivos pelos quais ele, em detrimento de pelo menos outros quatro locais, acabou sendo escolhido como o lugar ideal para a construção da nova capital.

Uma estrada desce a garganta do [Rio] Arrudas e sobe o vale do Rio das Velhas até Sabará; a segunda penetra a Serra do Curral para o sul e a terceira se embrenha pelo sertão na direção norte. Na junção dessas três estradas havia uma “praça”, no centro da qual se erguia uma igreja. Esse era o núcleo histórico da colônia, seu ponto de fixação à terra. (NAGEM FRADE, 2011, p. 49)

Em 1748, a Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral del Rei foi oficializada como subordinada a Sabará. “O Curral del Rei englobava as regiões de Sete Lagoas, Contagem, Santa Quitéria (Esmeraldas), Burity, Capela Nova do Betim, Piedade do Paraopeba, Brumado Itatiaiuçu, Morro de Mateus Leme, Neves, Aranha e Rio Manso” (NAGEM FRADE, 2011, p. 35). Porém, com a decadência da mineração, a prosperidade, experimentada por pouco tempo, cessou, e o povoado foi reduzido a pouco mais de quatro mil pessoas. Uma parte interessante de sua descrição dá conta dos pontos de encontro, das poucas atividades que animavam a população tão dependente do trabalho árduo na lavoura:

Sua rotina era simples e monótona. Começava cedo, no trabalho de casa ou na lavoura, e terminava às dezenove horas, quando muitos já começavam a se recolher. Durante o dia, a Farmácia Abreu era o ponto de encontro preferido para o bate-papo. À noite, as mulheres faziam novenas, enquanto os homens improvisavam um botequim no Armazém Esperança. De vez em quando, uma serenata fazia as janelas se abrirem. Apenas nos fins de semana o arraial ganhava vida, quando os moradores das redondezas vinham ouvir a missa ou visitar parentes e fazer compras. Em datas especiais, o arraial tornava-se mais alegre: nas Festas Juninas, no Natal ou no Dia da Padroeira os festejos eram certos. (PBH, 1997, s.p.)

O território não é apenas um conjunto de sistemas ou a soma de suas partes; é o chão e a população. “Um faz o outro, à maneira da célebre frase de Churchill: primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem...” (SANTOS, 2001, p 97). É o *lócus* do cotidiano, a base do trabalho, a residência. É também o espaço que abriga a vida diária, os afetos que nos atravessam, as dificuldades que enfrentamos. Talvez seja tudo isso - e muito mais - que acabe por converter o espaço em lugar, e que faça da cidade uma parte tão fundamental da existência humana. As relações sociais não são possíveis sem que haja um lugar para que elas aconteçam (SANTOS, 1988). O espaço físico, a infraestrutura e a arquitetura são significantes na medida em interferem nas formas de interação. “A concretude do espaço torna-se o palco onde os atores sociais negociam as formas de apropriação e interpretação do mesmo. O espaço reflete a ordem social e suas instituições em formas específicas de interação e comunicação.” (WILDNER, 2003, s.p.). A igreja, o armazém, as primeiras lojas eram, no arraial, os elementos aglutinadores que permitiam a convivência e colocavam os habitantes em contato. Sua presença e organização eram

reflexos do ordenamento da sociedade rudimentar que se tinha. E suas funções eram resignificadas pelos curralenses no curto espaço de tempo fora do trabalho, quando o armazém virava botequim e a farmácia virava o ponto de bater papo. Low e Lawrence-Zúñiga (2010) fazem uma distinção entre o que chamam de aspectos físicos e simbólicos dos espaços urbanos. Para elas, há uma ‘produção social’ da cidade, que se define pela criação material do espaço e, por outro lado, uma ‘construção social’ do espaço, definida a partir das memórias, imagens e do uso diário da configuração material, o que acaba por lhe conferir sentido.

As discussões sobre a necessidade de mudar novamente⁴ a capital do Estado não eram novas. Os Inconfidentes, por exemplo, tinham planos de transferir a sede do Estado para São João del-Rei. A cidade de Ouro Preto, capital do Estado à época, era considerada inadequada em muitos aspectos. Durante a realização do Congresso Constituinte Mineiro, em 1891, concluiu-se que a cidade não reunia condições para acompanhar a evolução da época. As jazidas de ouro estavam se esgotando, e o relevo extremamente montanhoso, bem exemplificado na fotografia a seguir, não permitia expansões (NAGEM FRADE, 2011), e tampouco facilitava a implantação de métodos modernos e higiênicos de construção de cidades. O então Presidente do Estado, Augusto de Lima, “formulou um decreto determinando a transferência da capital para um lugar que oferecesse condições precisas de higiene.” (IBGE, s/d, s.p.)

A localização, antes de ser geograficamente central, teria de oferecer condições topográficas facilitadoras do projeto modernizante. O projeto urbanístico incorpora esse espírito e vamos ter nas Minas uma cidade *sui generis* – um projeto de vanguarda, nos moldes do espírito iluminista, moderno e progressista, para uma elite proveniente de áreas rurais ou urbanas com ares coloniais. (PARREIRAS, 2006, p. 114)

⁴ A primeira vila, cidade e capital de Minas Gerais foi Mariana, vizinha a Ouro Preto.

FIGURA 04: Ouro Preto, segunda capital de Minas Gerais.

Fonte: Folha de São Paulo, 2016, s.p.

Conforme Silva e Silveira (2010), as propostas e experiências concretas de planejamento urbano nunca são neutras, o que nos obriga a problematizar tudo o que cerca as instâncias decisórias numa cidade. Os moradores de Ouro Preto, evidentemente, eram contrários à mudança. Mas as promessas de desenvolvimento econômico, facilidade de acesso e outras acabaram prevalecendo sobre quaisquer argumentos. Para que a mudança fosse empreendida, iniciou-se a procura pelo sítio ideal. “Nessa época, Santa Luzia era polo agrícola da região e Nova Lima o era núcleo mais desenvolvido” (NAGEM FRADE, 2011, p. 47). Mas após a avaliação de cinco localidades pela Comissão Construtora, o pequeno arraial de Curral del Rei foi o escolhido – tendo sido quase totalmente demolido depois. “A derrubada do arraial para construir uma cidade moderna simbolizava a tradução da pretensão republicana: sair do atraso para o progresso.” (RODRIGUES, Marilita, 2006, p. 38) A capelinha de Nossa Senhora da Boa Viagem, por exemplo, seria substituída pela Catedral da Boa Viagem.

A Proclamação da República, em 1889, vem trazer aos curralenses a esperança de transformações. Para entrar na era que então se anunciava, deixando para trás o passado monárquico, os sócios do Clube Republicano do arraial propuseram a mudança de seu nome para Belo Horizonte. Foi nesse clima de euforia que os horizontinos receberam a notícia da construção da nova capital. Durante três dias o arraial se pôs em festa, com missa solene, discursos, bandas de música e bailes. Seus habitantes já sonhavam com a modernização e o progresso que a capital traria para a região. Nem imaginavam que, nos planos dos construtores, não havia espaço reservado para eles. (PBH, 1997, s.p.)

Conforme Netto, Vargas e Saboya (2012), os efeitos da arquitetura vão além dos aspectos físicos e perceptivos. São fenômenos ancorados na interface entre a “pele” da construção e a rua,

componentes da relação entre espaço urbano e vida social. “Ao envolver encontros no espaço público e a possibilidade de acesso ao espaço construído, essa relação envolve também potencial de comunicação e a constituição de trocas sociais, políticas e microeconômicas que se manifestam localmente.” (NETTO, VARGAS e SABOYA, 2012, p. 263) Um lugar tem existência própria – a partir de suas ruas, edifícios, calçamento, fachadas – mas não tem “autonomia de significação” (SANTOS, 1988, p. 18). Tal significação só pode ser atribuída pelo homem em sua relação com a paisagem. Tanto é assim que um mesmo local pode funcionar de modo inteiramente diferente em diversos momentos do dia, ou em variados dias da semana. “Ao agir sobre os lugares, no cotidiano, os sujeitos atribuem significados aos espaços, transformando a sua significação ou apenas atualizando os significados circulantes.” (SILVA et al, 2008, s.p.). Com isso, pode-se dizer que “o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas.” (SANTOS, 1988, p. 10)

A paisagem urbana - composta de áreas privadas e espaços livres públicos, como praças, parques, ruas e avenidas – é o cenário da vida do homem. Seus espaços “revestem-se continuamente de valores e de significado, e não raro, passam a ser a identidade, o marco, o monumento de um povo.” (NAGEM FRADE, 2011, p. 21) Belo Horizonte é o que se chama de uma cidade planejada, inaugurada para se tornar a capital do Estado em 12 de dezembro de 1897, cumprindo o prazo de quatro anos dado para a construção – quando ainda restavam muitas obras a serem concluídas.

Em dezembro de 1897, a cidade foi inaugurada. Havia sido executadas, até essa data, as obras essenciais à instalação da Capital. Além dos estudos e projetos, a Comissão Construtora realizou a desapropriação e venda dos lotes, o levantamento topográfico e geodésico, a terraplenagem das ruas e avenidas, os serviços de abastecimento de água, esgoto, iluminação e o ajardinamento. Construiu-se o ramal férreo, estações ferroviárias, cinco edifícios públicos (estando outros iniciados), 171 casas para funcionários públicos, além de obras de pequeno porte. E ainda, de acordo com a avaliação da Comissão, já haviam sido construídas 500 casas particulares. (JULIÃO, 1992, p. 63)

Primeiramente chamada de “A Cidade de Minas”, a cidade só adotou seu nome oficial em 1901 (MINAS GERAIS, 1901). Como ressalta Marilita Rodrigues (2006, p. 34), os mitos do progresso e da modernização davam o tom das cidades que se desejavam na época: “Ao ser planejada para sediar a capital de Minas Gerais no período de 1894 a 1897, Belo Horizonte se insere no contexto nacional e mundial das novas experiências sociais e urbanas que aconteceram naquele final de século.” Conforme Rabinow (2010), o moderno planejamento urbano surgiu na França entre 1900 e 1930. Os mais diversos profissionais se reuniram, então, para pensar, propor e testar soluções higiênicas e estéticas para as cidades da época. As colônias francesas, como Marrocos e Madagascar, eram os laboratórios onde as inovações eram testadas. O design urbano emergia como parte importante da dominação colonial, especialmente no final do século XIX. “Ele provia um

dos meios para estabelecer controle militar, regular atividades, separar populações e estabelecer uma ordem compreensível nos níveis estéticos e políticos." (p. 353)

Harvey (1994) esclarece esses pontos quando trata da construção social do espaço e do tempo: "De fato, em quase todas as ciências sociais e humanas, a ideia de construção social do espaço e do tempo está bastante difundida e é muito bem aceita. De maneira que não há nada especificamente geográfico nessa proposição." (p. 2. Tradução nossa.) Sobre isso, ele apresenta algumas proposições, entre elas a premissa de que, ao dizer de uma construção social, não estamos falando de algo puramente subjetivo ou ideal, que está fora do mundo material. Também não se trata de uma construção arbitrária, pois a decisão de uma sociedade sobre o que ela considera como sendo o espaço (e o tempo) é fundamental para compreender esta mesma sociedade. Finalmente, ele ressalta que

a forma particular em que espaço e tempo se determinam entre si está intimamente vinculada às estruturas de poder e às relações sociais, aos modos particulares de produção e consumo que existem numa dada sociedade. Portanto, a determinação daquilo que é o espaço e o tempo não é politicamente neutra, uma vez que está politicamente incrustada em certas estruturas de relações de poder. Considerar uma versão de espaço e tempo como 'natural' significa aceitar a ordem que os corporifica como 'natural' e, portanto, impossível de mudar. (HARVEY, 1994, p. 3 e 4. Tradução nossa.)

A produção do espaço da cidade tornou-se uma preocupação desde o início do século XIX, tendo em vista que a Revolução Industrial foi seguida por um grande crescimento demográfico das cidades. Conforme Lefebvre (2006), a cidade é anterior à industrialização. No entanto, conforme Ferrara (2008), a Revolução Industrial e a daí decorrente necessidade de abrigar grandes contingentes populacionais iniciaram a urbanização tal como a conhecemos hoje, e o urbanismo foi definido como a disciplina capaz de 'produzir' cidades funcionais e democráticas. Lefebvre (2006) distingue três tipos de urbanismo: o dos homens de boa vontade (arquitetos e urbanistas, cujos projetos geralmente se ligam ao humanismo); o urbanismo ligado à administração pública ou estatal (tecnocrático e sistematizado, que se pretende científico); e o urbanismo dos promotores de vendas, cujos projetos se apresentam "como ocasião e local privilegiados, lugar de felicidade numa vida quotidiana miraculosa e maravilhosamente transformada" (LEFEBVRE, 2006, p.25). Nesse último caso, a fabulação ganha relevo: os lugares são anunciados, descritos, alardeados da maneira como se acredita que serão mais atrativos. Essa fabulação, porém, tem seu efeito prático na constituição dos lugares, uma vez que intervenções físicas podem ser empreendidas precisamente para corroborar o discurso promocional ou para ser sua base. Nessas circunstâncias, lugares passam a ser fabricados de maneira a proporcionar as imagens ideais para ilustrar os cartazes e panfletos (e as páginas da internet, as matérias das revistas especializadas em turismo, as *selfies*...)

A história de Belo Horizonte traz indícios de que nossos planejadores passaram pelas três fases discutidas por Lefebvre. O projeto da Comissão Construtora traz traços das duas primeiras, ao propor uma cidade com amplos espaços públicos, ruas largas e muitas praças; mas, ao mesmo tempo, com um traçado cartesiano, circulado por um cinturão sanitário e com as funções perfeitamente previstas e divididas: um centro reunindo os principais serviços e equipamentos públicos, uma praça cercada pelos edifícios-sede do poder estadual, uma periferia agrícola para suprimento da população, entre outros. Já os promotores de venda atuaram timidamente no início, ao anunciar as maravilhas da cidade moderna, mas mostrariam a sua verdadeira força nos anos posteriores, como discutiremos mais adiante.

Conforme Lemos (2007, p. 94), a concepção urbanística da época concentrava-se nas questões sanitárias, buscando alcançar as melhores condições de salubridade, “o que garantiria uma produtividade da força de trabalho segura e de alta rentabilidade e, ao mesmo tempo, manteria a ordem e o progresso socioeconômicos”. A Comissão Construtora recebeu a missão de “implantar os espaços necessários e suficientes para iniciar a cidade, para a instalação dos primeiros 30 mil habitantes, mas que pudesse comportar, no futuro, até 200 mil habitantes.” (RODRIGUES, Marilita, 2006, p. 38) “Além do fato da cidade ser considerada como um instrumento, os urbanistas da época, como Le Corbusier (1887 – 1965), estavam também preocupados com a estética, visto que a cidade era concebida como um ‘espetáculo’, o que tornou a estética um imperativo.” (LEMOS, 1985, p. 45) O projeto elaborado por engenheiros, arquitetos e outros profissionais previa uma cidade dividida em três áreas principais: a região central ou urbana; uma região suburbana em torno desta; e a área rural. (ARREGUY e RIBEIRO, 2008)

A região central foi ordenada a partir de um traçado geométrico, com ruas e avenidas retas se cruzando a intervalos regulares, e circundada pela Avenida do Contorno – que se chamaria 17 de Dezembro. “O projeto de Belo Horizonte é traçado a partir de um xadrez de grandes avenidas que cortam a cidade transversalmente, ao qual se sobrepõe outro tabuleiro, agora em corte perpendicular, de ruas.” (ÁVILA, 2008, p. 17-18) É interessante observar que o plano geométrico, já usado em outras cidades, estava pronto antes mesmo da escolha do local onde a nova capital seria construída. Não importava muito se haveria montanhas, vales, casas ou mesmo gente no caminho: o traçado moderno, arrojado, que poderia organizar a cidade e orientar seu desenvolvimento já estava dado, e todo o resto deveria se adaptar a ele. Até mesmo os nomes das ruas seguiam uma lógica estrita. As ruas traçadas verticalmente teriam os nomes dos Estados brasileiros; as horizontais, os nomes de tribos indígenas. As avenidas deveriam ter nomes de rios, com a Avenida Amazonas, mas muitas delas acabaram homenageando famílias e personalidades importantes da época: Augusto de Lima, Afonso Pena e outros. (ÁVILA, 2008)

Nagem Frade (2011, p. 53) defende que ainda restam dúvidas sobre a correspondência do traçado técnico e moderno e o assentamento preexistente: “observam-se algumas semelhanças entre o arruamento do Curral del Rei e o traçado da Zona Urbana de Belo Horizonte”. Para a autora, apesar das demolições em larga escala, houve certa preocupação em estabelecer uma relação entre a planta dos Construtores e as três estradas que cortavam o arraial, que coincidem ou são paralelas às avenidas da nova capital.

A área central concentrava os prédios governamentais, o comércio e todos os serviços necessários para atender a elite política que viria de Ouro Preto. Foi ela que recebeu quase todos os investimentos e infraestrutura. Seus bairros residenciais foram reservados para os funcionários do governo e para os abastados que podiam comprar lotes a preços elevados. Praticamente todos os demais moradores foram para a periferia, para fora da Avenida do Contorno, onde não havia quase nenhuma infraestrutura urbana. Apenas alguns operários conseguiram permanecer no centro e deram origem às primeiras favelas. (PBH, 1997). “Havia uma lógica segregacionista inegável na cidade, que estabelecia limites claros entre ricos e pobres. Além disso, esse tipo de planejamento tendia a classificar os espaços de acordo com funções distintas [como] a moradia, o trabalho, o comércio, o lazer etc.” (JULIÃO, 1992, p. 80) Marilita Rodrigues (2006) reforça esse caráter elitista das novas cidades, tanto no Brasil quanto na Europa, que eram planejadas ou reorganizadas sem considerar as necessidades de seus habitantes: “Esses modelos permitiam às elites dar materialidade aos símbolos de distinção relativos à sua nova condição, uma vez que procuravam afastar da face visível da cidade – e das vistas do estrangeiro – o populacho inculto, os desprovidos de maneiras civilizadas, os mestiços.” (p. 34)

Em sua primeira etapa de implantação, foi prevista a ocupação de uma área na cidade por 30 mil habitantes, que compreendia as sete primeiras seções da zona urbana, uma faixa que era delimitada pelas Avenidas Araguaia (depois Francisco Sales) e Cristóvão Colombo (em parte hoje designada Bias Fortes), tendo a Avenida Afonso Pena como eixo, que cortaria a zona urbana no sentido norte-sul e se prolongaria pela VI seção suburbana ao norte (Lagoinha/Floresta) e pela I suburbana ao sul (Serra/Cruzeiro). De acordo com a planta aprovada, esse espaço continha 3.639 lotes, que teriam uma distribuição planejada, que envolvia doação aos proprietários de Ouro Preto, concessão aos funcionários públicos e ex-proprietários do arraial, ficando parte como reserva do Poder Público. (RODRIGUES, Marilita, 2006, p. 44)

“Os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros.” (SANTOS, 2001, p. 79) As áreas centrais, as de melhor relevo ou aquelas a que se atribuiu, histórica e culturalmente, uma aura de nobreza ou de importância costumam ser as preferidas. O bairro Funcionários, um dos mais antigos de Belo Horizonte, foi fundado em 1896 para acolher os funcionários do governo que foram e seriam transferidos de Ouro Preto.

Compreendia a área que começava na da Praça da Liberdade, sede do poder estadual (BAIRROS DE BELO HORIZONTE, s/d), e se estendia até a Avenida do Contorno. Mas a mudança de uma cidade inteira é um projeto ambicioso mesmo para os dias de hoje. Naquela época, com todas as limitações de transporte, somadas ao fato de que a cidade destino da mudança simplesmente não existia, o desafio foi muito maior. Ainda podemos acrescentar o fato de que a extração de metais preciosos já estava em declínio – para Parreiras (2006, p. 111), o ciclo dos metais preciosos em Minas Gerais foi, ao mesmo tempo, acelerado e efêmero: “Num espaço de no máximo 100 anos cumprem-se todas as etapas do ciclo: descoberta/exploração e declínio.” O governo teve, então, que incentivar e subsidiar a construção de novas moradias, pois apenas ceder lotes não bastaria. “A Administração Pública decide, então, ofertar lotes urbanos e suburbanos aos funcionários públicos e proprietários de estabelecimentos comerciais e patrocinar a construção de residências.” (NAGEM FRADE, 2011, p. 72) Até as residências seguiam um padrão de poder, como relata a Prefeitura de Belo Horizonte - PBH - no Dossiê Belo Horizonte - BH - à primeira vista (s/d a, s.p.):

No bairro, as casas receberam uma classificação, com uma escala que ia de A a F, que deixava claro o nível hierárquico de cada servidor. Os imóveis de letra A foram destinados a funcionários de baixa graduação. Nas casas F, moravam diretores e desembargadores. O número de janelas acompanhava a mesma filosofia: quanto mais janelas na fachada, maior o status do servidor que ali residia.

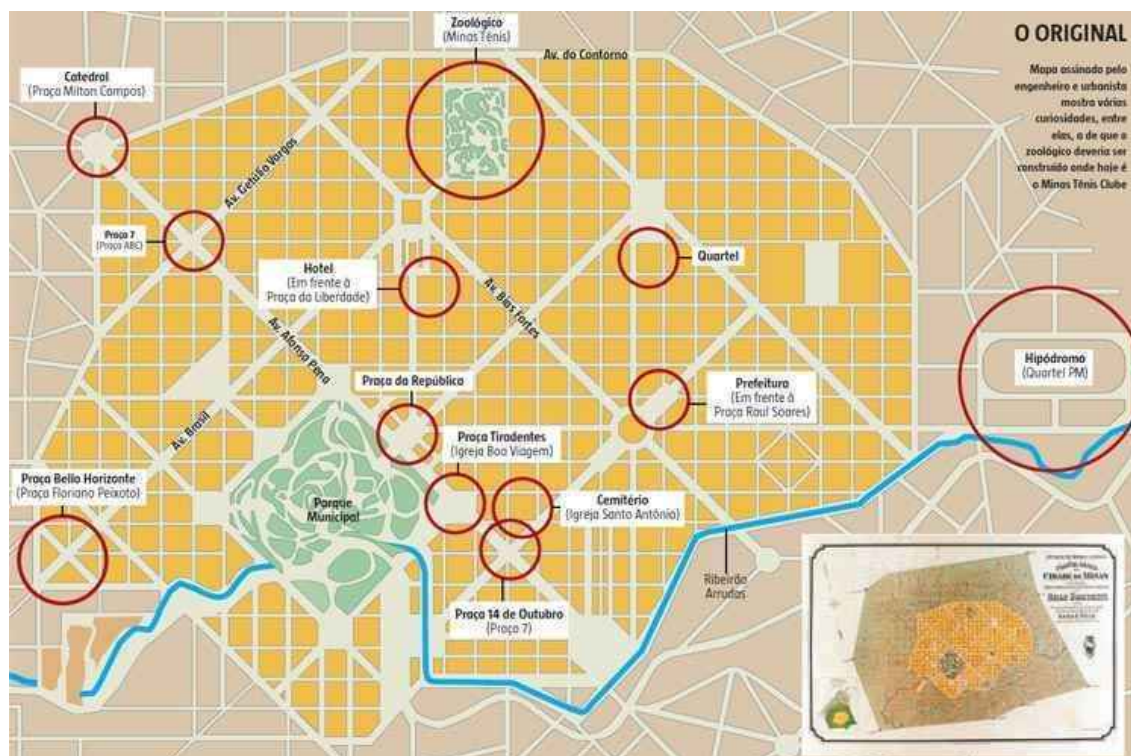
Na planta da cidade, é possível perceber o traçado das ruas e a previsão de uma grande área verde, que se tornaria o Parque Municipal. Uma reportagem do Jornal Estado de Minas traz uma imagem simplificada da planta e uma lista de propostas que não foram concretizadas a tempo da inauguração - e, algumas, até os dias de hoje.

FIGURA 05: Planta geral da Cidade de Minas, ou Belo Horizonte.



Fonte: APCBH, 1895.

FIGURA 06: Redesenho do mapa original de Aarão Reis.



Fonte: Estado de Minas, 2016a, s.p.

Com o título “O Original”, a legenda informa que “Mapa assinado pelo engenheiro e urbanista mostra várias curiosidades, entre elas, a de que o zoológico deveria ser construído onde hoje é o Minas Tênis Clube” (ESTADO DE MINAS, 2016a, s.p.) A redução do Parque Municipal para um terço do seu tamanho, as ausências de alguns prédios e da primeira igreja católica devem-se, provavelmente, ao prazo curto e aos recursos escassos para a construção da cidade. A localização do Parque Municipal teria sido escolhida pessoalmente por Aarão Reis para ser o principal espaço de lazer público (COSTA et al, 2009). Primeiro parque implantado na cidade, seu tamanho deveria corresponder ao do Central Park, em Nova York. Mas, na realidade

Muito do que foi planejado para ele acabou não sendo construído por questões financeiras, como o cassino – do qual apenas a fundação foi executada –, o restaurante, o observatório meteorológico, a ponte artística e o majestoso portão de entrada. Os 555.060 metros quadrados do parque projetados por Aarão Reis sofreram mutilações diversas, com terrenos cedidos para outras finalidades, ficando o parque, no século XX, reduzido à quarta parte do projeto original, mas, mesmo assim, ele teve papel de destaque na vida social da cidade. (RODRIGUES, Marilita, 2006, p. 68)

A realidade da nova cidade apresentou-se muito diferente do sonho dos construtores em muitos aspectos. A Primeira Guerra Mundial agravou a crise financeira que já se anunciava, pois as importações diminuíram e não havia material para continuar a construção, o que gerou grande desemprego. A retomada do crescimento só se daria na década de 1920. O espaço definido pela cidade foi parcialmente ocupado nos primeiros anos da capital. A ocupação da cidade escapou das mãos dos planejadores, de forma que, em 1912, “a população de Belo Horizonte era de 40.000 habitantes, dos quais 70% moravam na Zona Suburbana” (NAGEM FRADE, 2011, p. 72), fora da área planejada. Além disso, nem todos os operários se conformaram em morar fora dos limites do cinturão sanitário da Avenida do Contorno, e adotaram moradias provisórias na área central.

Mas muitas das previsões dos construtores não puderam se realizar simplesmente porque as pessoas erigiram lugares bem diferentes dos imaginados. Os usos que os sujeitos fazem do espaço urbano são manifestações da vida cotidiana, e expressam o embate das pessoas na e com a cidade, o que resulta numa obra sempre inacabada: a construção do espaço de uso comum. Conforme Wildner (2003), o espaço público passa por diferentes utilizações. É um espaço de disputa material e discursiva. Conforme Fonseca:

A rua conserva e exhibe as diversas tensões que são próprias do urbano contemporâneo: as tensões entre os usos cotidianos e as regulações que emanam dos poderes que gerem a cidade; [...] A rua é campo por excelência do conflito, marca de constituição do urbano, este espaço que segrega ao mesmo tempo que pretende incluir a todos. A rua não constitui apenas uma disposição ordenada de objetos no espaço urbano, e sua força emana das possibilidades que ela encerra de encontro entre os sujeitos. (FONSECA, 2008, p. 06)

Apesar dos termos espaço e lugar aparecerem como sinônimos em muitos dos textos que citamos nesta tese (e buscamos respeitar suas visões, usando ambos os termos de maneira indiferenciada em diversos momentos), alguns autores apresentam uma distinção interessante entre eles. Para Rodman, por exemplo, a 'fabricação do mundo' passa pela transformação do espaço em lugar. Esse processo é tensionado por várias disciplinas, como a geografia, a antropologia e a sociologia. Para alguns, não se trata de um problema: tanto antropólogos quanto pessoas comuns podem defender que estamos situados no lugar como estamos no tempo e na cultura. "Mesmo os antropólogos que penam para liderar seus estudantes através do campo minado da conceituação da cultura, muitas vezes pressupõem que o lugar não é uma questão. É apenas localização. É onde as pessoas fazem as coisas." (RODMAN, 2010, p. 204. Tradução nossa). Porém, no dizer de Low e Lawrence-Zúñiga (2010), é fundamental compreender como as pessoas, coletivamente, formam relações significativas com os locais, como atrelam significado ao espaço, ou, dito de outra maneira, como transformam espaço em lugar. Para Kuper (2010), um lugar pode ser definido como um pedaço particular do espaço, um local social e ideologicamente demarcado e separado de outros locais. Sua importância vem não só de sua configuração física, mas principalmente de seu significado. Dessa forma, compreender o espaço habitado impescinde de uma análise tanto das relações sociais quanto do "sistema ideacional de ordenação dos espaços" (KUPER, 2010, p. 258. Tradução nossa.)

Os conceitos de espaço e lugar nos parecem aqueles que resumem muitos outros, ainda que com pequenas variações. Vamos entender por espaço aquilo que se encontra dado em determinado momento, como uma porção de terra ou uma avenida. Ainda que o primeiro seja um exemplo que não deriva da intervenção humana e o segundo dependa dela diretamente, ambos têm em comum a capacidade de materializar alguma coisa que já se encontra ali. Seus quase sinônimos poderiam incluir paisagem, cenário, localização. Nos estudos da geografia e do urbanismo, a paisagem natural é tratada de uma forma e o espaço construído, de outra. Mas a noção de concretude, de algo que já está dado – ainda que tenha sido intencionalmente modificado pela ação humana – subjazem ambos os conceitos. O lugar vai se diferenciar do espaço por depender da atribuição de sentidos que não podem ser dados *a priori*. Ainda que o espaço traga elementos concretos e que não podem ser ignorados, é o uso que se faz dele e o significado que se atribui a ele que vai configurar o lugar. Daí termos que o lugar pode ser uma construção da memória; que pode ser percebido de formas muito diferentes pelas pessoas; que pode constranger ou encorajar certos usos, sem, no entanto, poder determiná-los.

Aplicando o raciocínio à gênese de Belo Horizonte, podemos dizer que a Comissão Construtora e os poderes constituídos definiram as coordenadas, escolheram o sítio ideal e fizeram emergir o novo espaço na base da marreta e do suor dos operários. Mas a planta não pode se incorporar

integralmente ao solo, e muito menos aos desejos de cada morador – novo ou antigo. O projeto de Belo Horizonte demonstra que é impossível prever como as pessoas vão transformar o espaço construído no lugar vivido. Pessoas insistem em subverter os planos, encontrar soluções mais suas, adaptar a realidade às suas medidas. Insistem em transformar o espaço em lugar. Ou, conforme Milton Santos (2007, p.81):

Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário. O entorno vivido é lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual.

Dessa primeira fase, alguns pontos fazem pensar. Podemos observar, inicialmente, a organização dos moradores do pequeno Curral del Rei em torno dos poucos aglutinadores que possibilitavam algum espaço de sociabilidade, como a farmácia e o armazém. Ainda que o trabalho no campo fosse tarefa árdua, e mesmo considerando as dificuldades de locomoção da época, esses lugares e momentos de encontro eram muito significativos para a vida do arraial. Em sequência, vemos a capital nascendo a partir do despejo desses mesmos moradores de suas casas e de seu cotidiano. Conforme Marilita Rodrigues (2006, p. 58), “Uma nova e bela cidade requeria novos e belos corpos. [...] os corpos de seus antigos moradores não condiziam com a racionalidade desejada para a cidade. O projeto era substituir o povo e impor novos costumes.” Desde a sua concepção, Belo Horizonte aponta que a salubridade, a ordem e o progresso deveriam se sobrepôr às relações com o lugar, à trajetória e aos laços construídos, aos afetos e às relações. A vinda dos ouro-pretanos (nascidos ou ‘adotados’) foi outra face dessa mesma moeda. Não são poucos os relatos ressentidos desse desterro, quando as pessoas – por uma ou outra via, com um ou outro horizonte de expectativa – se confrontaram com o novo espaço e tiveram que se adaptar a ele. “Suas dificuldades eram tão significativas que os dirigentes do poder público chegaram a construir, na Praça da Liberdade, uma miniatura em concreto do pico Itacolomi de Ouro Preto, que, segundo historiadores da época, serviu para consolar os ouro-pretanos saudosos” (LEMOS, 2007, p. 95)

Assim como as fotografias, a réplica do Pico do Itacolomi, no jardim da Praça da Liberdade, constituía outra tentativa de salvar os vestígios do passado. [...] Uma miniatura que criava a ilusão de um contato imediato com a antiga Ouro Preto, como se capturasse a história longínqua e perdida. (JULIÃO, 1992, p. 47)

FIGURA 07: Praça da Liberdade, com a réplica do Pico Itacolomi.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1905.

Para os moradores vindos de Ouro Preto, a situação foi agravada pelo fato de que a cidade também foi pensada como um contraponto à sua cidade colonial. As obras, encomendadas ao engenheiro Aarão Reis em 1893, buscavam refletir os ideais da recém-proclamada república, e importavam de cidades como Washington (EUA) e Paris (França) as maiores inovações urbanísticas da época. Para alcançar esse efeito, foi necessário importar talentos europeus, e um grande número de técnicos e artistas imigraram, principalmente vindos da Itália. Antes mesmo da inauguração, eles já formavam uma numerosa colônia, e foram responsáveis, em grande medida, pela adoção do estilo eclético da arquitetura de Belo Horizonte. (ÁVILA, 2008)

Uma das grandes diferenças em relação à antiga capital refere-se ao papel e localização das praças no planejamento da cidade. Na cidade colonial, a praça principal era o centro de tudo: ficava em frente à igreja matriz, rodeada pelas residências das famílias mais importantes e das melhores casas de comércio. A partir dela é que nasciam as ruas e, quanto mais próximas elas estavam das praças, mais valorizadas e ilustres seriam. Na construção de Belo Horizonte, no entanto, a praça principal serve a uma concepção secular do poder e fica em frente à sede do governo. Rodeada por prédios administrativos – e longe de qualquer igreja – a Praça da Liberdade, com suas palmeiras imperiais e prédios imponentes – não exatamente grandiosos -, foi pensada para simbolizar o poder dos gestores sobre a cidade.

Na concepção da praça [da Liberdade], adotou-se uma implantação sobre a colina Alto da Boa Vista, para que o seu conjunto arquitetônico dominasse a paisagem, dessa forma valorizando o poder civil. Utilizou-se também uma sistematização

Comissão Construtora (ver os dois recortes anteriores como exemplos). Ainda que se possa concluir que a permanência nas praças não fosse o objetivo mais importante para os construtores, não estava previsto o trânsito de veículos passando por cima delas, como aconteceu com muitas alguns anos depois.

Apesar de não ser mais o centro da praça principal, a igreja continuou representando, de toda forma, uma oportunidade de encontro e festividades, mantendo seu lugar central na vida dos primeiros moradores. (RODRIGUES, Marilita, 2006) De maneira geral, a cidade não tinha muitos atrativos, as obras inacabadas lhe conferiam um aspecto de abandono, o que era agravado pela largura das modernas avenidas, que ainda se encontravam vazias. Os principais bares, cafés e o primeiro teatro belo-horizontino localizavam-se na Rua da Bahia, que também servia de pista para o footing – assim como a Avenida Afonso Pena e a Praça da Liberdade. A maioria da população pobre, no entanto, vivia afastada do centro e não podia gastar seus poucos recursos nessa área elitizada. Por isso, eles frequentavam os primeiros botequins dos bairros. Em 1909, inauguram-se o Teatro Municipal e as primeiras salas de cinema, espaços que vão atrair a elite para novas formas de entretenimento (PBH, 1997). As primeiras e raras formas de lazer “foram se constituindo, nas suas duas primeiras décadas, por meio de circos e companhias equestres, passeios no parque, touradas, teatro, bares, clubes, *footings* e, posteriormente, o cinema, mas não como direito de todos” (RODRIGUES, Marilita, 2006, p. 82)

A Cidade de Minas - sonhada, idealizada e projetada – acabou por transformar-se em Belo Horizonte. Como em todo espaço que o homem ocupa, seu crescimento e desenvolvimento teimaram em não realizar plenamente o projeto original. Desde muito cedo, ela deixou de ser uma cidade de papel para se materializar em torno da falta de recursos para finalização das obras, das insatisfações dos forçosamente imigrados, das favelas e arranjos que os excluídos operaram. É nessa perspectiva que a comunicação ganha relevo. É através dela que o espaço vai sendo apreendido, que as intenções vão sendo desveladas e confrontadas, que o dia a dia vai se desenrolando e que a história – das pessoas e dos lugares – vai sendo construída. É fácil verificar que o espaço urbano escapa, muitas vezes, às intencionalidades contidas nas construções. Isso significa que a cidade não é algo dado, e que a configuração espacial sempre será objeto de interpretação, de disputas, de construção e reconstrução permanentes. O fato de Belo Horizonte ser uma cidade planejada a transforma num exemplo contundente de que um projeto não constitui uma cidade. O lugar não pode ser predefinido: ele só pode vir a ser através da experiência humana.

A comunicação é o processo pelo qual as pessoas experimentam a cidade e constroem significados sobre ela. “A cidade é palco e é ator, é sujeito e objeto comunicativo” (FERRARA,

2008, p. 43). Ela também é sujeito da interação que ali se processa. Ao habitar a cidade, o homem vive seu cotidiano interferindo no espaço e sendo influenciado por ele. E esse é um processo comunicacional; ou, pelo menos, pode ser visto sob essa lente. De acordo com Ferrara (2005, s.p.), “a metrópole é o território definitivo da comunicação”. Para ela, globalização e mundialização são os novos nomes que designam as variáveis que atingem as cidades, fenômenos que se processam dentro e fora delas e que as transformam em metrópoles produzidas pela relação de múltiplas características econômicas e sociais, como buscamos discutir no próximo capítulo.

Para David Harvey (2008, p. 69), o surgimento de cidades como Belo Horizonte se baseia na ideia modernista de que “o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano, tecnologicamente racionais e eficientes”. Seu desenvolvimento, no entanto, é afetado pela transformação da pós-modernidade, quando o conceito de tecido urbano passa a ser encarado sob a lógica da fragmentação, da sobreposição de formas e funções. Conforme discute Harvey (2008, p. 190) “Quando, por exemplo, um arquiteto planejador como Le Corbusier ou um administrador como Haussmann criam um ambiente construído em que predomina a tirania da linha reta, temos forçosamente que ajustar as nossas práticas diárias.” Isso não significa que as práticas sejam determinadas pela forma construída (por mais que se esforcem os planejadores para que isso ocorra), porque elas têm o ‘estranho hábito’ de escapar de sua circunscrição a todo esquema fixo de representação. Podem ser encontrados novos sentidos para materializações mais antigas do espaço e do tempo. Apropriamo-nos dos espaços antigos de maneiras bem modernas, tratando o tempo e a história como algo a ser criado, em vez de aceito. (HARVEY, 2008)

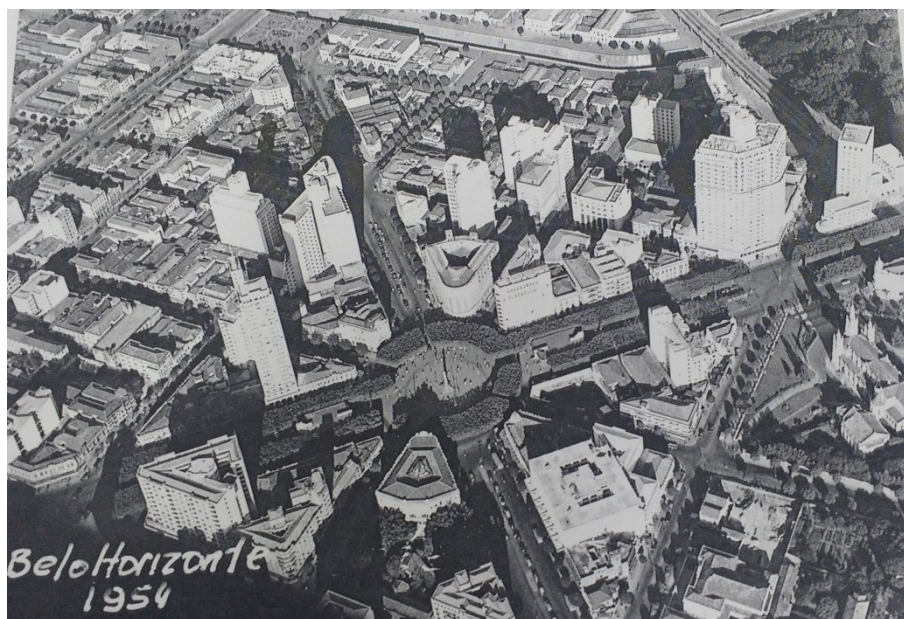
A cidade é um complexo objeto de investigação porque decorre da experiência humana tecida e tramada nos meandros da vivência cotidiana (FERRARA, 2012). A cidade não se configura apenas como materialidade, mas, também, como tecido vivo das relações sociais. As práticas sociais tecidas no espaço urbano são marcadas por elementos e articulações que constituem formas particulares de produção e apropriação das cidades. As sociabilidades interferem nas formas de uso e apropriação dos espaços urbanos, num fértil processo de construção social dos lugares. Tanto é assim que nem sempre o espaço serve àquilo para que foi planejado: a relação das pessoas com o concreto pode subverter a ordem que se propôs. “As configurações do poder e as estratégias governamentais que vêm sendo desenvolvidas não conseguem impedir que os cidadãos façam uso político e recriem a cidade” (SILVA, 2003, s.p.). Conforme Silva et al (2008, p. 03), ao contrário da cidade prometida pelos projetos de intervenção, temos a cidade real, palpável, sensível, negociada, taticamente agenciada - “uma cidade do presente, da radicalidade que vem da tensão entre o campo da experiência e o horizonte da expectativa”.

O domínio do espaço reflete o modo como indivíduos ou grupos poderosos dominam a organização e a produção do espaço mediante recursos legais ou extralegais, a fim de exercerem um maior grau de controle quer sobre a fricção da distância ou sobre a forma pela qual o espaço é apropriado por eles mesmos ou pelos outros. “As práticas temporais e espaciais nunca são neutras nos assuntos sociais.” (HARVEY, 2008, p. 218) Low e Lawrence-Zúñiga (2010) defendem que os ambientes urbanos são espaços contestados, uma vez que, em sua complexidade, o espaço é constitutivo de poder. Em face do regime espacial imposto, baseado em propostas de desenvolvimento urbano a serviço dos interesses das elites políticas e endinheiradas, emergem resistências sob a forma de movimentos sociais e ativismos locais. O planejamento urbano e a oposição que se faz a ele traduzem uma disputa por recursos materiais e simbólicos. “A ilusória transparência do espaço mascara as contradições de sua produção social” (LOW E LAWRENCE-ZÚÑIGA, 2010, p. 351). Rodman (2010, p. 205) complementa: “Lugares não são containers inertes. Eles são politizados, relativizados culturalmente, específicos historicamente, local e multiplamente construídos.” E é sobre esta cidade pluralmente construída que falaremos a seguir.

2. A CIDADE CONSTRUÍDA

Planejar e gerir uma cidade não significa apenas gerenciar ‘coisas’ – edificações, vias, mobiliário - mas também gerir relações sociais. Isso significa que a cidade deve ser pensada como o local capaz de satisfazer as necessidades da população, estabelecendo uma adequada e respeitosa relação entre o individual e o coletivo. Todos devem ter igual direito à cidade e a tudo o que ela representa (SILVA e SILVEIRA, 2010). Além do planejamento dos espaços físicos, a nascente Belo Horizonte continha, também, todo um plano de mudanças para a vida social dos mineiros. “Baseando-se nos exemplos das cidades europeias, propunha um novo padrão de sociabilidade voltado para o espaço público, cosmopolita e urbano.” (RODRIGUES, Marilita, 2006, p. 45) As largas ruas e avenidas, a organização da cidade em zonas bem definidas, a previsão dos espaços de lazer, de governo e de moradia: tudo isso deveria ser suficiente para que o cidadão da nova capital ‘soubesse se comportar adequadamente’, de acordo com as exigências da modernidade. No entanto, a cidade é o lugar da tensão, das sobreposições e dos mais variados usos que se possa fazer do espaço público, o que, comumente, rompe com o confinamento e as limitações iniciais. “Ainda que exista a imposição de um comum, a cidade é constantemente atravessada por linhas de força que possibilitam a presença de mundos dissensuais num mundo de aparente consenso.” (SILVA E ZIVIANI, 2016, p. 11)

FIGURA 10: Centro de Belo Horizonte, com a Praça Sete ao meio.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1954.

O traçado inicial de ruas e avenidas, bem claro na imagem anterior, foi levado a cabo tal qual riscado na prancheta da Comissão Construtora, e se tornou uma das marcas da cidade. Com seus quarteirões perfeitamente quadrados, ele acostumou o cidadão belo-horizontino à ‘verdade absoluta’ de que, virando quatro vezes para o mesmo lado, sempre se chega ao mesmo lugar no centro da cidade – o que nos condena a ficar totalmente perdidos nos bairros não planejados ou em outras cidades. No entanto, vários outros pontos do projeto não foram implementados da forma como foram previstos. Para nossa pesquisa, é interessante observar que havia muito mais praças no plano dos construtores do que se conseguiu erigir – a tempo da inauguração, nos primeiros anos da cidade ou até os dias de hoje. Conseguimos identificar 19 delas, em variados formatos, conforme demonstrado no mapa adaptado a seguir. Conforme Costa et al (2009, p. 55), “A praça da Liberdade, a mais importante política e administrativamente, foi a única a ser implementada na inauguração (1897) no estilo europeu predominante na época, o paisagista, romântico ou inglês.”

A Praça da Savassi, à época chamada de 13 de maio, também estava prevista na planta original. Como se percebe no segundo recorte a seguir, ela estava no ‘limite’ da cidade, bem próxima à Avenida do Contorno. No mapa que contempla toda a cidade, percebe-se a previsão da construção de 19 praças dentro do perímetro da Avenida do Contorno. No quadro que apresentamos logo na sequência, encontram-se seus nomes originais e os nomes atuais. Os dois traços (--) no nome atual de algumas delas significa que não encontramos registros de sua construção.

FIGURA 11: Praças previstas na planta de 1895, dentro da Avenida do Contorno.



Fonte: APCBH, 1895; adaptado pela autora, 2016.

FIGURA 12: Detalhe da planta de 1895 com a previsão da construção da Praça da Savassi (13 de Maio).



Fonte: APCBH, 1895.

QUADRO 02: Nomes das praças previstas na planta de 1895.

	Nome original	Nome atual
1	Cruzeiro	Milton Campos
2	13 de Maio	Diogo de Vasconcelos (Praça da Savassi)
3	Liberdade	Liberdade
4	Da Federação	Carlos Chagas (Praça da Assembléia) – localização aproximada
5	Sete de Setembro	Benjamin Guimarães (ABC)
6	21 de Abril	Tiradentes
7	Do Progresso	João Pessoa (Colégio Arnaldo)
8	Benjamin Constant	--
9	14 de Setembro	Raul Soares
10	Das Escolas	--
11	Da República	Afonso Arinos
12	José Bonifácio	--
13	15 de Novembro	Hugo Werneck
14	Bello Horizonte	Floriano Peixoto
15	Tiradentes	--
16	15 de Junho	--
17	14 de Fevereiro	Rio Branco (Praça da Rodoviária)
18	12 de outubro	Sete de Setembro
19	Da Estação	Rui Barbosa

Fonte: desenvolvido pela autora, 2016.

As mais centrais são as praças Raul Soares, Afonso Arinos, Rio Branco, Sete de Setembro e Rui Barbosa (fotos a seguir).

FIGURA 13: Fachada da Estação de Minas e vista parcial da Praça Rui Barbosa.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1910.

FIGURA 14: Detalhe da Praça Rui Barbosa.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1910.

FIGURA 15: Vista da Praça Raul Soares com o Mercado Municipal à esquerda.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1946.

FIGURA 16: Praça Sete de Setembro na década de 1940.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1947.

As fotos anteriores ilustram a intenção dos construtores de produzir praças arborizadas e amplamente distribuídas por toda a capital. No entanto, de acordo com Costa et al (2009), a maior parte dos espaços de área verde, como praças e parte do Parque Municipal, não chegou a ser implantada ou foi substituída por outros tipos de usos. Do total de mais de 950 mil m² de áreas verdes previstas na planta original, menos de 250 mil m² chegaram aos dias atuais. Já no início da década de 1930, a cidade crescia rápida e desordenadamente, o que levou ao surgimento de

construções dos mais variados tipos e nenhuma ampliação das áreas verdes. Essa e outras alterações em relação ao plano original trazem impactos sobre os modos de existência dos primeiros habitantes da capital, uma vez que o espaço é parte fundamental do viver na cidade.

Quando se define onde construir uma praça, quais ruas fechar ou abrir ao trânsito de veículos, se vamos investir no metrô ou manter os ônibus como base do transporte público, entre tantas milhares de decisões das quais as cidades podem ser vítimas nos dias atuais, o que está sendo decidido, em larga medida, é que tipo de relações, vivências e experiências cotidianas aquela cidade vai permitir. "Ao criar a cidade, o homem se criou a si mesmo. [...] o tipo de cidade que queremos não pode separar-se do tipo de pessoas que queremos ser, do tipo de relações sociais que pretendemos." (HARVEY, 2013a, p. 20. Tradução nossa.) Assim, essas decisões devem ser entendidas como uma cadeia de relações atravessadas pelos mais diversos interesses, com a prevalência dos objetivos de alguns em confronto com a resistência e a subversão de outros. "Uma coisa é a cidade objetivamente transformada pelo impacto da modernização, outra é a transformação da cidade por meio de certos mecanismos da percepção, da memória da experiência do sujeito." (SILVA et al, 2008, s.p.)

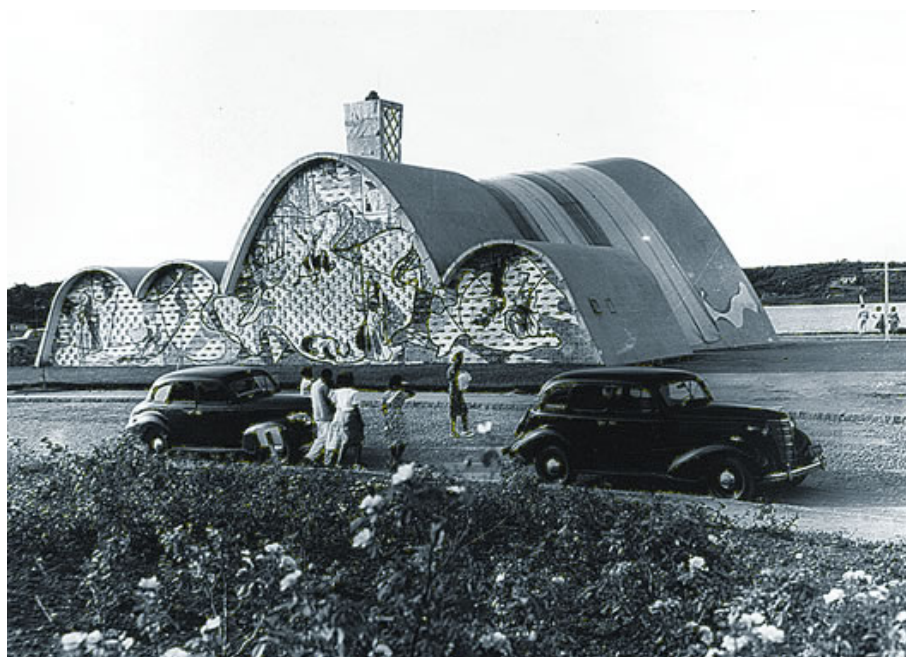
As cidades contemporâneas merecem ser observadas, analisadas e discutidas por todos os vieses possíveis. A concretude desses espaços é um elemento central na vida de mais de metade da população mundial, e encerra sentidos múltiplos, os quais não se encontram dados e não são permanentes. Como esclarecem Berger e Luckmann (1985), há uma relação dialética entre o homem (produtor) e o mundo social (seu produto): eles atuam reciprocamente um sobre o outro. A condição humana se relaciona com as condições de existência dos homens. O mundo cotidiano se compõe de coisas produzidas pelos homens, mas essas mesmas coisas 'produzem' o homem. "O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana." (ARENDT, 2007, p. 17) A objetividade do mundo - natural ou produzido - se torna fundamental para compreender nosso modo de existir. Assim queremos compreender as cidades: como uma das condições mais objetivas e presentes da vida contemporânea, atravessada pela nossa atuação cotidiana, produção e produtora do homem. O espaço urbano é o recorte ideal para que se observem essas dinâmicas, uma vez que a) é de central importância no mundo contemporâneo; e b) reúne, aglomera e inflama todos esses atravessamentos. Para Lefebvre (1999, p. 27),

A rua? É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas). Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada.

Ferrara (2008) assinala que a cidade é um dado concreto na sua forma construída, mas essa concretude nos permite entender como a arquitetura constrói a cidade, não só para funcionar, mas, sobretudo, para viver e comunicar. Funcionalidade e comunicação constituem dois parâmetros básicos da cidade através do seu meio originário: a arquitetura. Ou seja, a arquitetura induz, através de materiais, técnicas e formas construtivas, a função, o uso e o valor do espaço e, nesse sentido, constitui o suporte através do qual a cidade se constrói como meio comunicativo que possibilite sociabilidades e interações em constantes transformações. “A arquitetura não representa mais que um aspecto de uma realidade mais complexa, de uma estrutura particular, mas ao mesmo tempo, sendo o dado último verificável dessa realidade, constitui o ponto de vista mais concreto com o qual se pode encarar o problema.” (FERRARA, 2008, p. 41)

É nesse sentido que a década de 1940 traz algumas tentativas de ‘colocar ordem’ na capital novamente. Em 1940, o então prefeito Juscelino Kubitschek assinou uma nova Planta Cadastral da cidade, a qual demonstrava uma preocupação não só com a regulamentação das construções, mas, também, com os espaços de lazer e áreas verdes. Por sua iniciativa, empreendeu-se a urbanização da região da Pampulha, com a construção de uma lagoa artificial e quatro obras principais, assinadas pelo jovem arquiteto Oscar Niemeyer: a Igreja de São Francisco de Assis (foto abaixo), a Casa do Baile, o Cassino e o late Golf Clube, todas às margens da lagoa. O Complexo Arquitetônico da Pampulha foi inaugurado em 1943. (PBH, 1997)

FIGURA 17: Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha (sem data).



Fonte: PBH, 2013a, s.p.

A década de 1950 trouxe um grande aumento de número de indústrias em Belo Horizonte. A população urbana dobrou de tamanho, passando de 350 mil para 700 mil habitantes. Bairros como Sion e São Pedro surgem nesse período, assim como a Avenida Cristiano Machado. Nesse contexto, os problemas urbanos e a falta de moradia tornam-se muito graves em virtude do crescimento desordenado – ou ordenado por outras lógicas - da cidade. Por essa razão, o prefeito Américo René Gianetti orienta a elaboração de um Plano Diretor para Belo Horizonte. (PBH, 1997). Conforme Costa et al (2009, p. 57),

Nesse plano, além de serem analisados os aspectos de cadastro urbanístico, infraestrutura, tráfego, transporte e outros, estavam incluídos os parques, jardins, hortos e áreas verdes. O Departamento de Parques e Jardins foi criado, nessa época, pela Lei Municipal n. 254/1951, diretamente subordinado ao prefeito, entrando em vigor em 1º de janeiro de 1952.

Conhecida como Cidade Jardim durante boa parte de sua história, Belo Horizonte já precisava, aos 50 anos de idade, discutir a supressão de suas áreas verdes. A partir de então, várias medidas do poder público buscariam soluções para essa questão, como o Plano Diretor de 1961, que pretendia fazer atingir a marca de 12,8m² de área verde por habitante num prazo de dez anos (o que não ocorreu); a Lei de Uso e Ocupação do Solo – LUOS -, de 1972; a criação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente em 1984; as novas versões da LUOS, de 1976, 1985 e 1996, entre muitas outras. A essas normas sucederam-se a Lei Orgânica do Município, de 1990, e o Plano Diretor de BH (Lei Nº7166/1996), ainda em vigor, que protege os parques públicos em Zonas de Proteção Ambiental – ZPAM. (COSTA et al, 2009). Além disso, o Plano Diretor de 1996 delimita a área batizada de hipercentro, cuja descrição foi assim apresentada na tese de Cláudia Fonseca, integrantes, tanto a pesquisadora, quanto a tese, dos estudos do CCNM:

O Hipercentro está localizado na Região Centro Sul da cidade de BH e corresponde a uma unidade de planejamento municipal, criada em 1996 quando da aprovação do Plano Diretor do Município. Tem como limites o Viaduto Santa Tereza, a Rua Sapucaí, o Viaduto da Floresta, a Avenida do Contorno, a Avenida Bias Fortes, a Avenida Álvares Cabral, a Rua dos Timbiras, a Avenida Afonso Pena e o Parque Municipal Américo René Gianetti. A área corresponde ao espaço que ao longo da existência de Belo Horizonte foi apropriado simbolicamente pela população como o Centro ou a cidade. Durante o primeiro século de existência da capital mineira esta região teve grande importância na vida social, econômica e cultural da cidade. Atualmente passa por diversas transformações e tem sido objeto de diversos projetos de intervenção. (FONSECA, 2008, p. 28)

Parte mais densamente povoada desde o início da construção de Belo Horizonte, o hipercentro pode ser entendido como uma forte expressão da heterogeneidade que caracteriza a cidade. No entanto, é visto cada vez mais como um lugar de passagem, um trecho a ser atravessado na tentativa de se chegar a outro ponto. “Além disso, o acirramento do capitalismo industrial e

financeiro trouxe uma intensa valorização do aspecto econômico. A atividade comercial e de prestação de serviços especializados passou a dominar a maioria dos espaços centrais.” (SILVA, 2008, s.p.) Programada numa lógica radiocêntrica, Belo Horizonte tinha o centro como sua referência. Os principais comércios e serviços foram planejados para estarem lá. Porém, a partir das décadas de 1960 e 70, o centro já estava saturado, e outras centralidades começaram a emergir. Vários serviços e comércios migraram para regiões próximas, inclusive pelo menor custo dos imóveis. É desse movimento que a região da Savassi, como discutiremos no próximo capítulo, assume o status de novo ponto de comércio e serviços da capital. Seu novo posicionamento será reforçado, também, durante a Copa do Mundo de 1970, talvez o primeiro megaevento⁵ a influenciar os rumos da Savassi:

É nesse mesmo período que se pode detectar a transformação definitiva do até então pacato bairro dos Funcionários. A formação dessa nova territorialidade imprimiu um sentido exótico ao lugar e, somando-se a ela, houve a legitimação dos *points* pelos estudantes e grupos de frequentadores da classe mais favorecida. A Savassi passou a ser definitivamente um *locus in* a partir da Copa do Mundo de Futebol de 1970: de uma forma espontânea as vitórias do Brasil nos jogos foram comemoradas pelos membros da elite intelectual e social na praça, e não mais no Centro. (LEMOS, 2007, p. 98)

Os anos que se seguem terão impactos importantes sobre Belo Horizonte, de maneira geral, e sobre suas praças, de forma mais específica. A conturbada década de 1960, com instauração do regime militar em 64, no Brasil, assistiu também ao aumento significativo do número de veículos, o que levou à ampliação da malha viária a fim de ‘desafogar’ o trânsito – o que, até os dias de hoje, não se conseguiu. Da década de 1970 em diante, várias praças perderam seu formato característico, seus monumentos centrais, o mobiliário, a vegetação e o espaço destinado a pedestres, passando pelo emblemático processo de tornarem-se cruzamento de vias. A Praça Sete de Setembro foi uma das primeiras, perdendo inclusive seu obelisco em 1962.

A sequência de fotos a seguir mostra, com clareza, como a área da Praça Sete de Setembro foi sendo gradualmente reduzida. De amplo espaço exclusivo para pedestres, ela vai perdendo metros de seu raio até desaparecer. Nesse processo de abertura de caminhos para os veículos – especialmente particulares, cuja frota crescia rapidamente – ela perde até o obelisco, que só voltaria ao centro do já cruzamento em 1980.

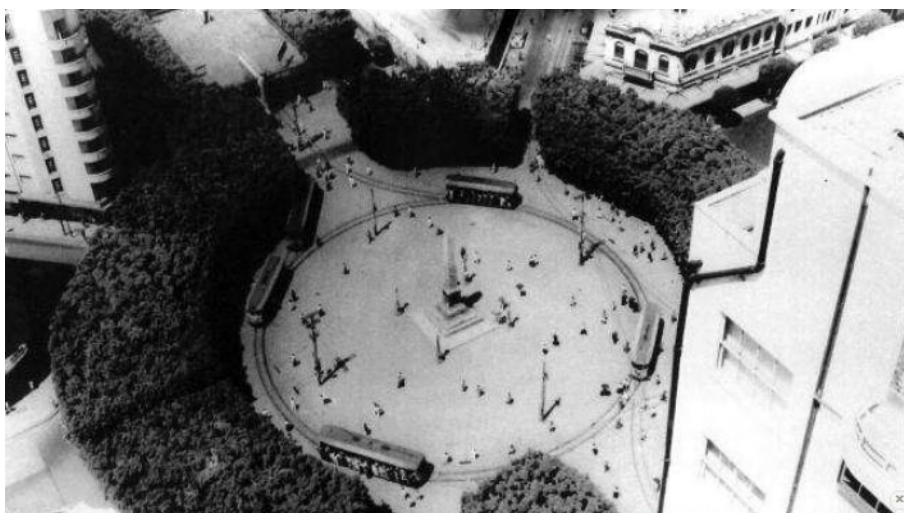
⁵ Tema a ser discutido no próximo subcapítulo.

FIGURA 18: Praça Sete de Setembro quando ainda não era um cruzamento.



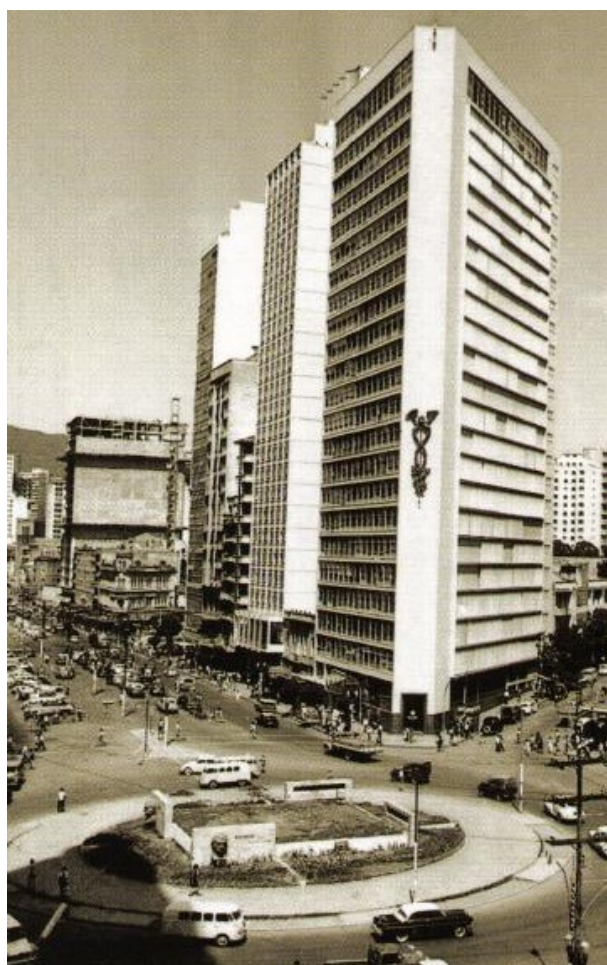
Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1947.

FIGURA 19: Praça Sete de Setembro em 1948.



Fonte: Lima, 2012, s.p.

FIGURA 20: Banco da Lavoura e Praça Sete de Setembro, sem o obelisco, em 1964.



Fonte: Fonseca, 2007, s.p.

FIGURA 21: Praça Sete de Setembro em 1971. Detalhe para o fluxo intenso de veículos.



Fonte: Fonseca, 2007, s.p.

FIGURA 22: Praça Sete de Setembro sem o obelisco e aberta ao trânsito.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1977.

Ele já foi impiedosamente pichado, teve gente acorrentada à sua base em ato de protesto, ganhou camisinha gigante em campanha contra a Aids, testemunhou dezenas de manifestações políticas e sempre foi uma referência importante para os belo-horizontinos. E, sob chuva ou sol, resiste como um dos símbolos da cidade. O Pirulito da Praça Sete, marco do “coração” da capital dos mineiros, tem uma história quase centenária (ESTADO DE MINAS, 2013a, s.p.)

O referido obelisco é popularmente conhecido pela população de Belo Horizonte como ‘o pirulito da Praça Sete’. Um dos maiores símbolos da cidade até os dias de hoje, sua pedra fundamental foi lançada em 1922, por ocasião das comemorações do centenário da Independência do Brasil. Foi inaugurado em 1924 e permaneceu no centro da Praça Sete de Setembro até 1962. Naquele ano, foi retirado para abertura da Praça e ficou esquecido no Museu Histórico Abílio Barreto até 12 de dezembro de 1963, quando foi instalado na Praça da Savassi.

FIGURA 23: Instalação do obelisco na Praça da Savassi.



Fonte: APCBH, 1963, s.p.

FIGURA 24: Praça da Savassi com o 'pirulito'.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1977.

O obelisco permaneceria na Savassi até 1980, quando voltaria para seu lugar de origem depois de muita pressão popular. A essa altura, no entanto, não havia mais uma praça exatamente: as avenidas Afonso Pena e Amazonas já haviam tomado conta do 'pedaço'. O obelisco foi instalado apenas com sua base (devidamente inclinada, o que não permite uma pessoa se mantenha de pé)

e assim permanece, cercado de veículos por todos os lados. O que pode ser visto como uma simples melhoria de infraestrutura viária também serve, conforme Lefebvre (1999, p. 29), como sinal do avanço do capital sobre o espaço da cidade: a invasão dos automóveis e a pressão dessa indústria “fazem dele um objeto-piloto, do estacionamento uma obsessão, da circulação um objetivo prioritário, destruidores de toda vida social e urbana. Aproxima-se o dia em que será preciso limitar os direitos e poderes do automóvel, não sem dificuldades e destruições.”

FIGURA 25: Praça Sete volta a abrigar o ‘pirulito’.



Fonte: IEPHA, 2011,s.p.

Edifícios cada vez mais altos começaram a ser construídos nas principais regiões da cidade nesse período. “Na década de 70, a cidade era o próprio retrato do caos. Com um milhão de habitantes, Belo Horizonte continuava crescendo desordenadamente.” (PBH, 1997, s.p.) Já na década de 1980, com o declínio do regime militar, a cidade, como tantas outras, “experimentou avanços no que diz respeito à participação política, ao crescimento dos movimentos sociais e à discussão pública das grandes questões como trânsito, meio-ambiente, patrimônio e saúde.” (FONSECA, 2008, p. 65) Thereza Santos (2010) ressalta que as sucessivas mudanças nas articulações políticas e econômicas, especialmente a partir da década de 1980, alteraram significativamente as relações do poder público com o território. Em Belo Horizonte, não foi diferente. Se, desde antes da inauguração, existem relatos de “estrangeiros, viajantes e trabalhadores, ambulantes, ou simplesmente indesejados que iam se fixando no centro da cidade, constituindo uma relação contraditória em torno daquele espaço” (FONSECA, 2008, p. 29), sabemos que essa tensão entre o sonho e a realidade de cidade nunca deixou de existir. Ao contrário, se tornou mais complexa, passou por momentos agudos e acabou por conformar a cidade em cada época.

Até atingir uma população de mais de dois milhões e trezentas mil pessoas, em 2010 (IBGE, 2016), Belo Horizonte experimentou bastante da complexidade e dos “tensionamentos decorrentes dos processos de negociação referentes à questão do nosso viver juntos” (SILVA E ZIVIANI, 2016, p. 7) Os espaços urbanos refletem essas tensões, são afetados pelas práticas sociais que neles ocorrem da mesma forma que o são pelas políticas públicas. Nessa dinâmica, vários espaços da capital foram sendo modificados, novas áreas foram ocupadas ou reaproveitadas de alguma forma. Diversos estudos empreendidos pelos pesquisadores do CCNM se debruçam sobre essas questões, especialmente aqueles abarcados pelo projeto Cartografias do Hipercentro. Através das atividades de pesquisa do projeto, percebe-se que região central atravessou inúmeras ‘fases’ e sofreu diversas intervenções. Mas, ao contrário do que ocorreu com os centros tradicionais de outras cidades brasileiras, o centro de Belo Horizonte – BH - manteve-se como uma referência na cidade, conservou sua vitalidade, concentrando “a maior parte dos indicadores de qualidade de vida urbana, como serviços de educação, saúde, áreas de lazer, equipamentos culturais, entre outros.” (SILVA, 2008, s.p.)

As praças, elemento tão forte e presente desde o planejamento da cidade, são pontos privilegiados de observação nesse sentido – e são problematizadas pelo Cartografias do Hipercentro. No projeto,

Buscamos a pluralidade de sentidos produzidos e em produção na região do Hipercentro de Belo Horizonte. Interessou-nos, sobretudo, aqueles à margem dos processos culturais, sociais e políticos hegemônicos e que são, na maioria das vezes, desconsiderados por serem banais e fragmentados. A diversidade de sons, escritos, sinais, conversas que se processam neste local provoca nos sujeitos, muitas vezes, indiferença ou incômodo. (SILVA, 2008, p. 03)

Alguns dos fenômenos analisados pelos pesquisadores do CCNM ajudam a compreender o resultado das forças que orientam a construção e a reconstrução contínua de uma grande cidade como Belo Horizonte. A Praça Sete de Setembro, como já dito, passou por drásticas alterações físicas ao longo dos anos. Causa e/ou consequência dos usos a ela impostos/atribuídos, ela passa de espaço de honra, escolhido para instalação do monumento comemorativo do centenário da Independência em 1922, a cruzamento de avenidas ou simples pista para veículos, em 1962, para ‘renascer’ como praça nos quatro quarteirões fechados em 2003 – assunto do último capítulo desta tese.

Com a Praça da Estação não foi diferente. A Estação Central, porta de entrada da cidade desde antes da sua fundação, foi usada para o desembarque dos materiais de construção e para a chegada dos imigrantes. “Como ponto de chegada, sua vizinhança acabou sendo cercada de pequenos hotéis e pensões, acompanhados de um comércio mais popular. Não era esta a imagem

que se queria na chegada da cidade.” (FONSECA, 2008, p. 29) Era comum que as pessoas se aglomerassem por ali, fosse aguardando o próximo embarque ou ganhando a vida como ambulantes, vendendo para quem aguardava; ou, ainda, pernoitando à espera de uma oportunidade trabalho. Não eram usos adequados, diriam alguns. O incômodo original ganha ‘solução’ quando o prédio vira Museu, em 2003: “As pessoas não podem mais ver a escadaria, nem a linha de trem. Foi feito um túnel por debaixo do museu para que as pessoas possam embarcar no trem e no metrô.” (SILVA, 2008, s.p.) Ao invés da Estação, o que se vê, agora, é um grande platô de concreto, praticamente sem vegetação, no qual é bastante desconfortável permanecer mesmo que por alguns poucos minutos se o dia estiver ensolarado – como bem demonstrado na imagem abaixo. De um lado, fontes de água brotam diretamente do chão, e são ligadas de tempos em tempos. O Museu parece artificial para o lugar, um apêndice fora de contexto e sem propósito claro.

No momento da escrita do relatório, as edificações em torno da Praça eram de uso coletivo, uso comercial, de serviços e industrial. O espaço abrigava grande número de manifestações culturais. À época, havia um bar localizado no prédio da Estação Central, antes do estabelecimento do Museu de Artes e Ofícios. [...] Na realidade, o Museu não dialoga com a cidade de Belo Horizonte. Encontram-se aí profissões de tempos que a cidade civilizada e moderna não desejava, épocas e ofícios também importantes de serem retratados – talvez não neste espaço e não da forma como o são. (GARCIA E RODRIGUES, 2016, p. 166)

FIGURA 26: Praça da Estação e Museu de Artes e Ofícios.



Fonte: Caçadores de Bibliotecas, 2015, s.p.

A criação do Museu e a alteração da Praça da Estação fazem parte de um conjunto de intervenções realizadas no hipercentro da capital mineira, região que foi alvo, a partir do final da década de 1990, de uma “série de iniciativas de requalificação impulsionadas pelo poder municipal, como o Programa Centro Vivo” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 13). Na justificativa da intervenção, fala-se da intenção de se criar um espaço amplo, adequado a grandes eventos e manifestações populares. Em 2009, porém, o prefeito Márcio Lacerda, através do decreto Nº 13.798, proibiu a realização de “eventos de qualquer natureza” na Praça da Estação. (ALBUQUERQUE, 2013). Diversos protestos foram organizados contra a medida, ao mesmo tempo em que se reivindicava maior (ou alguma, pelo menos) participação da população nas discussões sobre a cidade. Desses, a Praia da Estação, cuja primeira edição ocorreu em 16 de janeiro de 2010, tornou-se um dos mais famosos. A Praia (única de sua espécie, já que o Estado de Minas Gerais não é banhado pelo mar) pode ser encarada como sintoma do embate com o poder público e com as intenções que as construções carregam. Embate que se dá nos mínimos detalhes, pois, em dias de Praia, não existe nem a garantia de que as fontes de água estarão ligadas. Em várias edições do evento, é necessário fazer ‘vaquinha’ para contratar um caminhão-pipa.

FIGURA 27: Praia da Estação.



Fonte: Praça Livre BH, 2011, s.p.

FIGURA 28: Praia da Estação, com as fontes em funcionamento.



Fonte: Praça Livre BH, 2010, s.p.

Nas duas fotos anteriores, as fontes da Praça da Estação estão em funcionamento, e fica claro o uso que as pessoas fazem delas em dia de Praia. Pouca gente comparece de biquíni ou calção de banho; a maioria das pessoas se molha de roupa mesmo. Abaixo, a Praia em dia de caminhão-pipa:

FIGURA 29: Água sendo jogada do caminhão-pipa na Praia da Estação.



Fonte: O Tempo, 2015a, s.p.

Não por coincidência, a Praia da Estação já teve sua edição na Praça da Savassi. Após cinco anos e muitas Praias, os frequentadores começaram a se deparar com as fontes desligadas toda vez que o evento era agendado (foto baixo). Em setembro de 2015, após mais uma tentativa fracassada de se refrescar nas fontes, decidiu-se pela realização da Praia na Praça da Savassi no sábado seguinte.

FIGURA 30: Praia da Estação sem água.



Fonte: Estado de Minas, 2015, s.p.

A decisão não agradou a muitos. “A prefeitura, no entanto, afirma que não foi avisada da mudança e teme pela segurança, já que estão sendo esperadas cerca de 7 mil pessoas. Mesma preocupação dos comerciantes da região.” (ESTADO DE MINAS, 2015, s.p.) Com a revitalização da Praça da Savassi, realizada em 2012 (e que será discutida no próximo capítulo), ela também passou a contar com quatro fontes de água. Assim, a transferência do local do evento pareceu, aos organizadores, uma boa forma de contestar a postura da Prefeitura de Belo Horizonte de não ligar as fontes da Praça da Estação nos dias de Praia. De acordo com Dú Pente, ativista do Movimento Negro e um dos organizadores da Praia na Savassi, o movimento era uma forma de questionamento do que ele entende como usos previstos para a cidade, o que costuma produzir contranarrativas por parte do poder público. Ele ressaltava a escassez de locais de lazer na cidade, bem como a repressão que a Polícia Militar costuma exercer sobre esse tipo de movimento.

A prefeitura questiona o acesso à cidade, ao espaço público. Na Praça da Estação nunca teve problema, a não ser quando a polícia ia para reprimir. O pior é ver a tentativa de deslegitimar a manifestação, que questiona a cidade que queremos, como um evento que trará baderna aos locais. [...] A Praia da Estação é uma manifestação que questiona o acesso à cidade. E as pessoas querem ir aos locais onde há fontes, afinal, há escassez de locais de lazer na cidade, principalmente nas áreas periféricas. As praças centrais são as que têm melhor estrutura e são de

todos os cidadãos. Por acaso a Praça da Savassi é privatizada? (ESTADO DE MINAS, 2015, s.p.)

‘Por acaso a Savassi é privatizada?’ é uma pergunta intrigante. A mesma matéria do Jornal Estado de Minas traz, além da Prefeitura, um único outro porta-voz para falar sobre a Praia na Savassi: o Diretor do Conselho Savassi da Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL. Para ele, a aglomeração de pessoas num dia de funcionamento das lojas não seria adequada. Poderia haver problemas de violência e dano ao patrimônio. A fala da CDL ‘em nome’ da Savassi reforça o sentido da conformação da região como um lugar de consumo, um espaço destinado às lojas, aos bares, ao comércio em geral, e que não deveria sofrer ‘perturbações’ de qualquer ordem.

As críticas ao discurso da Prefeitura e da CDL ganharam ainda mais força porque as fontes da Praça da Estação, que estavam desligadas praticamente todos os dias, voltaram ao seu pleno funcionamento um dia antes da realização da Praia na Savassi. A Prefeitura informou, através de nota, que os problemas que impediam a ligação das fontes haviam sido solucionados, e que elas estariam funcionando no final de semana. (O TEMPO, 2015b) Como a principal reivindicação dos organizadores da Praia da Estação era que as fontes funcionassem durante o evento, criou-se a expectativa de que eles voltariam ao seu local de origem. “O que intriga muitos participantes do evento “Praia da Savassi” que acontece neste sábado (3) na região Centro-Sul, é a coincidência do religamento súbito às vésperas do evento.” (O TEMPO, 2015c, s.p.) De acordo com enquete informal realizada na página do evento no Facebook, intitulada “Pergunta aos trouxas”, a maioria das pessoas entendeu a promessa de religação das fontes da Estação como uma estratégia para evitar que a Praia acontecesse na Savassi. Entre as opções de resposta para o motivo das fontes voltarem a funcionar, as mais votadas foram “Porque subestimam o povo”, “Porque a Savassi é o camarote do Léo Burguês⁶” e “Porque acham que somos trouxas”. Com quase nove mil pessoas confirmadas na página do Facebook, a Praia foi mantida na Savassi. Segundo os organizadores, cerca de 800 pessoas estiveram presentes. As fontes ficaram ligadas durante quase toda a tarde. (O TEMPO, 2015d), como se vê nas fotografias a seguir.

⁶ Vereador de Belo Horizonte pelo terceiro mandato (em 2016, pelo PSL), Léo Burguês é também empresário do setor de entretenimento. Teve participação bastante ativa na requalificação da Praça da Savassi (2011/2012) e abriu um empreendimento na Praça, como será visto no próximo capítulo.

FIGURA 31: Praia da Estação na Praça da Savassi.



Fonte: O Tempo, 2015d, s.p.

FIGURA 32: Fonte da Praça da Savassi em dia de Praia.



Fonte: O Tempo, 2015d, s.p.

Finalmente, não poderíamos deixar de falar da Praça da Liberdade, a mais importante para os planejadores da Cidade de Minas. Ela manteve seu formato original e seu paisagismo. As palmeiras cresceram e foram bem sucedidas em emprestar seu ar grandiloquente ao caminho que leva à entrada do Palácio do Governo. As secretarias estaduais ocuparam os prédios ao redor da Praça, fazendo cumprir seu objetivo de centro administrativo do Estado. Mas ela também passou

por muitas intervenções. Na década de 1980, ela ainda abrigava a Feira Hippie⁷ e diversas outras atividades populares. Com a intensificação dessas atividades e o crescimento do número de frequentadores da Feira, seu uso foi considerado uma ameaça ao paisagismo. Em 1991, a Praça foi revitalizada e a Feira foi transferida para a Avenida Afonso Pena. No mesmo ano, o conjunto urbanístico da Praça da Liberdade foi tombado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte – CDPCM-BH (GARCIA E RODRIGUES, 2016)

A grande mudança, no entanto, viria em 2010, com a criação do Circuito Cultural da Liberdade. As secretarias de Estado foram transferidas para a Cidade Administrativa – conjunto de edificações especialmente construído para este fim no limite leste de Belo Horizonte. A Praça da Liberdade perdia, assim, sua função governamental. Suas edificações (foto abaixo) foram adaptadas para abrigar teatros, centros culturais e museus. Todas as transformações foram realizadas através de Parcerias Público-Privadas - PPP, que envolveram empresas como o Banco do Brasil (cujo Centro Cultural ocupa um dos edifícios), Gerdau (que criou ali o Museu das Minas e do Metal), Fiat (que transferiu para lá sua Casa Fiat de Cultura) e Vale (que ocupa outro prédio com o seu Memorial Minas Gerais Vale). Para os pesquisadores do CCNM, percebe-se aí a interrelação do conceito de cidade com o projeto político do Estado, “o que se evidencia no investimento publicitário programado para o local no contexto da realização da Copa do Mundo de 2014.” (GARCIA E RODRIGUES, 2016, p. 161)

FIGURA 33: Vista aérea do Circuito Liberdade.



Fonte: Circuito Liberdade, s/d, s.p.

⁷ A Feira Hippie era realizada por artesãos na Praça da Liberdade desde 1969. (<http://www.feirahippiebh.com/v2/index.php/pt-br/feira>) Consistia na exposição e venda de artesanato em pequenas barracas ou mesmo em lonas colocadas sobre a grama.

A Copa do Mundo de 2014 também aparece com grande destaque nas justificativas de requalificação da Praça da Savassi, como veremos no capítulo três. As alterações operadas nessas praças fazem parte de um processo de espetacularização da cidade, pilar fundamental das estratégias de marketing que as envolvem. Parece que “para fazer parte deste novo mundo, a obrigação é seguir esses padrões internacionais que, em nome de um discurso de valorização do local, simplesmente produzem mais do mesmo.” (GARCIA E RODRIGUES, 2016, p. 161) Seguindo essa mesma lógica, a Praça da Savassi foi sendo radicalmente transformada ao longo do tempo, o que fez dela um recorte que consideramos muito apropriado para compreender as relações entre morfologia e apropriação do espaço. Os principais conceitos que emergem do novo status que a cidade alcança no jogo financeiro mundial são os de marketing territorial e *city marketing*. De origens controversas, seus princípios trazem, para o planejamento da cidade, o mesmo ideário empresarial de qualquer empreendimento global: o atendimento a padrões bem definidos e uniformizantes, a promessa de um renascimento pela atração de novos investimentos e a valorização de tudo o que pode – e somente do que pode – ser vendido. Passemos a essa discussão.

2.1. A cidade como marca

Para Fortuna (2002), a sociologia urbana ressurge, na Europa, entre o final da década de 1960 e o início de 1970, quando emergem investigações sobre o ordenamento urbano e a estrutura social, baseadas no confronto da "mercadorização dos espaços públicos, históricos e monumentais, com outras lógicas, nomeadamente a do espírito de comunidade e associação, das relações de afetividade e do espírito de lugar, dos objetivos de encontro, festa e entretenimento" (p. 138). Uma das origens da questão encontra-se na compreensão de que a arquitetura e o urbanismo - como atividades intelectuais, estéticas e artísticas - privilegiam a funcionalidade da cidade e excluem a intervenção e a participação de não especialistas, que ficam relegados a meros usuários do produto acabado. Entre eles estão os cidadãos.

A Constituição de 1988 tem um capítulo dedicado à política urbana. De acordo com o estudo de Lage (2008, p. 3), três pontos merecem destaque: “a transferência de responsabilidades à esfera municipal, a abertura de possibilidades da participação popular (gestão democrática) e a reafirmação do princípio de função social da propriedade, assim como a inclusão da ideia de função social da cidade.” Sobre os dois últimos, a autora acredita que eles conferem à urbanização uma dimensão política em detrimento dos aspectos técnico-científicos. “A explicitação da dimensão política do urbanismo está em não reduzir a problemática urbana apenas a uma questão de ordem técnica. Entende-se que a produção e a reprodução do espaço urbano estão intimamente

vinculadas às relações de força e poder nas sociedades.” (LAGE, 2008, p. 3) Essa dimensão política, no entanto, parece ser sistematicamente ignorada pelos grandes empreendedores que, em parceria ou com a conivência do poder público, tomam para si enormes porções do território, nas quais atuam no sentido de impor seu próprio modo de funcionamento. E o principal deles se relaciona com a capacidade de um lugar gerar dinheiro, bem de acordo com as ideias de marketing territorial.

Os termos marketing territorial, ou *city marketing*, e *city branding* costumam ser usados como sinônimos na maioria dos contextos. As indagações de Kalandides (2011) resumem bem algumas questões que costumam ser evocadas quando se busca uma diferenciação entre os conceitos: Em que o *branding* é diferente de marketing com relação às cidades? Como eles se relacionam com a promoção, a criação de logomarcas e anúncios, e, principalmente, com o planejamento e a gestão urbana? Para o autor, o marketing territorial precisa ser entendido no contexto de competição entre os lugares. Podem-se definir públicos-alvo e estratégias típicas de marketing para que se alcancem os objetivos. “Para muitos, o marketing territorial é parte da estrutura neoliberal do mundo e, como tal, deve ser prontamente rejeitada.” (p. 282) Por outro lado, ao falar de *branding*, ele está se referindo ao que entende como a produção ou projeção de uma imagem do lugar, o que nem sempre tem a ver com um sentido de se obter vantagens econômicas. Na visão do autor, as estratégias de *branding* podem ser benéficas para o desenvolvimento dos lugares, desde que entendidas como uma ferramenta política e voltada para o relacionamento entre eles, não limitada às estratégias de competição. Os esforços podem se voltar, inclusive, exclusivamente para os próprios habitantes da cidade, quando se percebe a necessidade de melhoria de sua autoestima ou do senso de pertencimento em relação a ela. Para comprovar sua teorização, ele usa o exemplo da cidade de Bogotá, centrado nas estratégias de *branding* – e não de marketing – que consideramos importante resumir a seguir.

Kalandides (2011) entende que as estratégias de *branding* são legítimas especialmente quando existe uma distância muito significativa entre a realidade e a percepção de um lugar. Seu estudo sobre a cidade de Bogotá é bastante ilustrativo neste sentido. A capital da Colômbia conta com mais de oito milhões de habitantes em sua região metropolitana. Extremamente segregada, sua população é dividida entre os ricos, que moram na área norte, e os pobres, que vivem na região sul. Estima-se que 50% da população viva em assentamentos ilegais. Os conflitos entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC - e o governo, especialmente entre 1999 e 2005, fez com cerca de 10% da população deixasse a capital em busca de uma nova vida (ficaram conhecidos como *desplazados*, ou desalojados). Desemprego, pobreza e criminalidade foram as marcas da cidade por muitos anos, e ela chegou a ser ranqueada como o lugar mais perigoso da América Latina em 2006.

De 1995 a 2003, no entanto, a cidade de Bogotá passou por grandes transformações. Lideradas pelos prefeitos que estiveram no poder no período (Antanas Mockus, de 1995 a 1997 e de 2001 a 2003, e Enrique Peñarosa, de 1998 a 2000), inúmeras melhorias em termos de transporte público, programas sociais, aumento da oferta de parques e bibliotecas públicas, entre outras, foram implementadas. Mas, apesar da realidade da cidade ter mudado, a imagem que as pessoas tinham dela, especialmente fora do país, continuava a mesma. Relatos colhidos na pesquisa de Kalandides (2011, p.285. Tradução nossa.) demonstram a frustração dos colombianos:

Quando estamos competindo, por exemplo, com outra cidade sul-americana para captar um evento internacional, nós temos poucas chances. Mesmo que todas as nossas estatísticas sejam melhores e que nós ofereçamos mais vantagens, nossa imagem é tão ruim e, vamos dizer, a de Buenos Aires é tão boa que as decisões raramente nos favorecem. (Membro do Convention and Visitors Bureau)

Quando eu chego e alguém me pergunta de onde eu sou, eu hesito. Assim que eu digo que eu sou de Bogotá, vem aquele risinho sarcástico seguido da pergunta sobre se eu trouxe algum pó branco comigo. Pode ser engraçado a princípio, mas bastante ofensivo depois de um tempo. (Sergio, 43 anos)

Como pesquisadora, como eu me apresento como colombiana, ninguém me leva a sério; assim que digo que estudei nos Estados Unidos – e foi numa apenas universidade mediana – as coisas mudam imediatamente. Isso quando a pessoa tem pelo menos ideia de onde fica Bogotá. (Alejandra, 29 anos)

Esses exemplos ilustram como uma imagem do lugar representa prejuízos reais para as pessoas em suas vidas cotidianas, nos estudos, no trabalho e na realização de negócios. As estratégias de marketing adotadas em relação a Bogotá emergiram dessa discrepância entre a imagem ruim, que persistia, e as melhorias que a cidade tinha experimentado. Por tudo isso, em 2009, a prefeitura decidiu adotar um programa de *branding* para Bogotá. Parte da estratégia focou na definição de uma nova visão para a cidade e das formas para implementá-la. Para o autor, os desafios do *city branding* se relacionam diretamente com as estratégias de comunicação: a divulgação é parte central da defesa da nova imagem que se pretende projetar. Obviamente, há a exigência de que a imagem tenha relação com a realidade do lugar, sob pena de não convencer ninguém.

Braun, Kavaratzis e Zenker (2013) completam a discussão ao problematizar o papel dos habitantes nas estratégias de *city branding*. Para eles, três atitudes se destacam: eles devem ser parte integral dos planos, devem atuar como embaixadores do lugar e, em última instância, devem envolver-se politicamente com a construção da cidade, através de seus votos e da legitimação das ações adotadas. Os autores defendem que apenas com o real envolvimento dos moradores pode-se produzir uma imagem efetiva e sustentável para os lugares. São os habitantes que escolhem seus governantes, têm poder político e participam das decisões políticas. Trata-se de direitos e

deveres dos cidadãos, o que obriga as autoridades não só a garantir a participação das pessoas, como também criar oportunidades para que elas contribuam ativamente nos processos decisórios. *Branding* e democracia, para os autores, só são incompatíveis quando se impõe uma estratégia de cima para baixo ao invés de deixá-la emergir das pessoas.

Os autores ressaltam, ainda, que o envolvimento da população não é automático, e não pode ser devidamente obtido com simples campanhas publicitárias. Muitas vezes, o efeito delas é contrário: os autores citam o ilustrativo caso de Amsterdã. “Quando a organização responsável pelo marketing da cidade de Amsterdã introduziu a marca ‘I AMsterdam’, um grupo de residentes respondeu com a contra sugestão ‘I AMsterdamned’” (BRAUN, KAVARATZIS e ZENKER, 2013, p. 22. Tradução nossa.) Por outro lado, não se pode negar que a tática conquistou corações e mentes mundo afora. Várias outras cidades adotaram o grande letreiro tridimensional que virou ícone do projeto, e mesmo em Amsterdã é impossível tirar uma foto em frente às letras sem que dezenas de outras pessoas sejam incluídas involuntariamente. A representação da ideia do lugar a partir de uma instalação simples como esta atrai multidões de visitantes.

A defesa dos autores apresenta, a nosso ver, alguns problemas. O primeiro deles é a ideia de que uma cidade pode ter uma imagem. Com toda a multiplicidade que uma cidade abriga, com todos os atravessamentos que ela sofre – interesses conflitantes, heterogeneidade das condições de vida de seus habitantes, projetos diferentes – parece muito difícil que ela venha a ter, para a maioria das pessoas, uma mesma imagem. Os esforços de *city branding* certamente podem influenciar a imagem que cada um – habitantes, turistas, empresários – formará sobre determinada cidade, mas outros fatores terão peso também. Em especial, a experiência dos sujeitos com o e no lugar. O que se percebe, muitas vezes, é uma tentativa de resumir a cidade a um slogan ou a uma característica, o que é, a nosso ver, mais uma faceta da fabulação da cidade. Nenhuma frase de efeito é capaz de representar algo tão complexo como uma cidade, ou mesmo uma região dentro dela. Tais máximas, repetidas em várias oportunidades, parecem ter como objetivo tão somente o fortalecimento de um conto, de uma fábula, de uma quimera capaz de atrair turistas e investidores.

Além disso, é difícil imaginar quaisquer esforços de projeção da imagem de um lugar que não estejam ligados à ideia de competição entre os lugares. Um dos fatores que ajudam a conformar a imagem é exatamente a diferença entre um lugar e outro. Dito de outra forma, é por comparação que somos capazes de dizer que uma cidade é mais adequada para morar, passar as férias ou receber determinados investimentos. Ainda que possa haver casos em que os esforços de *branding* não tenham o objetivo de se obter vantagens concretas e imediatas para uma localidade, não parece verossímil que toda a energia empregada no processo de projeção de uma imagem possa ter a única preocupação de deixar as pessoas mais felizes, ou de tornar essa imagem mais

fidedigna à realidade do lugar – realidade esta que é multifacetada também. Os testemunhos que Kalandides (2011) apresenta em seu estudo reforçam nosso ponto: as pessoas se sentem incomodadas com a imagem da cidade porque ela dificulta a obtenção de determinadas vantagens muito objetivas – atrair negócios e grandes eventos, ser levado a sério numa negociação ou num encontro científico.

Finalmente, o próprio nome não ajuda. Quando se fala em *branding*, não há como escapar dos conceitos mais elementares que ele carrega ou de sua tradução literal: gestão de marcas. O termo, por si só, já diz muito: trata-se da ideia de construir uma marca para a cidade, região ou país, ou mesmo para um recorte menor, como um bairro, uma rua, uma praça. E uma marca tem como premissa a capacidade de carregar atributos, de qualificar aquilo que representa. Ao entender que a cidade precisa ter uma marca, e que essa marca precisa ser gerida, estamos adotando os mesmos conceitos de mercado que se aplicam a um produto qualquer. A força da marca reside, precisamente, no seu poder de resumir as boas qualidades de um produto, serviço, empresa, diferenciando-o dos concorrentes. Ela é homogeneizante por excelência, e não nos parece razoável falar de algo múltiplo como uma cidade através de uma única marca. Mais do que isso, ao se pensar na construção e gestão de marcas ligadas ao espaço urbano, é fundamental buscar compreender a quem elas servem, para quem são geridas, a quem devem atrair. Os esforços de *city branding* costumam ser levados a cabo através de uma série de intervenções no espaço, e não pela simples exaltação ou realce do que já existe. Os usos tradicionais de um espaço podem até ser a base para a narrativa que vai se construir, mas essas fabulações precisam ao menos ‘dourar a pílula’ para demonstrar que aquele pedaço do território é interessante, atrativo e merece ser frequentado não apenas pela população local. Esse processo costuma envolver algum tipo de intervenção mais radical, e frequentemente coloca em contraponto diversos grupos interessados naquele espaço.

Assim, parece-nos razoável usar as expressões *city marketing* e *city branding* de maneira indiferenciada na maioria das situações, ainda que a palavra marketing possa dizer mais das estratégias de mercado como um todo, não reduzidas à gestão de marca. Pode ser que o marketing territorial traduza melhor a crítica que se faz à transformação das cidades em mercadorias, mas as estratégias de promoção se relacionam com ambas; o planejamento urbano, também. Os dois conceitos podem ser considerados um só se eles se referirem à moderna possibilidade de a cidade ser gerida como produto e consumida como marca.

Conforme Hersein e Berger (2013), planejadores urbanos e gestores, na tentativa de atrair negócios e turistas, gastam milhões de dólares para recriar as marcas de suas cidades, uma atividade muito popular no mundo todo. Díaz (2007) relata que os anos 1970 marcam o começo

dos esforços de promoção (no sentido mercadológico do termo) da cidade pós-moderna. David Harvey é ainda mais específico: “Dar determinada imagem à cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares se tornou um meio de atrair capital e pessoas (de certo tipo) num período (que começou em 1973) de competição interurbana e de empreedimentismo urbano intensificados.” (HARVEY, 2008, p. 92)

Harvey (1994) usa o exemplo de Baltimore, nos Estados Unidos, onde o processo de desindustrialização foi contra-atacado por uma estratégia de desenvolvimento turístico que envolveu a produção de espetáculos, a instalação de centros culturais e de entretenimento, bem como o desenvolvimento do comércio e da indústria hoteleira. Tudo começou em 1970, quando as áreas do centro da cidade se encontravam abandonadas, e um grupo de políticos locais decidiu criar a *Baltimore City Fair* como forma de “celebrar a vizinhança e a diversidade étnica da cidade, que até se deu ao trabalho de promover a identidade étnica (em oposição à racial)” (HARVEY, 2008, p. 90). Em sua primeira edição, o evento recebeu 340 mil visitantes; três anos depois, em 1973, já seriam quase dois milhões.

A Feira passou a ser o principal chamariz do centro da cidade, atraindo multidões de pessoas para assistirem a vários tipos de espetáculos. A consequência natural foi a oferta de uma atração mais permanente através da construção do *Harbor Place*, um centro de entretenimento à beira-mar, além de outras atrações, de um centro de convenções e de diversos hotéis. “De muitos modos, Baltimore é emblemática do processo que moldou as cidades sob o capitalismo norte-americano, oferecendo uma amostra laboratorial do urbanismo contemporâneo.” (HARVEY, 2005, p. 21) Essa estratégia de desenvolvimento, no entanto, exigia uma forma arquitetônica totalmente diferente, “uma arquitetura do espetáculo, com sua sensação de brilho superficial e prazer participativo transitório”. (HARVEY, 2008, p. 91) Além da arquitetura, o mercado de trabalho também foi radicalmente alterado: “Grande parte desses trabalhos se conectam ao setor de serviços, a nova fonte de empregos.” (p.11) Para Harvey, os efeitos desses processos na vida das pessoas são devastadores:

Nós vimos as condições de emprego que operam em segmentos-chave da economia de Baltimore, construída ao redor do novo setor da economia de serviços, e o quadro geral que emerge é da construção de uma nova espaço-temporalidade em que as pessoas não têm futuro, o máximo que se pode aspirar é obter algum dinheiro a cada dia. Existem poucas perspectivas de mobilidade ascendente ou de promoção, de maiores salários no futuro. Os trabalhadores se veem envolvidos num sistema temporal em que, todos os dias, fazem o mesmo, sem nenhuma possibilidade de mudança [...] e que os confina a uma certa espacialidade de oportunidades habitacionais, nos melhores casos, nas zonas mais deterioradas e empobrecidas da cidade, onde os serviços são escassos e a qualidade de vida está severamente comprometida. (HARVEY, 1994, p. 11 e 12)

Vários outros exemplos desses novos espaços urbanos poderiam ser trazidos aqui para demonstrar a tese de Harvey (2008, p. 91 e 92) de que “as cidades e os lugares hoje tomam muito mais cuidado para criar uma imagem positiva e de alta qualidade de si mesmos, e têm procurado uma arquitetura e formas de projeto urbano que atendam a essa necessidade.” O marketing territorial ganhou escala mundial como consequência da uma combinação entre novas tecnologias, pós-modernidade e desenvolvimento de políticas orientadas para a eficiência sem nenhuma preocupação social (DÍAZ, 2007). O planejamento urbano passa a se dedicar aos processos de renovação do território visando sua melhor comercialização. Mais uma vez, Harvey resume a questão:

Mas isso levanta outra dimensão do papel mutante da espacialidade na sociedade contemporânea. Se os capitalistas se tornam cada vez mais sensíveis às qualidades espacialmente diferenciadas de que se compõe a geografia do mundo, é possível que as pessoas e forças que dominam esses espaços os alterem de um modo que os torne mais atraentes para o capital altamente móvel. (HARVEY, 2008, p. 266)

Ocorre que, em alguns casos, as intervenções acabam por dificultar, tornando desconfortáveis ou mesmo impossíveis, os usos e apropriações tradicionais de um determinado espaço. Às vezes um lugar de permanência – como uma praça – torna-se um lugar de passagem: “As cidades perdem a predominância da convivência e há a consumação do deslocamento acelerado como modo de vida para se transformarem em cenários, mais imaginários do que reais: uma cidade mais para ser vista do que vivida.” (FERRARA et al, 2009, p.4). Um bom exemplo disso é a transformação de diversas praças ao redor do mundo, inclusive em Belo Horizonte, em vias de cruzamento rápido. Muitas delas já não têm formato de praça: tornaram-se cruzamento de avenidas com alguns quarteirões fechados ao redor.

Conforme Arantes (2009), vários porta-vozes - arquitetos, planejadores e, muito especialmente, marqueteiros - afirmam que as cidades só se tornarão protagonistas se forem dotadas de um plano estratégico adequado aos desafios impostos pela globalização. “A naturalidade com que alguns teóricos ou urbanistas encaram o arrastão empresarial provocado pelo triunfo incontestável do mercado faz com que o fenômeno transpareça, sem disfarces, nos próprios textos desses autores.” (ARANTES, 2009, s.p.) Esse novo plano - basicamente um esforço de comunicação e promoção baseadas em intervenções significativas nos espaços das cidades - traz de diferente tão somente a pretensão de abarcar a cidade como um todo, superando o modelo anterior de intervenções pontuais. Para a autora, essa mudança de paradigma carrega a grande verdade de que, em nosso tempo, tudo se negocia, o que “não deveria surpreender, pois o seu cenário de origem vem a ser o do movimento de volta à cidade, no mais das vezes dando origem aos conhecidos processos de

gentrification (ou "revitalização urbana", conforme preferem falar seus promotores)". (ARANTES, 2009, s.p.)

Para variar, a receita veio dos Estados Unidos. E, com ela, outra palavra-isca, a famigerada "revitalização urbana", bem como seus derivados não menos famigerados: a "parceria" entre setor público e iniciativa privada, encarregada por sua vez de "alavancar" (outro neologismo ianque - *to leverage*) investimentos privados com fundos públicos. [...] Que a cidade tenha outra finalidade que não a de atrair o comércio, incrementar o valor dos imóveis e, portanto, pura e simplesmente crescer, é uma coisa que jamais passou pela cabeça dos próceres da nação. (ARANTES, 2009, s.p.)

Ainda na década de 1970, começaram a se formar, na Europa e nos Estados Unidos, parcerias em que agentes privados se envolvem no financiamento e/ou na gestão de atividades antes tidas como de competência exclusiva da administração pública. (LAGE, 2008, p. 21) As novas propostas trazem, para as cidades, formas de governança semelhantes às usadas nas empresas, preparando a cidade para ser vendida. Desde esse período, pelo menos, se reconhece que a administração pública adota atitudes empresariais para a gestão dos lugares. Harvey (2005) cunhou o conceito de empreendedorismo urbano, pelo qual ele entende o padrão de governança que combina poderes estatais, entidades da sociedade civil e interesses privados em prol do desenvolvimento urbano ou regional. Em sua visão – que coincide com a dos estudiosos que ele evoca, em especial geógrafos – essas táticas fazem emergir um relacionamento entre escalas (a ser discutido adiante), pois podem propiciar que uma localidade alcance escala global e vice-versa. “O novo empreendedorismo tem, como elemento principal, a noção de ‘parceria público-privada’”⁸ (HARVEY, 2005, p. 172)

Harvey tece críticas sérias contra esse empreendedorismo urbano. Primeiramente, ele chama atenção para o contraste entre a exuberância dos grandes projetos e a realidade econômica e social local, o que faz com que muitas cidades estejam assumindo um caráter de cidade dupla: uma centralidade relativamente renovada e bem sucedida e “um mar de circundante de pobreza crescente.” (HARVEY, 2005, p. 188) Além disso, o acirramento da concorrência entre as cidades costuma ter impactos regressivos na distribuição de renda, e pode levar à adoção de estratégias prejudiciais em médio prazo. Infelizmente, o foco no espetáculo, e não na solução de problemas reais, não costuma ser entrave para os promotores de venda das cidades: “Mesmo se falta pão, o circo prospera. O triunfo da imagem sobre a substância é total.” (HARVEY, 2005, p. 186)

⁸ As Parcerias Público-privadas, ou PPPs, são conceituadas por Vainer (2015), como ‘democracia direta do capital’. VAINER, Carlos. Apresentação oral durante o XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015

Apesar de passível de inúmeras críticas, a estratégia tem seus defensores, que a justificam diante da desaceleração do processo de industrialização e da necessidade de atrair novos recursos para as cidades. A mercantilização do espaço urbano seria uma nova fonte de renda, da qual os governos e os cidadãos não deveriam abrir mão. Segundo Nogué Font e San Eugenio (2009), as agências de publicidade e as consultorias de marketing centram seus interesses nos estudos das técnicas de comunicação territorial – no sentido mais amplo do termo – para reforçar o valor comercial de diferentes localizações geográficas. A necessidade de criação de imagens de marca costuma explorar “as enormes possibilidades comunicativas que se depreendem da paisagem.” (p. 45. Tradução nossa.) Na visão de Fonseca, uma das principais funções das cidades, hoje, “é concentrar um mercado consumidor e um público ou diversos públicos interligados. A comunicação seria uma das chaves para a compreensão do que é a cidade atual.” (FONSECA, 2008, p. 14) O aspecto central desse processo de construção simbólica de um território é a intervenção na infraestrutura, para que ela possa atuar como um ícone urbano que ajude a fomentar o processo de compra de uma cidade, que passa a ser entendida como um bem de consumo.

Os desafios futuros das cidades ocidentais girarão em torno de seu posicionamento no mercado a partir da exaltação de valores intangíveis (qualidade de vida, sustentabilidade, interculturalidade, tolerância, talento, inovação) veiculados, na maior parte dos casos, através da criação de uma imagem de marca que ressalta o valor da paisagem urbana. (NOGUÉ FONT e SAN EUGENIO, 2009, p. 46. Tradução nossa.)

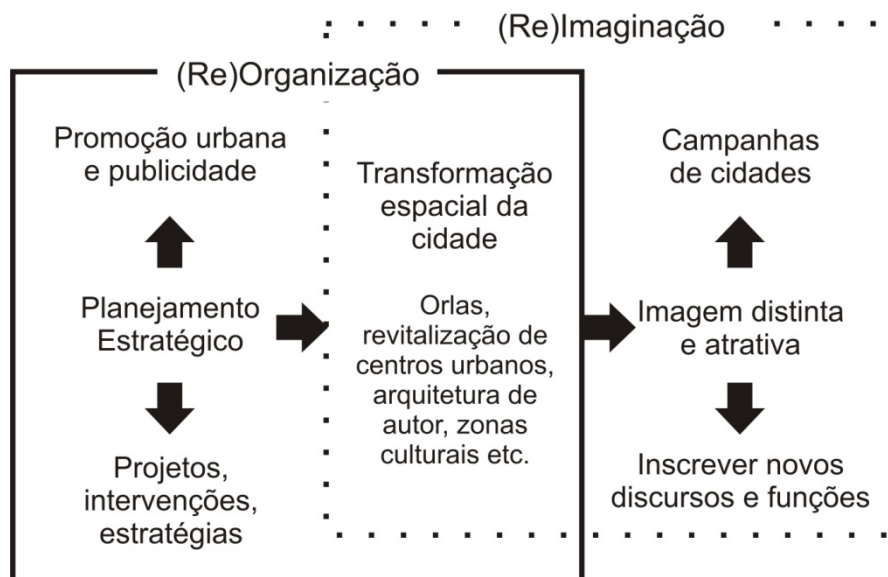
Voltando a Díaz (2007), a definição do processo de venda da cidade pode ser interpretada de várias formas. Uma das ênfases é na recriação da imagem do lugar, com a finalidade de promover sua comercialização. Desde a adoção do marketing urbano pelas primeiras cidades norte-americanas e inglesas, sua aplicação vem se propagando ao redor do mundo. Trata-se de um processo duplo, que prevê alterações objetivas do espaço, por um lado, e a propagandização de um imaginário de cidade, por outro.

O primeiro movimento se volta para o planejamento e para a organização, aproveitando-se do já citado discurso da crise e da necessidade de novas fontes de renda. Tudo começa com o planejamento estratégico da cidade, do qual derivam, de um lado, as estratégias de promoção e publicidade, além dos projetos e estratégias de intervenção no espaço. Esses são responsáveis pela transformação espacial da cidade, entre as quais a revitalização dos centros urbanos, por exemplo. Essas intervenções serão a base das campanhas das cidades, baseadas em uma (re)imagem nova e atrativa, que traduza novos discursos e funções. Mas, para além, a cidade passa a ser vista, ela mesma, como um produto a se comercializar, o que abre caminho para as iniciativas de cooperação público-privadas e para a adoção de estratégias de promoção de vendas das cidades.

No que tange aos espaços urbanos, as parcerias público-privado surgiram na Europa e Estados Unidos como meio de realização de grandes intervenções, especialmente aquelas relacionadas à re-territorialização das atividades econômicas. Antigas estruturas industriais, portuárias e ferroviárias, apesar de bem servidas de infraestrutura e geralmente localizadas em áreas centrais, perderam drasticamente sua função original. Muitas delas foram abandonadas ou ficaram subutilizadas, ou, em alguns casos, ocupadas por população de baixa renda em condições precárias de habitabilidade. Assim, as parcerias público-privado possibilitaram a restauração e readaptação dessas estruturas e de seu entorno. (LAGE, 2008, p. 18)

A reimaginação ou fabulação da cidade se constrói com a adoção de novos discursos, eliminando alguma possível conotação negativa, escondendo as áreas de abandono ou de decadência. Para Díaz (2007), uma das manifestações mais claras da venda dos lugares encontra-se na sua manifestação midiática. Em suas palavras, a (re)organização coincide com o discurso que alardeia a crise das cidades e a conseqüente necessidade de melhorar sua atratividade para sanar a necessidade de novas fontes de renda e garantir sua sobrevivência. Essa perspectiva impulsiona a emergência de orientações empresariais em detrimento de questões sociais. A cidade “é gerida como um produto a comercializar, o qual pode ser modificado e ‘fabricado’ mediante planejamento” (DÍAZ, 2007, s.p.).

FIGURA 34: Esferas sobre as quais atua a comercialização da cidade.



Fonte: Díaz, 2007, s.p. (Tradução nossa)

Palmer (2006, p. 40) esclarece que “um produto é qualquer coisa que uma organização ofereça a compradores potenciais ou qualquer coisa que possa satisfazer uma necessidade – tangível ou intangível”. Qualquer coisa, inclusive um lugar. Ele precisa ser planejado para resumir características que atraiam os interesses – e o dinheiro – dos consumidores e, conseqüentemente,

dos investidores. Pensando numa cidade, é evidente que a maioria dos compradores não se interessaria por lugares feios, decadentes ou com altos índices de violência. Nesse sentido, é preciso investir no que se entende como beleza, modernidade e segurança nos dias de hoje – entre outros atributos. E esses conceitos mudam, de tempos em tempos, via estratégias adequadas de comunicação. As mesmas estratégias que vão demonstrar que uma cidade é um produto capaz de atender os desejos do *target*. O que nos leva à questão da promoção.

“A promoção é utilizada pelas empresas para comunicar os benefícios de seus produtos aos mercados-alvo. Entre as ferramentas promocionais estão propaganda, vendas pessoais, relações públicas, promoção de vendas, patrocínio (...)” (PALMER, 2006, p. 41) A promoção é importante porque é capaz, além de comunicar a existência do lugar, de convencer os *prospects* de que aquele lugar atende os padrões adequados e, portanto, merece ser consumido. O marketing territorial trata, então, de interferir no produto – determinando as feições que ele deve ter para ser vendável – e de convencer o mundo de que aquele é o lugar ideal. No caso das cidades, trata-se de adaptá-las ‘ao gosto do freguês’, que está longe de ser o morador, o habitante, o cidadão comum em sua vida cotidiana. Afinal, o simples ir e vir dos cidadãos só dá lucro aos negócios de transportes.

Os anos 1980 assistem à busca da realização da beleza das cidades e do atendimento aos gostos e modas. Para isso, a arquitetura e o desenho urbano dão origem a formas arquitetônicas que ocultam os desejos de alguns para representar as ambições dos grupos de poder. Assim, a paisagem se converte na intenção de reimaginar a cidade para reorientar seu consumo, o que funciona não só como promoção da imagem da cidade, mas também manipulando as relações com a identidade local. A construção da imagem da cidade funciona como uma ferramenta de controle social. (DÍAZ, 2007)

O conceito de *city marketing*, e seu principal provedor, o planejamento estratégico, podem ser entendidos como forças ideológicas para melhor aceitação (ou mesmo criação de consenso) em torno das práticas mercadológicas neoliberais. O conceito fundamenta-se no pressuposto – contestável – de que, no cenário de competitividade face às novas dinâmicas econômicas e produtivas, as cidades precisam ter capacidade de oferecer condições físicas, mesmo que às vezes superficiais ou cenográficas, para atrair o capital global. Trata-se de um raciocínio bastante conveniente à expansão mundial do mercado e fortalecimento de grupos de interesses privados. (LAGE, 2008, p. 21)

Essa nova relação entre o produto (cidade) e a marca resulta da incorporação dos comportamentos empresariais e sua extensão, num primeiro momento, aos produtos destinados ao entretenimento e

à cultura. A partir dos anos 1990, no entanto, a associação de uma imagem positiva à cidade e a transformação desta numa marca passam a estar acompanhadas de processos de reconstrução urbana. E isso tem um enorme impacto para todas as discussões que se empreendem sobre o urbano contemporaneamente. O estudo de Díaz (2007) chama a atenção para alguns casos, e um deles vem bem ao encontro do nosso estudo e das observações que fizemos *in loco*: o movimento conhecido como ‘Barcelona posa’t guapa’ (Barcelona, ponha-se bonita, numa tradução livre) de 1986. O movimento, que se justificava pela necessidade de preparar a cidade para os Jogos Olímpicos de 1992, foi pioneiro na Espanha e seu sucesso o levou a outras cidades europeias, como Lisboa (Portugal) e Turim (Itália). A fórmula ‘intensas transformações físicas + campanhas promocionais + espetacularização da acolhida de um grande evento global’ vem sendo repetida à exaustão. Ainda conforme o autor, a exportação do modelo para cidades europeias e latino-americanas não significa que tenha sido uma experiência sem conflitos: “Com a renovação de algumas áreas, frequentemente mediante extensas e indiscriminadas demolições, se introduziram processos de mudança social, destruição da identidade e uma forte intervenção pública que atuava favorecendo processos especulativos.” (DÍAZ, 2007, s.p.)

A ascensão de Barcelona [...] deu-se, em parte, com base na sua firme acumulação tanto de capital simbólico como de marcos de distinção. Nesse caso, enfatizou-se a prospecção da história e da tradição caracteristicamente catalã, o marketing a respeito de suas importantes realizações artísticas e heranças arquitetônicas (Gaudí, é claro) e seus marcos distintivos de estilo de vida e tradições literárias, com o apoio de uma avalanche de publicações, exposições e eventos culturais celebrantes da distinção. (HARVEY, 2005, p. 233)

O desenvolvimento do projeto teve início com o reconhecimento de algumas carências e a proposição de soluções já adotadas em outras cidades europeias, porém com ‘toque barcelonês’. Esse curso de ação foi drasticamente alterado no início dos anos 1990, quando se passou a empreender importantes obras de requalificação como preparação para os Jogos Olímpicos. Todo esse conjunto de transformações serviu como base para um posicionamento publicitário da cidade como um centro urbanístico e cultural importante: “As campanhas de melhoria da paisagem urbana foram realizadas por uma agência profissional (uma prestigiada agência privada de publicidade).” (DÍAZ, 2007, s.p.) Para Santos (2010, s.p.), o exemplo de Barcelona pode até ser encarado como positivo, com bastante cautela, na medida em “o Estado e as sociedades teriam, aparentemente, convergido para a construção das possibilidades de atendimento das expectativas e necessidades dos habitantes, do território, assim como, também, das demandas do mercado globalizado.”

Cada cidade escolhe um mote para seu posicionamento, mas Hersein e Berger (2013) consideram que as cidades que se apoiam em eventos esportivos têm, pelo menos, três vantagens. Em primeiro lugar, os eventos despertam interesses de mais pessoas do que outros temas, o que

facilita o trabalho de promoção. Além disso, os eventos esportivos despertam mais paixões do que outros tipos de eventos. As pessoas tendem a se mobilizar em torno da competição, adotando um ou outro lado, torcendo para determinadas equipes ou países. Finalmente, os eventos esportivos podem mobilizar múltiplas audiências por longos períodos de tempo. A cidade investe recursos para se organizar para receber o evento; os moradores podem ver uma oportunidade para se promover interna e externamente; todos os habitantes do país podem sentir orgulho por receber um grande evento; os grandes grupos de mídia e de investidores tem interesse imediato; e os torcedores, fãs de esportes, também se envolvem automaticamente.

Mas uma estratégia de sucesso, para os autores, depende da capacidade de se atrair a atenção da mídia mundial e de se encontrar investidores globais. Apesar da elevada expectativa dos anfitriões, alguns resultados podem ser desalentadores. Eles citam os exemplos de Munique, que perdeu £178 milhões nas olimpíadas de verão de 1972, de Tóquio, que recebeu 70 mil turistas, durante os jogos olímpicos de 1964, em face dos 130 mil esperados, e de Los Angeles, que também sofreu com a baixa visitação: foram 400 mil turistas durante os jogos olímpicos de 1984, quando os organizadores esperavam 625 mil pessoas. Hersein e Berger (2013) afirmam, no entanto, que é necessário analisar os benefícios de longo prazo que os eventos podem trazer, mesmo quando o resultado imediato parece ruim. Novamente, Los Angeles é o exemplo: as olimpíadas daquele ano mudaram para sempre a economia dos megaeventos esportivos, o que fez com que muitas cidades passassem a competir fortemente para sediá-los. O impacto olímpico costuma ser maior no ano seguinte à realização dos jogos, e vai diminuindo gradualmente pelos dez anos seguintes.

Podemos perceber um paralelo entre o caso Barcelona e o de várias outras cidades que receberam megaeventos. Nesta tese, voltamos o olhar para o Brasil por ocasião da realização da Copa do Mundo da FIFA em 2014. Aqui, 12 cidades receberam partidas da Copa: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Salvador, Recife, Natal, Fortaleza, Manaus, Cuiabá e Belo Horizonte. Em todas elas, diversos investimentos foram feitos, especialmente em estádios de futebol e outras grandes obras. Entre essas intervenções, destacamos a requalificação da Praça da Savassi, que teve como uma das mais fortes justificativas a necessidade de preparar a cidade para receber a Copa. A Copa do Mundo de 2014 foi um catalisador e uma boa oportunidade para que se empreendesse as intervenções pretendidas. Além disso, assim como no caso espanhol, a requalificação da Praça da Savassi, em 2011-2012, não promoveu o extermínio de todas as atividades historicamente associadas ao lugar. Ao contrário, as 'vocações' boemia e comercial da Savassi foram exacerbadas. Assim como no caso Barcelona, o caso Savassi traz outras questões que merecem uma análise mais cuidadosa, à qual nos dedicamos no capítulo quatro.

Vários outros exemplos, em que os resultados podem ser muito questionados, merecem ser comentados antes de nos dedicarmos à Savassi. No Brasil, o Rio de Janeiro é um *case* perfeito. Vânia Fortuna, doutoranda na Universidade Federal Fluminense (UFF) e grande crítica dos movimentos urbanísticos da gestão Eduardo Paes⁹, afirma que a cidade do Rio de Janeiro vem sendo alvo da mesma estratégia. Segundo ela, o projeto de cidade implementado por Paes começou a ser delineado, na década de 1990, na gestão do então prefeito César Maia, que inspirado pelas transformações urbanas de Barcelona “para receber os Jogos Olímpicos de 1992, introduziu o modelo de planejamento estratégico, orientado por consultores catalães que propunham a ‘fórmula’ ideal para o Rio ser competitivo e ocupar um lugar no mercado das cidades globais.” (FORTUNA, 2015, p. 2) Apesar do crescimento das tensões e conflitos em relação a esse projeto de cidade, as políticas públicas em curso estão atreladas aos interesses do capital financeiro nacional e internacional. Nos dois casos, a ignição vem da mesma faísca: os megaeventos. Vistos como catalisadores de investimentos e como promessa de ganhos futuros – quem não se pega, até hoje, procurando o legado da Copa? – os megaeventos são frequentemente usados como gatilho para as intervenções na paisagem urbana.

De acordo com Silva, Ziviani e Madeira (2014, p. 2), “Os megaeventos são caracterizados como eventos de grandes proporções e complexidade, não só pela magnitude dos investimentos financeiros e da infraestrutura exigidos para a sua realização ou pela grandiosidade em termos de público.” Sua complexidade está associada, também, ao seu valor estratégico para o lugar que o recebe, uma vez que os megaeventos operam como promotor, em nível internacional, dos locais que os sediam.

Um megaevento é uma festa, mas esta festa não é apenas oferta cultural, diversão, entretenimento, lazer. O seu estatuto duplamente público – são acessíveis ao público em geral e envolvem em regra um comprometimento institucional das autoridades e dos poderes públicos – atribui-lhe também o caráter de festa cívica, de celebração ritualizada com forte significado simbólico. (SILVA, 2016, p. 200)

Para além da Copa do Mundo FIFA e dos Jogos Olímpicos, poucos eventos se encaixam na definição. No caso do Rio de Janeiro, após o fracasso da candidatura da cidade como sede dos Jogos Olímpicos de 2004, abriu-se caminho para as mais agressivas políticas de marketing urbano. O maior símbolo do “modelo Rio” foi a proposta de revitalização da zona portuária, conjunto mastodôntico de obras batizado de Porto Maravilha, “pois também faz parte do ‘receituário’ neoliberal de competitividade interurbana ‘revitalizações’ de zonas portuárias e centros históricos degradados, transformados em novas centralidades globais.” (FORTUNA, 2015, p.2) Da mesma

⁹ Prefeito do Rio de Janeiro entre 2009 e 2016.

forma que em diversos outros lugares, a modernização do cenário inclui a construção de prédios residenciais e corporativos, com as decorrentes promessas de melhoria da mobilidade urbana.

Entre os grandes eventos que nos últimos dez anos movimentaram a rotina do Rio estão: os Jogos Pan-Americanos de 2007; a segunda edição da Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e o Desenvolvimento - Rio+20, em 2012; a Jornada Mundial da Juventude e a Copa das Confederações, em 2013, e a Copa do Mundo de 2014. Não podemos esquecer do Rock in Rio, que depois de consagrar-se como marca de festival de rock em 1985, voltou ao Brasil em 2011, 2013 e 2015. (FORTUNA, 2015, p. 4)

FIGURA 35: Museu do Amanhã, uma das principais obras do Porto Maravilha.



Fonte: Porto Maravilha, 2016, s.p.

FIGURA 36: Orla Conde.



Fonte: Rio Moda Rio, 2016, s.p.

As duas ilustrações anteriores fazem parte dos esforços de promoção do Porto Maravilha. A homogeneidade dos discursos e das soluções é tão clara que a Orla Conde, no Rio, parece siamesa de Puerto Madero, em Buenos Aires. A mesma estrutura (galpões), que servia aos mesmos propósitos (armazenagem no porto), que foi abandonada da mesma maneira e teve destino idêntico (repaginação para exploração comercial) até nas cores:

FIGURA 37: Puerto Madero, Buenos Aires.



Fonte: Argentina Pictures, s/d, s.p.

Como bem observa Harvey (2013b, p. 575), “a renovação urbana com frequência [envolve] o abandono organizado.” Sua análise centra-se na lógica cíclica de que o capital cria a paisagem geográfica de acordo com sua conveniência, de maneira a facilitar suas atividades numa determinada época, para depois abandoná-la, destruí-la e reconstruída de acordo com seus novos interesses e adaptando-a à “sua sede perpétua de acumulação interminável do capital. Esta é a história da destruição criativa inscrita na paisagem da geografia histórica completa da acumulação do capital.” (HARVEY, 2004, p. 88)

Fortuna (2015, p. 2) reforça que os discursos governamentais e midiáticos sobre a cidade do Rio de Janeiro, além de inteiramente coincidentes, são partes integrantes de um jogo político que produz ‘evidências de verdade’ que “precisam parecer inevitáveis e transparentes. Mas se o discurso é um efeito de sentido, essas ‘evidências’ não são a verdade, mas sim estratégias de enunciação que visam legitimar um projeto de cidade que se impõe por novas mediações entre o público e o privado.” Ou seja, são uma fábula. Se as cidades globalizadas seguem um modelo

pasteurizador financiado por agentes privados, podemos dizer que a preparação de uma cidade para receber um megaevento é justificativa mais do que suficiente para acelerar esses processos. É esta, exatamente, a tônica do discurso carioca, que apresenta a nova cidade maravilhosa como seguidora dos modelos de Barcelona e de Puerto Madero, em Buenos Aires. Intitulado oficialmente de 'operação urbana' (PORTO MARAVILHA, 2016), o projeto é apresentado como tendo o objetivo de recuperar a infraestrutura urbana, de transportes, o meio ambiente e o patrimônio histórico e cultural. Espera-se que ele seja capaz de promover "a melhoria das condições habitacionais e a atração de novos moradores para a área de 5 milhões de metros quadrados" (s.p.). A atração de grandes empresas a partir de isenções fiscais e prestação de serviços públicos também integram o pacote. "Projeções de adensamento demográfico indicam salto dos atuais 32 mil para 100 mil habitantes em 10 anos na região que engloba na íntegra os bairros do Santo Cristo, Gamboa, Saúde e trechos do Centro, Caju, Cidade Nova e São Cristóvão." (PORTO MARAVILHA, 2016, s.p.)

A Prefeitura do Rio criou a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (Cdurp), instituída pela Lei Complementar 102/2011, para gerir e fiscalizar a revitalização. A Concessionária Porto Novo foi contratada via licitação para executar as obras e prestar serviços públicos municipais até 2026, na maior parceria público-privada do País. [...] Para conseguir recursos para a operação urbana, a prefeitura aumentou o potencial de construção de imóveis da Região Portuária, área que atrai a atenção de investidores do setor imobiliário para projetos comerciais e residenciais. [...] O resultado é que o município não usa recursos do tesouro nas obras e ainda economiza nos serviços públicos. (PORTO MARAVILHA, 2016, s.p.)

É interessante observar, como já o fizeram vários estudiosos, que o discurso neoliberal não só não incomoda, como é amplamente utilizado. Ter a maior parceria público-privada do país é motivo de orgulho, e o fato do Município não precisar entrar com nenhum recurso (pelo menos em teoria) é exaltado sempre que possível, de maneira a minimizar as críticas, como se a cidade estivesse ganhando um presente. A requalificação em si é problematizada, discutida e combatida por diversos grupos – moradores do entorno, habitantes de outras regiões da cidade, coletivos, entidades civis e pesquisadores -, mas a voz deles não teve, no Rio e em vários outros lugares, força suficiente para barrar ou alterar os rumos do projeto. A vontade que prevalece é a dos gestores públicos: se um lugar não gera a renda adequada para a cidade – e não temos nem como começar a discutir o que seria considerado adequado nesse quesito -, ele está atrapalhado, ruim, e é preciso intervir para consertar, recuperar, requalificar alguma coisa que não tem qualidade. Muito provavelmente os 32 mil atuais moradores não terão condições financeiras para estar entre os 100 mil futuros. Mas isso também não é um problema: se eles não têm a renda necessária, devem, de acordo com a lógica apresentada, procurar locais sem qualificação, não revitalizados, para viver.

Seguindo a cartilha do marketing à risca, o conjunto da obra, em si, já é um acontecimento. Os responsáveis – ‘o consórcio’ – trataram de criar uma logomarca que desse cara ao projeto:

FIGURA 38: Logomarca do projeto.



Fonte: Porto Maravilha, 2016, s.p.

FIGURA 39: Logomarca da concessionária.



Fonte: Digiglobe, s/d, s.p.

Evidentemente, há outras versões para a história: “Maior parceria público-privada (PPP) do país, a criação do Porto Maravilha, em 2009, marcou não só o início da transformação da zona portuária no Rio de Janeiro, mas também o fim de uma proposta de transformação da região com foco na participação social e moradia popular.” (APUBLICA, 2016, s.p.) Como a União era dona de 60% dos terrenos da região, o Ministério das Cidades se debruçou, por anos, sobre uma proposta para o Porto. Apesar de todo o trabalho feito, com a participação de todas as esferas de governo e pareceres técnicos favoráveis, a proposta foi substituída, para surpresa de todos, pelo projeto elaborado pelas construtoras OAS, Odebrecht e Carioca Christiani-Nielsen.

A ideia deles [representantes das empreiteiras] era passar as terras para a prefeitura e as empreiteiras fazerem a incorporação imobiliária. Não inovava em nada: é um modelo de incorporação simplista, que traz segurança total pro empreendedor. Não era uma proposta de reabilitação de área, que tem outros mecanismos e prioridades, como a participação social, permanência da população, valorização do patrimônio histórico, além de uma modelagem de negócios que convertia parte das melhorias urbanas e dos ganhos de capital para o conjunto da cidade. (APUBLICA, 2016, s.p.)

Não existem números oficiais das remoções que vêm ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro desde então. As obras do Porto estão entrelaçadas com as obras realizadas, mais especificamente, para os Jogos Olímpicos realizados em 2016. Considerando apenas as maiores obras ligadas à realização dos Jogos, mais a reforma do estádio Maracanã, 2.548 famílias foram removidas (APUBLICA, 2016). Segundo Mattos (2013), de 2008 a 2013, 15 comunidades inteiras já haviam sido transferidas, outras 11 foram parcialmente atingidas e mais 11 ainda estavam sob ameaça de remoção. Desnecessário ressaltar a arbitrariedade e a violência com que tais remoções costumam ser realizadas, como amplamente denunciado por diferentes entidades e nos noticiários. Em 2011, a Secretaria Municipal de Habitação – SMH - falava em 12.812 famílias reassentadas entre janeiro de 2009 a agosto de 2011 (G1, 2011). Para Faulhaber e Azevedo (2015), Paes promoveu a remoção de mais de 65 mil famílias em virtude das obras para as Olimpíadas. Ou seja, quase podemos escolher o número que mais nos agrada sem muito risco de errar (ou acertar).

Remoções mal planejadas não são novidade no Rio de Janeiro. Entre o final do século XIX e início do século XX, a cidade já foi alvo de grande processo de modernização urbana, acelerado sob a batuta do então prefeito Pereira Passos (que geriu a cidade de 1902 a 1906), com o objetivo de transformá-la de ‘Porto Sujo’ ou ‘Cidade da Morte’ em ‘Cidade Maravilhosa’ – ou a tentativa de mudar o tom da fábula. Popularmente conhecida como ‘bota abaixo’, a intervenção municipal consistia em demolir cortiços e casas pobres com fins sanitários - para conter a propagação de doenças - e de mobilidade urbana. Como de costume, a preocupação de se levar a cabo os miraculosos projetos de modernização parece consumir toda a energia e o intelecto de seus operadores, que insistem em ‘esquecer’ os planos de assentamento da população desalojada. Até hoje, o ‘bota abaixo’ é considerado a mola propulsora das primeiras favelas cariocas: os pobres expulsos do centro se veem obrigados a subir os morros para continuar morando perto do trabalho. (SUPPIA; SCARABELLO, 2014). Mas esse filme já tinha sido exibido muitos anos antes, só que em Paris:

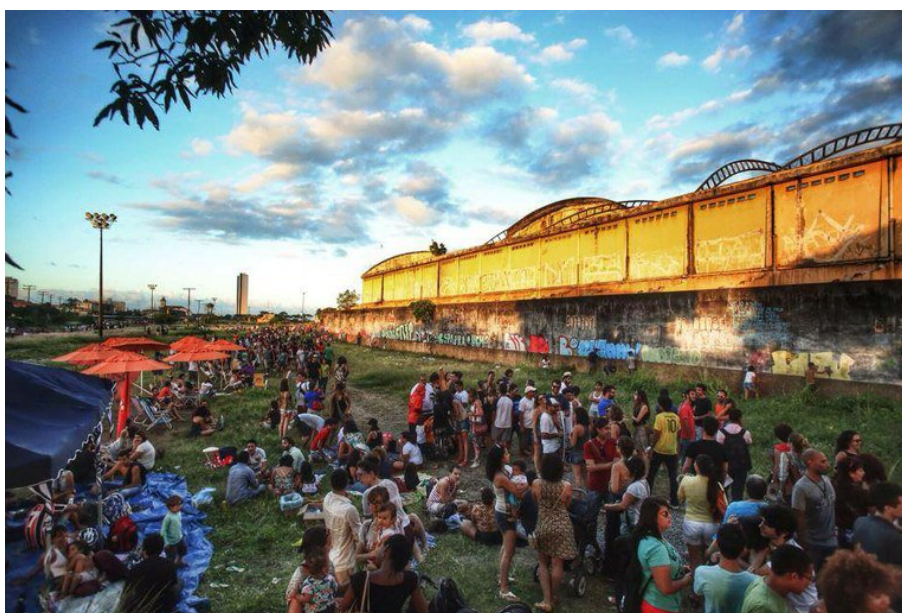
Para fazer surgir uma nova geografia urbana dos escombros da antiga se requer sempre violência. Haussman fez derrubar os velhos bairros de Paris empregando poderes excepcionais de expropriação, supostamente em benefício público, em nome dos direitos de cidadania, da restauração ambiental e da renovação urbana.

Conseguiu, assim, deliberadamente expulsar do centro de Paris a classe operária e outros elementos rebeldes que constituíam uma ameaça à ordem pública e ao poder político. (HARVEY, 2013a, p. 36. Tradução nossa.)

De acordo com Fortuna ¹⁰, Pereira Passos teria removido 20 mil pessoas; Paes já removeu mais de 60 mil pessoas. Mesmo assim, após a operação no Porto, existe a intenção de expandir o modelo de PPP em grandes operações urbanas para outras regiões cariocas. “Já haveria planos para replicar o modelo na zona oeste, em uma área que corresponde a quase um quarto do Rio de Janeiro. O Porto Maravilha virou vitrine.” (APUBLICA, 2016, s.p.). Ou vidraça, dependendo para quem se pergunta.

Felizmente, nem todas as águas são calmas para os megaempreendimentos urbanos. Amplamente amparada pelo discurso midiático, o projeto do Porto Maravilha, apesar de crivado de críticas, tem tido curso relativamente tranquilo se comparado ao caso do Cais Estelita, em Recife, capital de Pernambuco. Apesar do discurso do governador do Estado no período 2007 a 2014, Eduardo Campos (falecido em 13 de agosto de 2014) de que “Não se governa uma nação sem ouvir as pessoas. A boa política é feita sempre com muito diálogo, e transparência em todos os sentidos” (CARTA CAPITAL, 2014a, s.p.), um dos maiores escândalos envolvendo o projeto de modernização do cais ocorria quase simultaneamente à sua declaração. A Polícia Militar do Estado decidiu cumprir a ordem de reintegração de posse do Cais José Estelita, então ocupado por cerca de 60 ativistas, sem aguardar o fim das negociações para desocupação pacífica do local. A fórmula usada naquele 23 de maio de 2014 – não por acaso, dia do jogo entre Brasil e México pela Copa do Mundo - não difere das práticas que vem sendo amplamente usadas Brasil afora: com o Batalhão de Choque à frente, as pessoas são cercadas, pegas de surpresa, sem a menor condição de reação ou fuga; advogados são proibidos de entrar em contato com os ativistas; cinegrafistas e fotógrafos são intimidados, constrangidos e, muitas vezes, agredidos fisicamente. O diálogo é substituído pelo ‘tiro, porrada e bomba’ e, além disso, o jogo do Brasil divide a atenção da mídia.

¹⁰ FORTUNA, Vânia Oliveira. Apresentação oral durante o GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2015. Rio de Janeiro, RJ, 4 a 7/9/2015.

FIGURA 40: Ocupação cultural do cais Estelita.

Fonte: Carta Capital, 2014a, s.p.

As propostas e os esquemas de desenvolvimento dos planejadores urbanos para transformar as paisagens urbanas tipicamente servem aos interesses das elites políticas e endinheiradas simbólica e financeiramente - de fato, a cidade é comumente idealizada como um lugar para produção de riqueza. Partes da cidade, longamente ignoradas e negligenciadas, frequentemente se tornam alvos atrativos para esses projetos; suas terras baratas/desvalorizadas (LOW e LAWRENCE-ZÚÑIGA, 2010, p.20)

O imbróglio teve início em 2008, quando a União decidiu leiloar o terreno do Cais José Estelita¹¹. Com uma área 101 mil metros quadrados, o terreno contava com pátio ferroviário e armazéns abandonados. Localiza-se numa região muito movimentada da cidade, entre a praia de Boa Viagem e o Recife antigo. Diante da possibilidade de grande rentabilidade, criou-se o consórcio Novo Recife para o desenvolvimento do projeto de requalificação. As construtoras Moura Dubeux, Queiroz Galvão, Ara Empreendimentos e GL Empreendimentos se uniram para comprar parte da área, onde pretendem construir 12 torres de até 40 andares cada. “O plano causou indignação em professores, arquitetos, movimentos sociais e moradores da região. Mobilizados, eles começaram a acompanhar reuniões do Conselho de Desenvolvimento Urbano – CDU - da Prefeitura, que avaliou a proposta imobiliária do Novo Recife.” (CARTA CAPITAL, 2014a, s.p.) Assim nascia o grupo Direitos Urbanos, que congrega a maioria dos integrantes do movimento Ocupe Estelita – inspirados pelo *Occupy Wall Street*, os ativistas decidiram ocupar o Cais quando o consórcio pretendia iniciar a demolição de um dos galpões.

¹¹ José Estelita nasceu em Recife, em 1890, e faleceu em 1951. Era Engenheiro Civil e ocupou diversos cargos na administração pública, tendo sido administrador do porto do Recife durante a 2ª Guerra Mundial. (<http://www.urbanismobr.org/bd/autores.php?id=486>)

O projeto Novo Recife, por ser de frente para o rio [Bacia do Pina]; corredor natural de ventilação da cidade; área de patrimônio histórico; ligada a várias comunidades e bairros que sofrem pelo abandono dessa área, agrediu as pessoas, agrediu o senso estético das pessoas, e o que as pessoas pensam do que é sustentável. [...] É um projeto que destrói uma paisagem muito bonita, uma das mais bonitas de quem vem de Boa viagem. Não queremos esse desenvolvimento porque isso não é desenvolvimento. Isso é retrocesso, é um modelo de urbanismo da década de 70, da década de 80 que está superado. (CARTA CAPITAL, 2014a, s.p.)

O movimento não só ocupou o local, como abriu as portas para que se denunciasses uma série de irregularidades com relação ao projeto. Várias ações judiciais, tanto de iniciativa popular quanto do Ministério Público Federal, estão em curso. Uma série de processos, limitares e anulações continuam impedindo o avanço das obras até os dias de hoje. As reivindicações cresceram, e já há uma pressão para que a região seja tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

FIGURA 41: Movimento pede o tombamento do Cais Estelita.



Fonte: Diário de Pernambuco, 2016, s.p.

FIGURA 42: Logomarca do consórcio Novo Recife.



Fonte: Novo Recife, 2014, s.p.

Diante dos movimentos contrários, o consórcio (cuja logomarca encontra-se acima) anunciou, ainda em 2014, uma remodelação do projeto. Em termos bem amplos, a nova versão tenta passar a ideia de que, após diálogos – sem especificar com quem – e negociações – de que tipo? – um novo projeto estava sendo apresentado, e ele garantiria melhoria na mobilidade, preservação da história do Cais, bem como “cultura, lazer e convivência” (NOVO RECIFE, 2014, s.p.). Construções livres de muros e mais de 60% da área destinada a uso público são promessas adicionais. No discurso, estão presentes os mesmos conceitos e justificativas de todas as propostas urbanísticas modernas, porém apresentados com mais sutileza, como resultado de algum tipo de entendimento com quem se achou no direito de atravessar o canteiro de obras. Repetindo as palavras de Fortuna (2015): novas estratégias de enunciação para legitimar um mesmo projeto de cidade.

Um projeto sem muros e aberto para toda população: Quando o Novo Recife diz que é um projeto que irá conectar o público ao privado e pensar a Capital pernambucana de um jeito diferente, isso vai muito além da força de expressão. Na elaboração urbanística, o Consórcio contemplou o conceito de uso misto, trazendo no térreo dos prédios um total de 10.600 m² de área destinada para uso ativo de comércio e serviços. Ou seja, nenhum edifício terá muros nem grades e será conectado com os outros 60 mil m² destinados à área pública. (NOVO RECIFE, 2016, s.p.)

FIGURA 43: Ilustração do projeto para o Cais Estelita.



Fonte: Novo Recife, 2016, s.p.

Esses e muitos outros exemplos ecoam na pergunta de Arantes (2009): quem faz a cidade? Para ela, a resposta é clara: as grandes empresas, com a intermediação dos estados. Harvey (2013b, p. 575) fala de “uma hierarquia de meios – mercado, institucional e Estado – para a produção, modificação e transformação das configurações espaciais do ambiente construído.” Para atrair pessoas e capitais, os lugares se esforçam para forjar uma imagem distintiva e uma atmosfera específica. Como argumenta Harvey (2008), essa competição entre os lugares deveria fomentar a

produção de espaços diferentes, com características bem específicas e difíceis de imitar. Enfim, lugares únicos. Ao contrário, no entanto, as cidades adotam padrões ou moldes já experimentados, produzindo ambiências idênticas em diferentes localidades. Em virtude disso, assistimos à emergência de paisagens pasteurizadas, a partir das quais é difícil saber se estamos em Nova York ou Londres, por exemplo. Várias cidades ocidentais têm um bairro chinês; muitas outras criam sua *Little Italy* personalizada; Xangai tem sua própria Disneylândia. Para Arantes, isso não é nenhuma surpresa, pois o redesenho das áreas centrais “não por acaso se encontraram nas mãos das mesmas instituições financeiras, das mesmas megaincorporadoras, dos mesmos escritórios do *starsystem*, que por seu turno preparam o terreno por encomenda das matrizes multinacionais de sempre.” (ARANTES, 2009, s.p.)

A valorização de regiões urbanas degradadas, a inovação cultural e a melhoria do ambiente urbano (incluindo a mudança para estilos pós-modernistas de arquitetura e design urbano), atrações para consumo (estádios esportivos, centros de convenção, shopping centers, marinas, praças de alimentação exóticas) e entretenimento (a organização de espetáculos urbanos de base temporária ou permanente) se tornaram facetas proeminentes das estratégias de regeneração urbana. (HARVEY, 2005, p. 176)

Em seu estudo, Herstein e Berger (2013) citam alguns casos que ilustram bem esse movimento. Copenhague gastou cerca de US\$100 milhões para deixar de ser apenas mais uma capital da Europa e se tornar uma das capitais líderes entre elas. Quase todas as cidades do Reino Unido foram remodeladas, e 70% da Alemanha trabalhou ou trabalha com conceitos de *city branding*. Eles finalizam a lista afirmando que cidades como Bangkok, Laos, Pequim e Rio de Janeiro também criaram marcas próprias. Para eles, não importa tanto o montante de dinheiro investido; os casos de sucesso são aqueles que conseguem criar uma imagem bem definida (e não necessariamente inédita ou exótica), em contraste com cidades cujas imagens são vagas, inespecíficas. Isso as torna mais eficientes para competir por consumidores, turistas, negócios, investimentos e atenção da mídia.

Uma das marcas mais evidentes desse movimento encontra-se nos projetos de intervenção, requalificação ou modernização dos espaços urbanos ao redor do mundo, conforme exemplos já citados. Para Low, Taplin e Scheld (2005), neste século, o espaço público enfrenta a ameaça ligada ao design que exclui parte das pessoas e reduz a diversidade social e cultural. Isso é resultado de programas que visam diminuir a presença de ‘indesejáveis’ ou tornar os espaços mais atraentes economicamente. “No entanto, essas práticas podem reduzir a vitalidade e a vibração do espaço ou reorganizá-lo de tal modo que apenas um tipo de pessoa – normalmente turistas ou visitantes de classe média – sente-se bem-vindo.” (LOW, TAPLIN e SCHELD, 2005, p. 01. Tradução nossa). Em nome desses redesenhos, o número de espaços públicos abertos vem

diminuindo, enquanto mais e mais áreas são fechadas para renovação, privatizadas, cercadas ou têm suas atividades restritas. Operações de intervenção, por parte daqueles que detém o poder de viabilizá-las, frequentemente tem como consequência o apagamento de expressões ou a diminuição da diversidade, mesmo quando isto não está explicitado como objetivo (SILVA, ZIVIANI e MADEIRA, 2014). Tais espaços - rearranjados, reestruturados, mexidos para adquirir novas qualidades - atendem, sobretudo, aos atores hegemônicos da economia (SANTOS, 1997a).

Quem define as práticas materiais, as formas e os sentidos do dinheiro, do tempo ou do espaço fixa certas regras básicas do jogo social. [...] a hegemonia ideológica e política em toda sociedade depende da capacidade de controlar o contexto material da experiência pessoal e social. (HARVEY, 2008, p. 207)

Dessa maneira, podemos falar que determinada forma arquitetônica não só se destina a certos tipos de uso, como também a certos tipos de pessoas; e que a adoção desta ou daquela forma é objeto de reflexão anterior, de todo um traçado de intenções que privilegiam, a nosso ver, uma orientação capitalista e financeira quase que exclusivamente. “Comercial e publicitária, essa imagem se transforma em objeto de desejo e de planos imaginários que a comunicação explora e sustenta. Trata-se do turismo que inventou uma cidade mais imaginada do que real, mas sempre objeto explorado pela lógica produtiva do mundo capitalista” (FERRARA, 2002, apud FERRARA, 2008, p. 45) Lefebvre (2006) salienta que a cidade capitalista orienta sua constituição na direção do dinheiro e da mercadoria, já que a organização neocapitalista mostra sua força na rua, especialmente ao transformá-la numa série de vitrines que se destinam não só à venda, mas também a uma contemplação que se pretende passiva. Apesar da prevalência dos interesses capitalistas, essa ocupação do espaço público pelo capital não se dá de forma pacífica, muito menos homogênea, conforme discutido a seguir.

2.2. Capitalismo global no território das cidades

FIGURA 44: Rua General Jardim, São Paulo.

Fonte: Imgrum, s/d, s.p.

Há muitas maneiras de iniciar a discussão sobre a incidência das forças econômicas no espaço das cidades. Mas tivemos relativa facilidade para escolher a imagem anterior como mote inicial. Primeiramente, porque a mensagem simplifica, sem diminuir, parte das questões que abordamos aqui. A nosso ver, sim, a arquitetura e o urbanismo são motores dessa incidência. Em segundo lugar, porque a frase assim, pintada no asfalto, traz para a imagem outro ponto central para esta pesquisa: a presença do homem comum em contraste com a concretude do espaço; o dedo do cidadão enfiado na cobertura do bolo que não parece ter sido feito para ele, pensando nele, com a ajuda dele. A foto é da cidade de São Paulo, mas poderia ser de qualquer outra grande cidade de boa parte do mundo. O arquiteto da rua é o capital, mas não um capital qualquer, e sim aquele que podemos chamar de global ou mundial, e opera tanto em São Paulo quanto em Nova Iorque, Barcelona ou Düsseldorf, por exemplo.

A necessidade de expansão econômica tornou-se o pilar de sustentação do planejamento urbano contemporâneo. Como analisa David Harvey, o crescente interesse em atividades culturais, o que inclui a venda das cidades, e “a organização de eventos espetaculares como as Olimpíadas (sem falar no papel da arquitetura assinada do Museu Guggenheim de Bilbao) caem no escopo das formas contemporâneas de busca de renda monopolista.” (HARVEY, 2013b, p. 22 e 23) Nas palavras de Paulani (2013b, p. 2), David Harvey sempre se preocupou “com as transformações

espaciais e territoriais engendradas pela força da acumulação capitalista, bem como antevia a importância da intervenção neoliberal do Estado nesses processos.” No desenvolvimento de seus estudos, principalmente na obra ‘Os limites do capital’, ele buscou reunir, num mesmo sistema, as teorias marxistas e as transformações urbanísticas, chegando à explicitação de “um processo de globalização liderado pelas finanças” (HARVEY, 2013b, p. 14).

O capital fixo (particularmente aquele incorporado nos ambientes construídos), as finanças, o crédito, a renda, as relações de espaço e os gastos estatais, tudo isso tinha de ser reunido de maneira a se compreender melhor os processos urbanos, o setor imobiliário e os desenvolvimentos geográficos desiguais. (HARVEY, 2013b, p. 14)

Em seu livro "Por uma nova globalização", Milton Santos (2001, p. 22) afirma que "a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista." Ele discorre sobre três formas de se discutir o fenômeno: como fábula, como perversidade e como possibilidade. No primeiro caso, fala-se da aldeia global como fonte de informações instantâneas para todo o globo, ou do encurtamento das distâncias que faz com que todo o mundo esteja ao alcance da mão de qualquer pessoa. Nessa fábula, o culto ao consumo é estimulado, enquanto as diferenças sociais são exacerbadas; a importância do estado nacional é menosprezada, ao passo que se ressalta a capacidade de homogeneização que o capitalismo traria. Experimenta-se "o encolhimento econômico e geográfico da terra, de forma que a prosperidade e a depressão tendem a ser fenômenos globais." (ARENDR, 2007, p.269) Já no segundo ângulo, Santos (2001, p. 19) afirma que "para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades." Crescem o desemprego, a pobreza e a fome. Para ele, essas perversidades surgem em decorrência da adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que são, direta ou indiretamente, imputáveis ao capitalismo. Como terceira via, Santos (2001) propõe a construção de um novo mundo a partir de uma globalização mais humana. A crescente sociodiversidade e a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos seriam condições favoráveis. Além disso, a aglomeração urbana permitiria reconstruir as relações locais, abrindo possibilidades de uso das técnicas a serviço do homem.

Giddens (1991) define a globalização como a intensificação das relações sociais em escala mundial, o que faz com que as localidades estejam de tal forma interligadas que os acontecimentos são, muitas vezes, modelados por ocorrências há quilômetros de distância. Para ele, quem quer que estude as cidades hoje em dia “está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores — tais como dinheiro mundial e mercados de bens — operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão.” (p. 60). Na visão de Harvey (1994), os capitalistas estão interessados no que Marx chamou de aniquilação do espaço pelo tempo, uma vez que a redução permanente das barreiras espaciais é vital para o processo de acumulação capitalista. É

fundamental que espaço seja, cada vez menos, uma barreira para a ação comunicativa. “Notamos rapidamente que o capitalismo tem sido revolucionário em relação ao espaço e ao tempo, redefinindo-os permanentemente de acordo com suas necessidades e exigências.” (HARVEY, 1994, p. 10. Tradução nossa.)

Vastas concentrações de capital e trabalho têm se juntado em áreas metropolitanas extremamente complexas, enquanto os sistemas de transporte e comunicações, estendidos em amplas redes, permitem que as informações e as ideias, assim como os bens materiais e até mesmo a força de trabalho, se desloquem com relativa facilidade. Fábricas e campos, escolas, igrejas, centros comerciais e parques, rodovias e ferrovias se espalham por uma paisagem que tem sido indelével e irreversivelmente criada seguindo os ditames do capitalismo. (HARVEY, 1994, p. 546 e 547)

As relações sociais globalizadas fazem com que o estado-nação se transforme num caldeirão de antagonismos: o nacionalismo parece perder sentido, mas torna-se mais exacerbado em alguns locais; os eventos são cada vez mais transnacionais e cosmopolitas, mas as pressões por autonomia local e identidade cultural regional crescem. Economias globais existem há muito tempo, mas não da forma como vieram a se desenvolver nos últimos séculos. O diferente é que a economia capitalista mundial, com suas origens entre os séculos XVI e XVII, baseia-se apenas no poder econômico, sem ligação com um centro político ou, melhor dizendo, ligada a múltiplos centros. “O capitalismo foi uma influência globalizante fundamental precisamente por ser uma ordem econômica e não política; ele foi capaz de penetrar em áreas distantes do mundo onde os estados de sua origem não poderiam fazer valer totalmente sua influência política.” (WALLERSTEIN, 1974, apud GIDDENS, 1991, p. 74)

Para Bestor (2010), globalização envolve a crescente velocidade do capital econômico e cultural, a aceleração dos transportes e das telecomunicações, além da dispersão das pessoas pelo globo, que passam, muitas delas, a viver fora de sua cultura e sociedade de origem. Trata-se de um fenômeno que pode ser observado dentro de arenas transnacionais que reduzem o papel organizador, mediador ou institucional do estado-nação. Para Bavaresco (2003, p. 134), “o fenômeno da globalização põe em crise a teoria da soberania moderna, porque o estado-nação, forjado a partir da autonomia soberana, não consegue mais controlar e proteger seu território, bem como garantir junto ao povo a legitimação de suas decisões.” Segundo Santos (1988), esse processo foi longamente preparado, já que a mundialização das relações econômicas, sociais e políticas teve início com a expansão de fronteiras do século XVI. Ele ressalta que, hoje, o desenvolvimento das forças produtivas ocorre na escala do planeta. A possibilidade de mobilizar fábricas, pessoas, redes de transporte e de comercialização influencia, de maneira decisiva, as determinações políticas nacionais ou multinacionais, com variáveis muito numerosas e parâmetros operacionais que atuam em diversos níveis de agregação.

Essa discussão nos diz muito da forma como vivemos na contemporaneidade, pois todas as pessoas são, com menor ou maior intensidade, afetadas por esses movimentos. Mesmo quem vive fora dos grandes centros também é atingido por essa concepção de mundo. O acesso a determinados recursos – como educação de qualidade ou empregos melhor remunerados – depende, muitas vezes, do deslocamento dos indivíduos para uma cidade maior. Ou ele o faz, e assume todos os custos - materiais e pessoais - que isso implica, ou sofre todas as consequências de ter que organizar sua vida aliado de determinadas oportunidades. A maravilhosa gama de possibilidades se transforma num fardo, uma vez que

Dadas as condições gerais do trabalho assalariado, a liberdade do trabalhador para se mover é convertida em seu exato oposto. Em busca de emprego e de um salário para sobreviver, o trabalhador é obrigado a acompanhar o capital para onde quer que ele flua. [...] Também envolve a desordem e a destruição dos modos de vida e de sustento tradicionais mediante a acumulação primitiva. (HARVEY, 1994, p. 555 e 556)

O que agrava esse quadro, que não é novo, é que as decisões sobre como e onde investir a maior parte dos recursos planetários está nas mãos de algumas poucas mentes que, por herança ou outro motivo tão aleatório quanto, detêm o poder de mobilizá-los. Não precisamos louvar o estado-nação ou qualquer outra organização política como os melhores e mais justos gestores da coisa pública, mas havemos de concordar que o panorama se agrava, e muito, quando perdemos qualquer contato, possibilidade de pressão ou mesmo de negociação com quem arbitra sobre partes importantes das nossas condições de existência. Por outro lado, toda essa preocupação pode revelar-se infrutífera quando nos recordamos do questionamento proposto por David Harvey: “Com que frequência o Estado subvenciona projetos de desenvolvimento em nome do interesse comum, quando os autênticos beneficiários são uns poucos proprietários de terras, financistas e promotores?” (HARVEY, 2013a, p. 124. Tradução nossa.)

A aceleração da expansão do capital mundial impactou os territórios na medida em que esse neoliberalismo mundializado empoderou o mercado, fragilizou o Estado no que diz respeito ao ordenamento de seu território e promoveu variadas formas de sua privatização - o que Santos (2010) chama de confisco. "Os espaços públicos foram particularmente afetados pela sua grande visibilidade, criando novas relações entre os cidadãos e o território que habitam. As redes de serviços urbanos originalmente públicos uma vez privatizados passaram a ter o poder de consumo como critério de acesso." (SANTOS, 2010, p. 150) Low e Lawrence-Zúñiga (2010) completam esse raciocínio ao lembrar que, apesar das democracias liberais continuarem garantindo, a seus cidadãos, livre acesso e uso do espaço público, várias táticas têm sido usadas para conformar sua utilização e, mesmo, seus frequentadores. Evidentemente, esses espaços seguem disputados, o

que faz emergir manifestações e ocupações não previstas como forma de responder a essa apropriação do público pelo privado.

As autoras veem surgir, assim, o que chamam de espaços transnacionais: “transformações espaciais globais, transnacionais e translocais, produzidas pela economia do capitalismo tardio, com foco nas pessoas em movimento.” (LOW e LAWRENCE-ZÚÑIGA, 2010, p. 25. Tradução nossa.) Eles podem ser divididos em espaços globais – quando a economia global cria espaços homogêneos e desterritorializados; espaços transnacionais – baseados na mobilidade das pessoas através das fronteiras; e espaços translocais – através da mídia e das migrações, quebram-se as relações mais imediatas entre espaço, lugar e cultura, ajudando a dissolver as noções de estado-nação baseadas no território.

Espaços translocais são criados pela economia global e pelos fluxos de capital e trabalho que produzem espaços homogêneos e desterritorializados. Enquanto o capital e a política econômica há muito são reconhecidos como produtores de espaços e lugares, novas formas espaciais enfatizam a cidade global e informacional, desigualmente desenvolvida, e a flexibilidade do capital e do trabalho na produção social do espaço. (LOW e LAWRENCE-ZÚÑIGA, 2010, p. 299. Tradução nossa)

Nas palavras de Harvey (2013b, p. 24), “O único consenso parece ser de que o significado do Estado mudou dramaticamente nos últimos trinta anos e que o principal agente de pressão nessa mudança foi algo chamado ‘globalização’ (o que quer que isso possa significar)”. Para ele, está muito claro que os poderes do Estado se transformaram em estruturas radicalmente diferentes, e que, hoje, eles desempenham um papel muito importante na operação capitalista global (“se algo como Estados não existisse, os capitalistas teriam de criá-los”).

A garantia do direito da propriedade privada dos meios de produção e da força de trabalho, o cumprimento dos contratos, a proteção dos mecanismos de acumulação, a eliminação de barreiras para a mobilidade do capital e do trabalho e a estabilização do sistema monetário (via Banco Central, por exemplo) estão todos dentro do campo de ação do Estado. [...] O Estado capitalista não pode ser outra coisa que instrumento de dominação de classe, pois se organiza para sustentar a relação básica entre capital e trabalho. (HARVEY, 2005, p. 84)

É necessário observar com atenção a afirmação de Harvey (2005, p. 79) quando ele lembra que é incorreto dizer que “o Estado apenas recentemente se tornou agente central para o funcionamento da sociedade capitalista. Ele sempre esteve presente; apenas suas formas e modos de funcionamento mudaram conforme o capitalismo amadurecia.” Daí as discussões sobre a autonomia relativa do Estado: apesar de sua aura de independência e do papel que ele se arvora de defensor dos interesses da coletividade, é difícil explicar a coincidência de suas ações com os interesses das classes dominantes.

A ideia de que, na era da globalização, o Estado-Nação está encolhendo ou desaparecendo como centro de autoridade é uma tolice. De fato, desvia-se a atenção do fato de que o Estado-Nação está agora mais dedicado do que nunca a criar um adequado ambiente de negócios para os investimentos. (HARVEY, 2005, p. 29)

Conforme Sassen (2007), no entanto, o século XXI vem sendo especialmente marcado pelo enfraquecimento do Estado Nacional e pela conseqüente desestabilização das hierarquias nele centradas. O estado-nação - baseado nos elementos clássicos território, povo e soberania - perde sua centralidade na medida em que a globalização avança; ato contínuo, as dinâmicas locais assumem um caráter desnacionalizado, e passam a guardar maior correspondência com os movimentos globais. Seu conceito de globalização se relaciona com a emergência de processos e instituições explicitamente globais, por um lado, e com os processos que não pertencem à escala global, mas que, imersos nos territórios das cidades, se conectam com o global (LINK, 2008).

O resultado da desarticulação do Estado Nacional é uma reformulação das escalas e unidades espaciais. O debilitamento da autoridade formal e exclusiva do Estado Nacional coincide com a ascensão de atores supranacionais e subnacionais nos processos cívicos e políticos. Pode-se dizer que os primeiros são representados pelas empresas multinacionais (ou supranacionais) e pelo mercado financeiro global, que passam a exercer grande influência “sobre amplas esferas do domínio institucional nacional e do funcionamento cotidiano dos planos econômico e social, sem necessidade de prestar contas aos sistemas democráticos formais” (SASSEN, 2007, p. 55). Entidades como Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio - OMC - ou Fundo Monetário Internacional - FMI - figuram nesse grupo ao lado das empresas transnacionais e de suas marcas globais.

Um breve exemplo pode ilustrar a discussão sobre a presença e a influência dos atores supranacionais no interior dos Estados. Entre os meses de junho e julho de 2013, milhares de brasileiros foram às ruas do país para protestar contra diversos atores e a favor de outras tantas causas. A onda de protestos teve alguns traços de muito interesse para esta pesquisa, como as diferentes formas de apropriação do espaço urbano e a multiplicidade das vozes envolvidas. Muito especialmente, destaca-se, apesar das já tão proclamadas falta de lideranças e de bandeiras unificadas que caracterizaram os protestos, a quase unanimidade em relação a, pelo menos, um inimigo comum – supranacional, globalizante e globalizado: a *Fédération Internationale de Football Association* - FIFA. As restrições impostas pela entidade (ou, pelo menos, assim divulgadas) por ocasião da Copa das Confederações, realizada, no Brasil, naquele mesmo ano, aglutinaram a revolta de diversos setores da sociedade. Setores estes que, sim, estavam nas ruas por motivos

diferentes e, muitas vezes, antagônicos, mas que encontraram nesse ator supranacional um ponto de incômodo comum.

A série de manifestações populares realizadas nas seis cidades-sede da Copa das Confederações durante o torneio reuniram 864 mil pessoas. O número foi divulgado pela Sesge (Secretaria Extraordinária de Segurança de Grandes Eventos), que encerrou na segunda-feira o esquema de policiamento montado para a competição da Fifa. [...] Segundo a Sesge, o protesto no Rio foi o que reuniu mais pessoas: 300 mil. A manifestação de Belo Horizonte vem em segundo lugar, com 60 mil ativistas, seguida do ato de Salvador (20 mil) e Brasília (2.500). (UOL, 2013, s.p)

FIGURA 45 Protesto na Praça da Savassi.



Fonte: Carta Capital, 2014b, s.p.

A foto anterior ilustra uma situação bastante curiosa: o batalhão de choque da Polícia Militar de Minas Gerais delimitando o espaço que os manifestantes poderiam ocupar, seguindo o que se propagandeou como sendo parte do protocolo de segurança da FIFA durante a Copa do Mundo de 2014. Afinal, como ocorre no mundo todo em época de Copa, afirma-se que é a FIFA quem define onde e quando pode haver protestos, entre uma série de outras coisas, das mais importantes às mais triviais – bizarras até. As pessoas às quais, teoricamente, o estado democrático de direito deveria garantir, entre outras coisas, o direito de ir e vir e a liberdade de se reunir e se manifestar, parecem perder, temporariamente, esses ‘privilégios’. Essa suspensão de direitos é criticada por inúmeros estudiosos e especialistas ao redor do globo, mas o império do futebol, com seus patrocinadores estrelados e suas cifras elevadas, segue ‘mandando e desmandando’, ano após ano, no lugar que tenha a ventura de receber um evento organizado pela entidade.

Por outro lado, as instâncias subnacionais revelam-se nos grupos, movimentos, coletivos, interesses regionais e locais que buscam formas de permanência e expressão num ambiente nem sempre acolhedor. Essas instâncias encontram típica expressão nas cidades, que passam a ocupar “[...] lugar de protagonistas. A densidade de culturas políticas e cívicas que podem encontrar-se em uma grande cidade serve para localizar a sociedade civil global na vida cotidiana de seus habitantes.” (SASSEN, 2007, p. 239). Santos refere-se a esse fenômeno como cidade mundial. Em sua concepção,

A globalização da sociedade e da economia geram a mundialização do espaço geográfico. [...] A internacionalização da economia permitiu falar de cidades mundiais, verdadeiros nós na cadeia de relações múltiplas que dão um arcabouço à vida social do Planeta. Na verdade, porém, é o espaço inteiro que se mundializou, e já não existe um único ponto do Globo que se possa considerar como isolado. (SANTOS, 1988, p. 12)

Santos (1997a) ressalta que a especialização dos lugares é condição fundamental de sua competitividade no mundo atual. "É desse modo que os lugares se tornam competitivos. O dogma da competitividade não se impõe apenas à economia, mas, também, à geografia". (SANTOS, 1997a, p. 167) Em um de seus artigos, também de 1997, Milton Santos afirma que a globalização cria uma oposição entre “espaços adaptados às exigências das ações econômicas, políticas e culturais características da globalização e outras áreas não dotadas dessas virtualidades”, o que acaba por colocar em oposição “o que, imaginativamente, podemos chamar de espaços luminosos e espaços opacos.” (SANTOS, 1997b, s.p.) Para ele, o processo de globalização acarreta a mundialização do espaço geográfico, cujas principais características são, entre outras:

- a transformação dos territórios nacionais em espaços de economia internacional;
- a concentração e a especialização da produção;
- o fortalecimento da divisão social do trabalho;
- a questão da produtividade como critério para a escolha das localizações;
- a tensão crescente entre localidade e globalidade à proporção que avança o processo de globalização. (SANTOS, 1994)

Para Ferrara (2012, s.p.), da "aldeia à cidade cosmopolita, à metrópole ou à megalópole não há rupturas ou cisões, mas nexos e signos em metamorfose, em semiose contínua." De maneira um pouco diversa, Sassen desenvolveu, em 1984, o termo cidade global. Para ela, outros termos poderiam ser empregados, tais como cidade do mundo ou mesmo cidade mundial, supercidade, cidade informacional. Porém, esses termos, desenvolvidos por outros estudiosos, fazem referência à classe de cidade que tem existido ao longo dos últimos séculos, especialmente no Ocidente.

Para Sassen (s/d), a cidade global contemporânea pode ser caracterizada por sete aspectos ou hipóteses, conforme explicitados a seguir.

Primeiramente, a autora explicita que a globalização traz consigo a dispersão geográfica das atividades econômicas e suas respectivas articulações, o que torna as funções de gestão tão mais complexas quanto maior for o número de cidades em que uma organização mantém operações. Isso leva ao segundo ponto: a complexidade das funções centrais leva as organizações globais a terceiriza-las, contratando uma parte dessas funções junto a prestadores de serviços altamente especializados (assessoria jurídica, tecnologia de informação, telecomunicações etc.). Em terceiro lugar, Sassen salienta que tais empresas especializadas, operando em mercados cada vez mais complexos, estão sujeitas a uma economia de aglomeração. A complexidade dos serviços que precisam produzir, a incerteza dos mercados e a crescente importância da velocidade de todas as transações resulta numa combinação de condições que leva a uma dinâmica de aglomeração. O conjunto de empresas em uma variedade de campos especializados faz com que determinado tipo de entorno urbano funcione como um centro de informações. Estar numa cidade global é estar envolto por um circuito de informação extremamente intenso.

Nesse ponto, Santos (1988, p. 13) apresenta uma análise parecida ao defender que, quanto mais os lugares se mundializam, mais singulares eles se tornam, o que se deve à

especialização desenfreada dos elementos do espaço - homens, firmas, instituições, meio ambiente -, à dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos necessários a uma maior acumulação de capital, à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal.

Voltando à discussão de Sassen, em quarto lugar, quanto mais as organizações terceirizam suas funções complexas, mais livres ficam para optar por qualquer localização no mundo, pois a quantidade de trabalho que se leva a cabo nas sedes centrais é cada vez menor. Assim, o setor que traz as vantagens de produção para as cidades globais é o altamente especializado e interconectado setor de serviços. Em decorrência disso, como quinta característica, as empresas especializadas em serviços complexos precisam oferecer um atendimento global, que se traduza numa rede igualmente global de afiliados ou numa alternativa semelhante, o que fortalece as transações transfronteiriças. Levado ao limite, esse sistema pode significar o princípio da formação de sistemas urbanos transnacionais. O crescimento dos mercados globais de finanças e serviços, a necessidade de redes de serviços internacionais e o papel, cada vez menos decisivo, dos governos na regulação da atividade econômica apontam a existência de uma série de cidades

transnacionais. A trajetória econômica dessas cidades, inclusive, é desconectada, muitas vezes, de sua área de influência ou da realidade econômica nacional. Santos (1988, p. 17) também ilustra essa realidade ao discutir sua cidade mundial:

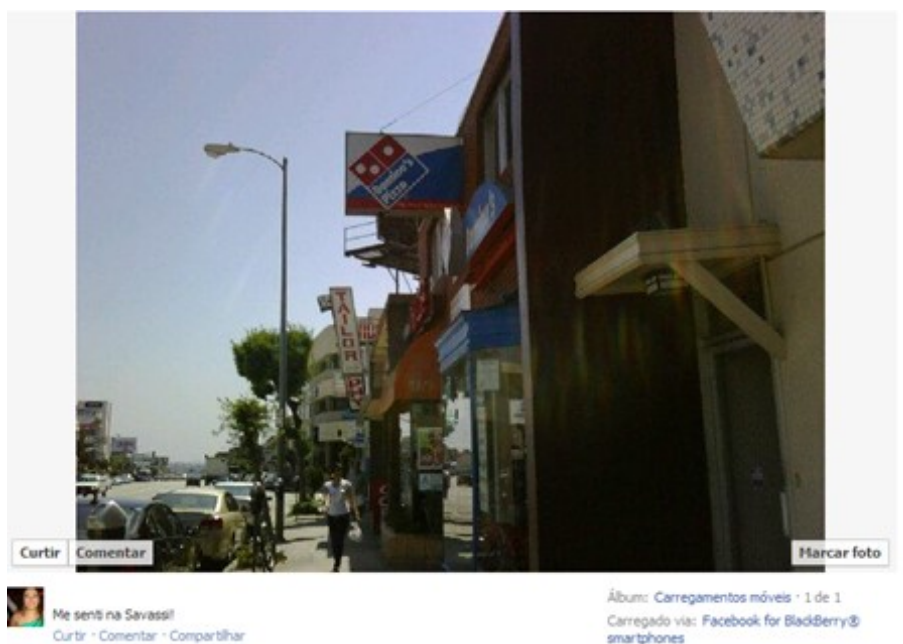
Hoje, uma cidade pode não manter intercâmbio importante com sua vizinha imediata e, no entanto, manter relações intensas com outras muito distantes, mesmo fora de seu país. Por exemplo, uma indústria mecânica localizada na cidade de Sertãozinho, que pertence à Sexta Região Administrativa do Estado de São Paulo, composta por oitenta municípios, mantém relações comerciais, tanto de compra quanto de venda, com apenas umas seis cidades locais; no entanto, ela mantém relações intensas com a capital do Estado e com outros países, já que exporta grande parte de sua produção anual de máquinas.

No entanto, para Sassen (s/d), tais cidades compõem sistemas urbanos transnacionais, motivo pelo qual não se pode falar em uma cidade global, mas apenas no conjunto delas - situação bem diferente das antigas capitais imperiais. O crescimento dessas dinâmicas em rede atinge uma grande variedade de âmbitos: político, econômico, social e até criminal.

Num exemplo interessante, pode-se citar um comentário de Facebook, no qual uma garota, em viagem por Los Angeles (EUA), publicou a foto de uma fachada da Pizzaria Domino's com a legenda "Me senti na Savassi", em referência à unidade da mesma pizzaria que existe na Av. Getúlio Vargas (ver as duas fotos a seguir). A simples visão da fachada da loja, de sua marca e sua grande placa indicativa foi suficiente para associar, na concepção da viajante, duas cidades completamente diferentes e distantes.

A sexta hipótese apresentada por Sassen diz respeito ao crescente número de profissionais de alto nível e de empresas altamente especializadas e sua relação com a agudização da desigualdade espacial e socioeconômica nessas cidades. Por um lado, profissionais de primeiro nível são muito demandados, e sua remuneração experimenta um rápido aumento. Por outro, os trabalhadores menos especializados são cada vez menos valorizados. Harvey (1994, p. 558) ressalta que as comunidades organizadas para a 'produção' de profissionais qualificados são, necessariamente, "diferentes daquelas dedicadas à reprodução de trabalhadores braçais. [...] Os processos de reprodução social então se cristalizam em uma colcha de retalhos relativamente permanente de especialização local, inter-regional e até internacional." Finalmente, em sua sétima e última proposição, Sassen afirma que as cidades globais experimentam uma alta taxa de informalidade de uma série de atividades econômicas que, apesar da grande demanda que têm na cidade, não trazem benefícios que lhes permitam competir com as grandes empresas.

FIGURA 46: Fachada da Pizzaria Domino's em Los Angeles.



Fonte: Página de Facebook, 2011.

FIGURA 47: Fachada da Pizzaria Domino's na Savassi.



Fonte: a autora, 2016.

Belo Horizonte faz parte do conjunto de cidades globais ou não? É difícil responder a esta pergunta, pois há indicações nos dois sentidos. Um estudo levado a cabo pela consultoria multinacional PricewaterhouseCoopers – PwC - indica que apenas duas cidades brasileiras estão

entre os 30 centros urbanos mais importantes do mundo: São Paulo e Rio de Janeiro. O estudo, criado pela PwC em 2007 - e agora em sua sétima edição -, classifica a cidade de São Paulo em 25º lugar, e o Rio de Janeiro em 27º lugar. As três primeiras colocadas dessa edição, divulgada em 2016, são Londres, Cingapura e Toronto. Ainda participam do estudo Amsterdã, Pequim, Berlim, Bogotá, Chicago, Dubai, Hong Kong, Jakarta, Johannesburg, Kuala Lumpur, Lagos, Los Angeles, Madri, Cidade do México, Milão, Moscou, Bombaim, Nova Iorque, Paris, São Francisco, Seul, Xangai, Estocolmo, Sidney e Tóquio. (PRICEWATERHOUSECOOPERS, 2016)

Além disso, em termos demográficos, a capital mineira é hoje, apenas a sexta maior do país, com população menor do que São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e Fortaleza. Em termos econômicos, o Produto Interno Bruto – PIB - *per capita* de Belo Horizonte é apenas o 51º maior do Estado de Minas Gerais e o 541º do Brasil, e os 25,6% de domicílios com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa colocam a cidade entre as últimas colocações do Brasil (posição 5051 de 5570 municípios). (IBGE, 2017)

A cidade de São Paulo, por exemplo, é a primeira colocada em número de habitantes e a décima colocada em densidade populacional. Seu PIB *per capita* ocupa a posição 184 do Brasil. O Rio de Janeiro é o segundo colocado em número de habitantes e o 18º colocado em densidade populacional. Seu PIB *per capita* é o número 268 do Brasil. (IBGE, 2017) Nesse sentido, então, não temos porque acreditar que Belo Horizonte seja uma cidade global.

Mas há o outro ângulo. Acreditamos que a discussão de Parreiras (2006) elucida melhor a questão. Ela afirma que Belo Horizonte já nasce “fadada a se moldar ao que a trajetória das relações capitalistas de produção define como mecanismo de reprodução do capital nas áreas periféricas do sistema” (p. 110) Nas décadas de 1910 a 1930, a cidade experimenta a intensificação das atividades industriais, principalmente na indústria têxtil, mas com crescimento menor do que no restante do mundo. A década de 1920 foi especialmente marcada pela consolidação do setor metalúrgico, que só foi possível com o esforço do Estado e o investimento do capital estrangeiro. Mesmo assim, já nessa época, o setor de serviços se sobressaía e a cidade continuava apresentando atraso em relação à economia de São Paulo e Rio de Janeiro.

Todo o processo de desenvolvimento industrial de Minas Gerais terá no Estado um papel relevante, tanto na política desenvolvimentista que, promovida pela ação estatal, agilizou-o ou criou substratos adequados, como no momento posterior a 1964, quando se aplica uma política liberal e antiestatista, mas que instaurou, contraditoriamente, o Estado empresarial. (PARREIRAS, 2006, p. 117)

A autora defende que as verdadeiras cidades globais “estabelecem uma rede de conexões materiais e basicamente virtuais de serviços e de controle administrativo da economia mundial,

ultrapassando as fronteiras estatais e impondo drasticamente a lógica do capital especulativo.” (PARREIRAS, 2006, p. 119). A ação das cidades globais do centro só se torna efetiva na medida em que elas se conectam com as cidades globais periféricas, dentre as quais podemos citar, além de São Paulo e Rio, Buenos Aires, por exemplo. A rede informacional que conecta as cidades globais funciona em dois fluxos, ou em dois círculos concêntricos, que partem das cidades globais do capitalismo central, atingem as cidades globais dos países periféricos e, desses, partem para as metrópoles regionais de cada país, categoria na qual Belo Horizonte se encaixa melhor.

Belo Horizonte cumpre efetivamente o papel para o qual foi criada no final do século XIX: um centro dinâmico e articulador da economia mineira com vistas à integração do Estado no processo de modernização da economia capitalista. A cidade se transforma numa “metrópole periférica” sem contudo superar plenamente a atração que o Rio de Janeiro, e mais nitidamente São Paulo, exercem sobre áreas econômicas (e culturais) de Minas. (PARREIRAS, 2006, p. 120)

Porém, como explicitado por Sassen, não se pode falar de uma cidade global, mas sim do circuito de cidades globais. Belo Horizonte, apesar de não se encaixar no padrão de cidade global, também sofre as consequências dessa organização planetária na medida em que o capitalismo global se realiza, também, a partir do que acontece na rua, no dia a dia da cidade, na expressão das marcas e das corporações que reverberam nas metrópoles do século XXI. Mesmo estando na periferia do sistema, ela se configura com um dos elos (subnacional) de um processo mundial único (supranacional), que penetra nos territórios e se sobrepõe, em diversos níveis, ao que compreendemos como país (nacional). Nesse sentido, podemos dizer que sim, ela é uma cidade global ainda que de segunda categoria. Milton Santos (1997b, s.p.) resume bem este ponto:

Uma classificação rigorosa levará a incluir entre as metrópoles globais apenas algumas poucas: Nova York, Los Angeles, Tóquio, Londres, Paris..., capazes de exercer um papel de comando efetivo e de regulação sobre o que se faz nas outras cidades e no resto do mundo. [...] Desse modo, pode-se considerar que as cidades globais são aquelas que dispõem dos instrumentos de comando da economia e sociedade em escala mundial, seja na condição de polo, seja na condição de relé da influência das grandes metrópoles globais. Mas o exercício da ação hegemônica sobre a face da Terra não é um dado exclusivo das metrópoles de primeira ordem: sem as outras cidades a economia global não se realizaria.

A ascensão dos atores supranacionais e subnacionais exige o desenvolvimento de modelos que ajudem a compreender a nova dinâmica social e o papel dos novos atores. As antigas escalas utilizadas para explicar (e entender) a organização mundial tornam-se inúteis diante das articulações entre o local e o global, que se traduzem no caráter multiescalar da globalização (SASSEN, 2007). Coexistem, hoje, a escala nacional, as escalas subnacionais (cidades globais) e supranacionais (mercados financeiros, empresas multinacionais, organismos e entidades internacionais). Boaventura de Souza Santos (2007) fala de ‘transescalas’, que constituem a possibilidade de articular as escalas locais, nacionais e globais. Não é possível compreender os

processos sociais a partir de antigas hierarquias, já que esses processos operam, simultaneamente, em todas as escalas. Ou ainda, conforme Harvey (2004), os Estados não são os únicos atores relevantes: conjuntos de Estados ou blocos regionais, formais (União Europeia) ou não (países do Sudeste Asiático), e entidades subnacionais (estados ou cidades) não podem ser ignorados.

O poder político, o governo territorializado e a administração se constituem numa variedade de escalas geográficas e compõem um conjunto hierarquicamente organizado de ambientes politicamente carregados no âmbito dos quais ocorrem os processos moleculares de acumulação do capital. (HARVEY, 2004, p. 82)

Não se trata de pregar o fim do Estado Nacional, mas de se reconhecer que, na atual ordem institucional, o Estado não é o único ator, e nem mesmo o mais importante. As fronteiras perdem significado na medida em que se tornam permeáveis ao dinheiro. Na fase atual da globalização, “o conteúdo do território como um todo e de cada um dos seus compartimentos muda de forma brusca e, também, rapidamente perde uma parcela maior ou menor de sua identidade, em favor de formas de regulação estranhas ao sentido local da vida.” (SANTOS, 2001, p. 104) Segundo Sassen (2007), é preciso discutir em que bases territoriais e institucionais funciona o Estado democrático. Boaventura de Sousa Santos confirma esse fenômeno ao afirmar que o Estado é, hoje, um sócio no processo de regulação política:

O novo é isto: na regulação, o Estado é um sócio. O que chamamos hoje de “governança” é a armadilha mais recente de toda a ideologia neoliberal. [...] Uma delas [armadilhas] é que o Estado não deve compartilhar a regulação, já que há institutos públicos ou organizações privadas que exercem a regulação social. (SOUZA SANTOS, 2007, p. 111)

Discute-se, em diversos campos, como se dá a adaptação dos estados nacionais e de seus territórios aos interesses das empresas transnacionais. Em grande medida, as empresas passam a atuar ‘por cima’ dos Estados, o que leva a um triunfo dos mercados sobre os países. As empresas governam mais que os governos, e o Estado se comporta como um servidor das grandes corporações. (SANTOS, 1997a). Tal erosão da soberania nacional, ao mesmo tempo em que enfraquece o Estado, torna-o mais necessário, na medida em que deve haver uma regulação nesse jogo de forças. Harvey (2004) ressalta que o Estado não é inocente, e muito menos passivo, em relação a essas dinâmicas. Suas ações podem influenciar o fluxo de capitais, ainda que de forma pouco planejada. Ele cita o exemplo da construção das estradas norte-americanas no século XIX, que tinham como objetivo facilitar as comunicações e fortalecer a administração e a proteção do território, mas que acabaram sendo um atrativo para as corporações na medida em que possibilitavam um trânsito rápido e seguro de bens e serviços.

A produção ativa de lugares dotados de qualidades especiais se torna um importante trunfo na competição espacial entre localidades, cidades, regiões e nações. Formas corporativas de governo podem florescer nesses espaços, assumindo elas mesmas papéis desenvolvimentistas na produção de climas favoráveis aos negócios e outras qualidades especiais. (HARVEY, 2008, p. 266)

Sassen (2007) defende que há uma negociação – que costuma ser chamada, também, de desnacionalização ou mesmo privatização –, comumente especializada e parcial, de vários componentes institucionais do Estado. Milton Santos (2001, p. 78) reafirma que “O Estado altera suas regras e feições num jogo combinado de influências externas e realidades internas. Percebe-se que, em muitos casos, o Estado incorpora o projeto global através da dissimulação de sua própria intervenção, seja nas transações econômicas, na legislação (de uso e ocupação do solo, por exemplo) ou no cumprimento de suas obrigações tradicionais - como a manutenção do patrimônio público e a promoção da cultura. Pode-se dizer que essas e outras funções veem-se, hoje, parcial e precariamente, assumidas pelas empresas multinacionais. “Não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, mais ágil, mais presente, a serviço da economia dominante.” (SANTOS, 2001, p. 66). Mas, para David Harvey, na maioria dos casos, “isso significou que o setor público assumiu o risco, e o setor privado ficou com os benefícios”. (HARVEY, 2005, p. 173)

Para Arendt (2007), as sociedades antes circunscritas pelos estados nacionais são substituídas pela humanidade; o planeta é o substituto do território do Estado. São as marcas da transformação da humanidade que “não passava de noção abstrata ou princípio orientador para uso exclusivo de humanistas, em entidade realmente existente, cujos membros, nos pontos mais distantes do globo, levam menos tempo para encontrar-se que os membros de uma nação há uma geração atrás” (ARENDR, 2007, p.269) Estar numa grande cidade, hoje, significa estar antes no mundo como um todo do que na cidade especificamente, uma vez que o território que eu ocupo, o pedaço de chão que eu piso é o ponto a partir do qual a experiência do global se apresenta a mim. “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares.” (SANTOS, 1994, p. 13) Ao olhar para a cidade contemporânea, podemos encontrar as principais evidências desse movimento.

De acordo com Nogué Font e San Eugenio (2009), a paisagem tem e sempre teve um papel importante para a formação e consolidação das identidades territoriais. Se, por um lado, a tensão dialética entre o local e o global “gerada pelo que habitualmente entendemos por globalização está afetando muitíssimo os lugares, também, em boa medida, seguimos agindo como uma cultura territorializada e, nela, a paisagem exerce um papel social e cultural destacado.” (p. 44. Tradução nossa.) Conforme Santos (1988), a importância do território na realização da história pode ser

comprovada pelo crescente interesse em torno do tema. Para muito além dos geógrafos, os urbanistas, planejadores, sociólogos e historiadores, dentre tantos outros pesquisadores, têm voltado seu olhar para o território.

Sassen (2007, p. 29) ressalta que “[...] o estudo do global não se limita àqueles fenômenos que se dão, de maneira explícita, em escala global. Também é necessária uma análise das práticas e das condições locais que se articulam com a dinâmica global”. Os processos globais estão, ao menos parcialmente, integrados aos territórios nacionais. A dualidade nacional *versus* local, tão utilizada em análises sobre a economia global, sugere dois espaços mutuamente excludentes, como se um terminasse onde começa o outro. Uma das características da cidade global é a evidência de que o global se materializa em lugares específicos dos territórios nacionais (SASSEN, s/d). Ou, como discutido por Lage (2008, p. 20), o poder público local facilita e apoia os investimentos de mercado, especialmente os do setor imobiliário, bem como permite que a iniciativa privada assuma a operacionalização de atividades de interesse público “sempre com intuito de recuperar a base econômica das cidades e, se tudo ocorrer bem, inseri-las no circuito do capital global.”

Na perspectiva de Appadurai (2010, p. 337. Tradução nossa.), “o moderno estado nacional como uma organização territorial, étnica e de aparato governamental, compacta e isomórfica, está numa séria crise.” Dessa crise emerge o que ele chama de formações sociais não-nacionais ou pós-nacionais, sob a égide da produção globalizada das localidades. Tal produção pressupõe que as localidades são mundos vivos constituídos por associações relativamente estáveis, histórias partilhadas e espaços de uso coletivo. Contemporaneamente, as localidades são atravessadas por fluxos culturais, econômicos e políticos não necessariamente ligados ao estado-nação onde elas se encontram fisicamente. Assim, o espaço global pode ser concebido como um fluxo de bens, pessoas e serviços através de fronteiras nacionais e grandes regiões, o que resulta na produção de um espaço sem relação com o território. É necessário ressaltar, porém, que esse “mundo sem fronteiras” não deve ser confundido com um mundo de igualdade: ao se tornar mais móvel e sem lugar em alguma medida, o capitalismo “se tornou mais territorial em outros lugares como resultado de um desenvolvimento desigual. Os fluxos globais ignoram alguns residentes pobres e sem acesso ao capital, enganando-os em comunidades desintegradas, enquanto englobam outras pessoas.” (APPADURAI, 2010, p. 26. Tradução nossa)

As cidades globais são o cenário onde múltiplos processos globalizadores adotam formas concretas e locais. Essas formas locais são, em boa parte, a essência da globalização. Tomando o planeta como um todo, a população urbana não passava de 1,7% da população total no século XIX. Em 1950, o percentual ainda era de 21 %, e só chegaria a 25% em 1960. Na década de 1970, 37,4% da população mundial vivia nas cidades e, em 1980, já eram cerca de 41,5%. (SANTOS,

1988) Em 2007, o instituto francês *Population et Sociétés* informava que mais de 50% da população mundial já vivia nas cidades (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007). As cidades passam a ter prevalência sobre o modo de vida contemporâneo, o que reforça a necessidade de seu estudo. As grandes cidades de hoje em dia se converteram em local estratégico para toda uma nova classe de operações políticas, econômicas, culturais e subjetivas. São um dos núcleos onde o surgimento de novas reivindicações - por parte tanto dos poderosos como dos desfavorecidos - se materializam e adotam formas concretas. Desde o final do séc. XIX, “As cidades se tornaram, então, o foco das atenções reformistas que procuravam implantar em seus espaços um novo padrão civilizatório. Com isso, o declínio dos centros de produção agrária foi o fator decisivo da hipertrofia urbana.” (RODRIGUES, Marilita, 2006, p. 34)

E, nesse contexto, o espaço urbano merece ser lembrado não somente como uma configuração para práticas transnacionais, mas como uma força constitutiva do próprio transnacionalismo. A translocalidade é diferente de um fenômeno internacional ou multinacional, pois se refere ao surgimento de novas relações econômicas, sociais e culturais entre organizações, comunidades, territórios e lugares (KRÄITE, WILDNER, LANZ, 2012, p. 1). Os autores ressaltam a pouca atenção dada à constituição material do espaço, e a necessidade de se relacionar o espaço urbano com as práticas transnacionais. A nosso ver, o que faz uma cidade se configurar como transnacional ou global é exatamente a pasteurização de suas fachadas, de suas ruas, de sua arquitetura, de sua organização espacial, sem que nada disso guarde relações mais fortes com a história do lugar ou com os usos tradicionais. Esse descompasso é promovido pelo capital global, que se instala, através de suas corporações, suas marcas e seus patrocínios – de eventos pontuais a construções permanentes, nos locais mais significativos dos centros urbanos, como as praças. Ela ainda é um dos lugares mais importantes e significativos da cidade, o lugar para onde convergem as manifestações e lutas da população. Segundo Ferrara (2003, p.45), “a praça é [...] uma síntese da percepção urbana da população, que, sorrateiramente, rouba, na cidade, seus espaços para, também, viver.”

Nesse sentido, devemos retomar a discussão sobre a remodelagem da cena contemporânea por influência do capital. Nas palavras de Low e Lawrence-Zúñiga (2010), as propostas e os esquemas de desenvolvimento dos planejadores urbanos para transformar as paisagens urbanas servem, simbólica e financeiramente, aos interesses das elites políticas e endinheiradas - de fato, a cidade é comumente idealizada como um lugar para produção de riqueza. Para Vainer (2015¹²), vivemos em cidades neoliberais, que se autorregulam e não precisam de intervenção; cidades que competem umas com as outras pelas pessoas e pelo capital num mercado global; e cidades-

¹² VAINER, Carlos. Apresentação oral...

empresas, para funcionar melhor, com planejamento flexível. Exemplos como o Porto Maravilha (Rio de Janeiro) e o Cais Estelita (Recife), já citados, entre outros, mostram como partes da cidade, longamente ignoradas e negligenciadas, frequentemente se tornam alvos atrativos para esses os projetos de intervenção. Suas terras desvalorizadas as transformam, magicamente, em grandes oportunidades imobiliárias totalmente negligentes em relação aos valores da vida urbana nas áreas periferias da cidade. (LOW; LAWRENCE-ZÚÑIGA, 2010) De tudo isso resulta a privatização do espaço público. “Estamos acabando com a festa para dar lugar ao espetáculo. A cidade nasceu como o lugar de encontro entre os diferentes. Ao buscar evitar o conflito, estamos matando a cidade”. (VAINER, 2015)¹³. Acreditamos que a Praça da Savassi é um excelente exemplo.

¹³ Idem

3. PRAÇA DA SAVASSI: MATERIALIDADES E REPRESENTAÇÕES

Um passo importante para as discussões que pretendemos empreender refere-se ao conhecimento da Praça da Savassi, os marcos mais significativos da sua história e sua relação com a cidade de Belo Horizonte, com os bairros e com outras praças da capital de Minas Gerais. Neste capítulo, fizemos uma tentativa de aproximação através do que chamamos de Materialidade e Representações. Evidentemente, não se trata de colocar em contraponto – materialidade *versus* representações -, o que seria inteiramente contrário à conexão entre morfologia, uso e significação dos espaços que queremos examinar. Trata-se, antes, de esmiuçar a materialidade do espaço como uma das condições de sua apropriação, da produção de enunciados sobre ele e, mais adiante, dos usos que lhe são conferidos.

Colocamos em relação, aqui, os registros de documentos oficiais, o trabalho de alguns pesquisadores e os relatos de pessoas e entidades interessadas na Praça da Savassi. O conteúdo de algumas reportagens, bem como matérias especiais e cadernos temáticos sobre a Savassi também foram utilizados.

Considerando a cidade contemporânea como espaço privilegiado da comunicação, entendemos que partes específicas do seu território se relacionam com os processos comunicativos de formas diferentes. Se voltarmos à discussão de Mead (1968), por exemplo, teremos que a interação simbolicamente mediada é, em certa medida, permeada pela situação em que o sujeito se encontra - e pelo outro generalizado. Disso resulta sua alteridade, seu estar no mundo de uma maneira específica e peculiar que só aqueles tempos, aquelas situações e aqueles homens, em conjunto e em relação, podem experimentar.

Nosso olhar se volta, então, para o espaço público, mas numa concepção urbanística do termo. Conforme Santos (2010, p. 154), nos estudos desenvolvidos por urbanistas, “o espaço público equivale ao logradouro público, visto como local de domínio público, patrimônio da coletividade e, portanto, com irrestrito acesso à população.” Compreende, dessa maneira, as ruas, as praças, as praias e os parques como áreas de acesso coletivo, destinadas aos fins de locomoção, permanência ou lazer, cuja responsabilidade de conservação, manutenção e prestação de serviços mínimos recai sobre o poder público. Nesse espaço, recuperando Richardson (2010), é possível verificar as ações, as estratégias e as táticas empreendidas pelos homens, em sua simbiose com o lugar, para “ser no mundo”. Para ele, entretanto, a América espanhola é

muito abstrata para um homem de carne e osso ser. Então, para examinar o ‘ser no mundo’ na América Espanhola, eu tive que olhar para espaços concretos onde os hispanoamericanos se encontram em processo de ser. Dois espaços ideais para este propósito são o mercado e a praça. (p. 74. Tradução nossa.).

Seguindo sua abordagem de pesquisa, optamos por usar a fórmula que funcionou com nossos vizinhos e nos debruçamos sobre as praças.

A praça era entendida, na Idade Média, como um retrato de sua vida íntima, ou o micromodelo social. (FERRARA, 2003) Dentre os *loci* urbanos em que a comunicação pode se desenrolar, acreditamos que a praça tem uma potência especial. Em primeiro lugar porque uma praça é conceituada a partir de sua forma e de sua função, e ambas possuem uma ligação latente com as possibilidades de interação comunicativa. Conforme Barbini e Ramalhete (2012), as origens dos aspectos morfológicos e conceituais das praças contemporâneas encontram-se na antiguidade clássica, especialmente na ágora grega e no fórum romano. Eles eram espaços dedicados a múltiplos usos - rituais, comércio, administração do poder – e localizados, de preferência, no centro da urbe. Do ponto de vista morfológico, a principal herança vem da ágora; o espírito de vivência do espaço urbano e a relação entre cidadão e praça foram herdados do fórum romano. De Angelis e De Angelis Neto (1999, p. 942) ratificam:

Do símbolo de liberdade (a ágora ateniense era o lugar onde não só era possível fazer reuniões, mas também cada um podia dar sua própria opinião) ao símbolo do poder (o fórum romano era local de comércio e de política popular), fórum e ágora traduzem a necessidade passada - perpetuada até hoje - de se ter um espaço no qual fosse possível reunir-se, comercializar, debater ideias, assistir a jogos e representações, ou simplesmente, ocupar a ociosidade do tempo.

Barbini e Ramalhete, 2012 definem praça como um espaço central, de convergência dentro de um território urbano, de uso público e de significativa qualidade arquitetônica e urbanística. Ou seja, para ser uma praça, um local deve ser um ponto de confluência e de livre acesso. Já para Colchete Filho (2008), em seu estudo sobre a Praça XV, no Rio de Janeiro, uma praça reúne elementos formais e históricos. Formais por se tratar de um espaço diferenciado, livre de construções e, por isso mesmo, destacado do denso conjunto de edificações de uma cidade. Históricos porque “ao possuir características que permitem a concentração de pessoas, atrai atividades importantes para seu próprio espaço e para o entorno, atuando como cenário importante dos fatos sociais.” (COLCHETE FILHO, 2008, p. 32)

O léxico do Novo Urbanismo, segundo Douglas Farr (2013, p. 170), define praça como “espaço público, raramente maior do que uma quadra, na interseção de ruas importantes. [...] sua paisagem urbana consiste em passeios pavimentados, gramados, ruas e prédios cívicos, todos formalmente distribuídos e exigindo manutenção considerável.” Na mesma linha, Carneiro e Mesquita (2000)

ressaltam que praças são espaços livres e públicos, voltados para o de convívio social, para a organização da circulação e para amenização pública. Sua área normalmente equivale à do quarteirão, e o espaço geralmente contém expressiva cobertura vegetal, canteiros e bancos. Robba e Macedo (2002, p. 17) confirmam o conceito das praças como “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos” Para estes últimos, “mesmo havendo divergências entre os autores, todos concordam em conceituá-la como um espaço público e urbano, celebrada como um espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos.” (ROBBA e MACEDO, 2002, p. 18).

Já conforme Lamas (2000, p. 100) “A praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços - que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados - pela organização espacial e intencionalidade de desenho.” O autor destaca a intencionalidade do desenho e de um programa, o que distingue a praça da rua, por exemplo: para ele, a praça reúne a ênfase do desenho urbano como um espaço coletivo de significação importante. Enquanto a rua é o lugar da circulação, a praça deve ser o “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas” (LAMAS, 2000, p. 102)

Espaço amplo, urbano e público, dotado de mobiliário e paisagismo próprios, cujas finalidades estão relacionadas à amenização do ambiente urbano, à convivência e ao lazer: temos aqui um apanhado interessante das definições de praça. Essas considerações são de fundamental importância para que possamos reconhecê-las na paisagem das cidades. Ao mesmo tempo, eliminam muitos dos lugares que hoje são chamados de praça em cidades como Belo Horizonte e outras pelo mundo. Muitas delas já tiveram essas características no passado, mas elas não foram mantidas. Como já dissemos, a Praça da Savassi é um exemplo.

Para além da morfologia e das intencionalidades nelas contidas – que, por si só, já seriam suficientes para justificar a escolha de uma praça como objeto desta tese -, entendemos que as praças são lugares privilegiados da comunicação no espaço urbano, também, em virtude do papel que elas vêm ocupando ao longo da história. São vários os exemplos de acontecimentos que têm a praça como protagonista ou, no mínimo, cenário de destaque. De acordo com Derntl (2012, p. 1), a “Place des Vosges, de 1605, e a Covent Garden, de 1630, são as experiências urbanas consideradas mais significativas do período inicial das transformações de Paris e Londres em capitais modernas.” Ambas possuem traçado geométrico e muitas semelhanças físicas, além de evidências do envolvimento direto dos monarcas - Henrique IV, da França e Carlos I, da Inglaterra – na definição de seus desenhos, que estariam ligados a seus projetos de poder. A intenção por

trás das construções é bastante clara, e demonstra como a ocupação do espaço não se dá forma desinteressada. Os monarcas entendiam que era importante ocupar a cidade, especialmente seus espaços centrais, com construções que pudessem ser símbolos da grandeza de seu poder e de seu reinado. Em ambas, podemos observar o desenho amplo e o cuidado com a vegetação.

FIGURA 48: Vista aérea da Place des Vosges, em Paris.



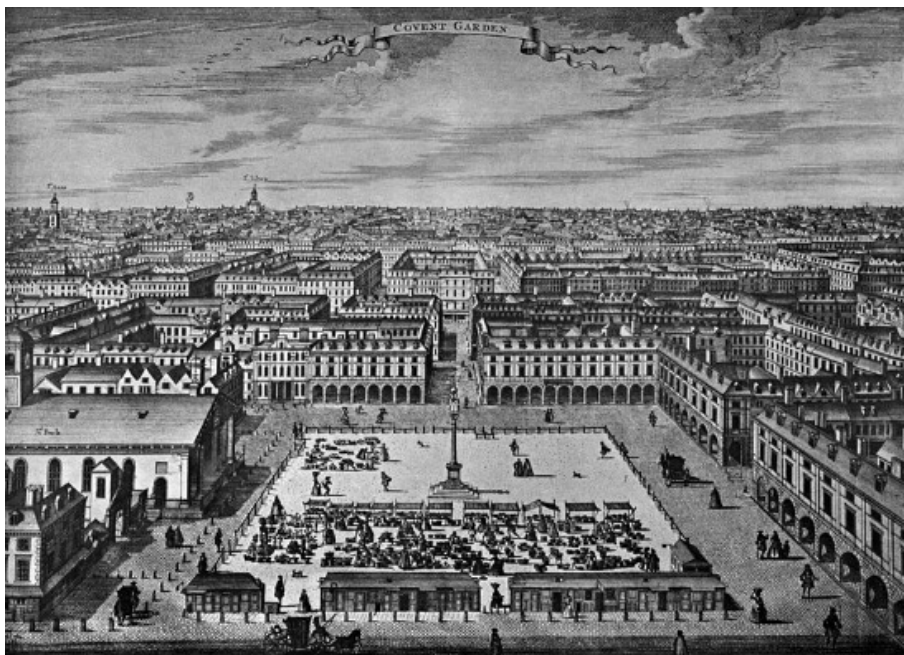
Fonte: Mello, 2012, s.p.

FIGURA 49: Detalhe da Place des Vosges, em Paris.



Fonte: Mello, 2012, s.p.

FIGURA 50: Ilustração da Covent Garden, em Londres, por volta de 1720.



Fonte: London Perfect, 2013, s.p.

FIGURA 51: Detalhe da Covent Garden, em Londres.



Fonte: Youropi, s/d, s.p.

A Praça da Concórdia, em Paris, também é bastante emblemática: planejada desde 1748 para receber uma estátua do Rei Luís XV em comemoração pelo restabelecimento de sua saúde, a conclusão das obras, após inúmeras negociações, só deu em 1772. Já em 1792, a esplanada é rebatizada de Praça da Revolução pelos rebeldes franceses e é nela que se decide instalar a guilhotina, um dos símbolos da Revolução Francesa. Ao longo do tempo, a Praça ainda se chamaria Luís XVI antes de retomar seu nome original. As disputas pelo nome da Praça, sobre

quais monumentos colocar no seu centro – um busto? uma estátua equestre? uma guilhotina? – e até mesmo os concursos para eleger quem seria o felizardo que assinaria o projeto, como ocorrido em várias outras praças, mostram, mais uma vez, a importância das praças para a cidade, para os cidadãos e para os que detêm o poder.

FIGURA 52: Praça da Concórdia, em Paris.



Fonte: Paris França, 2016, s.p.

Para Santos (2010), o espaço público é de todos, e a praça funciona como a vitrine do poder público que a todos representa. “A presença de praças vivas, com boas relações com as respectivas margens, é entendida como um dos indicadores positivos de solo urbano qualificado.” (p. 151) Nos exemplos anteriores, a praça pode ser vista, também, como um discurso – ou narrativa, como disse Rodman (2010). As disputas em torno delas deixam claras as preocupações com o significado que elas trazem para seus contemporâneos e mesmo para o narrar da história. Segundo Carlos Vainer (2015)¹⁴, cidades projetam utopias porque as cidades são a realização mais plena da condição humana. Desde então, e muito especialmente na contemporaneidade, a cidade é cenário, é palco e é, também, objeto dos conflitos que nela se desenrolam. Em muitos momentos, percebemos que estar na rua é um ato de ativismo pelo direito a ela.

Na América Latina, como já discutido, entre outros, por Setha Low (2000), as praças representam muito para a produção de sentidos sobre a cidade. Podemos entendê-las como espaços contestados ou disputados, na perspectiva adotada por Low e Lawrence-Zúñiga (2010, p.25): aqueles lugares “onde conflitos em forma de oposição, confronto, subversão e/ou resistência

¹⁴ Idem.

engajam atores cujas posições sociais são definidas pelo diferente controle dos recursos e acesso ao poder.” (Tradução nossa). Muitos desses embates, como já mencionado por Vainer (2015)¹⁵, se dão em função do espaço em si, de seu uso, acesso, disponibilidade ou não; concentram-se, primariamente, nos significados investidos nos locais, ou derivam de suas interpretações. Mas, mesmos estes, revelam conflitos sociais mais amplos sobre temas dominantes e que, muitas vezes, não encontram expressão nas esferas institucionais. “Espaços são contestados precisamente porque eles concretizam a fundamental e recorrente, mas, por outro lado, não examinada e tampouco discutida, moldura ideológica e social que estrutura a prática.” (LOW; LAWRENCE-ZÚÑIGA, 2010, p.245. Tradução nossa.) Sob essa ótica, as praças se apresentam noutra categoria proposta pelas mesmas autoras: a de espaços táticos. Por sua centralidade – tanto física quanto simbólica – a praça é usada como tática de poder e controle social. A presumida neutralidade do espaço mascara seu papel de manter o sistema social, inculcando determinadas ideologias e dirigindo as narrativas. É o que Lefebvre (2006) explica ao dizer que o espaço, enquanto produto social, mascara as condições de sua produção. Para Low e Lawrence-Zúñiga (2010), o colonialismo subjaz a praça latino-americana tradicional.

Para esta tese, os conceitos que giram em torno do que seja uma praça e do que ela possa representar são de fundamental importância. Entendemos, desde já, que a praça deve ser analisada em termos de morfologia, intencionalidade e função. Considerando que a) a morfologia das praças contemporâneas apresenta os mais variados traçados; b) a intencionalidade contida nas construções nem sempre se traduz nos usos e apropriações das pessoas em relação a ele; c) as praças nem sempre tem mantido sua função tradicional, pretendemos discutir como a praça contemporânea se relaciona com as situações comunicativas tão caras à vida urbana e ao convívio social. A Praça da Savassi pode nos ajudar a compreender essas relações.

3.1. Da Praça 13 de Maio à Praça da Savassi

É difícil precisar quando a Praça 13 de Maio, futura Praça Diogo de Vasconcelos e mais conhecida como Praça da Savassi, foi realmente construída. De acordo com o documento História de Bairros (ARREGUY e RIBEIRO, 2008, p. 18) os bairros Centro, Funcionários, a região da Savassi e a de Nossa Senhora da Boa Viagem foram as primeiras áreas ocupadas na Capital, pois ficavam dentro da zona urbana e “desde muito cedo, receberam diversos serviços urbanos, como água, iluminação e transporte.” Toda a região era conhecida apenas como Funcionários e, ao contrário do Centro, que era mais comercial, o bairro era ocupado pelas casas dos funcionários públicos.

¹⁵ Idem.

As primeiras linhas de bonde de Belo Horizonte foram instaladas em 1902, e passavam pela mesma região. O primeiro registro de construção encontrado na Praça da Savassi refere-se ao abrigo de bonde da Praça, inaugurado em 1907 e que receberia, a partir do ano seguinte, um bonde fechado que era reservado apenas para autoridades (PBH, 1997). Do referido abrigo, existe uma famosa foto, datada de 1930, que não deixa clara sua localização exata na Praça.

FIGURA 53: Abrigo de ônibus da Praça 13 de maio.



Fonte: APCBH, 1930.

Os bondes elétricos tiveram papel de destaque na história da capital, assim como no caso de muitas outras cidades brasileiras. As primeiras viagens de teste, em Belo Horizonte, ocorreram ainda em 1902, e se tornaram corriqueiras dez anos depois. (ÁVILA, 2008). Segundo Lemos (2007, p. 97), os abrigos dos bondes rapidamente se tornaram verdadeiros pontos de encontro – inclusive o da Savassi:

Como exemplo, tem-se o abrigo Pernambuco, que foi transformado no ponto de encontro dos moradores do Funcionários e se estendia pelo território da praça Diogo de Vasconcellos. O local se constituiu no lugar do piquenique, do passeio, do cinema livre, dos blocos caricatos do Carnaval, da feira livre e das barraquinhas nas festas da Paróquia de Santo Antônio.

Uma reportagem da Revista Veja (2012a) informa que o abrigo de bonde ficava no centro do cruzamento. Já pela descrição de Lemos (2007), o abrigo situava-se na Rua Pernambuco. A partir da análise de outras fotografias da região, podemos concluir que a foto acima foi tirada no sentido contrário ao da Praça da Liberdade (com o fotógrafo estando de costas para ela). E sua legenda aponta o local como sendo a Praça Diogo de Vasconcelos. Combinando todas essas análises,

podemos entender que a foto foi tirada entre a Rua Pernambuco, mais à direita, e a Avenida Cristóvão Colombo mais à esquerda. Em segundo plano, estaria a Praça 13 de Maio. Se a análise estiver correta, o fotógrafo se posicionou aproximadamente no local em que seria construída a Padaria e Confeitaria Savassi, como veremos mais adiante. Encontramos a mesma foto no blog Curral del Rey (s/d) com a explicação de que se trata de um registro da época da pavimentação da Avenida Cristóvão Colombo e que, ao fundo, estariam “os quarteirões ocupados atualmente por uma cafeteria e uma sapataria” (s.p.). Também essa localização condiz com nossas conclusões, pois a Cafeteria Três Corações estaria à esquerda, e a loja Elmo Calçados, à direita.

Apesar de haver referências à construção do abrigo de bondes em 1907, os primeiros registros de imóveis na Praça 13 de Maio são de 1912: identificados como localizados na Avenida Cristóvão Colombo, Praça 13 de Maio, pertenciam a Torquato Panicoli (APCBH, 1912). Já os imóveis da família Savassi foram registrados em 1939, e tiveram acréscimo e modificação em 1940. Com a mesma localização do anterior, eram de propriedade de Arthur Savassi, Olga Savassi e outros (APCBH, 1939; 1940)

A Praça localiza-se no cruzamento da Avenida Cristóvão Colombo, que liga a Praça da Liberdade à Avenida do Contorno, com a Avenida Getúlio Vargas. Esta segunda une dois pontos da Avenida do Contorno e foi originalmente batizada de Avenida Paraúna pela Comissão Construtora (é com esse nome que ela aparece nas plantas originais da cidade). A mudança de nome veio através do Decreto 37, de 9 de novembro de 1938 (PBH, 1938). No entanto, em virtude do desenho da cidade, as ruas que se encontram entre as avenidas também acabam fazendo parte do cruzamento. Assim, as ruas Antônio de Albuquerque e Pernambuco também fazem parte do entroncamento.

A Praça 13 de Maio fica numa área que pertencia, como já dito, ao bairro Funcionários. Vizinho da Praça da Liberdade, o nome do bairro vem da sua função primeira: servir de moradia para os funcionários públicos que viriam de Ouro Preto para a nova capital. De acordo com Costa (2008), ele foi construído para abrigar os servidores públicos e suas famílias, e suas construções seguiam padrões específicos que variavam de acordo com a importância de cada família, como também já mencionamos: “As mais simples, do tipo A, eram para porteiros e serventes, as mais sofisticadas e maiores, padrão F, eram para diretores e desembargadores.” (p.13) Os padrões respeitavam a hierarquia do funcionalismo, e as construções deveriam revelar sua situação social. A configuração estritamente residencial do bairro persistiu até a década de 1950, e a região era habitada por figuras que se destacariam na política mineira ou nacional, como a família Neves: “Até os anos 50, as residências de funcionários públicos ocupavam as redondezas. A família do ex-presidente Tancredo Neves (1910-1985) foi uma das que viveram junto à praça.” (CARVALHO, 2012, s.p.)

Tancredo Neves morou numa das esquinas da Praça depois de adquirir uma casa que pertenceu a um dos fundadores da construtora Andrade Gutierrez, Maurício Gutierrez. (PBH, s/d c)

Durante os primeiros anos da cidade, a Praça 13 de Maio não parece ter passado por grandes mudanças. Pela ausência de notícias e comentários sobre a época, acreditamos que ela tenha seguido o desenvolvimento normal da maioria dos bairros de uma cidade que nascia: as casas foram surgindo aos poucos, assim como os primeiros comércios. A construção do abrigo de bonde foi um acontecimento, assim como os eventos que ele passou a atrair. Mas as principais transformações da Praça começam, na verdade, na década de 1940, com a inauguração da Padaria e Confeitaria Savassi, na esquina entre a Rua Pernambuco e a Avenida Cristóvão Colombo. Na região já existiam estabelecimentos comerciais destinados, principalmente, ao conforto e à conveniência dos moradores do bairro, como os bares do Espanhol e do Português, o armazém Colombo, a farmácia São Félix, o Açougue Vila Rica e a Pensão Magnífica. (SAVASSI, s/d). A Padaria Savassi poderia ser, assim, apenas mais uma porta de loja naquela parte comercial de bairro. No entanto, ela se tornou muito mais do que isso: configurou-se como um espaço de sociabilidade, um atrativo à permanência e à convivência, e ganhou um significado tão forte que, ao longo do tempo, emprestou seu nome à Praça e à região.

A história da Padaria tem início com a chegada dos primeiros imigrantes da família Savassi, que desembarcaram no Brasil em 1890. Estabeleceram-se em algumas cidades do interior de Minas Gerais, especialmente Barbacena, e, quando vieram para Belo Horizonte, abriram uma padaria na Rua dos Tupinambás, quase esquina com Avenida Paraná, chamada Nova Capital (ESTADO DE MINAS, 2011). O principal expoente da família, logo na chegada a Belo Horizonte, foi Arthur Savassi, natural da Lombardia (Itália), que se tornou um bem sucedido empresário do ramo de laticínios. Investiu também na citada padaria, numa fábrica de gelo, na Cerâmica Horizontina e foi um dos fundadores da Fundação Felício Rocho (que possui um grande hospital na cidade). (FILGUEIRAS, 2011). Segundo seu sobrinho-neto, Danilo, ganhou tanto dinheiro que teria comprado toda a região do atual bairro São Lucas. Dois sobrinhos, os irmãos Hugo e João Guilherme (Juca), trabalharam com o tio na primeira padaria, que depois foi transferida para a esquina das ruas Tupis e Araguari, no Barro Preto. (PBH, s/d a) Já experientes no ramo, decidiram abrir seu próprio estabelecimento na Praça 13 de Maio. O prédio teria sido cedido pelo tio Arthur, que possuía outras edificações na região (o que confirma os registros de imóveis encontrados, que atribuíam o lote a Arthur Savassi) (FILGUEIRAS, 2011).

De acordo com Costa (2008), a história da edificação da Padaria Savassi fica clara na narrativa de Alda Savassi, filha de Hugo, hoje com 95 anos, que viveu na Savassi desde a infância. Segundo ela, desde quando era criança, ouvia o pai falar que a Praça precisava de uma boa confeitaria para

que as pessoas tivessem uma opção de lazer. A oportunidade surgiu quando o Tio-avô Arthur se ofereceu para comprar o lote onde a Padaria Savassi seria construída. No local foi construída a futura Padaria e a casa da família. Na visão dela, as pessoas diziam que iam à Savassi para tomar um sorvete, comprar alguma coisa, se referindo à Padaria. Mas isso ajudou o nome a se consolidar como apelido daquela região.

Há controvérsias sobre a data de inauguração da Padaria Savassi. O site da Prefeitura de Belo Horizonte, assim como algumas reportagens sobre a região, informa o ano de 1939. A Revista Viver Brasil (2011), fala em 1940. No site oficial da Padaria consta um selo indicando que ela existe desde 1941. Mas, na página da história do estabelecimento, a data é 1940 (imagens abaixo). A maior parte dos registros, de toda forma, dá conta de que ela teria sido inaugurada em 1940:

FIGURA 54: Website da Padaria Savassi – Página Inicial.



Fonte: Padaria Savassi, s/d, s.p.

FIGURA 55: Website da Padaria Savassi – Página História.



“A Padaria Savassi deu origem ao nome da prestigiada região do bairro Funcionários. Inaugurada em 1940, a Padaria Savassi foi fundada por uma família de imigrantes italianos de sobrenome Savassi.”

Fonte: Padaria Savassi, s/d, s.p.

Espaço já alugado e o material comprado, mas era 1939 e o principal para a inauguração da padaria dependia dos alemães. Os fornos elétricos seriam importados, e, no entanto, naquele ano a produção bélica era mais importante e o pãozinho de sal dos irmãos Hugo e Juca teve de esperar um pouco mais. Em 16 de março do ano seguinte, finalmente, seria inaugurada a Padaria e Confeitaria 13 de Maio, em homenagem à praça onde estava localizada (atual Diogo de Vasconcelos). (PBH, s/d a, s.p. Grifo nosso.)

1940 – Em 15 de março, a Padaria e Confeitaria Savassi Ltda. abre as portas na então Praça 13 de Maio, atual Praça Diogo de Vasconcelos (Savassi). (ESTADO DE MINAS, 2011, s.p. Grifo nosso.)

Os registros de imóveis corroboram a data de 1940, visto que a família só teria registrado seus imóveis em 1939 e informado sobre ampliações em 1940. Segundo Danilo Savassi, filho de Hugo, foi ele que influenciou na decisão do nome da Padaria, que iria se chamar Padaria 13 de Maio. Na última hora, no entanto, o adolescente de 16 anos teria chamado a atenção para o fato de que todos os comércios dos italianos levavam o sobrenome da família. Foi assim que o nome foi alterado para Padaria e Confeitaria Savassi. (ESTADO DE MINAS, 2011) A intenção era de que a Padaria se apropriasse do nome da Praça; mas o que ocorreu foi precisamente o contrário.

Tais espaços eram adornados com balcões de cristal, luz indireta nas vitrinas, mesas de metal cromado, mármore de Carrara e cadeiras de sucupira, que compunham o salão de chá, sorveteria, confeitaria, padaria, *bomboniere* e departamento de bebidas importadas, local que reunia a alta sociedade da época. (COSTA, 2008, p. 14)

De acordo com diversas narrativas, a Padaria tinha instalações modernas e luxuosas, e se tornou um sucesso imediato. Além dos fornos vindos da Alemanha, ainda havia a máquina de sorvete italiana, as mesas com tampo de mármore carrara, os lustres de cristal e os doces finos. Porém, parte do luxo se perdeu quando, em 19 de agosto de 1942, o estabelecimento foi saqueado e incendiado numa ofensiva a diversos estabelecimentos de propriedade de alemães, italianos e japoneses em Belo Horizonte. Era a 2ª Guerra Mundial, e as potências do eixo tinham afundado navios brasileiros. (ESTADO DE MINAS, 2011). A Padaria ficou fechada por dez meses, e foi reaberta após algumas reformas.

FIGURA 56: Mudança na fachada da Padaria Savassi (sem indicação de data).



Fonte: Centrosul online, 2013, s.p.

A Padaria foi reaberta, após reformas, em 1943 - no mesmo ano em que a Praça teve alterado seu nome oficial de 13 de Maio para Diogo de Vasconcelos -, e permaneceu no mesmo endereço até 1977. De acordo com Danilo Savassi, a região da Praça passou por um processo de transição quando os estabelecimentos comerciais começaram a ocupar as antigas residências. Com isso, a clientela diminuiu: “Chegou-se a um ponto que não havia mais residência na vizinhança. Para quem iríamos vender pão, leite, café, açúcar?” (PBH, s/d a, s.p.) Também não havia mais lugar para estacionar os carros, devido à intensificação do trânsito. Assim, a Padaria mudou-se para a vizinha Rua Rio Grande do Norte. Em seu lugar, foi inaugurada uma loja de roupas da marca Toulon, cuja placa deixava ver o antigo letreiro da Padaria por trás. A loja seria substituída por uma lanchonete Arturo’s. Hoje, a esquina é ocupada pela loja de telefonia da Vivo, primeira a chegar na Praça, em 1995.

Em 2011, os planos eram de nova mudança da Padaria Savassi, desta vez para o bairro de Lourdes. (ESTADO DE MINAS, 2011) O motivo era exatamente o mesmo que levou a Padaria a sair da Praça Diogo de Vasconcelos: a ocupação das casas por comércios e serviços e a verticalização da Savassi: “Agora, a trajetória da empresa ganha mais um capítulo. Com o terreno vendido para construção de um prédio comercial, ela será transferida, dentro de no máximo cinco meses, para o Bairro de Lourdes, na Centro-Sul, com o foco no atacado.” (ESTADO DE MINAS, 2011, s.p.) Apesar do anúncio da mudança, não se encontram registros dessa localização. Atualmente, os motores de busca como Telelistas e GuiaMais indicam que a Padaria ainda se

encontra na Rua Rio Grande do Norte, Nº 1436, no bairro Funcionários. O site oficial da Padaria, no entanto, indica outro endereço: Rua Nogueira da Gama, 780, no bairro Alto dos Pinheiros. (PADARIA SAVASSI, s/d) Neste local, não há nenhum comércio, e, até onde foi possível apurar, por telefone¹⁶, a Padaria só funciona hoje entregando encomendas.

Em torno da Praça 13 de Maio, havia outros comércios, como já citamos. Mas a Padaria Savassi marcou a região de uma maneira diferente, na opinião de muitas pessoas, em razão de um fator: a Turma da Savassi. “O movimento da padaria foi o que deu a fama àquele local”, conta Danilo. O fato dos jovens se encontrarem em frente à padaria perpetuou a marca Savassi.” (PBH, s/d a, s.p.) Para Pacífico Mascarenhas, compositor mineiro e membro da Turma, não há dúvidas sobre a origem do apelido da Praça: o apelido poderia ter sido São Félix (por causa da farmácia), Triângulo ou Colombo (por causa dos armazéns), mas “acabou tornando-se Savassi por causa da nossa Turma, que fez da padaria o seu ponto de encontro.” (PBH, s/d b, s.p.) Apesar da maior parte dos relatos serem de ex-integrantes da Turma, o que traz um viés importante, a nosso ver a origem dessa Turma corrobora a tese de sua importância para a região por estar na confluência de dois elementos: a Padaria e o abrigo de bonde.

A Padaria Savassi foi construída ao lado do abrigo de bonde, na esquina da Avenida Cristóvão Colombo com a Rua Pernambuco. O abrigo tinha “uma espécie de arquibancada coberta e dois bancos de madeira” (ESTADO DE MINAS, 2011, s.p.) e já atraía as pessoas, que se aglomeravam ali para conversar e passar o tempo. “Com a abertura da padaria, os garotos passaram a se reunir em frente ao estabelecimento. O grupo atraiu novos integrantes, cresceu e recebeu o nome de Turma da Savassi – ícone da Belo Horizonte do século 20.” (ESTADO DE MINAS, 2011, s.p.) Na cidade ainda nova, onde não havia muitas opções de lazer, a Padaria ganhou ares de bar, e era atrativo suficiente para que os alunos de escolas como Padre Machado, Santo Antônio e Sagrado Coração de Jesus passassem o dia ali. A Savassi que se tornou famosa teria nascido, então, da sociabilidade, da possibilidade do encontro e da permanência proporcionadas por um abrigo de bonde e uma padaria.

Vários relatos dão conta da notoriedade que a Turma tinha na Belo Horizonte daquela época. O site da PBH (s/d b) afirma que ela existiu por três gerações e reunia em torno de 40 jovens¹⁷, “a maioria integrante de famílias da alta sociedade da capital” (s.p.). Mas foi entre as décadas de 1950 e 1960 que sua fama se consolidou. Os garotos da Turma eram famosos por vários motivos:

¹⁶ Após visita ao local indicado pelo site da Padaria, onde não encontramos nenhum ponto comercial, fizemos dois contatos telefônicos para tentar obter informações mais detalhadas. Em ambos, a pessoa que atendeu não soube dar detalhes sobre a origem da Padaria e ficou de solicitar um contato da proprietária, o que não ocorreu.

¹⁷ Outros relatos afirmam que mais de 60 pessoas se reuniam na Turma.

eram os galãs da cidade, e faziam serenatas para as moças na madrugada; mas também os penetras das festas, os encenqueiros que brigavam na rua, os moleques que trocavam o letreiro do Cine Pathé.

Trocar os letreiros do Cine Pathé por palavras de pornografia, entoar serenatas para as moças madrugada afora, entrar de penetra nas festas mais badaladas (das quais tomavam conhecimento através de um fornecedor de bebidas, que informava onde iam ser entregues as encomendas de maior volume), brigar com turmas rivais, furtar guloseimas da padaria sem que Danilo, um dos integrantes, soubesse, eram só algumas das marcas do grupo. (PBH, s/d b, s.p.)

O compositor Pacífico Mascarenhas é considerado um dos principais integrantes da Turma da Savassi nos anos 1950, quando se dedicava a fazer serenatas para suas namoradas e para outras moças. Nascido em 1935, começou a compor em 1950. Em seus discos estrearam muitos cantores que se tornariam famosos, como Milton Nascimento, Wagner Tiso, Roberto Menescal, Toninho Horta e outros. Gravou o primeiro LP em 1958, o qual continha músicas sobre Belo Horizonte e sobre a Savassi. (LETRAS, s/d) Uma de suas músicas faz homenagem à Turma da Savassi, resumindo algumas de suas características:

Turma da Savassi

Por Pacífico Mascarenhas, José S. Guimarães e Luiz Mario Barros

A turma é “mala” “esculachada” dá pernada
 É de tudo “né” de nada
 A turma briga , dá pancada
 Bebe uísque até cachaça
 E prá “dá azar” não ameaça
 Ninguém põe banca com a turma da Savassi
 O povo sabe que esta turma é diferente
 Conquista todo mundo
 E não “dá bola” “pressa” gente
 Por isso mesmo vai aqui nosso lembrete
 Quando derem um banquete
 E a nós não convidar
 Nunca esquecendo que essa turma de apetite
 Com entrada ou sem convite
 No seu lar vai penetrar.

Ele conta como conseguiam entrar nas festas para as quais não eram convidados: contavam com as informações de um amigo que trabalhava na cervejaria Brahma. Quando havia entrega de barris de chope em algum lugar, o amigo avisava e a Turma se organizava. Vestiam terno e gravata, e se apresentavam bem elegantes na entrada do evento. (BRACHER, 2016)

A Turma da Savassi também se dedicava a discutir assuntos como política, economia, a Segunda Guerra e os acontecimentos importantes da época. A Padaria era frequentada por muitas figuras ilustres que residiam na região, como Tancredo Neves, Juscelino Kubitschek, José Maria Alkmin,

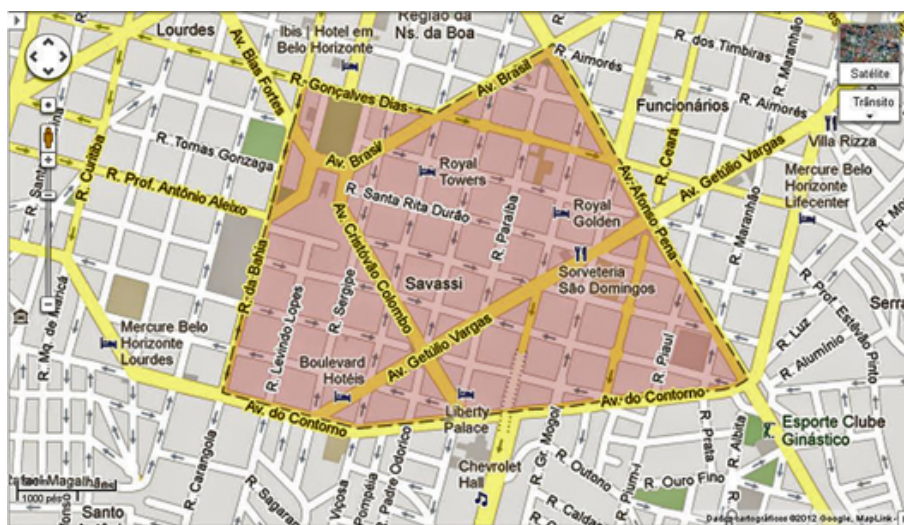
Pedro Aleixo, entre outros políticos. (PBH, s/d b), além de cantores, escritores e intelectuais. A mística em torno da Turma inspirou a organização de novos grupos, como o do Serv-Bem¹⁸, do late, do Minas Tênis Clube e do Automóvel Clube, entre outros.

Todos esses detalhes serviram para criar uma aura em torno do grupo, uma fama que sobreviveu ao tempo. E foi essa fábula que consolidou o nome da Savassi, uma área que viria a ser reconhecida como Região em 1991 e, de acordo com algumas fontes, como bairro em 2006. A Lei 5872/91 (CMBH, 1991, s.p.) define a região:

Passa a denominar-se Região da Savassi a área compreendida pela poligonal assim descrita: Começa na Praça Tiradentes, formada pela confluência da Av. Brasil com Av. Afonso Pena, segue a Av. Brasil até a Praça da Liberdade incluindo toda esta praça, sobe pela Rua da Bahia até a Av. do Contorno, desta até a esquina de Av. do Contorno com Av. Afonso Pena, na Praça Milton Campos. Da Praça Milton Campos segue pela Av. Afonso Pena, por esta até a esquina com Av. Brasil, voltando ao ponto inicial.

A mesma Lei define o dia 05 de janeiro como o Dia da Savassi, que passa a integrar o calendário oficial de eventos da Prefeitura. A escolha da data não está justificada.

FIGURA 57: Região da Savassi, delimitada pela Lei 5872/91.



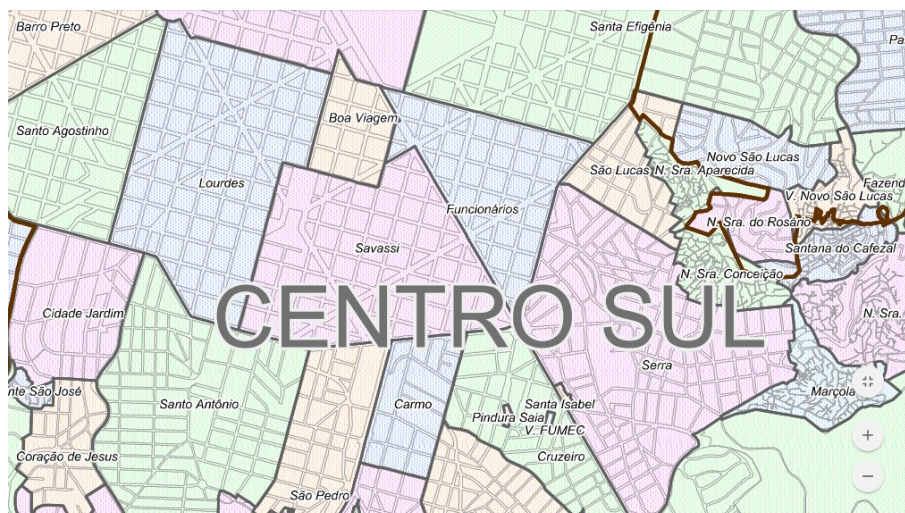
Fonte: CMBH, 1991, s.p.

A história da criação do bairro já é mais complicada. Alguns documentos trazem a informação de que o bairro teria sido criado em 2006, junto com o da Boa Viagem, mas não indicam nenhuma legislação a respeito. Na página da Prefeitura na internet, é possível encontrar vários documentos

¹⁸ De acordo com o relato de Paulo Laender, antigo frequentador da Savassi e, principalmente, do Cine Pathé, a turma do Servbem era formada por “herdeiros reciclados da pioneira, turma da Savassi, formada por gente de uma geração acima.” (BRACHER, 2016, s.p.)

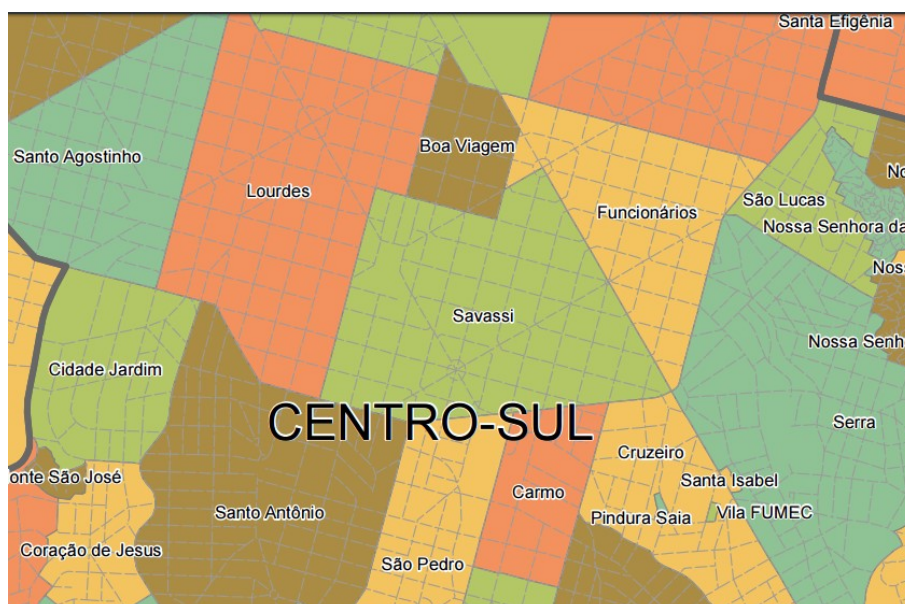
em que figura o Bairro Savassi, como notificações de multas de trânsito e vários comunicados publicados no Diário Oficial do Município - DOM. Na página da Câmara Municipal de Belo Horizonte – CMBH -, conseguimos localizar apenas uma lista de projetos de lei não aprovados, em que consta o Projeto de Lei nº 129/89, que “cria o bairro da Savassi em Belo Horizonte” (CMBH, s/d). No mapa dos bairros da cidade, disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no entanto, a Savassi aparece como bairro pelo menos desde 2010.

FIGURA 58: Bairros de Belo Horizonte em 2010.



Fonte: PBH, 2010c, p.01

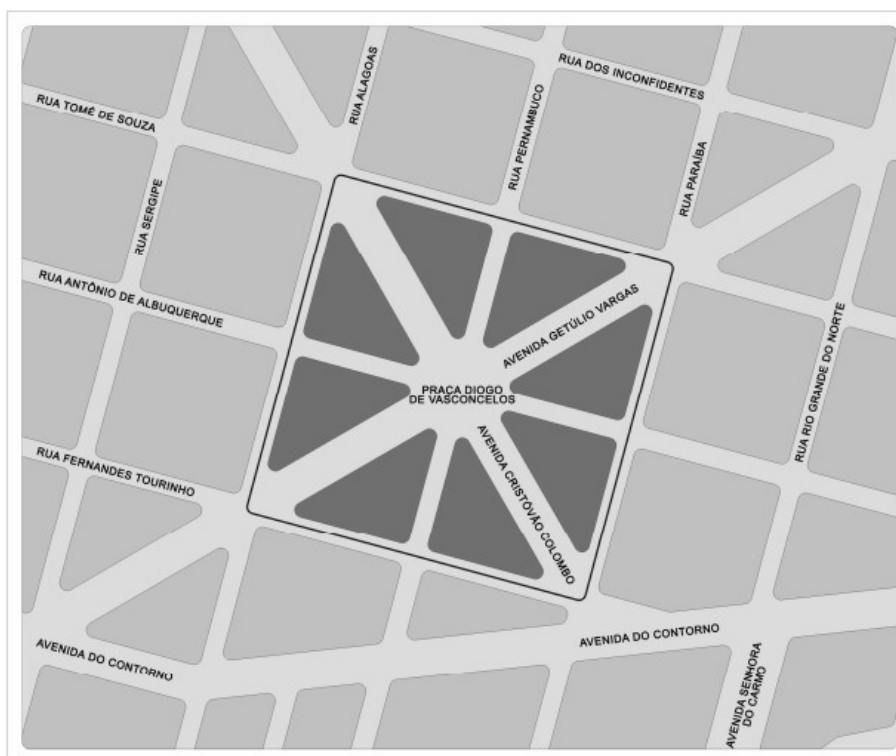
FIGURA 59: Bairros de Belo Horizonte em 2014.



Fonte: PBH, 2014, p.01.

Finalmente, em 15 de março de 2012 (poucos dias antes do término das obras de requalificação), a Lei Nº 10.428 instituiu o chamado polígono da Savassi, cuja área corresponde, exatamente, ao quadrado formado pelas ruas Tomé de Souza, Paraíba, Fernandes Tourinho e Alagoas em torno do cruzamento das avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo. De acordo com a Lei, o objetivo é “preservar, revitalizar, reabilitar, promover e divulgar a memória e o patrimônio cultural, artístico histórico, simbólico, urbanístico, turístico, paisagístico, ambiental e de lazer da Praça Diogo de Vasconcelos.” (CMBH, 2012, s.p.) Para tanto, previu-se a criação de um Conselho Consultivo para acompanhar a região, composto por representantes dos poderes Legislativo e Executivo, por entidades da sociedade civil das áreas cultural, de eventos e ambiental, além de representantes dos moradores, lojistas e comerciários. Coordenado pelo Poder Executivo do Município, o Conselho terá, entre suas atribuições, as funções de propor ações de recuperação de equipamentos, mobiliário, imóveis e praças (no plural) localizados na área, promover projetos e eventos educativos, culturais e de lazer, além de “propor horários de funcionamento diferenciados para os estabelecimentos de uso não residencial localizados na área de abrangência desta lei.” (CMBH, 2012, s.p.) A norma segue assinada pelo Vereador Leo Burguês de Castro, então Presidente da Câmara dos Vereadores de Belo Horizonte. personagem bastante ligado à região da Savassi (como discutido adiante) e traz o seguinte anexo:

FIGURA 60: Polígono da Savassi.



Fonte: CMBH, 2012, s.p.

Observa-se que o polígono coincide com a área utilizada no projeto de requalificação iniciado em 2011 e, nele, só há uma praça: a Diogo de Vasconcelos. Ao utilizar o termo 'praças', no plural, o legislador pode ter cometido um equívoco ou pode estar tratando cada um dos quarteirões fechados como uma praça independente – entendimento que condiz com alguns dos nossos achados de campo com relação à heterogeneidade desses quarteirões.

Para além desses documentos legais, e por mais estranho que possa parecer, os registros sobre a história da Savassi são cheios de *gaps*. Entre a inauguração da cidade e a da Padaria, quase nada se encontra, exceto a menção aos bondes. E de 1943 a 1948, também parece não haver muito que se tenha registrado e possa ser recuperado. É a partir da década de 1950 que as referências à região passam a seguir um fluxo mais homogêneo, com abundante registro de acontecimentos. A maior parte deles está ligada aos estabelecimentos comerciais que são inaugurados, o que demonstra que eles são tratados como importantes marcos para o desenvolvimento da Savassi. Depois da Padaria Savassi, a grande estrela viria a ser o Cine Pathé, inaugurado em 1948.

O primeiro Cine Pathé de Belo Horizonte foi construído no Centro, à Avenida Afonso Pena, N° 759, pelo Grupo Cinemas S.A em 1920. Foi considerado o primeiro cinema de arte da Capital por exibir produções europeias e independentes, e seu nome é uma homenagem ao francês Charles Pathé¹⁹. O cinema funcionou ali por treze anos, fechou as portas e depois foi reaberto na Savassi, à Avenida Cristóvão Colombo, N° 315. Comportava mil pessoas, e foi construído para atender a população do bairro Funcionários, onde ainda não havia cinema. Ele funcionou até 1999, quando foi novamente fechado. (ESTADO DE MINAS, 2013b).

¹⁹ Charles Morand Pathé nasceu em 1863 e faleceu em 1957. Foi produtor e diretor de cinema. (IMDb, s/d. Tradução nossa)

FIGURA 61: Fachada do Cine Pathé, nos anos 1930, no centro de Belo Horizonte.



Fonte: APCBH, 1930.

FIGURA 62: Fachada do Cine Pathé, nos anos 1950, na Savassi.



Fonte: Estado de Minas, 2013b, s.p.

FIGURA 63: Fachada do prédio onde funcionava o Cine Pathé, em 2016, na Savassi.



Fonte: Estado de Minas, 2013b, s.p.

O cinema atraía pessoas de toda a cidade, mas os moradores da região Centro-Sul eram os principais frequentadores. Assim como o abrigo de bonde, seus degraus também serviram como aglutinadores de pessoas, especialmente estudantes, que se reuniam ali entre uma sessão e outra. Nas palavras de Giffoni (2012, s.p.), a lembrança é dos filmes proibidos para menores de 18 anos “a que meus colegas e eu, aos 14 ou 15, assistíamos mediante a colaboração do porteiro. Depois do cinema, às vezes até a meia-noite, ainda nos animávamos a discutir, sentados no passeio da avenida, as melhores cenas do filme.” Em outro movimento, exibindo filmes de Bergman, Godard e Fellini, o Pathé também “foi o ponto de encontro dos intelectuais e das gerações cult, lugar onde se inscreveu uma memória e foram criadas e recriadas identidades, como um centro da vida cultural da cidade.” (LEMOS, 2007, p. 104) Atualmente, existe a proposta de reabertura do cinema, que deverá ser transformado em cinema público.

Foi nas décadas de 1950 e 1960 que o comércio da Savassi iniciou seu grande desenvolvimento, o que culminaria com a ocupação das residências pelas lojas. “As casas foram tomadas por butikques chiques, uma referência da área por quase vinte anos” (REVISTA VEJA, 2012a, s.p.) Bairros de classe média alta, como Sion e Anchieta, também começaram a se desenvolver na região Centro-Sul na década de 1950. Bares e lanchonetes proliferaram. Em 10 de janeiro de 1958, seria inaugurado o primeiro supermercado com gôndolas da cidade: o Serv-Bem, na Avenida Cristóvão Colombo, cuja fita inaugural foi desatada pelo prefeito Celso Azevedo. “Seu layout e o mix eram uma cópia fiel do primeiro supermercado carioca, inaugurado em 1954.” (AMIS, 2017, s.p.) Seu proprietário, João Vasconcellos Porto, foi um dos fundadores, em 1960, da Câmara de Dirigentes

Lojistas de Belo Horizonte, entidade que representa o comércio varejista na Capital (CDL, 2015). Em suas escadarias reunia-se um grupo de estudantes que também fez história na região. Quando os donos do estabelecimento resolveram contratar um vigia, a turma tratou de despachá-lo na sua primeira noite de trabalho:

Na sua primeira noite de trabalho, o vigia encontrou a turma sentada nas escadarias do supermercado. [...] O vigia, com a mão no coldre e com ar ameaçador, foi logo dizendo: 'Circulando! Os home não querem ninguém por aqui!' A impressão que se tinha era de que o vigia estava falando para as paredes. Ninguém se moveu. O vigia ficou nervoso e descontrolado berrou: 'Ocês são surdo? Çavor desimpedir a área!' Desta vez, a turma toda se levantou, os quinze homens. Marcharam em direção ao vigia, que assustado recuou. [...] Mais uma ameaça do vigia, mais um passo da turma e mais um passo para trás do vigia. E assim foi indo até que o vigia acuado acabou por cair num bueiro que estava sem a tampa. [...] No dia seguinte, o coitado do vigia pediu as contas. Esta turma do Serv-Bem era demais para ele. (MASCARENHAS, 1989, p. 53 - 54)

Não fosse o pioneirismo da Turma da Savassi, talvez a região tivesse ganhado outro apelido. De acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte (s/d b), foi nessa época que o apelido Savassi se popularizou, o que é confirmado por Lemos (2007, p. 104): “a região, quase como um todo, passou a ser denominada Savassi. [...] Uma nova territorialidade se constituiu, predominando atividades de serviços de comércio e lazer.” Em 1963, a Praça da Savassi receberia o “pirulito” retirado da Praça Sete de Setembro, e seu contorno ficaria ovalado, com a circulação de veículos ainda ao redor do centro construído. Vale ressaltar que os bondes belo-horizontinos também pararam definitivamente de circular no mesmo ano – já não circulavam na Avenida Afonso Pena desde 1950 (ESTADO DE MINAS, 2012c). Nas fotos da Praça da Savassi na década de 1970, já não se vê o famoso abrigo.

FIGURA 64: Praça da Savassi, em 1970, com a Padaria Savassi ao fundo e à esquerda.



Fonte: APCBH/Coleção José Góes, 1970.

É na década de 1970 que se inicia a verticalização da Savassi, com as casas sendo substituídas por edifícios de apartamentos e escritórios. Mas os estabelecimentos comerciais seguem 'loteando' a região e atraindo grupos específicos de frequentadores. Um exemplo é a loja de discos Sonora, que teve sua primeira localização na Rua Pernambuco e depois se transferiu para a Avenida Getúlio Vargas esquina com Rua Tomé de Souza. Nas palavras de seu fundador, Sérgio Moreira, estudante do Colégio Santo Antônio, o lugar "virou um dos *points* da região. A esquina de Getúlio Vargas com Tomé de Souza era passagem obrigatória da juventude 'in' de Belo Horizonte" (BRACHER, 2016, s.p.) Por outro lado, a clientela da Padaria Savassi, da Drogaria São Félix e do barbeiro Vicente, que os donos dos estabelecimentos conheciam pelo nome, "cede à especulação imobiliária e boa parte muda de endereço." (BAIRROS DE BELO HORIZONTE, 2010, s.p.). Em 1977, a Padaria Savassi se muda para a Rua Rio Grande do Norte, como já dito, e seu imóvel passa a ser ocupado pela loja de roupas Toulon. Ainda como parte integrante do bairro Funcionários, a região da Savassi passou por um rápido processo de transformação que resultou na gradativa perda de suas características de bairro residencial. A Lei N°. 2662, de 29 de novembro de 1976²⁰ (PBH, 1976), regulamentou o uso misto para comércios e residências, o que ajudou a ampliar a oferta de serviços e a verticalização da região. (LEMOS, 2007) "As casas residenciais, em sua quase totalidade, passaram por adaptações para a instalação de *boutiques* e bares, bem como deram lugar a grandes edifícios, ancorados pela nova lei de uso do solo aprovada em 76." (ALMEIDA, 2010, p. 04)

Almeida (2010, p. 03) volta à década de 1920 para ressaltar que o papel exercido pela Rua da Bahia e, depois, pela Avenida Afonso Pena "como lugar de sociabilidade (com base no comércio e no lazer), começou a ser abalado, após sinais de semi-saturação dessas áreas, com a consolidação de um centro comercial mais requintado, que ia surgindo na Savassi." A Savassi passou a ser referência de comércio de luxo, em contraposição ao comércio da região central, que se torna mais popular. A partir daí, "o comércio se expande rapidamente em virtude de seu significado de status e modernidade, reforçado pelo adensamento da área nobre da cidade" (DONAGEMMA, 2002, p. 23). "A rua Pernambuco era o ponto onde proliferavam os chamados vícios da grande cidade: lá acontecia o encontro de diversos grupos estigmatizados, por serem considerados muito avançados e modernos para os padrões vigentes à época." (LEMOS, 2007, p. 98) O comércio é o ponto de partida para a construção de uma nova centralidade: com o aumento do tráfego no Centro, o envelhecimento natural das primeiras edificações da capital e a circulação de pessoas com menor poder aquisitivo – o que continua sendo imperativo, até os dias de hoje, em virtude da organização do sistema de transporte coletivo da cidade – "os consumidores nobres

²⁰ Que viria a ser revogada pela Lei N° 7166/1996

consideravam depreciativo circular por locais do Centro onde inexistiam barreiras que os isolassem e protegessem dos grupos sociais subalternos.” (LEMOS, 2007, p. 98). Ato contínuo, também os comerciantes que buscavam esse público não queriam mais estar no centro. A Savassi atraiu, assim, a atenção dos investidores que estavam interessados no consumo das classes altas.

Este passou a expressar o *locus* de consumo mais sofisticado da cidade: circular pela Savassi, frequentar seus bares significa ter bom gosto, estar por dentro do que acontece, ter amigos sofisticados, ter status, enfim, significa pertencer, ou sonhar pertencer, ou ter acesso aos grupos dominantes. [...] as pessoas iam consumir, mas também passear e flunar pelos lugares. Havia uma nítida diferença entre as duas áreas: o Centro estava se tornando um mero lugar de passagem, e a Savassi podia ser caracterizada predominantemente como o lugar do encontro, formando verdadeiros territórios existenciais. (LEMOS, 2007, p. 102)

A consolidação de um tipo específico de comércio acaba por conformar a região, definir seus frequentadores preferenciais, marcar a diferença em relação a outros espaços da cidade e criar a fábula mais duradoura sobre a Savassi. Essa tônica se consolidou de tal maneira no ideário belo-horizontino, mineiro e, em certa medida, brasileiro, que, até os dias de hoje, os mais diversos registros sobre a Savassi evocam essa condição sofisticada, glamourosa, de luxo. O site Savassi (s/d) volta ao nascimento da cidade para dizer que “Quando a Praça Diogo de Vasconcelos foi inaugurada, nos primeiros anos da nova capital mineira, era difícil prever que a região se transformaria em um dos pontos mais badalados de Belo Horizonte.” O site Descubra Minas (2013, s.p.), voltado para o turismo, é ainda mais poético: “Por aqui desfila o charme belo-horizontino. A Savassi acolhe mulheres elegantes, adolescentes, intelectuais, executivos, profissionais liberais e muita gente mais. Um local bem movimentado, mas agradável.” E segue contando parte da história da Praça:

No início da década de 70, Belo Horizonte começou a conhecer um novo tipo de estabelecimento comercial que fez alvoroço na elite e na classe média alta - as boutiques, com roupas e atendimento diferenciados. Essas lojas começaram a se instalar nas proximidades da praça da Savassi. Logo após, vieram os bares e a região aos poucos foi deixando de ser uma área estritamente residencial para se tornar uma área de comércio sofisticado. Na década de 80, a Savassi já estava totalmente consolidada na vida da cidade como um centro comercial e a principal área de restaurantes e barzinhos. (DESCUBRA MINAS, s/d)

No site Savassi (s/d, s.p.), afirma-se que a região mantém “a mesma efervescência cultural e noturna de sempre. Não faltam restaurantes, bares, boates, lanchonetes e tudo mais que rimar com diversão. O comércio continua jovem e moderno bem como seus frequentadores que são o símbolo da vida diurna e noturna da região.” A história da Padaria Savassi e da Turma que ali se formou também é destacada na apresentação da Savassi em muitos relatos.

Quando os irmãos Hugo e Juca Savassi inauguraram, em 16 de março de 1940, a padaria e confeitaria no cruzamento das avenidas Cristóvão Colombo e Paraúna (hoje Getúlio Vargas), na praça 13 de Maio (desde 1943 rebatizada de Diogo Vasconcelos, primeiro historiador de arte do Brasil) nunca poderiam imaginar que ali nascia, também, um estilo. [...] Décadas depois, o escritor Roberto Drummond (1939-2002) registrou em crônicas seu neologismo *savassear*, justificando que a região tem vida própria. [...] As meninas da Perfumaria Lourdes pareciam pinturas vivas de Picasso, de tão lindas. Turmas de jovens faziam pegas de carros, dirigindo Dodge e Galaxie. Grupos de motoqueiros de enduro e de Harley-Davidson se encontravam aqui. (VIVER BRASIL, 2011, s.p.)

O escritor Roberto Drummond, que muitos descrevem como um apaixonado por Belo Horizonte, transformou a Savassi em verbo, e registrou em poesia aquilo que via de especial na no local, que frequentava sempre: a liberdade, a possibilidade de viver algo diferente e que, na sua visão, estava ao alcance de todos:

Eu savasseio, tu savasseias, todos nós, ricos e pobres, loucos e poetas, brancos e pretos, e amarelos e vermelhos, savassiamos no doce embalo do bairro que é um território livre, cada vez mais vasto, onde a liberdade é amante e musa. Ora, na Savassi, somos livres para tudo, de maneira que cada um conjugue o verbo *savassear* como melhor lhe aprouver. Mas saibam: *savassear* é uma arte”. poema de Roberto Drummond (PBH, s/d c, s.p.)

A Prefeitura de Belo Horizonte (s/d c, s.p.), ao anunciar seus atrativos turísticos, ressalta que “a Savassi se firmou como centro comercial sofisticado, transformando-se, mais tarde, em *point* da juventude e de grande concentração de bares, restaurantes e comércio.” Várias páginas da PBH, aliás, são dedicadas à região. Ao apresentar a história da Turma da Savassi, afirma que, mesmo no século XXI, não existe região mais glamourosa na cidade, que a Savassi continua “ditando costumes”, que as boutiques “reúnem o público mais antenado da capital” e que, “nas livrarias, permanece viva a marca de uma região por onde passou boa parte da elite intelectual da cidade no século passado.” (PBH, s/d c, s.p.) Em outra página, cujo título é “De uma padaria, nasceu o estilo Savassi de ser”, afirma:

Herdeira e testemunha da rebeldia, da vanguarda, do burburinho, do charme. Um espaço onde todos se encontram, onde todos querem estar, onde se respira personalidade. Esta é a Savassi: um lugar em BH onde todos querem – e podem – sonhar um pouco mais. (PBH, s/d a, s.p.)

Mesmo quando pretende uma descrição mais fática, a PBH acaba por qualificar a região com os mesmos adjetivos. Em outra de suas páginas, informa que a Savassi é uma faixa dentro do bairro Funcionários (ainda não tinha sido reconhecida como região), que se destaca como polo econômico e cultural da cidade; cita os *shoppings* Pátio Savassi e 5ª Avenida (dos quais falaremos adiante), além do diversificado comércio local. E arremata dizendo que a região “ostenta lojas de grifes famosas e ateliês, sempre prontas a surpreender as passarelas com o que há de mais

arrojado e eclético”, além de bares e restaurantes “igualmente democráticos” (?) que integram um “sofisticado roteiro gastronômico começando pela cozinha mineira e passando por outras não menos apetitosas como a árabe, italiana, francesa e oriental.” (PBH, s/d b, s.p.) A frequência dos políticos ilustres nos primeiros anos da Padaria Savassi também é ressaltada como prova do *pedigree* da região:

[...] o ex-presidente Tancredo Neves era um dos seus moradores. Tancredo saía frequentemente para, a poucos metros dali, tomar sorvete vaca preta (creme com Coca Cola) no supermercado Serve Bem, pertinho do cruzamento da avenida Cristóvão Colombo com a avenida Getúlio Vargas. Juscelino Kubitschek, também ex-presidente, costumava frequentar a região para visitar o médico Júlio Soares, seu cunhado, casado com Maria da Conceição, a Naná. E, claro, todos os estudantes e intelectuais da cidade vão para lá. (ÚLTIMO SEGUNDO, 2011, s.p.)

Todos esses discursos buscam construir um consenso em torno da região, e evidentemente não abarcam outros significados sobre a Savassi. O que nos chama a atenção é o fato de que, tantas vezes repetido, os discursos acabam por ter o poder de disseminar uma certa Savassi idealizada, cuja imagem alcança tanto belo-horizontinos quanto visitantes. Para quem não conhece a cidade, os pontos de referência costumam incluir a Savassi como área nobre, cheia de bares e lojas chiques. E mesmo para quem mora aqui, ir à Savassi costuma ser sinônimo de ver coisas bonitas, se divertir com os amigos, ‘respirar’ cultura. Moradores de rua, pessoas em ônibus lotados, trabalhadores apressados no horário de almoço estão tão presentes lá como em algumas outras regiões da cidade, mas a ideia de Savassi que parece aceita pela maioria não evoca nada disso.

A força da fábula nos parece contundente aqui. Boa parte daqueles que visitam a Savassi ou mesmo que moram ou trabalham lá não teve contato com a famosa Turma, e nem frequentou as tais boutiques chiques – uma vez que elas perderam grande parte do glamour com a onda dos *shoppings centers* ainda na década de 1980. Talvez o público das livrarias de rua fosse mais ou menos específico, mais ou menos assíduo, mas mesmo elas eram mais frequentadas como bares por muitos. Hoje, tem-se um comércio bem mais popular (como demonstraremos a seguir), algumas lojas de roupas, nenhuma livraria e muitos, muitos bares, desde os mais simples botecos. Mas a aura e o glamour parecem persistir no imaginário, condicionando o significado do lugar com base numa visão – certamente parcial e simplista – da Savassi que foi ou teria sido.

Da mesma forma, a obra de requalificação levada a cabo entre 2011 e 2012 também se mostra amparada por um discurso coeso e, ainda que contradito em várias oportunidades (como veremos no capítulo quatro), repetido à exaustão. Primeiramente, o então presidente da CDL-BH, Roberto Alfeu, afirmava que “a Savassi é a sala de estar dos turistas e moradores que chegam a BH pela BH-040. É como a cara que queremos mostrar a essas pessoas.” (HOJE EM DIA, 2010, s.p.). O

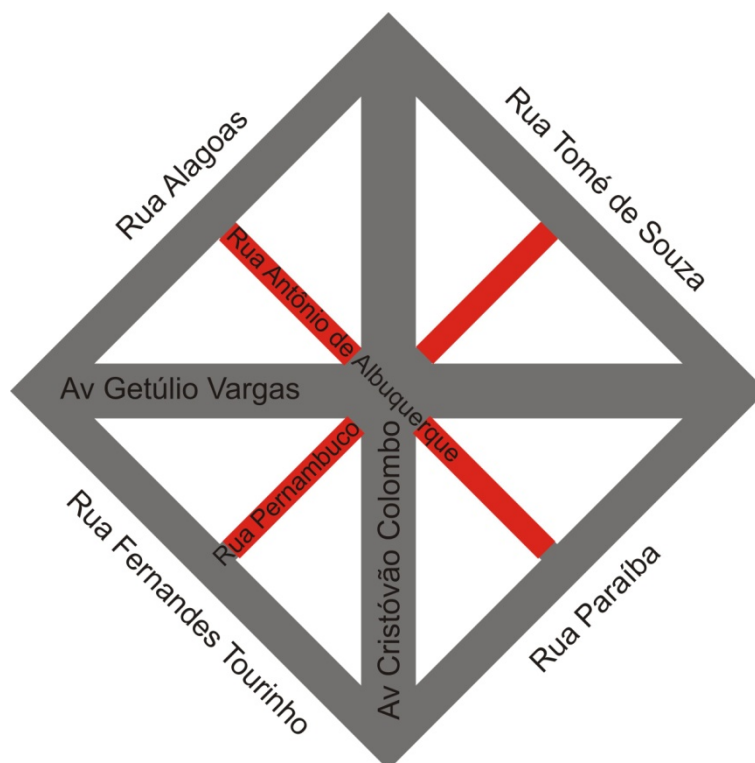
jornal Estado de Minas informa que a “melhoria do local era uma antiga reivindicação de comerciantes e moradores para resgatar o charme e abrir espaço para pedestres, tirando os carros dos quarteirões fechados.” (ESTADO DE MINAS, 2012a, s.p.). Após a inauguração, o mesmo jornal relata:

Na pausa do almoço, fonte ligada para cadenciar o merecido descanso. Na volta para casa, se o trânsito é mesmo ruim, ao menos por uns instantes a visão se distrai com as luzes e o jorro de água. Ontem, um dia depois da inauguração da nova Praça Diogo de Vasconcelos, na Savassi, Região Centro-Sul de Belo Horizonte, o quadrilátero que tem como eixo as avenidas Cristóvão Colombo e Getúlio Vargas voltou a ter uma cena típica daqueles tempos áureos, bem antes do início das obras de requalificação. Há muito, não se via tanta gente num dos espaços mais charmosos da cidade. Todos impulsionados pela curiosidade de ver o novo, sentir os ares de modernidade e conhecer de perto uma das intervenções que mais trouxeram insatisfação e incômodo a moradores e comerciantes da região. (ESTADO DE MINAS, 2012b, s.p.)

Mas bem antes disso, ainda em 1979, é inaugurado o BH *Shopping*, primeiro do gênero em Minas Gerais, e o comércio da Savassi sofre o primeiro baque. Muitas grifes preferiram aderir ao novo centro de compras, o que também aconteceria, nos anos 2000, quando foi inaugurado o *Shopping Pátio Savassi* - a um quarteirão do cruzamento central da Praça da Savassi e a poucos metros do perímetro oficial atual. A saída de alguns comerciantes abriu espaço para os escritórios, que fizeram surgir mais edifícios altos. “Em um edifício novo, o metro quadrado chega a custar 15.000 reais.” (REVISTA VEJA, 2012a)

A década de 1980 é marcada pela extinção do que restava da Praça central: com a retirada do obelisco (que voltou para a Praça Sete de Setembro), houve a abertura completa do cruzamento das Avenidas Cristóvão Colombo e Getúlio Vargas para o trânsito de carros e ônibus. Na mesma época, surgem os quarteirões fechados ao redor do cruzamento central, “o que criava um ponto de parada de gente de todas as idades, que procuravam uma paquera ou uma sombra para descansar.” (SAVASSI, s/d, s.p.) Os quarteirões não foram, naquela época, totalmente fechados ao trânsito, e serviam também como estacionamento. O que foi fechado foi o seu acesso ao cruzamento central, o que fez deles, na realidade, ruas sem saída. Seu fechamento completo ao trânsito foi implementado na requalificação encerrada em 2012. Mesmo assim, como eles dão acesso a garagens, os carros dos moradores e lojistas ainda podem transitar por eles.

FIGURA 65: Ruas fechadas ao trânsito de veículos após a requalificação de 2012 (em vermelho).



Fonte: desenvolvido pela autora, 2012.

Lemos (2007) relata que os espaços criados pelas ruas que cruzam a Praça da Savassi são utilizados de forma heterogênea, mas há uma ligação de continuidade entre eles. O quarteirão entre a Rua Antônio de Albuquerque e a Avenida Getúlio Vargas era, em 2007, na visão da autora, o mais intensamente ocupado “pelo fato de nele se abrigarem atividades diversas: a venda de artesanato, o estacionamento de carrinhos de pipoca e de sorvete etc.” (p. 108). Já o lado oposto era o dos quarteirões menos frequentados: “Duas bancas de revistas instaladas nas quadras criaram nessa área novos pontos de concentração, não sendo significativas, contudo, as formas de uso do lugar, que se definia apenas como um lugar de passagem.” (p. 108) As bancas não existem mais, inclusive porque a requalificação criou áreas livres nas ruas que foram fechadas, ocupadas apenas pelo mobiliário adotado após a obra. A autora ressalta, ainda, que, em suas observações daquele período, havia uma nítida separação entre o lado ‘de cima’ e o lado ‘de baixo’ da Avenida Getúlio Vargas. A parte ‘de cima’ concentrava serviços inferiores à oposta, inclusive pela restrição imposta pela Avenida do Contorno, que limita a área. Já a parte ‘de baixo’ está, desde o início, ligada à trajetória mais nobre da Praça, pois ali ficavam a Padaria Savassi e o Cine Pathé.

Em 1987, é inaugurado o *Shopping 5ª Avenida* na Rua Alagoas. Trata-se de um prédio pequeno, mais parecido com uma galeria. Possui três pisos, e sua entrada se dá pelo piso do meio. Ao longo dos anos, vários outros estabelecimentos comerciais, como bares, cafés e livrarias foram surgindo

na região. Nos anos 1990, a Savassi passa a ser vista também como um reduto da boemia intelectual da cidade, não só pela presença dos bares, mas, também, porque a região abrigava a maior concentração de livrarias de rua da capital. "Com a proliferação dos *shoppings*, o comércio adaptou-se, surgiu a tradição das livrarias, como aconteceu com o Leblon (RJ). O público é típico – são pessoas que querem ser atendidas por quem entende e gosta de livros." (VIVER BRASIL, 2011, s.p.) Estabelecimentos como a Livraria Status (no quarteirão fechado da Rua Pernambuco com Cristóvão Colombo, na parte 'de baixo' da Getúlio Vargas) e a Livraria da Travessa (no quarteirão fechado da Rua Pernambuco com Getúlio Vargas, na parte 'de cima') funcionavam como livraria, bar e restaurante, e ofereciam shows em vários dias da semana. Em 1992, seria inaugurada a lanchonete McDonald's na esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Pernambuco, onde permanece até hoje (ESTADO DE MINAS, 2016d). Sua inauguração marca algumas das reações contra o imperialismo norte-americano em BH, como ocorreu na inauguração de outras de suas lojas.

A fama de reduto boêmio, área de concentração de bares e todas as outras fábulas que passam a se relacionar com a Savassi nesse período ultrapassou as barreiras belo-horizontinas e até mineiras. O bairro Palmital, na cidade de Santa Luzia, tem sua própria Praça da Savassi. Algumas cidades do interior do Estado, como Divinópolis, Ouro Preto e Nova Lima possuem suas próprias 'Savassinhas'. Até Brasília tem uma região informalmente conhecida como Savassi, com vários estabelecimentos que fazem alusão ao nome da famosa praça de BH. O que essas regiões têm em comum é o fato de serem ocupadas por bares, restaurantes e lanchonetes, ou de atraírem grande fluxo de pessoas em busca de entretenimento e lazer, como no caso da Feirinha do Palmital.

Conforme Lemos (2007, p. 109), "A prática de frequentar os bares da Savassi já estava integrada na rotina dos que trabalhavam no local, como também das pessoas pertencentes aos estratos médio e alto que habitavam a Zona Sul." Por outro lado, vários autores apontavam para os sinais de saturação e redução dos padrões de qualidade urbana (ALMEIDA, 2010; DONAGEMMA, 2002; LEMOS, 2007). Almeida (2010) relaciona esse fenômeno à nova Lei de Uso e Ocupação do Solo de Belo Horizonte - Lei N^o7166/1996 (PBH, 2010a). Através desta Lei e de suas modificações, a região da Savassi é classificada como uma das Áreas de Diretrizes Especiais – ADEs – da cidade, que são aquelas que "por suas características, exigem a implementação de políticas específicas, permanentes ou não, podendo demandar parâmetros urbanísticos, fiscais e de funcionamento de atividades diferenciados, que se sobrepõem aos do zoneamento e sobre eles preponderam." (PBH, 2010a, s.p.) Foram instituídas dezoito ADEs pela referida Lei: Serra, Bacia da Pampulha, Residencial Central, Vale do Arrudas, Estoril, Mangabeiras, Belvedere, São Bento, Cidade Jardim, Santa Tereza, Savassi, Hospitalar, Interesse Ambiental, Venda Nova, Lagoinha, Belvedere III, Pampulha e Trevo.

No caso da Savassi, a Lei salienta que “em função de suas características e do alto potencial para desenvolvimento econômico e cultural, demanda a adoção de incentivos e normas especiais, visando à sua requalificação urbana.” (PBH, 2010a, s.p.) A Lei N°7166 foi modificada pela Lei N°9.959, de 20/7/2010 (PBH, 2010b), que institui a Operação Urbana da Savassi, com os objetivos de melhorar os espaços públicos da região através de intervenções viárias e urbanas, além de “minimizar a situação de conflito entre veículo e pedestre existente na área” (s.p.). O texto já previa o desenvolvimento de um projeto de requalificação que deveria incluir: padronização do mobiliário urbano, intensificação do uso dos espaços por atividades culturais de médio e pequeno porte; horário de funcionamento dos estabelecimentos e definição de eixos de circulação preferencial para pedestres. “O plano urbanístico em que se fundamenta a Operação Urbana da Savassi [...] envolve a implantação do Projeto de Requalificação da Praça Diogo de Vasconcelos e Adjacências e de melhorias viárias no corredor da Avenida Nossa Senhora do Carmo.” (PBH, 2010b, s.p.) Não podemos deixar de observar que a construção do *Shopping Pátio Savassi* - que tão grande influência exerce sobre a Praça da Savassi e cujos proprietários foram os principais financiadores da requalificação, como se verá adiante – também foi possibilitada por um instrumento específico da Lei N°7166/1996: o Instrumento das Operações Urbanas, do qual falaremos no capítulo quatro.

Antes da grande obra de requalificação, porém, é importante discutir a trajetória da Praça da Savassi em direção à sua ocupação pelas empresas de telefonia.

3.2. Da Praça da Savassi à praça das telefônicas

Conforme Milton Santos (2001, p. 104), na fase atual da globalização, “o conteúdo do território como um todo e de cada um dos seus compartimentos muda de forma brusca e, também, rapidamente perde uma parcela maior ou menor de sua identidade, em favor de formas de regulação estranhas ao sentido local da vida.” Para ele, o mercado se impõe, atualmente, como razão principal da constituição e da utilização dos espaços. Cada empresa utiliza o território em função dos seus interesses e apenas para isso. Assim, quanto mais racionais se apresentam as regras de utilização de um dado espaço, menos elas levarão em conta as características econômicas, sociais, políticas e culturais do entorno. Ao contrário, é provável que elas se transformem em elemento de perturbação e desordem, pois tudo o que existia antes da instalação dessa ordem hegemônica é convidado a se adaptar às suas formas. Os territórios nacionais de transformam, assim, em espaços nacionais da economia internacional, e suas potencialidades são muito mais utilizadas pelas organizações transnacionais do que pela própria sociedade nacional ou local. “Em tais condições, a noção de territorialidade é posta em xeque e não falta quem fale em desterritorialização.” (SANTOS, 1997a, p. 163) Nesse contexto, parece-nos fundamental

compreender a maneira como as cidades contemporâneas são pensadas, configuradas e geridas, por um lado, e quais as consequências desses processos no uso e apropriação da cidade por seus habitantes, por outro.

A cidade global é a arena de disputa do capital mundial. Conforme Thereza Santos (2010) as cidades respondem às necessidades e expectativas do grande capital — são seu playground. Santos (1988, p. 18) explicita que a cidade renasce (pois já existia) com a transição do feudalismo para o capitalismo, e torna-se uma promessa de liberdade: “Este lugar, a cidade, se diferencia do campo, entre outros motivos, pela possibilidade desse trabalho livre.” O tecido urbano prolifera-se e a vida urbana sobrepõe-se à vida agrária (LEFEBVRE, 1999). Se, por um lado, não precisamos atribuir o modo de vida urbano atual ao embrião do que se configuraria como capitalismo global, também não podemos esquecer que foram as primeiras fábricas que nos reuniram num mesmo lugar: a industrialização foi o indutor dos processos de crescimento e (des)organização das cidades contemporâneas (LEFEBVRE, 1999). A cidade se desenvolve, em primeiro lugar, porque assim exige o capital. Talvez não seja tão estranho assim que esse mesmo capital se mostre tão ostensivamente presente nas cidades do século XXI.

Tomemos, como exemplo, um dos lugares mais emblemáticos da cidade de Nova York, nos Estados Unidos: a *Times Square*. Sua visão mais famosa é, justamente, aquela que privilegia as marcas que ocupam as fachadas de seus prédios. Podemos encontrar muitas imagens das grandes festividades que aí ocorrem, em especial as celebrações de réveillon, com o grande relógio e a contagem regressiva que ilustra todos os telejornais em dezembro. Mas as fotografias mais recorrentes e mundialmente conhecidas da praça são as noturnas, que permitem ver a guerra de *neons* com toda a sua intensidade.

FIGURA 66: Times Square, Nova York.



Fonte: Laffront, 2015, s.p.

A Praça da Savassi também materializa esse loteamento da cidade pelos interesses capitalistas. A começar pelos discursos que se insistem em (re)produzir a seu respeito: reduto de bares e livrarias de rua; praça das telefônicas; sala de estar dos turistas; região mais nobre da capital; centro de compras; *hub* das boutiques de luxo de Belo Horizonte. Para Lemos (2007), as construções da Savassi sempre estiveram sujeitas aos modismos de cada época, e a concepção dos edifícios considerados sofisticados eram aqueles “onde o concreto, o vidro e os grafismos publicitários configuravam as fachadas.” (p. 108) As lojas, desde o final da década de 1990, já estavam sendo planejadas dentro de uma estética mundializada, com destaque para “o brilho, o *neón* e os simbolismos distribuídos pelas ruas, compondo a paisagem do lugar.” (LEMOS, 2007, p. 108)

A espacialização das práticas sociais que aconteciam no lugar refletia uma cultura representativa de uma fragmentação e uma individualização exacerbadas, próprias da cultura do consumo. Os espaços foram concebidos simplesmente sobre a base de uma adaptação a um objetivo específico, sem levar em conta a possibilidade de que tais edifícios pudessem render culto à história ou à condição humana. (LEMOS, 2007, p. 108)

Ferrara (2005) apropria-se do pensamento de Castells e Milton Santos para discutir a cidade em termos de fixos e fluxos. Para ela, as estruturas físicas e o espaço produzido, controlado e ordenado – fixos - são atravessados pelos fluxos financeiros, sociais e culturais, dinâmicos e numerosos, de maneira que “a dinâmica dos fluxos impregna os fixos redefinindo-os, modificando-os, renovando-os até criar os lugares da cidade” (FERRARA, 2005, s.p.). Para a cidade cosmopolita, a atividade comercial orienta os fixos, e a praça é um dos espaços onde se realizam não apenas a troca comercial mas, também, a ação cotidiana em geral: “No ritmo dos fluxos das

galerias, praças ou jardins públicos, a lugaridade se concretiza na interação com o outro e na relação face a face” (s.p.). No caso da Praça da Savassi, podemos estabelecer uma clara sucessão comercial que, se não determina, ao menos adjetiva sua história: da padaria às boutiques; das boutiques às livrarias e bares; e destes às empresas de telefonia.

A primeira telefônica a abrir as portas na Savassi foi a operadora Vivo, quando ainda era Telemig Celular. Pertencia à estatal Telecomunicações de Minas Gerais S.A. – Telemig, fundada em 1950. A primeira loja foi aberta a um quarteirão do cruzamento central da Praça, na Rua Fernandes Tourinho esquina com Avenida Cristóvão Colombo, em imóvel pertencente a Aparecida Andrade (da família fundadora da Construtora Andrade Gutierrez). Em 28 de abril de 1995, foi assinado o contrato de locação, com a família Savassi, referente ao imóvel situado à Praça Diogo de Vasconcelos, N^{os} 274 e 280 – antiga Padaria Savassi. Após algumas obras, no mesmo ano, foi inaugurada a loja da Telemig Celular na Praça da Savassi.²¹ A compra teve grande significado para o mercado na época, uma vez que

Com a operação, a Vivo torna-se líder no mercado de celular do país – passando a ter 35 milhões de clientes e 33% de *market share* – e começa a atuar numa nova localidade (Minas Gerais), além de ampliar sua participação nos estados do Amazonas, Maranhão, Pará, Amapá e Roraima, onde atua a Amazônia Celular. A segunda posição é ocupada pela TIM, com 25,78% do mercado e 27,5 milhões de clientes. (DIÁRIO DO COMÉRCIO, 2007, s.p.)

A operadora pertence, desde 2011, ao grupo Telefônica Brasil, que se anuncia como “a maior empresa de telecomunicações do País, com 97,2 milhões de clientes, sendo 73,3 milhões na operação móvel, na qual detém o maior *market share* do segmento (28,4% - dados de março/16) em âmbito nacional” (TELEFÔNICA, 2016, s.p.) A empresa tem como principais acionistas a espanhola Telefónica Latinoamérica Holding, S.L., a SP Telecomunicações Participações Ltda, do Brasil, e a Telefónica Chile S/A.

²¹ Informação verbal dada pela então gestora de imóveis da Telemig e da Telemig Celular, Sandra Dias, diretamente à autora em maio de 2017.

FIGURA 67: Loja da Telemig Celular na Praça da Savassi em 2007.



Fonte: Diário do Comércio, 2007, s.p.

A loja da Telemig Celular funcionava, e a loja da Vivo ainda funciona, exatamente onde foi construída a Padaria Savassi, numa fina ironia do destino que teria repercussões por toda a Praça.

FIGURA 68: Loja da Vivo.



Fonte: a autora, 2016.

A segunda operadora a chegar foi a antiga Maxitel, que abriu sua loja na Praça da Savassi logo após vencer a licitação para operar na chamada banda B de telefonia celular no Brasil em 1998. Ela tomou o lugar do imóvel que antes habitado pela loja multimarca de roupas Zero. Em 2000, a empresa foi adquirida pela Telecom Itália Mobile (TELETIME, 2000). Atualmente, a TIM Participações S.A. é uma empresa controlada pela TIM Brasil Serviços e Participações S.A., subsidiária do grupo Telecom Itália. (TIM, 2017)

FIGURA 69: Loja TIM na Praça da Savassi no dia do lançamento do iPhone 5.



Fonte: Estado de Minas, 2012d, s.p.

Criada em 1998, a Telemar se tornaria Brasil Telecom em 2000, e criaria a operadora Oi em 2001. Seus principais acionistas, hoje, são o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, a Société Mondiale (que capta recursos em vários países) e a holandesa Bratel BV. (OI, 2017) A loja da Oi fica na esquina da Avenida Getúlio Vargas com Rua Antônio de Albuquerque. Não encontramos registros sobre a data da sua inaugura o.

FIGURA 70: Loja da operadora Oi



Fonte: a autora, 2016.

Como se v e, a polêmica em torno da ‘praça das telefônicas’   antiga, mas se tornou mais aguda com a chegada da operadora Claro na Praça da Savassi. Isto porque ela veio ocupar a loja da Cafeteria, restaurante mantido pela marca de café Tr s Cora es, que funcionava na Praça desde 1997. Uma reportagem sobre a mudança trazia como subtítulo “Praça do celular: Claro vai ocupar

o lugar onde funciona A Cafeteria e fechar o círculo formado pelas operadoras no coração da Savassi” (ESTADO DE MINAS, 2006, s.p.), reforçando a sensação de loteamento da Praça pelas telefônicas. A notícia destaca a guerra das marcas, que é verificada não apenas na Savassi, mas também nos *shoppings* e outros corredores comerciais da cidade.

As quatro operadoras de telefonia celular que já se digladiam por meio de campanhas promocionais e também em espaços físicos lado a lado, frente a frente, ou bem próximas umas das outras nos principais shoppings e corredores comerciais de Belo Horizonte, vão concorrer entre si em um dos pontos mais nobres da capital para o setor: a Praça Diogo Vasconcelos, a Praça da Savassi. Vista como uma verdadeira “praça da telefonia”, já que, há algum tempo, a Telemig Celular, TIM e Oi ocupam posição de destaque em suas principais esquinas, a Claro que, desde o início de suas operações em Minas Gerais há cerca de um ano, negocia um ponto no local, finalmente, fechou negócio: vai se instalar onde funciona A Cafeteria, mais conhecida como “café Três Corações”, que funciona na esquina da Avenida Cristóvão Colombo com a Rua Antônio de Albuquerque. (ESTADO DE MINAS, 2006, s.p.)

Conforme um dos entrevistados da matéria ratifica, “Ali quase virou um *shopping* a céu aberto da telefonia celular. [...] Por isso, ninguém quer ficar de fora da Praça da Savassi” (ESTADO DE MINAS, 2006, s.p.). À Cafeteria coube um pedido de desculpas: “Foi uma pressão muito grande da Claro. Mas acho que é uma perda muito grande para o consumidor, pois a praça que ficou consagrada como referência cultural, se virar um centro de telefonia, vai ficar morta depois das 19h”. Algum tempo depois, a empresa conseguiu fixar-se atrás da loja da Claro, num dos quarteirões fechados que circundam a Praça, o que pode ser significativo se entendido como a perda de uma posição de destaque, de protagonismo no entorno da Praça, para ocupar o segundo plano. O blog Overmundo (2006, s.p.) apresentou um relato ainda mais contundente da situação no *post* intitulado “Ponto de encontro vira ponto de venda”:

Essa mudança de nome abre precedente para uma outra mudança que muito me assusta. Pois é uma certa operadora de celular vai abrir no lugar d'A Cafeteria. Já é a quarta na praça. É triste pensar que de oito esquinas desse ponto essencial de Belo Horizonte, quatro são ocupadas pelas operadoras, duas vendem calçados, uma é uma ótica e a outra um *fast-food*. Ou seja, pelo menos cinco das esquinas são ocupadas por corporações multinacionais e eu tenho dúvidas se alguma delas é exclusivamente mineira...

FIGURA 71: Loja da Claro antes de ser aberta em 2006.



Fonte: Andrevruas, 2009, s.p.

FIGURA 72: Loja da Claro.



Fonte: a autora, 2016.

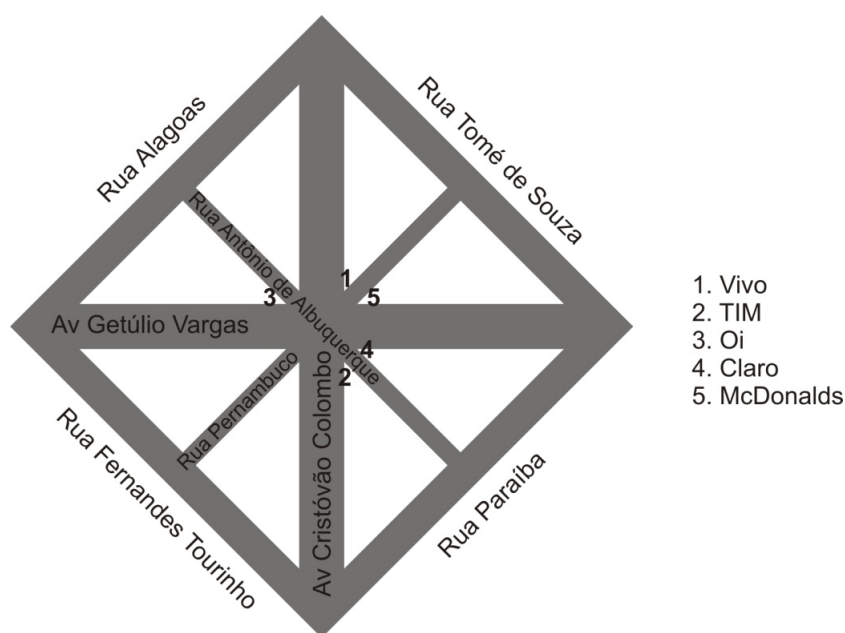
FIGURA 73: A Cafeteria em sua nova sede, ao lado da Claro.



Fonte: a autora, 2016.

O fechamento da A Cafeteria gerou uma série de protestos: algumas pessoas colocaram faixas de repúdio, e os tapumes das obras da loja da Claro foram danificados mais de uma vez. Quando a loja abriu as portas, no início de 2007, uma manifestação provocou seu fechamento por um dia. (OVERMUNDO, 2007) Algum tempo depois, A Cafeteria seria reaberta atrás da loja da Claro. A instalação das telefônicas em torno do cruzamento central da Praça trouxe uma configuração muito peculiar ao espaço, assim como diversas outras inaugurações e fechamentos de lojas fizeram, antes e depois. Podemos concluir que, na atual fase do capitalismo, o uso do espaço da cidade é diretamente afetado. Hoje, as esquinas da Praça da Savassi encontram-se assim ocupadas:

FIGURA 74: Localização das lojas na Praça da Savassi.



Fonte: desenvolvido pela autora, 2012.

A instalação das empresas de telefonia em torno da Praça da Savassi é um exemplo da disputa pelos mercados globais, que se dá “de baixo para cima, mediante múltiplos microespaços e microtransações” (SASSEN, 2007, p. 238). Essa nova ordem possui algumas características: promove a privatização do que antes era público e desnacionaliza certos componentes da autoridade e das políticas de Estado; estabelece uma nova ordem normativa, que emana do privado, mas que se instala no domínio público; obriga que certos componentes institucionais do Estado passem a funcionar como um espaço institucional do capital global e do mercado global de capitais. (SASSEN, 2007).

Os usos que se faz da cidade – tão variados quanto sentar e conversar numa praça ou passar depressa por uma avenida, rumo ao trabalho – resultam da experiência do sujeito em relação ao espaço. Apesar de diversas regiões das cidades serem usadas, cada vez menos, como espaços de sociabilidade (SILVA, 2008) pode-se dizer que é na paisagem e no ambiente da cidade que as pessoas vão se encontrar e estabelecer diálogos no século XXI. Ela pode ser palco dos diálogos e das discussões, arena de disputas simbólicas, ponto de encontro ou desencontro; mas também pode comunicar, através de sua estrutura, seus sons e seus cheiros; “pode facilitar os encontros e permanências, ou pode impedir que os movimentos se cruzem.” (FERRARA, 2008, p. 43). Disso resulta que a cidade (arquitetura, estrutura, fachadas, organização espacial) comunica, ao mesmo tempo em que as pessoas se comunicam nela, influenciando e sendo influenciadas pela concretude do espaço. Essas considerações se tornam particularmente importantes se lembrarmos do que dizem Berger e Luckmann (1985, p. 47) sobre a importância do encontro com o outro: “A mais importante experiência dos outros ocorre na situação de estar face-a-face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos os demais casos derivam deste. Na situação face-a-face o outro é apreendido por mim num vivido presente partilhado por nós dois.”

As faces dos homens contemporâneos se defrontam, mormente, dentro das cidades. Para Wildner (2013, p. 125) o urbano não é “uma tessitura explícita, delimitável e claramente definida, mas uma acumulação (...) como o próprio mundo: vago, indefinido, efêmero, ilusório e, como caleidoscópio, constantemente cambiante.” O ambiente construído, a arquitetura e a infraestrutura influenciam a percepção e ação. “No espaço social das práticas quotidianas são reproduzidos comportamentos de poder e estruturas da sociedade. A simultaneidade de diferentes projetos de vida, a diversidade das ações urbanas, os conflitos e contradições inerentes manifestam-se nos processos de incorporação e exclusão.” (WILDNER, 2013, p. 127)

As espacialidades das cidades possuem dimensões físico-geográficas, econômicas, sociais e culturais; traduzem materialmente a translocalidade ao se transformarem em arenas para atores

transnacionais e atividades transfronteiriças. Ao olharmos para várias cidades, em diversos países, e enxergarmos a mesma paisagem, estamos nos confrontando com a) forças capazes de produzir espaços semelhantes ao redor do mundo; b) espaços que sugerem os mesmos usos e comportamentos. Por mais que se reflita, a pergunta que fica no ar é: como as atividades, atores e instituições transnacionais afetam e transformam os espaços urbanos no mundo contemporâneo (KRÄITE, WILDNER, LANZ, 2012) e o que essa transformação traz para a significação, a apropriação e o uso desses espaços? Buscamos lançar luz sobre essas questões nos debruçando especificamente sobre as transformações da Praça da Savassi, com destaque para a obra de requalificação concluída no ano 2012.

3.3. Da praça das telefônicas à sala de estar dos turistas

Conforme Dei Rio (1990), desde os anos 1960, intensas ondas de protesto surgiram contra as intervenções urbanísticas e os programas de renovação urbana de grandes cidades pelo mundo. Muitas dessas políticas surgiram após a 1ª Guerra Mundial, com o objetivo de reconstruir áreas que haviam sido destruídas por bombardeios ou simplesmente abandonadas. Para ele, especialmente nos Estados Unidos, a ideologia da renovação e modernização se aplicaria tanto às áreas centrais quanto aos subúrbios que se encontrassem em situação de esvaziamento populacional e econômico. “Grandes intervenções do Poder Público, ou por ele apoiadas, buscariam adequar estas áreas centrais às novas funções preconizadas pelos planos diretores e políticas de renovação, de forma a viabilizar os mercados imobiliário e financeiro.” (DEI RIO, 1990, p. 20)

Ainda conforme o autor, importantes aspectos foram ignorados nesse processo, especialmente aqueles ligados aos valores culturais das populações. Foram sistematicamente desconsiderados a complexidade da vida urbana, a integração entre as atividades historicamente desenvolvidas naqueles ambientes, seu valor como patrimônio histórico, a importância das redes sociais estabelecidas e os valores afetivos para os cidadãos. Ele cita Jane Jacobs (1961) como pioneira das profundas críticas às ideologias dos planejadores. Em especial, ela alerta sobre a dissociação entre os projetos e o mundo real, bem como sobre a importância de haver intensas atividades nos espaços urbanos para maior segurança. Em sua obra "Morte e vida de grandes cidades", Jacobs (1961) relata sobre os múltiplos usos da cidade, e sobre a importância da distribuição espacial para a segurança, vizinhança e contato. A segunda parte de sua obra trata especificamente de como gerar diversidade no espaço urbano, o que ela considera fundamental para a vitalidade da cidade. Sua 'fórmula' para a diversidade urbana passa, entre outros pontos, pela organização em pequenos quarteirões e pela variedade de usos primários de cada um deles.

No entanto, as iniciativas conhecidas como projetos de requalificação, modernização, resgate - entre outros termos igualmente dúbios - parecem estar cada dia mais em moda nas grandes cidades. O lançamento de grandes condomínios, higienicamente isolados da cidade, ou as intervenções urbanísticas de grande impacto nos espaços de uso comum das cidades continuam a nos mostrar como a morfologia da cidade é atingida pela força do capital e pelos interesses de determinados grupos, e como vai sendo forjada para determinados tipos de usos, permissões e cerceamentos. Em Belo Horizonte, um dos coletivos urbanos que atuam na defesa da ocupação popular do espaço urbano chama a atenção para as estratégias de cerceamento do acesso a determinadas partes da cidade e da violência sofrida por aqueles que desafiam os limites impostos:

Há quem veja a cidade como um conjunto de condomínios, em que as áreas públicas são mera conexão entre espaços privados. Quando as pessoas se reúnem e confrontam essa ordem, muitas vezes são reprimidas e sofrem violência policial. [...] Mas as pessoas querem cada vez mais conviver nas ruas, nas praças, nos parques. E as iniciativas pela ocupação livre e democrática dos espaços explodem. A cidade que todas e todos queremos incentiva e fortalece a ocupação das ruas, como os diversos encontros ligados à cultura hip hop, o carnaval de rua, as bicicletadas, a praia da estação, a gaymada e toda e qualquer celebração vinda das pessoas e para as pessoas. (CARNAVAL DE RUA BH, 2015, s.p.)

Ao relatar sua experiência na Costa Rica, Low (2009) discorre sobre como as obras de modernização e “higienização” do Parque Central de São José tentaram transformar os usos do espaço, expulsando os engraxates por força de lei e os *habitués* através de artifícios mais sutis. O resultado é que, apesar das mudanças que se impuseram de cima para baixo – e, certamente, também por causa delas – as pessoas acabaram por retomar seus lugares de protagonistas daquele espaço, seja voltando aos seus antigos hábitos de uso, seja subvertendo as propostas arquitetônicas das mais variadas formas que a imaginação (ou a polícia) permitiu. Conforme defendido por Berger e Luckmann (1985, p. 89) 89: “[...] é mais provável que o indivíduo se desvie de programas estabelecidos para ele pelos outros do que de programas que ele próprio ajudou a estabelecer.”

Surgem dois planos nem sempre harmônicos, mas sempre coincidentes na estrutura da cidade enquanto fenômeno de comunicação: de um lado, está o plano construtivo como suporte da cidade que se transforma em meio a criar um ambiente comunicativo e, de outro lado, concretiza-se a imagem midiática da cidade que agasalha o cotidiano, a sociabilidade e as trocas interativas que transformam a cidade na maior experiência comunicativa da humanidade. (FERRARA, 2008, p. 42)

Conforme Santos (1997a, p. 57), a noção de intencionalidade permite uma releitura crítica das relações entre objeto e ação. Trata-se de uma noção fundamental para compreender a relação do homem com o mundo, e a intencionalidade da paisagem teria grande relevância uma vez que é ela que cria ou não potencial para o desenrolar de uma determinada ação. Ele ressalta que há uma ampliação da intencionalidade na concepção e na produção dos lugares, que passam a transmitir

valor às atividades que neles se dão. Essa interferência do capital e do poder acaba por repercutir no tamanho da cidade, no envelhecimento precoce de algumas áreas - aquelas não contempladas - no caos da mobilidade, entre outros.

Esses novos arranjos são baseados em objetos geográficos cujo funcionamento é, cada vez mais, interdependente e sistêmico, e constituem a base de práticas sociais hegemônicas igualmente sistêmicas. Graças à nova arquitetura urbana e à qualidade técnico-científica-informacional do meio ambiente construído, eleva-se o patamar da racionalidade do agir social dominante, mas trata-se de uma racionalidade sem outra razão que a do lucro, ainda que não se manifeste exclusivamente de forma mercantil. O simbólico se torna um coadjuvante precioso do mercadológico. É essa a danação da metrópole contemporânea. [...] Ficam, assim, assentadas as bases para o alcance de uma eficácia e de uma produtividade baseadas na conformidade do instrumento à ação, da forma à função. (SANTOS, 1994, p. 38)

Considerando a mútua influência entre o espaço e as relações que nele se processam, é importante discutir, também, como as intervenções físicas agem sobre esse fenômeno. Lefebvre (1999) ressalta a tendência de 'modernização do cenário', que pode ser exemplificada pelas grandes intervenções urbanísticas e paisagísticas que, com frequência, se operam nas grandes cidades. Processos de revitalização e requalificação, cada dia mais comuns no espaço da cidade, podem transformar usos e apropriações historicamente constituídos. No caso da Savassi, podemos iniciar a discussão sobre a requalificação com uma descrição da Praça da Savassi logo antes do início das obras e que se encontra no estudo de Almeida (2010).

A partir do que o autor chama de leituras físico-espaciais da Savassi, ele descreve como a movimentação de pessoas e veículos varia, na região, conforme os dias da semana e os horários do dia. As avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo, além das ruas Alagoas e Rio Grande do Norte (que não está compreendida no perímetro que estamos estudando), são sempre as mais movimentadas – até porque servem de ligação com outras regiões da cidade. Até aquela época, os trechos das ruas Antônio de Albuquerque e Pernambuco eram “utilizadas basicamente como estacionamento, pois servem de retorno ou são ruas sem saída” (p. 4).

À noite, porém, sobretudo nos fins de semana, há um grande movimento na Savassi, gerado pelos bares, restaurantes, lanchonetes, além das boates, que atraem muitas pessoas, junto com um grande número de veículos, os quais não chegam a ser perturbadores, como durante a semana nos períodos do dia, a não ser nas áreas mais próximas aos serviços referidos anteriormente. A Praça Diogo de Vasconcelos é também muito frequentada à noite. (ALMEIDA, 2010, p. 4)

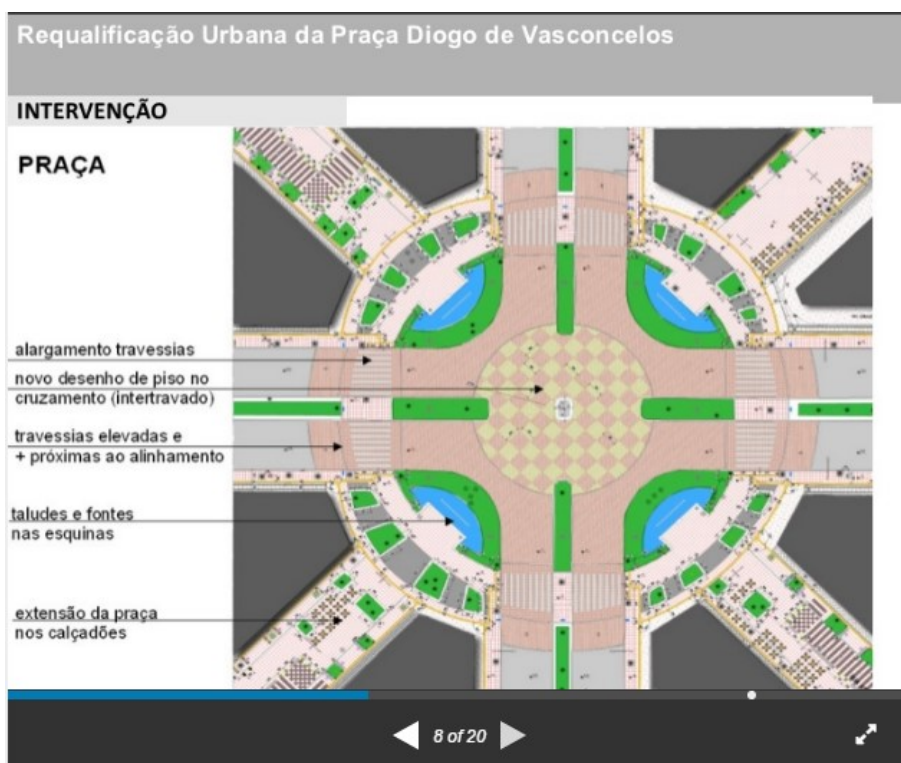
Em sua descrição sobre as calçadas da Praça, ele informa que elas mantêm uma média de cinco metros de largura, e há um alargamento maior em algumas esquinas. Chama a atenção para a má conservação de algumas partes: “O estado de conservação dessas calçadas não é satisfatório,

com alguns pontos deteriorados, originando desníveis, falta de concordância ou, mesmo, a ausência de revestimentos.” (ALMEIDA, 2010, p. 5) As muitas árvores do entorno davam certa unidade ao conjunto, mas atrapalhavam muito a iluminação à noite, criando grandes áreas escuras. O autor descreve, ainda, os mobiliários urbanos: destaca que as lixeiras são poucas e que os bancos se concentram nos espaços mais próximos ao centro da Praça, principalmente acoplados às jardineiras altas que havia nas esquinas. Ele relata que os bancos são muito usados na hora do almoço e à noite, o que confere ao entorno do cruzamento uma “identidade diferenciada do restante da Savassi.” (p. 6)

Outro destaque é a iluminação, que o autor considerou insuficiente. Por ser um elemento de grande importância na paisagem urbana, era necessária sua readequação, inclusive porque boa parte dela encontrava-se acima da copa das árvores, como já dito. E sua distribuição afetava o uso da Praça:

Na região da Praça Diogo de Vasconcelos, verificou-se que as áreas com uma adequada luminosidade, como a próxima à Cafeteria Três Corações, são muito utilizadas durante a noite pelas pessoas, e as outras, como na esquina das Avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo, onde predominam as áreas escuras, são evitadas, tanto para a circulação como para permanência na praça. (ALMEIDA, 2010, p. 7)

Apenas um ano depois dessas observações, teria início a obra de requalificação da Praça Diogo de Vasconcelos. Ela foi coordenada pela Construtora Itamaracá, com projeto arquitetônico do escritório B&L e supervisão da Superintendência de Desenvolvimento da Capital - Sudecap, através da arquiteta Denise Alvarenga. O valor da obra estava previsto em R\$10.414.242,13, e sua duração seria de 28 de março (dia em que as obras efetivamente foram iniciadas) ao 2º semestre de 2011. O escopo dos contratos incluía, entre outros, a implantação dos calçadões nos trechos fechados da Praça e das quatro fontes de água, o revestimento das calçadas em pedra portuguesa, a elevação da pista no cruzamento das Avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo, bem como a execução ou instalação de jardins, canteiros, postes de iluminação e mobiliário urbano. (PBH, 2011). “Também foram feitas adequações das redes de drenagem de água e esgoto, sistema de irrigação e adequação das redes lógicas das concessionárias de serviços públicos e privados, como telefonia e TV a cabo.” (ESTADO DE MINAS 2012e, s.p.) Observa-se que o entendimento que a Prefeitura tem da Praça abrange o espaço dos quarteirões fechados. É digno de destaque, também, o termo escolhido para nomear a empreitada: intervenção, bem menos sutil do que os mais usados requalificação, modernização e outros.

FIGURA 75: Esquema geral da obra.

Fonte: PBH, 2011, p. 8.

FIGURA 76: Proposta para o cruzamento central.

Fonte: PBH, 2011, p. 9.

FIGURA 77: Perspectiva ilustrada dos quarteirões.

Fonte: PBH, 2011, p. 11.

Segundo reportagem do Jornal Hoje em Dia (2010), o projeto proposto pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e apoiado pela Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL - previa a transformação de quatro quarteirões em calçadões com mesas, nova iluminação, mobiliário e fontes de água. De acordo com a Secretaria Municipal de Políticas Urbanas, à época, “a melhoria da área já tem olhos para a qualificação da cidade, e faz parte da preparação de BH para a Copa do Mundo de 2014.” (HOJE EM DIA, 2010, s.p.). Em entrevista, o presidente da CDL ressaltou que os lojistas eram favoráveis à revitalização da Praça da Savassi. Para ele “A Savassi é a sala de estar dos turistas e moradores que chegam a BH pela BR-040. É como a cara que queremos mostrar a essas pessoas”. (HOJE..., 2010, s.p.). Para Arantes, inaugura-se uma nova fase do capitalismo quando ruas, praças, bairros e cidades inteiras passam a ser envelopadas e discutidas como mercadorias:

Embora se saiba que as cidades modernas sempre estiveram associadas à divisão social do trabalho e à acumulação capitalista, que a exploração da propriedade do solo não seja um fato novo, e que haja - como mostrou à exaustão Lefèbvre e depois toda a geografia humana recente - uma relação direta entre a configuração espacial urbana e a produção ou reprodução do capital, como estamos vendo, há algo de novo a registrar nessa fase do capitalismo em que as cidades passaram elas mesmas a ser geridas e consumidas como mercadorias. (ARANTES, 2009, p.26)

Conforme Silva e Silveira (2010), as propostas e experiências concretas de planejamento urbano nunca são neutras, o que nos obriga a problematizar tudo o que cerca as instâncias decisórias numa cidade. Para Rodman (2010), durante muito tempo, a geografia ignorou os discursos como parte da produção do espaço. Em movimento recente, essa preocupação começa a fazer parte dos estudos de geografia humana tanto no sentido de fabricação do espaço como em apoio à investigação propriamente dita – sempre com o cuidado de não tomar a prática pela narrativa. O discurso, a escolha das palavras e as justificativas dizem muito das intenções que cada alteração física carrega. Ao anunciar a aprovação do projeto de requalificação, o então presidente da CDL, Roberto Alfeu, se orgulha da articulação entre o poder público municipal e as empresas que teriam interesse em patrocinar parte da obra para terem suas marcas associadas ao espaço:

Segundo ele, a CDL-BH chegou a começar uma articulação entre empresas interessadas em bancar parte da reforma, mas, com o adiamento do projeto, os contatos foram deixados de lado. Alfeu revela que os patrocinadores, no entanto, ainda estavam interessados em saber como sua marca seria exposta quando o anúncio do adiamento foi feito. “Fizemos um acordo de confidencialidade, mas, com a notícia de que o projeto está pronto, com certeza vamos retomar as conversas com as empresas que estavam interessadas na época”, assegura Roberto Alfeu. (HOJE EM DIA, 2010, s.p.)

Como tais conversas foram retomadas e que acordos produziram, não se teve notícia até 2011, quando uma reportagem sobre o atraso no cronograma da obra dá conta de que “Ao todo serão investidos R\$ 10,4 milhões, grande parte da iniciativa privada. Quem vai entrar com R\$ 7,58 milhões dos recursos é um *shopping* localizado na avenida Cristóvão Colombo, na esquina com a avenida do Contorno” [*Shopping Pátio Savassi*] (ÚLTIMO SEGUNDO, 2011, s.p.). Segundo o site Na Savassi (2011a, s.p.), o valor foi repassado pelos proprietários do *Shopping Pátio Savassi*, “como previsto em projeto de Lei que autoriza o *shopping* a expandir sua área construída.” A afirmação parece ter sido levada ao pé da letra: após meses de obras, o que se produziu foi um cruzamento de duas avenidas (como já era antes) cercado de fontes e lojas por todos os lados, conferindo à Praça da Savassi uma estética de praça de alimentação de *shopping*, com pisos coloridos, fontes de água, cadeiras giratórias aqui e ali.

FIGURA 78: Praça da Savassi antes das obras.

Fonte: Estado de Minas, 2012e, s.p.

FIGURA 79: Praça da Savassi após o término das obras de 2012.

Fonte: Estado de Minas, 2012e, s.p.

As músicas oferecidas pelos bares em volume sempre limitado, o silêncio civilizado dos quarteirões fechados, o destaque das fontes, a presença esporádica de pessoas em vestimentas mais simples, de pedintes e de pessoas que realizam serviços informais reforçam essa impressão de *shopping* a céu aberto, uma quase extensão do *Shopping Pátio Savassi*. O conjunto resulta na sensação de um espaço público regido por normas típicas de espaços privados. (FONSECA, DIAS e MARRA, 2016). Ao discutir questões de segurança na Savassi, já em 2014, um dos comerciantes relatou, inclusive, a intenção de alguns deles de realizar, em sua plenitude, a transformação da rua em *shopping*:

O dono do Espetinho Savassi, Leonardo Souza, informou que comerciantes apresentaram à Belotur um projeto de parceria público-privada, para que eles assumam a manutenção do quarteirão. “Contrataríamos até segurança. O espaço aberto funcionaria como uma praça de alimentação de shopping. Bares e restaurantes atenderiam a todas as mesas”, disse. (ESTADO DE MINAS, 2014a, s.p.)

A proposta de requalificação – ou ‘plástica radical’, de acordo com o jornal Hoje em Dia (2010) – incluía até a promessa de uma nova alternativa de transporte: um Veículo Leve sobre Trilhos – VLT -, ou um *monorail* que poderiam ser criados para ligar o BH *Shopping* à Praça da Savassi. A preocupação com a escolha do transporte ideal passava pela constatação de que os moradores dos bairros por onde ele deveria passar, como Lourdes, Savassi e Belvedere “têm maior poder aquisitivo, e, portanto, estão mais habituados a circularem em carros” e, por isso, “o transporte público oferecido para este público terá que ser, além de eficiente, charmoso” (HOJE EM DIA, 2010, s.p.). Houve a promessa de um estudo para determinar qual seria a melhor alternativa de transporte, o que não aconteceu até hoje.

Qual seria a importância, para a cidade como um todo, de uma modalidade especial de transporte que ligasse a Savassi ao BH *Shopping*? Esses e outros discursos deixam ver a prevalência de interesses de grandes empresas para a ocupação do território urbano de maneira ostensiva, enquanto os cidadãos são empurrados para localidades secundárias, para trás das vitrines, para o interior dos quarteirões. Uma das características mais marcantes da obra foi sua duração: "Os trabalhos tiveram início em março de 2011 e foram concluídos em maio de 2012" (PBH, s/d c, s.p.). Com mais de um ano de duração e compreendendo o período do Natal, a falta de vagas de estacionamento, a dificuldade de acesso às lojas e o caos no trânsito foram decisivos para que muitos dos pequenos lojistas não resistissem e fechassem as portas.

Em junho de 2011, os comerciantes já davam o alerta sobre "a demora na execução das obras, a queda nas vendas do comércio local, além dos transtornos que as intervenções estão causando na região." (CMBH, 2011, s.p.). Em 2012, quando a obra completou um ano, pesquisa do Sindicato dos Lojistas do Comércio de Belo Horizonte - Sindilojas-BH - informava que "51 pontos de vendas da região fecharam as portas desde o início das intervenções, período em que 65% dos empresários declararam queda de até 70% nas vendas." (ESTADO DE MINAS, 2012f, s.p.). O presidente da entidade, à época, acrescentou que muitos empresários não suportaram os prejuízos e encerraram os negócios. "Aqueles que continuam funcionando, além de ainda sofrerem com queda nas vendas, agora enfrentam o aumento dos valores dos contratos de aluguel. Recebemos informações de que a valorização do metro quadrado está acima de 50%". (ESTADO DE MINAS, 2012f, s.p.). Eles se mostravam preocupados, também, com a extinção das vagas de estacionamento rotativo nos quarteirões que serão fechados. A estimativa da Prefeitura era de que 200 pontos regulamentares de parada deixassem de existir. Levando-se em conta a rotatividade dos ocupantes, representaria espaço para cerca de mil veículos. (REVISTA ENCONTRO, 2011, s.p.)

Mais um episódio sobreveio com o fechamento de umas das mais tradicionais livrarias da Praça da Savassi, que funcionava, também, como cafeteria e a restaurante: a Livraria da Travessa. Na entrevista concedida por seu proprietário, ele lamenta: "Foi com tristeza que tomei a decisão de encerrar as atividades do Café da Travessa. Foram 15 anos de portas abertas à Savassi, onde a casa tornou-se referência". (PORTAL UAI, 2012, s.p.) Considerada um símbolo da Praça e uma referência para os encontros dos frequentadores, a Travessa encerrou suas atividades colocando a culpa na obra: "As obras de revitalização da Savassi tornaram-se, ao longo de sua execução, angústia e sofrimento dos lojistas".

Segundo o portal Último Segundo (2011, s.p.), a reforma estava criando "crateras entre as árvores", provocando a fuga dos frequentadores e "eliminando lojas, livrarias e a aura do ponto mais charmoso da capital mineira". A reportagem traz também o depoimento de uma das criadoras do movimento Pró-Savassi, que se lamentava de a Prefeitura não ter consultado as pessoas. "Para alguns comerciantes da Savassi, o preço de ver a região histórica recauchutada está sendo alto demais. As obras tiveram início em abril deste ano e estão longe de terminar. A previsão de entrega é abril de 2012." (ÚLTIMO SEGUNDO, 2011, s.p.) Outro comerciante é mais enfático: "Na minha opinião, esta obra não tinha motivo. Existem outras coisas prioritárias na cidade. Nunca fomos consultados em época nenhuma. Não teve opinião da comunidade. Estão enfeitando a Savassi, passando batom nela." (ÚLTIMO SEGUNDO, 2011, s.p.)

FIGURA 80: Detalhe da obra em 2011.



Fonte: Último Segundo, 2011, s.p.

FIGURA 81: Trânsito de pedestres durante a obra.



Fonte: Último Segundo, 2011, s.p.

FIGURA 82: Detalhe da colocação do piso no cruzamento central.



Fonte: Último Segundo, 2011, s.p.

O trânsito teve que ser alterado várias vezes. A Prefeitura costumava distribuir panfletos e colocar faixas indicando as mudanças. O movimento das lojas caiu muito durante a obra, ao passo que os aluguéis foram reajustados logo depois. Em maio de 2011, já havia uma audiência pública entre a

Prefeitura e os comerciantes para buscar soluções para os problemas causados pela obra. Fato interessante é que a reunião foi solicitada pelo vereador Léo Burguês de Castro, então no PSDB, e aconteceu na Livraria da Travessa (CMBH, 2011), que fecharia suas portas após o fim das obras e seria adquirida pelo vereador para abrigar um restaurante e outros empreendimentos. A audiência pública teria sido convocada “devido às reclamações de comerciantes e moradores sobre a demora na execução das obras, a queda nas vendas do comércio local, além dos transtornos que as intervenções estão causando na região.” Em agosto, um protesto foi convocado pelo Sindicato dos Lojistas do Comércio de Belo Horizonte - Sindilojas BH -, com o objetivo de pressionar ainda mais a Prefeitura e acelerar a conclusão das obras. (NA SAVASSI, 2011b)

FIGURA 83: Panfleto convocava os comerciantes para protestarem contra a demora na conclusão das obras.

convite

Movimento pela Agilização das Obras na Savassi

AMIGO LOJISTA, CHEGOU A HORA DE DARMOS AS MÃOS!!

Venha participar do M.A.O.S. (Movimento pela Agilização das Obras na Savassi)!

Vamos fazer uma grande manifestação pública, envolvendo lojistas e comerciários, sindicato dos Empregados - SEC, moradores e frequentadores da savassi. Vai acontecer no **dia 04 de agosto, quinta-feira , a partir das 11 horas, no centro da Savassi, Av. Cristóvão Colombo com Av. Getúlio Vargas.**

Pedimos para todo o comércio baixar as portas no período de 11 às 12 horas. Lojistas e comerciários deverão caminhar até o local, vestidos com as camisetas da campanha, além dos materiais que estamos preparando e que poderão ser apanhados na Livraria Travessa - Rua Pernambuco, 1286, no dia 03 de agosto, a partir das 16h.

É uma manifestação pacífica e ordeira, mas firme! Os lojistas não podem perder vendas e os comerciários não podem perder seus empregos devido à lentidão das obras!

É o SINDILOJAS-BH – Seu Representante Legal – atuando novamente a favor e em conjunto com os lojistas que representa.

Você faz parte dessa força! Junte-se a nós!

SINDILOJAS
SINDICATO DOS LOJISTAS DO COMÉRCIO DE BELO HORIZONTE

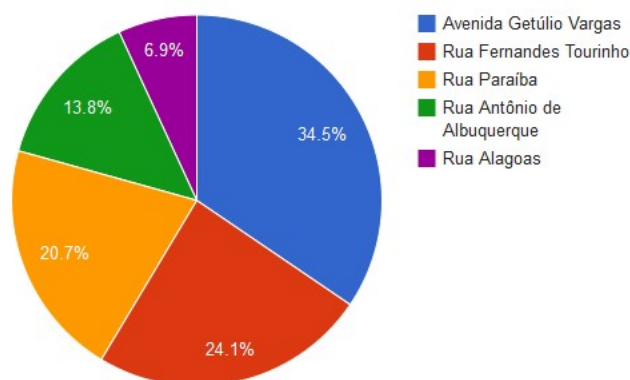
Acesse: www.sindilojasbh.com.br
Conheça melhor o trabalho do SEU Sindicato!
[31] 3272-5987

Fonte: Na Savassi, 2011b, s.p.

As críticas à obra se sucederam. Um dos comerciantes cita o fato de que “os quatro quarteirões foram quebrados ao mesmo tempo, mas reformados um a um. Além disso, as partes quebradas foram cercadas, dificultando o acesso dos clientes às lojas.” (HOJE EM DIA, 2012, s.p.) Os lojistas que permaneciam na região ainda teriam que enfrentar o aumento nos aluguéis, que estavam

sendo anunciados em torno de 50%. (ESTADO DE MINAS, 2012g). O quadro foi agravado pelo fato de que o término da obra, previsto para o segundo semestre de 2011, só correria no ano seguinte, o que fez com a época de Natal não representasse um bom volume de vendas para as lojas.

GRÁFICO 01: Locais que concentram mais lojas fechadas, de acordo com o Sistema Fecomercio²² Minas.



Fonte: ESTADO DE MINAS, 2012g, s.p.

Em nossas diversas observações durante esse período, outros cacos de conversas fizeram reverberar muitas dessas questões, especialmente na voz dos comerciantes locais. Os dados sobre o fechamento das lojas e o valor cobrado pelos estacionamentos da região foram assunto de, pelo menos, duas conversas diferentes entre vendedores e clientes:

52 lojas fecharam durante a obra, desde estandes da Feira Shop até o Café da Travessa. Ele ficou 15 anos no mesmo ponto, aguentou o período das obras e o proprietário teve a coragem de dobrar o aluguel.

O movimento de nenhuma das lojas foi recuperado. As pessoas entram e saem correndo porque estão pagando R\$10,00 de estacionamento por hora.

Outras reclamações recorrentes se referiam à obra em si, às decisões que foram tomadas e à forma como ela estaria sendo executada:

Eu não aguento mais. Eles quebraram e arrumaram o mesmo lugar três vezes.

Obra desnecessária; dinheiro jogado fora. Tinha outras coisas mais urgentes para fazer.

O meu passeio não está arrumado. Eles disseram que não vão arrumar. Aqui não é mais a Savassi? [Avenida Cristóvão Colombo, ao lado da Feira Shop]

²² Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Minas Gerais

Os prejuízos sofridos pelos comerciantes também eram alvo constante de queixas:

Já aumentaram os aluguéis, os condomínios... e disseram que vão aumentar o IPTU!

Perdemos muita coisa. As roupas e os manequins ficaram imundos.

Apesar de todas as reclamações e após todos os percalços, a nova Praça da Savassi seria finalmente inaugurada. No dia 08 de maio de 2012, os operários fizeram testes em duas das quatro fontes instaladas nos quarteirões fechados da Praça Diogo de Vasconcelos e lavaram as calçadas que estiveram em obras durante 14 meses (ESTADO DE MINAS, 2012e). De acordo com uma pesquisa realizada pela CDL-BH, 47% dos entrevistados disseram que consideraram a revitalização ótima e 71% dos lojistas e trabalhadores do comércio esperam que as vendas melhorem com a conclusão dos trabalhos (G1, 2012)

FIGURA 84: Teste das fontes.



Fonte: Estado de Minas 2012a, s.p.

FIGURA 85: Visitantes na primeira noite de funcionamento das fontes.



Fonte: Estado de Minas 2012a, s.p.

FIGURA 86: Primeira noite de funcionamento das fontes.



Fonte: Estado de Minas 2012a, s.p.

As críticas ao resultado final, com a obra, agora, já praticamente terminada, nasceram junto com os primeiros jatos d'água lançados ao ar. Um delas referia-se ao perímetro definido para obra, que foi seguido à risca demais: há poucos metros da faixa de pedestres da Avenida Cristóvão Colombo, a vendedora de uma loja que fica ao lado da Feira Shop reclamava que o passeio em frente à entrada de sua loja estava péssimo, esburacado, e que não custava nada a Prefeitura ter arrumado. A demarcação dos pisos era clara:

FIGURA 87: Pequenas lojas que sobreviveram à obra de 2012.



Fonte: a autora, 2016.

FIGURA 88: As divisões do piso da calçada em frente à loja Fran Modinha.



Fonte: a autora, 2016.

Nos totens de aço que delimitam a área central do cruzamento o nome oficial da Praça foi escrito errado: grafou-se Diogo Vasconcelos, sem o "de", no que pode ser encarado como um rompimento com a história do lugar. Como bem resumiu um arquiteto, sentado em uma mesa de bar no novo calçadão da Rua Paraíba: "Olhe para aqueles quarteirões fechados. Parecem cemitérios", apontando os quadrados de mármore que servem de bancos e cujo conjunto lembra, ligeiramente, uma fileira de lápides. "Diante desse mau gosto demasiado, um 'de' a mais ou de menos não significa nada." (ESTADO DE MINAS, 2012e). Os bancos mais compactos - posteriormente apelidados de lápides - foram cuidadosamente "adornados" com uma barra de ferro central, para

impedir que alguém (os "indesejáveis") se deitasse neles. O jornal Estado de Minas (2012e, s.p.) confirma: "Para alguns, o projeto é antiquado e não merecia o dinheiro gasto. Outros reclamam que deveria ter mais áreas verdes e que os bancos mais parecem urnas funerárias."

FIGURA 89: Detalhes do mobiliário, com cadeiras isoladas e bancos divididos ao meio.



Fonte: Estado de Minas 2012e, s.p.

FIGURA 90: Os bancos que foram comparados a lápides.



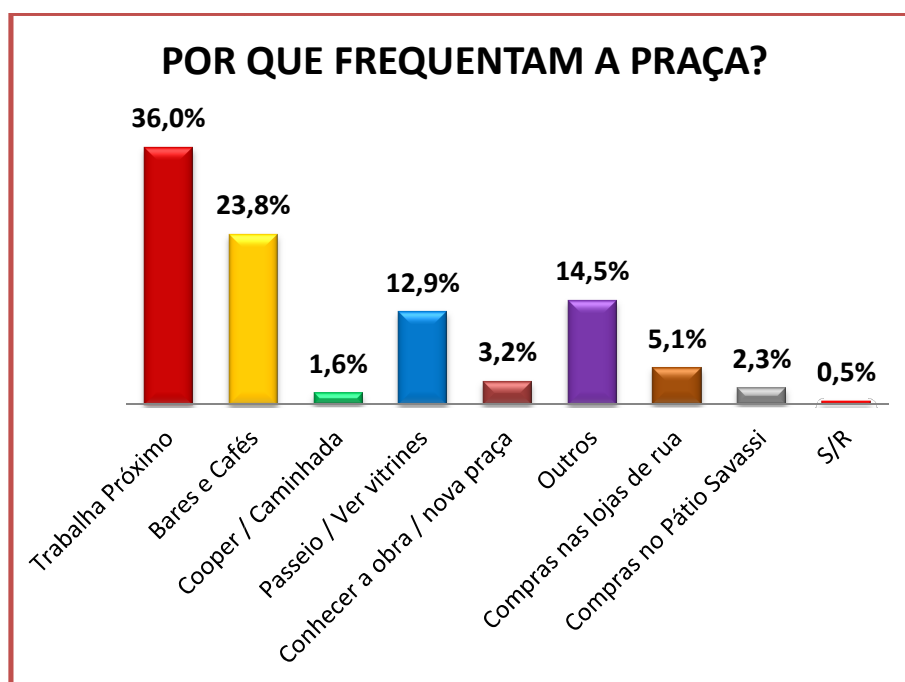
Fonte: Estado de Minas 2012e, s.p.

Por mais que se criem argumentos e discursos, a fabulação do espaço não converte ou convence a todos. Apesar do entusiasmo do discurso oficial, a última requalificação da Praça da Savassi não

foi bem avaliada por todos. No *survey* que realizamos com 400 frequentadores da Praça, entre os dias 31 de maio e 05 de junho de 2012, percebe-se que os discursos que se produzem sobre a 'nova' Praça da Savassi traduzem significados muito heterogêneos. Para os comerciantes locais, a requalificação trouxe prejuízos difíceis de recuperar, com destaque para as livrarias de rua, antigas referências da região, que fecharam todas.

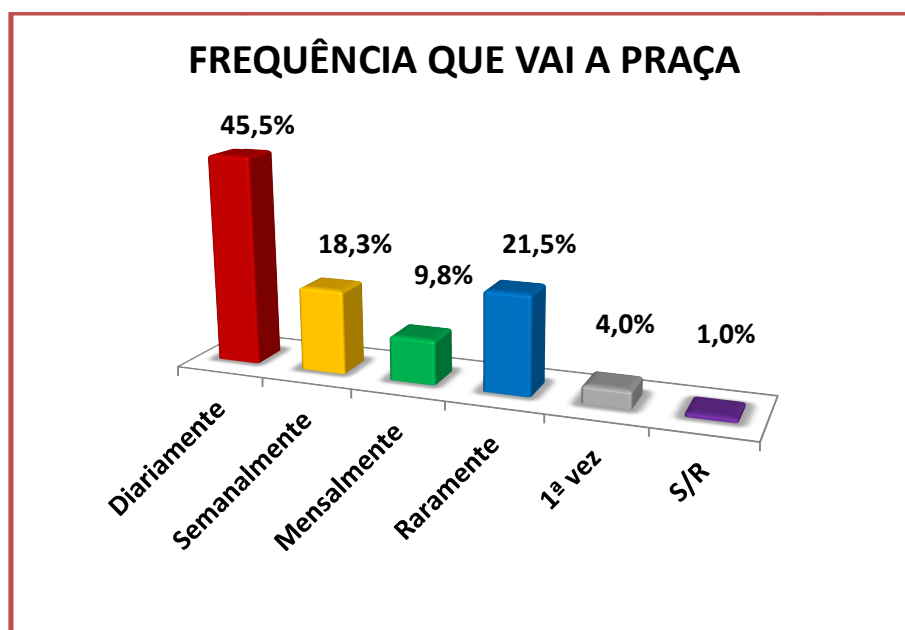
De acordo com a pesquisa, os motivos que levaram as pessoas a frequentar a Praça se mostraram variados: enquanto 36,03% das pessoas afirmavam que frequentavam a Praça da Savassi por causa do trabalho, 23,79% disseram frequentar por causa dos bares e cafés. Já outros 12,93% dos entrevistados disseram visitar a Praça para passear ou ver vitrines; 5,08% estavam lá para fazer compras nas lojas de rua e outros 2,31% fizeram compras no Pátio Savassi. Do total, 3,23% foram lá para conhecer a nova Praça da Savassi e 1,62% para fazer caminhada/Cooper. O percentual de 15,01 corresponde aos entrevistados que foram à Praça por outros motivos.

GRÁFICO 02: Motivos para frequentar a Praça da Savassi.



Fonte: a autora, 2012.

Do universo total de entrevistados, 45,5% iam à praça diariamente, enquanto 18,25% iam semanalmente. Os que afirmaram ir à praça mensalmente ou raramente correspondem a 9,75% e 21,5%, respectivamente, e 4% dos entrevistados foram à praça pela primeira vez. Apenas 1% das pessoas não responderam.

GRÁFICO 03: Motivos para frequentar a Praça da Savassi.

Fonte: a autora, 2012.

Do total de entrevistados, 73,8% afirmou ter acompanhado as obras. Com relação ao andamento delas, as opiniões são as piores possíveis: 20,4% acharam as obras muito demoradas; 8,9% afirmaram que elas instalaram um verdadeiro caos na região, enquanto 7,9% foram menos incisivos e usaram termos como confusa e desorganizada. A obra atrapalhou o comércio na visão de 6,4% dos entrevistados e complicou o trânsito na opinião de 5,5%, mesmo percentual de pessoas que disseram que a obra não demorou além do necessário.

Em relação ao final das obras de requalificação, as opiniões se dividiram muito. 25,1% das pessoas se limitaram a dizer que a Praça ficou muito bonita, enquanto outros 21,8% acharam que o espaço ficou mais organizado, arrumado e/ou bem estruturado. Também de forma inespecífica, 13,2% das pessoas disseram que a obra foi boa ou muito boa. Na outra ponta, 4,3% dos entrevistados se disseram frustrados com o resultado, pois esperavam mais da obra; 2,3% afirmaram que a obra não era necessária, e 2,1% acham que foi um desperdício de dinheiro público.

Perguntamos a opinião das pessoas com relação aos atributos beleza, limpeza, organização, segurança e frequência. 91,7% dos entrevistados concordam que a Praça da Savassi é um lugar bonito; 66,8% a consideram um lugar limpo e o mesmo percentual acha que é um lugar organizado. A praça é avaliada como segura por apenas 43,5% das pessoas. Mas a Praça da Savassi é um lugar agradável para 94,8% dos entrevistados, um local bem frequentado na visão de 76,3%.

Finalmente, foi perguntado às pessoas o que elas achavam que faltava e sobrava na nova Praça. Para 25,7%, falta policiamento ou segurança, e para outros 13,7% falta opções de entretenimento. 13,5% reclamaram das poucas áreas de estacionamento ou disseram que faltam vagas para carros. 24,7% acham que não falta nada. No outro sentido, 59,3% acham que também não sobra nada na Praça da Savassi. 6,2% disseram que há bancos demais, 5,2% (cada) acham que tem gente e lojas demais.

Nas opiniões coletadas durante as entrevistas, pudemos perceber que, para quem trabalha por perto e usa a Praça diariamente, a reforma foi uma completa inutilidade: as mesmas funcionalidades se mantiveram, o trânsito de pessoas e veículos praticamente não foi alterado, a sinalização e o novo mobiliário pouco ou nada acrescentaram. Se, para boa parte dos frequentadores, a nova Praça se tornou um lugar mais bonito, para muitos ela ficou pouco adequada aos usos tradicionais: o mobiliário é pouco resistente, e o piso se risca sob a passagem dos skatistas, entre outras reclamações (“O deslizar das rodinhas duras dos skates pelo piso vermelho riscou trilhos brancos na pedra recém-assentada” ESTADO DE MINAS, 2012h, s.p.). Conforme Fonseca (2008, p. 6):

A rua conserva e exhibe as diversas tensões que são próprias do urbano contemporâneo: as tensões entre os usos cotidianos e as regulações que emanam dos poderes que gerem a cidade; [...] A rua é campo por excelência do conflito, marca de constituição do urbano, este espaço que segrega ao mesmo tempo que pretende incluir a todos. A rua não constitui apenas uma disposição ordenada de objetos no espaço urbano, e sua força emana das possibilidades que ela encerra de encontro entre os sujeitos.

Em deriva realizada no dia 02 de junho de 2012, no entanto, pudemos observar um certo encantamento das pessoas que estavam ali com o propósito de conhecer a nova Praça da Savassi. Não encontramos vagas livres para estacionamento; a Cafeteria estava com todas as mesas ocupadas, mas o movimento de pessoas na Praça ainda era pequeno. Em frente à Livraria Status estava montado um parquinho da Estrela (tradicional marca de brinquedos), e havia promotores distribuindo exemplares da Revista Veja para os adultos e balões coloridos para as crianças. Pudemos perceber que o novo mobiliário serve, também, como delimitador do espaço que as mesas de cada bar ocupam. Dois senhores se aproximaram de nós oferecendo bilhetes de loteria. Um deles parou para contar o caso de um bilhete premiado que vendeu para uma senhora ali na Praça.

Especialmente a partir do início da noite, o movimento de pessoas foi crescendo e, apesar de haver muita gente apenas tentando se locomover pelo espaço, vários grupos se detinham diante

das fontes para fotografar. Havia muitas crianças também, e os adultos tiveram que controlar o impulso de algumas delas que gostariam de brincar na água. As fontes, por sinal, são 'à prova de banhos', pois não têm quase nenhuma profundidade; suas bases são muito rasas, e há um vão em volta delas para fazer escoar a água. Os comentários que pudemos perceber davam conta da beleza da Praça, especialmente das fontes. Os bancos não foram muito utilizados, pois a maioria das pessoas caminhava.

Passamos a acompanhar uma família que chegou à entrada do McDonald's por volta das 19:30. Era composta por um casal e dois filhos. Os adultos aparentavam estar na faixa dos 30 anos; as crianças (dois meninos) eram pequenas, mas ambas já andavam, o que sugere idades entre três e cinco anos aproximadamente. O casal chegou com o filho menor sendo trazido no colo pelo pai. As se aproximarem da entrada do McDonald's, deixaram as crianças caminharem sozinhas e ficaram observando. Em alguns momentos, eles olhavam em volta para ver as novidades da Praça. Após algumas brincadeiras, os pais chamaram a atenção das crianças para as fontes e se dirigiram a elas para fotografar. Tiraram algumas fotos das crianças, deles mesmos e apenas da Praça. Eles foram embora cerca de 30 minutos depois que chegaram, seguindo pela própria Avenida Getúlio Vargas em direção à Rua Paraíba.

A partir de sua saída, começamos a observar um grupo de jovens que também estava próximo à entrada do McDonald's. Eram oito, sendo cinco rapazes e três moças. Não sabemos se eles estiveram dentro da lanchonete, mas, enquanto estávamos observando, eles se mantiveram do lado de fora, na Rua Pernambuco. Conversavam alto e riam muito. Não conseguimos compreender do que falavam, e parecia que eles não estavam muito interessados nas novidades produzidas pela obra de revitalização. Ao mesmo tempo em que conversavam, olhavam alguma coisa nos celulares, faziam comentários e riam bastante. Depois de uns quinze minutos, eles começaram a se dirigir para a Avenida Cristóvão Colombo, e nós caminhamos logo atrás deles. Seguiram todo o quarteirão conversando e entraram à direita na Rua Alagoas. Algumas lojas ao longo da Avenida estavam abertas, mas eles não entraram em nenhuma. O mesmo aconteceu na Rua Alagoas, e nós interrompemos nosso trajeto quando o grupo cruzou a Rua Antônio de Albuquerque e continuou descendo em direção à Avenida Cristóvão Colombo.

Os dois grupos acompanhados não tinham nenhuma semelhança. A família parece ter vindo, claramente, para ver a nova Praça. Os jovens, ao contrário, pareciam fazer questão de não render tributo ao resultado da obra, apesar de estar lá nos primeiros dias após a inauguração. Isso nos lembra que a ocupação do espaço público não se dá de forma pacífica ou homogênea. Nesse sentido, é válido observar também que, antes mesmo da inauguração da nova Praça, já havia

bancos e paredes pichadas, numa clara afronta ao projeto em curso – mas que o jornal Estado de Minas (2012i, s.p.) entendeu como falta de educação e vandalismo:

A falta de educação e o vandalismo chegaram rapidamente à nova Praça da Savassi, revitalizada. Menos de 48 horas depois da reinauguração, a Praça Diogo de Vasconcelos, na Região Centro-Sul de Belo Horizonte, onde foram investidos R\$ 11,8 milhões, já sofre com depredação e sujeira. Postes e bancos novos já estão pichados e até luminárias já foram roubadas. [...] Em 19 de abril, o Estado de Minas já havia denunciado a pichação de um dos novos bancos da praça, antes mesmo da inauguração.

FIGURA 91: Banca de revistas pichada na Praça da Savassi



Fonte: Estado de Minas 2012i, s.p.

Outros usos não prescritos também puderam ser observados. No dia da inauguração da Praça, já havia um anúncio de um pintor colado numa das caixas de metal que ficam próximas às fontes. Se o cartaz tivesse sido afixado um mês depois, por exemplo, não carregaria tanto significado. Também flagramos moradores de rua deitados sobre os bancos de granito, mesmo a largura deles quase não sendo suficiente para acomodar uma pessoa deitada. A heterogeneidade dos usos daquele espaço se apresentou imediatamente, numa rápida mostra de que as intenções de uns nem sempre coincidem com as necessidades de outros.

FIGURA 92: Anúncio de serviço de pintura.



Fonte: a autora, 2012.

FIGURA 93: Moradores de rua descansam nos bancos.



Fonte: a autora, 2012.

O próprio evento inaugural deixou um rastro de sujeira que impressionou alguns garis, que entenderam as muitas garrafas quebradas e lixo espalhado como um sinal de que as pessoas não

souberam se comportar. Na primeira semana da nova Praça, havia carros estacionados sobre os quarteirões reformados, apesar da proibição expressa. (ESTADO DE MINAS, 2012h)

Também houve elogios, é claro. Inclusive por parte de urbanistas que visitaram a Praça recém-inaugurada, para os quais a obra permitiria ampliação do espaço público e maior integração entre as pessoas. Até o 'granito rústico' dos bancos foi apreciado por ser resistente e de fácil manutenção. Naquela época, colocar mesas nas novas calçadas ainda era apenas uma possibilidade para os bares, pois a Prefeitura anunciava estudos sobre a questão²³. Uma das autoras do projeto informava que ainda havia muito a ser feito, e que alguns dos resultados só poderiam ser percebidos com o tempo, principalmente com o crescimento da vegetação. Mas ressaltava que aquela seria "cidade do homem, não é essa coisa atropeladora, insensível. Os cidadãos vão tocar música, o palco está armado, o cenário está ficando pronto. Começamos a modificar hábitos" (ESTADO DE MINAS, 2012b, s.p.)

Enquanto um palco era montado no quarteirão da Rua Antônio de Albuquerque, entre Cristóvão Colombo e Rua Paraíba, uma trupe circense fazia uma apresentação relâmpago na Rua Pernambuco, no quarteirão entre Avenida Getúlio Vargas e a Rua Tomé de Souza, encantando crianças e adultos. Não faltou quem empunhasse celulares e câmeras fotográficas para registrar a novidade. Tomando sorvete, apreciando o vaivém das pessoas ou embalado pela música que saía no fone de ouvido, não faltou gente sentada nos bancos de granito, bem perto das fontes, numa clara atitude de quem encontrou paz e sossego. (ESTADO DE MINAS, 2012b, s.p.)

O palco, na realidade, não passava de um tablado, como pode se ver na próxima imagem. O evento não parecia estar previsto para atrair muitas pessoas. Mas a força atribuída à organização espacial aparece na fala da entrevistada e no texto do jornalista: o palco e o cenário estavam montados para que as pessoas atuassem neles - mas com novos hábitos.

²³ Em junho de 2012, a Prefeitura anunciou algumas normas para padronização do mobiliário dos bares. Houve muitos protestos por parte dos comerciantes, e a medida nunca foi plenamente implantada.

FIGURA 94: O palco citado na matéria anterior.



Fonte: a autora, 2012.

Em muitos dos depoimentos, percebe-se uma ingenuidade em relação ao que a morfologia é capaz de realizar por si só. Algumas falas demonstram a frustração de se perceber que a obra, sozinha e de pronto, não foi capaz de ‘ensinar’ a população a usar o novo espaço como se esperava. Criticaram o mobiliário, estacionaram carros onde não deveriam, riscaram o chão com as rodas do skate, picharam tudo. Essas manifestações dão pistas, por um lado, da importância que se pode atribuir aos artefatos, aos fixos, ao espaço construído. Por outro ângulo, reforçam nosso entendimento de que a concretude do espaço é significada e elaborada, apreendida e utilizada somente a partir do contato do homem. Evidentemente, isso não significa desconhecer o peso da morfologia nessa relação, mas antes destacar a relação que se produz – muito provavelmente, quem inscreveu alguma coisa a tinta e quem veio passear de skate na Praça, o fez também porque aquela era a nova Praça da Savassi. Conforme Silva et al (2008, p. 01): “Ao agir sobre os lugares, no cotidiano, os sujeitos atribuem significados aos espaços, transformando a sua significação ou apenas atualizando os significados circulantes.”

As intervenções e acontecimentos na Praça continuaram sendo ‘notícia de jornal’. Dez dias após a inauguração, “problemas antigos como sujeira, depredação e falta de estrutura do espaço voltaram em meio a shows, apresentações, mostras e eventos culturais que tentam reintroduzir o local à rotina da capital mineira” (ESTADO DE MINAS, 2012i, s.p.) Os frequentadores insistiam em jogar tocos de cigarro, restos de alimentos e embalagens plásticas pelo chão, apesar das lixeiras novinhas em folha. No quarteirão da Rua Antônio de Albuquerque, o granito dos bancos já estava

impregnado de gordura. Uma entrevistada ressaltava que o lugar tinha ficado muito bonito, mas que o problema continuava devido ao fato de que “a sujeira é do brasileiro. A gente mudou a praça, mas as pessoas não mudaram sua atitude” (ESTADO DE MINAS, 2012i, s.p.) É interessante observar o poder que a intervenção teria, no imaginário de alguns, de mudar os usos e os hábitos também.

Os skatistas ‘riscadores de chão’ também voltavam a ser atacados. Um comerciante acha que eles deveriam procurar pistas próprias para a prática do esporte, pois pessoas idosas frequentam as lojas e a Praça, e podem se envolver em acidentes. Ele se lamenta de que “para nós foi um prejuízo danado o fechamento para a reforma. Agora que melhorou começam a destruir tudo?” (ESTADO DE MINAS, 2012i, s.p.) Nessa oportunidade, felizmente, alguém se lembrou do outro lado: uma estudante ressaltou que a Praça da Savassi teria que ter espaço para todos, e que “já se andava de skate aqui antes. Por que iriam parar agora? Tinham de ter feito o piso com material que resistisse ao uso de todos” (ESTADO DE MINAS, 2012i, s.p.).

Um dos grandes acontecimentos logo após o fim das obras foi o fechamento da Livraria da Travessa, que chegou a registrar queda de 70% no faturamento. (HOJE EM DIA, 2012) Com mesas sob as árvores, a livraria funcionava também como café e restaurante. Com uma programação variada, que envolvia música ao vivo, feira de artes, sessões de autógrafos e outros eventos, o estabelecimento funcionava há 15 anos na esquina da Avenida Getúlio Vargas com Rua Pernambuco, com entrada para ambas. Numa nota de despedida, o proprietário dizia ter tomado a decisão por absoluta inviabilidade dos negócios em face dos novos valores de aluguéis, e ressaltava que aquele era “um símbolo do bairro que se esvai, deixando para Belo Horizonte a lembrança de bons tempos onde a civilidade era plenamente exercida, havia respeito aos cidadãos e comerciantes e a ganância imobiliária ainda não dominava a cidade.” (PORTAL UAI, 2012, s.p.)

FIGURA 95: Antiga Livraria da Travessa.

Fonte: Hoje em Dia, 2012, s.p.

Evidentemente, o imóvel não ficaria desocupado por muito tempo, especialmente por estar localizado numa área de grande atratividade para o consumo e numa esquina reformada a pouquíssimo tempo. Como já citado, coube ao então Presidente da Câmara dos Vereadores de Belo Horizonte, Léo Burguês, tornar-se o novo locatário do imóvel que a Travessa ocupava. Fechada em 2012 “por causa dos problemas causados pela obra de reforma [da Praça da Savassi]” (ESTADO DE MINAS, 2012g),

O imóvel que era ocupado pela antiga Livraria e Café da Travessa, no coração da Savassi, deve ser transformado em três empreendimentos. Alugada pelo presidente da Câmara de Belo Horizonte, vereador Léo Burguês (PSDB), a casa será ocupada por um self-service e petisqueira no primeiro andar da entrada da Rua Pernambuco e por um restaurante de comida francesa no antigo mezanino. A entrada da Avenida Getúlio Vargas deve ser locada para uma loja de roupas. A previsão é de que a inauguração seja feita até o fim de setembro. (ESTADO DE MINAS, 2012j, s.p.)

O imóvel de 400 metros quadrados deveria abrigar três empreendimentos independentes, sendo um deles, no segundo andar, de “estilo mais requintado, voltado para o atendimento noturno” (ESTADO DE MINAS, 2012j, s.p.). A iniciativa marca a volta do vereador à cena de entretenimento da cidade, que também já tinha inaugurado, em maio daquele ano, uma creperia na Rua Antônio de Albuquerque, na qual teria investido mais de R\$ 1 milhão no estabelecimento, que “funciona 24 horas, numa tentativa de criar alternativas para os belo-horizontinos que frequentam as noites da capital.” (ESTADO DE MINAS, 2012j, s.p.) Na década de 1990, ele era sócio de grandes boates da cidade de Belo Horizonte, como Coliseu, Lapogê e Ao Bar. (REVISTA VEJA, 2012b).

Com o uso e o passar do tempo, a nova Praça da Savassi foi sendo incorporada ao dia a dia - e às mazelas – da cidade. Em 2013, as fontes tiveram que ser desligadas porque as bombas de água estragaram. Até então, elas eram ligadas diariamente, no início da tarde e da noite “Os equipamentos teriam sido danificados por causa de lixo jogado nas fontes por frequentadores do local.” (ESTADO DE MINAS, 2013c, s.p.) Em 2014, houve a pichação da estátua da poetisa Henriqueta Lisboa, que fica na Rua Pernambuco. O monumento amanheceu desenhado por batom vermelho. (O TEMPO, 2014c) Em novembro do mesmo ano, foi a vez da estátua de Roberto Drummond, que teve os olhos pintados de azul. O poeta, além de fazer versos para a Savassi, era também um famoso torcedor do Clube Atlético Mineiro de futebol, o que fez com que a Polícia Militar atribuísse a ação a torcedores do time rival Cruzeiro (cujo uniforme é azul celeste). (ESTADO DE MINAS, 2014b). Num breve apanhado do ano, o jornal Estado de Minas (2014c, s.p.) percorreu os quarteirões fechados da Praça em busca de pichações para constatar que havia “inscrições em 12 bancos de mármore (inclusive nos de uma fonte), quatro lixeiras, oito orelhões, um canteiro de mármore e duas fachadas de prédios particulares. Três totens também foram alvo de vândalos.” (ver próxima imagem) Os problemas mais comuns da cidade também foram ressurgindo. Em 380 metros de Praça, foram encontrados 42 buracos nos passeios. (ESTADO DE MINAS, 2014c)

FIGURA 96: Um dos totens do cruzamento central da Praça.



Fonte: a autora, 2016.

Mas o grande vandalismo, diriam alguns, foi a sucessão de falências e encerramento de atividades comerciais na Savassi. “A revitalização da Praça da Savassi foi um dos maiores equívocos. Nos venderam que as pessoas iriam andar mais na Savassi, mas diminuíram o número de vagas de estacionamento. Agora quem vinha para a Savassi prefere ir ao *Shopping*.” (O TEMPO, 2015e, s.p.) Em março de 2015, uma matéria do jornal O Tempo chamava a atenção para a quantidade de lojas fechadas na região, o que se atribuía ao aumento dos aluguéis. Um dos entrevistados afirmava que seu aluguel tinha subido 170% em três anos.

Com isso, empresas tradicionais da Savassi fecharam. Como o restaurante Dona Clara, que depois de 39 anos, fechou há cerca de três meses por causa do aumento do aluguel. [...] Com custo alto, a tradicional livraria Status Café Cultura e Arte vai fechar as portas após 41 anos no mesmo ponto, na rua Pernambuco. O empresário Rubens Batista, dono da livraria e da loja Gujoreba, está trocando seus estabelecimentos de lugar. “Estive 41 anos no mesmo ponto, mas estou saindo porque o proprietário não quis negociar”, diz.

Em uma de nossas observações, realizada em novembro de 2016, a situação permanecia a mesma, inclusive no *Shopping 5ª Avenida*, onde um grande adesivo, apesar de sinalizar uma loja fechada, reforçava o discurso sobre o luxo da Savassi.

FIGURA 97: No quarteirão da Rua Tomé de Souza, três lojas vizinhas estão disponíveis para aluguel.



Fonte: a autora, 2016.

FIGURA 98: Loja fechada no *Shopping 5ª Avenida*, na Rua Alagoas.

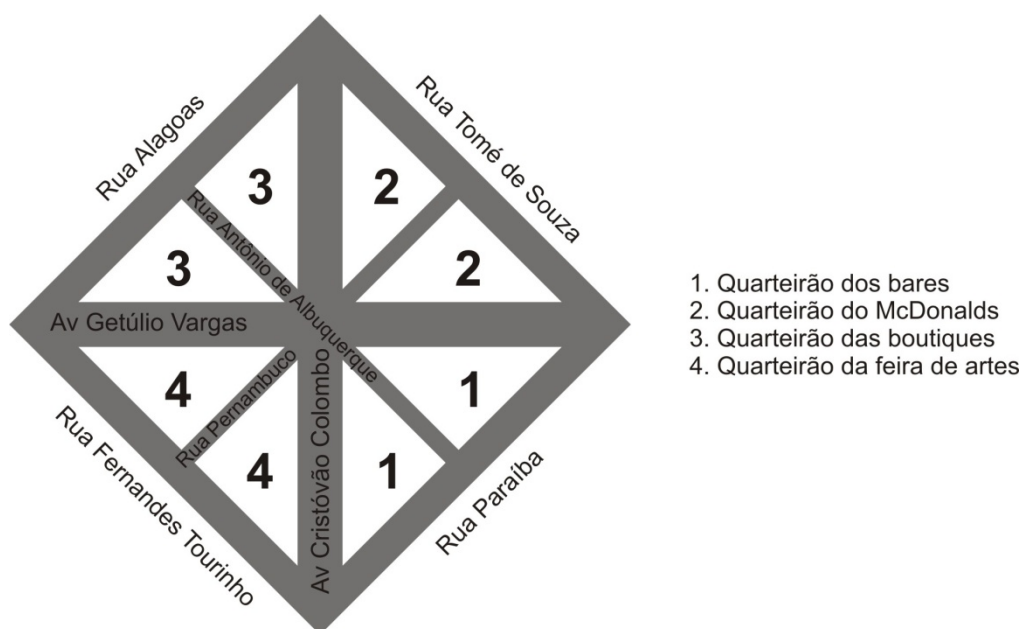


Fonte: a autora, 2016.

Em 2016, seria vez a da Livraria Status, que funcionou por mais de 40 anos na Savassi. O negócio começou como uma banca de revista entre 1971 e 1972 – nem o proprietário se lembra mais da data exata – e virou uma pequena loja em 1974. “À época, no imóvel do McDonald’s, ainda funcionava um estacionamento e, na loja da Melissa, um posto de gasolina” (ESTADO DE MINAS, 2016b, s.p.) Mais uma vez, a culpa ficou por conta do aumento dos aluguéis.

Hoje, os quatro quarteirões ao redor da Praça da Savassi parecem ter-se transformado em novas praças: é neles que as pessoas permanecem e se relacionam; é neles que se encontra algum mobiliário de apoio à permanência. Todos apresentam características físicas bastante uniformes: piso, mobiliário e iluminação foram padronizados; a circulação de veículos foi proibida; fontes de água, idênticas às que se encontram em *shoppings*, ornaram as quatro esquinas do cruzamento; lojas e bares cercam cada um dos quarteirões de lado a lado. Apesar disso, cada quarteirão tem sua própria ambiência: seus frequentadores habituais, suas atividades bem demarcadas pelo comércio diferenciado em cada um deles. Para melhor compreensão, podemos fazer uma breve descrição de cada quarteirão. Adotaremos, para tanto, os apelidos pelos quais eles costumam ser chamados pelos habitués: quarteirão dos bares, quarteirão do McDonald’s, quarteirão das boutiques e quarteirão da feira de artes.

FIGURA 99: Esquema representativo dos quarteirões da Praça da Savassi.



Fonte: desenvolvido pela autora, 2016.

O quarteirão um é que abriga maior concentração de bares e restaurantes. Tem também algumas lojas, como a tradicional Gujoreba, algumas boutiques, um salão de beleza e outras. Durante os

dias da semana, tem menos movimento, com maior concentração de pessoas no horário do almoço. A partir do fim da tarde, no entanto, o quarteirão é ocupado pelas mesas dos bares Horizontino, Baiana do Acarajé e outros. Nas noites de quinta e sexta-feira, fica praticamente tomado pelos frequentadores dos bares, o mesmo ocorrendo nos finais de semana durante todo o dia e à noite. A maior parte dos bares tem televisores para transmissão de jogos de futebol.

FIGURA 100: Quarteirão dos bares durante a cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014



Fonte: a autora, 2014.

O quarteirão dois é marcado pela presença do McDonald's bem na esquina das Avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo. Tinha apenas dois bares, sendo um deles a Livraria e Café Status, que encerrou suas atividades em 2016. Há bancos, farmácias e lojas e brinquedos. Apresenta pouco movimento na maior parte dos dias. Nos finais de semana, costuma receber shows em palcos especialmente montados, além de ser ocupado por diversas tribos, que fazem performances ou, simplesmente, ficam de pé próximo à entrada do McDonald's.

FIGURA 101: Fachada do McDonald's voltada para a Avenida Getúlio Vargas.



Fonte: a autora, 2017.

FIGURA 102: Fachada do McDonald's voltada para o centro da Praça da Savassi.



Fonte: Apontador, s/d, s.p.

Já o quarteirão três é o mais movimento no horário comercial. É inteiramente cercado por lojas - de roupas, calçados, malas - e fica cheio o dia todo. À noite e nos fins de semana, no entanto, é um deserto: o encerramento da atividade comercial parece sinalizar, também, o fechamento do quarteirão. Transitar por ali pode ser perigoso, pois a ausência de transeuntes facilita a ação de ladrões. Finalmente, o quarteirão quatro tem características híbridas. Tem menos lojas que o quarteirão três e apenas um bar, bem na esquina das já citadas avenidas, no espaço ocupado, até a obra de 2012, pela tradicionalíssima Livraria e Café da Travessa. Nos finais de semana, abriga

uma feira de artistas independentes, que expõem quadros e outras obras. Costuma receber, também, feiras de trocas de livros e, eventualmente, palcos para shows.

FIGURA 103: Palco montado no quarteirão quatro no dia da abertura da Copa do Mundo.



Fonte: a autora, 2014.

Conforme Santos (2010), as sucessivas transformações ocorridas em algumas praças em várias cidades brasileiras acabaram por transformar, radicalmente, sua forma e, em consequência, sua identidade, como no movimento de deslocamento das praças para os quarteirões fechados. Nos lugares, usos e costumes deixam marcas das maneiras de ver e viver. As intervenções, modernizações, requalificações tendem a provocar a obsolescência daquele território, na medida em que ele deixa de se prestar aos usos tradicionais. Em outros casos, pode despertar o antagonismo de quem foi expulso ou não foi contemplado, dando início a uma resistência que se dá na medida do poder e da capacidade de organização dos incomodados. Desprovidas de seus atributos originais, as praças, mais especificamente, “parecem perder, nesses casos, ambos os propósitos originais, seja o ritualístico, seja o social-comercial, seja o cultural-identitário.” (SANTOS, 2010, p. 155)

A obra é resultado de forças desiguais. Na configuração da forma do espaço, por exemplo, a ação da administração do município se traduz no conjunto de intervenções que se fez nos dois lugares, reconfigurando e reinventando a forma de praça em ambos. Também se faz presente e visível na regulamentação, na sinalização e na fiscalização dos usos dos lugares. Essa ação disciplinadora da forma e dos usos enfrenta, cotidianamente, uma série de embates. (SILVA, 2016, p. 214)

A primeira coisa que se vai é a morfologia. Um sem número de praças, em todo o mundo, são cruzamentos de vias para circulação de veículos. Às vezes, como na Praça Sete de Setembro, em Belo Horizonte, deixa-se uma nesga de praça no meio do cruzamento. Nela, apenas o famoso

obelisco, instalado sobre uma base inclinada que não permite que uma só pessoa fique de pé sobre ela. Em outras, como a Praça da Savassi, só sobra mesmo um desenho no chão, o que, de acordo com uma das arquitetas que assinou o projeto de revitalização concluído em 2012, não é um problema: o cruzamento de vias foi mantido, pois “era necessário caracterizar o local como praça, mas as avenidas precisavam ser preservadas. Não havia elemento nenhum que mostrava que ali era a Savassi. Reforçar a circunferência era um objetivo. Para isso, colocamos cores diferentes” (REVISTA PRISMA, 2012, s.p.). Dessa forma, as pessoas podem, pelo menos, ver a demarcação da área que elas não podem ocupar.

Santos (2010) afirma que as praças se tornaram obsoletas para as grandes cidades. Para ela, as praças passaram por duas fases durante as quais poderiam ser consideradas ‘órgãos vivos’. A primeira fase remonta às praças medievais, eixos centrais das primeiras cidades, por onde passavam todas as pessoas, todas as decisões, todos os anúncios. Elas acumulavam funções simbólicas e comerciais. A segunda fase está representada pela praça renascentista, mais próxima da concepção formal que vingou nas teorias urbanísticas, representativa do poder sobre o território. A Era Industrial, porém, marcaria a morte da praça. Os padrões de agregação mudam, e as pessoas passam a frequentar muito mais os mercados, teatros, cafés, clubes. As praças dos séculos XX e XXI “integrariam, segundo essa visão, tão somente os sistemas de circulação, não estando mais a serviço do pedestre. A praça tradicional teria, no entanto, na Europa, preservado suas funções e animação em algumas cidades de médio e pequeno portes.” (SANTOS, 2010, p. 156)

A rua, as praças e os parques ficam esvaziados, entregues aos veículos para tráfego e estacionamento, ou àqueles que não têm o capital suficiente para estar nos modernos recintos fechados: “A divisão entre centro rico e periferia pobre já está sendo desconstruída e as pessoas não percebem. A nova linguagem que representa isso é a violência urbana, que passa a organizar uma reterritorialização.” (SODRÉ, 2015)²⁴. Um desdobramento relativamente recente dessa tendência são os condomínios de luxo. Ao murar uma parte da cidade e restringir o acesso àqueles que têm a renda adequada, criam-se “enclaves territoriais de luxo” perfeitamente justificáveis pela necessidade de proteger uns cidadãos dos outros que se encontram nos territórios excluídos, administrados pelos traficantes ou pela milícia. (SANTOS, 2010)

Sassen (s/d) ressalta que o poder das corporações transnacionais e a capacidade das novas tecnologias de neutralizar as noções de distância e lugar ainda estão por aparecer. Ela defende a necessidade de se recuperar a geografia dos lugares que participam da globalização, recuperando

²⁴ SODRÉ, Muniz. Apresentação oral durante o XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015

as pessoas, os trabalhadores, as comunidades e a grande variedade cultural que existe à margem da cultura corporativa. Dito de outra forma, é preciso posicionar a cidade global como espaço para uma política que defenda os direitos da cidade como tal. Recuperar o espaço físico significa recuperar a multiplicidade de presenças nessa paisagem. Essa narrativa permite perceber uma série de acontecimentos comunicativos no espaço urbano. Compreender esses acontecimentos exige, a nosso ver, a proposição de categorias próprias de análise. Para abordá-los satisfatoriamente, utilizaremos as três categorias, propostas em alguns dos estudos do CCNM, que interagem mutuamente na conformação dos espaços pelos habitantes da cidade: paisagem, situação e ambiência comunicativas. O próximo capítulo traz os resultados das nossas derivações e observações, bem como uma análise da Praça da Savassi sob as categorias propostas. A partir delas, pretende-se discutir como a comunicação no espaço urbano é influenciada pelas características dele e, ao mesmo tempo, como essa comunicação afeta o espaço.

4. PAISAGENS, AMBIÊNCIAS E SITUAÇÕES COMUNICATIVAS NA PRAÇA DA SAVASSI

De acordo com Ferrara (2005, s.p.), “a cidade cosmopolita, a metrópole e a megalópole escrevem a história da cidade como comunicação e vinculam suas manifestações semióticas a distintos trânsitos entre fixos e fluxos.” (FERRARA, 2005, s.p.) Mas, conforme Silva et al (2008, p. 09) “Uma coisa é a cidade objetivamente transformada pelo impacto da modernização; outra é a transformação da cidade por meio de certos mecanismos da percepção, da interação e da experiência do sujeito.” Diante disso, é possível pensar em que medida a infraestrutura física afeta as possibilidades de comunicação no espaço urbano. Dito de outra forma, é preciso discutir como “a comunicação que se dá no espaço urbano é marcada pelas características próprias deste espaço e como os processos comunicativos são fundamentais na sua constituição.” (FONSECA, 2008, p. 175). É necessário analisar de que forma as alterações na paisagem influenciam a comunicação no espaço urbano e, ao mesmo tempo, como a comunicação influencia as operações de uso e apropriação desse espaço.

Mas como construir um conhecimento acerca da cidade, sem que tal operação transforme o que se apresenta como fluxo em fixo? Como entender o caráter mutante da cidade sem, com isso, congelá-la e, em consequência, matá-la. Entendemos que o caminho necessário parte do entendimento de como as pessoas vivem a cidade e na cidade. Em virtude disso, pusemo-nos a frequentar a Praça da Savassi, observar e acompanhar seus frequentadores, e registrar aquilo que nos parecia importante como indício de uma aproximação das pessoas com o espaço, da relação dessas pessoas naquele espaço e da atribuição de significado a ele, culminando na fabricação do lugar.

Aqui, a comunicação não se estabelece em uma experiência urbana dada, com sentido prefigurado de passado longínquo e fundador e um futuro determinado e inalcançável. Ao contrário da cidade dos projetos de intervenção, que prometem um novo espaço com a missão de futuro no mundo urbano capitalista, temos uma cidade do presente, da radicalidade, que vem da tensão entre o campo da experiência e o horizonte da expectativa. Uma cidade de múltiplos espaços e temporalidades, uma cidade não linear, com possibilidades de construtividades relacionais. Nossa cartografia pretende fazer jus a esse movimento. (SILVA et al, 2008, p. 09)

Acreditamos que uma boa forma de começar o relato das nossas andanças seja apresentar, de maneira panorâmica, o quadrilátero que se convencionou chamar de Praça da Savassi. Imaginemos um *road movie* rodado a pé, no qual a estrada são as ruas que contornam o cruzamento central e as ruas e avenidas que o formam. Como no filme, não temos um tema ou um

andamento dado a priori; vamos andar e narrar, e o resultado – sem efeitos especiais, sem montagem – poderá ser capaz de ambientar o leitor na Savassi. Daremos início à nossa deriva pela Avenida Getúlio Vargas, na esquina com as ruas Tomé de Souza e Paraíba. Vale lembrar que os dados foram atualizados até 2016.

FIGURA 104: Vista aérea da Praça da Savassi, com as ruas que delimitam sua área oficial. O ponto vermelho é nosso ponto de partida.



Fonte: Google Maps, 2016, s.p.

Logo na esquina do lado direito, com Rua Tomé de Souza, há uma estrutura que não combina em nada com o resto ambiente: uma casa lotérica cuja entrada de metal e mármore avança sobre a calçada. O conjunto é meio mambembe, parece improvisado, e se sobressai em relação ao pequeno edifício em que se encontra, que fica alinhado mais atrás.

FIGURA 105: Lotérica Show da Sorte.

Fonte: Google Street View, 2017, s.p.

Caminhando em direção ao cruzamento central da Praça temos, ainda do lado direito, algumas pequenas lojas – principalmente de moda feminina -, um prédio de escritórios, um ponto de comércio fechado – trata-se de um pequeno sobrado, onde já funcionaram bares e outros negócios -, dois prédios residenciais e um grande prédio comercial, que se estende até o cruzamento central e em cujo andar térreo encontra-se o McDonald's. O lado esquerdo da Avenida, começando pela esquina com a Rua Paraíba, conta com uma calçada bem mais ampliada, com várias árvores, onde se encontra um pequeno edifício comercial – e disponível para locação há algum tempo. Do outro lado da rua, novamente em direção ao cruzamento central, há um restaurante antigo chamado Rococó, um bar, vários comércios e uma grande agência do banco Santander sob um edifício. O final desse quarteirão da Avenida Getúlio Vargas culmina com a loja da operadora Tim.

FIGURA 106: Lojas das operadoras TIM e Claro no quarteirão fechado da Antônio de Albuquerque.



Fonte: a autora, 2016.

Passamos pela Rua Antônio de Albuquerque, bem atrás de uma das quatro fontes de água que a Praça ganhou em 2012, e a loja da Claro estará do nosso lado esquerdo. Nesse ponto do filme nos encontramos bem diante do cruzamento central. Ao olharmos para a direita, vemos a loja da Vivo, exatamente em frente à da Claro. Atravessamos a Avenida Cristóvão Colombo sem olhar para os lados e seguimos nossa jornada pela Getúlio Vargas. A loja que encontramos na confluência das duas avenidas com a Rua Pernambuco, do lado esquerdo, é a Elmo Calçados, tradicional empresa mineira criada por um imigrante espanhol em 1933 (ELMO CALÇADOS, 2016). Seguindo em frente, nos deparamos com o imóvel que foi ocupado pela Livraria da Travessa. Em seu lugar surgiu uma loja do Centro Ótico, outra empresa mineira. O andar de cima da loja é ocupado por um bar. Bem em frente, do outro lado da Getulio Vargas, temos a loja da telefônica Oi.

FIGURA 107: Vista da Avenida Getúlio Vargas a partir do cruzamento central.



Fonte: a autora, 2017.

Até o final do quarteirão teremos a mesma disposição de elementos dos dois lados da Avenida: lojas e mais lojas. A maioria absoluta é de moda feminina, e há também uma loja bem grande de artigos para bebês e crianças, uma de suprimentos de informática, uma de chocolate. Nosso percurso pela Getúlio Vargas acaba nas esquinas com Fernandes Tourinho e Alagoas. Desse ponto precisamos decidir em que direção virar a ‘câmera’ do nosso filme, e decidimos executar a nossa própria ‘guinada à esquerda’: vamos para a Rua Fernandes Tourinho.

Esse quarteirão apresenta muitas lojas fechadas, além de muitas vagas de estacionamento. Na esquina com a Avenida Getúlio Vargas há uma livraria – uma das pouquíssimas que sobrou – e algumas lojas. Até chegarmos à Avenida Cristóvão Colombo teremos muitos prédios comerciais e residenciais, e uma obra bem grande em andamento do lado direito. Há muitas lojas fechadas, inclusive numa galeria na esquina com a Rua Pernambuco. A rua ainda tem alguns bares e mais uma livraria, a *Scriptum*. Na esquina com as avenidas Cristóvão Colombo e Contorno há uma galeria muito antiga, chamada *Savassi Shopping Center*. Sua esquina abrigou, durante muito tempo, uma espécie de bar e lanchonete chamada *Pop Pastel*. Depois de alguns anos dominando a esquina, a marca se uniu a outra, especializada em batatas recheadas, e mudou seu nome para *Pop & Kid* (união de *Pop Pastel* e *Kid Batata*). Nos anos 1990, era parada obrigatória antes ou depois da balada.

A prevalência de prédios comerciais e residenciais neste quarteirão faz com que, à noite, a circulação de pessoas seja quase nula, transformando o espaço numa zona que gera insegurança para quem transita a pé. Sair dos bares do quarteirão fechado da Rua Pernambuco, por exemplo, pode significar a exposição a um grande risco se o caminho escolhido por esse.

FIGURA 108: Esquina da Rua Fernandes Tourinho com a Avenida Getúlio Vargas.



Fonte: Estado de Minas, 2012k, s.p.

Chegamos à Avenida Cristóvão Colombo, e vamos segui-la até o final do perímetro de estudo, quando ela se encontra com as ruas Alagoas e Tomé de Souza. O encontro dela com a Avenida do Contorno é bem largo, já que a Cristóvão Colombo conta com três pistas de cada lado do canteiro central e a Avenida do Contorno, com quatro de cada lado. Desse ponto conseguimos ver a fachada principal do *Shopping Pátio Savassi*. Apesar de não estar contido no nosso perímetro, sua influência na região é tão significativa que teremos que fazer um pequeno desvio de roteiro para trazer algumas informações sobre ele.

A relação entre a Savassi e os *shoppings* é bem antiga. Por ter se convertido numa região predominantemente comercial, a Savassi, num primeiro momento, sofreu com a inauguração do *BH Shopping*, primeiro da cidade, como já citamos. Na opinião de um dos comerciantes da região, durante o governo Maurício Campos – prefeito de Belo Horizonte entre 1979 e 1982 –, a Savassi recebeu diversas obras, o que dificultava o acesso das pessoas, com o intuito de desviar o público para o *BH Shopping*. “Hoje a Savassi continua ruim, seu movimento caiu e as lojas são frequentadas por pessoas da periferia. Com a criação dos *shoppings*, nós vamos acabar virando outro centro da cidade.” (JORNAL DE CASA, 1995, p. 3) É interessante a comparação: a Savassi, como já dissemos, surgiu como alternativa ao comércio do centro, prometendo glamour, sofisticação e diferenciação com relação ao comércio popular. A leitura do comerciante é de que o *BH Shopping* faria o mesmo, diminuindo o status da região.

Dez anos depois da inauguração do *BH Shopping*, surgia a Associação Pró-Savassi, criada por lojistas e moradores da região, que alardeava que “Vários projetos para restaurar a imagem e o status da Savassi estão sendo discutidos com as autoridades governamentais e a entidade passou a ser ouvida na tomada de decisões envolvendo o bairro. A Savassi não pode parar!” (PRÓ-SAVASSI, p. 1, 1989) Desde então, a tensão entre a Savassi e os *shoppings* pontuaria algumas discussões. Depois do *BH*, vieram o *Minas Shopping* e o *Shopping Del Rey*, ambos inaugurados em 1991. Apesar de estarem em zonas distantes da cidade – ao contrário do *BH Shopping*, que pode ser considerado como estando na mesma zona de influência da Savassi – também eles foram encarados como uma ameaça à sobrevivência do comércio de rua. E não faltaram defensores da Savassi:

Boates, bares, cinema, restaurantes, bancos, *delikatessens*, livrarias, importadoras e muito mais. Onde você pensa que pode encontrar tudo isso junto? A resposta imediata com certeza é um shopping. Só que muito antes dos shoppings chegarem, o mais requintado centro comercial de Belo Horizonte, fora da área central, já existia com todas essas opções: a Savassi, que continua fazendo jus ao seu slogan: a Savassi é um amor. (JORNAL DE CASA, 1995, p. 3)

“Apesar de enfrentar a concorrência dos *shoppings* centers, a Savassi ainda é o point mais chamoso da cidade.” (HOJE EM DIA, 1993, s.p.) A reportagem do jornal Hoje em Dia informava que, na opinião de muitas pessoas, em 1993, a Savassi “já está passando daquela má fase de fechamento das grandes lojas provocada pela recessão dos últimos anos”, citando a crise econômica e o Plano Collor. O problema, apontado então, deixava de ser o surgimento dos *shoppings*, e passava a se relacionar com as questões de segurança. Em 1995, uma matéria do Jornal de Casa chamava a atenção para o incômodo de alguns frequentadores com relação ao “grande número de pedintes nas ruas e a infinidade de pivetes que torna o lugar perigoso para quem vai fazer compras e sair com embrulhos na mão.” (JORNAL DE CASA, 1995, p. 3) E ressalta que era necessário que as pessoas se sentissem seguras para continuar frequentando a região ao invés de correrem para os *shoppings*. A solução proposta, então, era um arremedo de PPP: a Associação dos Lojistas da Savassi, com cerca de 200 associados, “assinou um convênio com a Polícia Militar para reforçar o atendimento local. Os lojistas estão oferecendo equipamento altamente sofisticado para que a PM tenha uma atuação efetiva. O material é composto de um computador e central de monitoramento [...]” (JORNAL DE CASA, 1995, p. 3)

Um dos primeiros indícios sobre a proposta de requalificação da Praça da Savassi de 2012 também se relaciona com um *shopping*, ou com a proposição de um, pelo menos. A Lei No. 8174, de 19 de janeiro de 2001, tratava da implementação de um centro comercial 24 horas numa área formada por diversos quarteirões. Incluía o fechamento de ruas para o trânsito de veículos, uma cobertura em material transparente e a criação de um estacionamento subterrâneo. Em julho daquele ano, o Jornal Estado de Mina destacava que o prazo para regulamentação da Lei já estava vencido e que nada havia sido feito para tirá-la do papel. “Lojistas e moradores temem que o projeto mude para pior um dos mais tradicionais bairros de Belo Horizonte. [pois] a Lei não explica como essas intervenções serão feitas. Os custos seriam transferidos para a iniciativa privada, também de uma maneira não determinada” (ESTADO DE MINAS, 2001, p. 18). É interessante observar que a ilustração da matéria revela quase o mesmo perímetro considerado pela obra de 2012.

FIGURA 109: Área proposta como *shopping* 24 horas.



Fonte: ESTADO DE MINAS, 2001, p. 18

Segundo a reportagem, todo mundo era contrário à ideia. A presidente da Associação de Lojistas e Moradores da Savassi, Maria Auxiliadora Teixeira de Souza, afirmava que a prestação de serviços 24 horas, além de onerosa para os comerciantes, deterioraria a qualidade de vida dos moradores; “E a Savassi não precisa de grandes intervenções, e sim de manutenção constante.” A Câmara de Dirigentes Lojistas temia que a Savassi fosse transformada no novo “centro da cidade” e que o fechamento das ruas se convertesse num “chamarisco para os camelôs.” (ESTADO DE MINAS, 2001, p. 18)

Menos de três anos depois, no entanto, Maria Auxiliadora mudaria de opinião ao comemorar a inauguração do *Shopping* Pátio Savassi: “A região esteve parada por muito tempo. Precisava de uma sacudida. Isso começou a acontecer.” (ESTADO DE MINAS, 2004, p. 6) Segundo a reportagem, R\$100 milhões teriam sido investidos no *Shopping*, e “grandes investimentos aumentam a expectativa da volta dos anos dourados à região comercial mais glamourosa da capital mineira.” Um dos diretores da construtora responsável pelo *Shopping* completava: “O ponto da Savassi foi o grande apelo que garantiu o sucesso do empreendimento. O *Shopping* vai ser a nova âncora da região.” (ESTADO DE MINAS, 2004, p. 6)

A maior prova de que o tradicional centro comercial da capital mineira está, gradativamente, resgatando os seus tempos áureos está no Shopping Pátio

Savassi. O empreendimento [...] está com 95% das suas 120 lojas locadas. Como a procura pelos espaços para locação ainda é muito intensa, os empreendedores decidiram realizar um feito inédito no ramo de shopping centers mineiros: realizaram uma modificação no projeto e já vão partir para a expansão [antes da inauguração]. (ESTADO DE MINAS, 2004, p. 6)

A construção do *Shopping* Pátio Savassi foi controversa, e a polêmica teve início em relação ao chamado Instrumento das Operações Urbanas. Conforme Lage (2008), as PPP focadas em intervenções urbanas surgiram, no Brasil, em meados da década de 1980, e foram possíveis graças ao Instrumento das Operações Urbanas, instituído em vários planos diretores municipais e no de Belo Horizonte em 1996. No caso belo-horizontino, cada operação deve ser aprovada pela Câmara dos Vereadores, passando pelo crivo do Conselho Municipal de Política Urbana – COMPUR. Dependendo dos impactos esperados, os projetos também podem necessitar de licenciamento do pelo Conselho Municipal de Meio Ambiente – COMAM – e de parecer de outros conselhos, como o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural - CDPCM-BH. A polêmica a respeito do instrumento das operações urbanas aumentou ainda mais porque ele “está presente no Estatuto da Cidade (Lei Federal Nº 10.257), documento que, no senso comum, carrega uma imagem progressista.” (LAGE, 2008, p. 23)

Entre as primeiras leis aprovadas desde então está a Operação Urbana do Conjunto Arquitetônico da Avenida Oiapoque, de 2003, cujo foco era a construção de um *shopping* popular capaz de abrigar parte dos camelôs que se espalhavam pelo centro da cidade. O local escolhido para a construção do *Shopping* Oiapoque foi o antigo conjunto da Cervejaria Antártica, onde já havia grande concentração de camelôs, há quase cinco quilômetros de distância do Pátio Savassi. O imóvel era tombado pelo Município e, assim como seu entorno, se encontrava bastante degradado. Praticamente em ruínas, o imóvel foi arrematado em leilão, em 2002, pelo empresário Mário Valadares. (LAGE, 2008)

Após a compra do imóvel, o empresário teria procurado o poder executivo em busca de ajuda para sua restauração, já que ele alegava não ter recursos financeiros para tanto. Para sua sorte, no entanto, seu projeto coincidiu com o do Pátio Savassi, que aguardava aprovação e licenciamento ambiental. Mas, com um detalhe: a legislação referente à região da Savassi não permitia a construção de um empreendimento de grandes proporções, motivo pelo qual a primeira proposta do Pátio era de *mall* aberto, com algumas lojas e garagem coberta. Diante disso,

um caso foi relacionado com o outro: o proprietário da Cervejaria Antártica querendo vender potencial construtivo e o empreendedor do Pátio Savassi precisando de potencial construtivo. Assim, em função da transferência do direito de construir, que promoveria condições financeiras para recuperação do imóvel tombado, em conformidade com as diretrizes do Artigo 11 do PD belo-horizontino, o

Poder Público – através da SMRU - propôs aos interessados uma parceria (LAGE, 2008, p. 76)

A Transferência do Direito de Construir consiste na possibilidade de o proprietário de um imóvel situado numa área em que se permitam grandes construções possa vender ou ceder o direito de construção para outro local. O principal objetivo é preservar imóveis ou de áreas de importante valor histórico ou ambiental, uma vez que elas podem estar localizadas em áreas onde a legislação permita grandes obras. Este era, precisamente, o caso do imóvel da Avenida Oiapoque: situado no hipercentro de Belo Horizonte, o complexo poderia, se não fosse tombado, dar lugar a um arranha-céu. O grande detalhe, porém, é que essa transferência não seguiu o previsto na legislação, já que os imóveis ‘receptores’ do direito de construir devem estar numa Zona de Adensamento Preferencial – ZAP – ou no entorno do imóvel de origem. O terreno destinado à construção do Pátio Savassi não está no entorno do *Shopping Oiapoque*, e localiza-se numa Zona Adensada – ZA – o que significa dizer, grosso modo, que se trata de uma área onde já há construções em excesso. “No caso da Operação Urbana do Conjunto Oiapoque, o instrumento permitiu não apenas a flexibilização da legislação de uso e ocupação vigente, como também a flexibilização das normas do Instrumento da Transferência do Direito de Construir.” (LAGE, 2008, p. 76)

FIGURA 110: Entrada principal do *Shopping Pátio Savassi*, na Avenida do Contorno.



Fonte: Multiplan, 2017, s.p.

Flexibilização muitas vezes questionada e, ao mesmo tempo, comum nas grandes cidades brasileiras quando se trata de facilitar a concretização dos sonhos dos grandes empreendedores, o acordo possibilitou a ampliação do projeto original. Inaugurado em 25 de abril de 2004, o Pátio Savassi possui mais de 19 mil metros de área para locação e 235 lojas. Em 2016, superou a marca de R\$405 milhões em vendas. O perfil do público é composto pela classe AB (93%) (MULTIPLAN,

2017). O Pátio Savassi é apresentado como o “primeiro *lifestyle center* de Belo Horizonte”, parte integrante e integrado à Savassi:

O projeto arquitetônico do Pátio Savassi transforma o empreendimento em uma grande praça de bairro, com áreas de convivência ao ar livre, jardins, cafés, restaurantes e um anfiteatro. Um exemplo de sucesso em integração com as ruas do entorno da Savassi, região conhecida por seu potencial de consumo. [...] O Pátio Savassi trouxe um renomado mix de marcas para a cidade e conta com diversas operações de moda no segmento premium, sendo considerado um local de vanguarda. Além disso, a intensa programação do anfiteatro torna o shopping um referencial também em cultura.” (MULTIPLAN, 2017, s.p)

Vários elementos do texto acima são, no mínimo, intrigantes. Não nos parece possível compreender em que medida o *Shopping* se transforma numa praça, uma vez que se trata de uma construção fechada e de acesso controlado. Na mesma toada, a suposta integração com as ruas da Savassi, separadas do Pátio por nada menos do que as oito pistas da Avenida do Contorno, é difícil de imaginar – ou era, pelo menos, antes da estética de *shopping* dominar o cruzamento central da Praça da Savassi, oito anos depois da inauguração do Pátio Savassi. A vocação comercial da região é antiga, conhecida e já foi bastante discutida nesta tese, assim como seu motor original: as boutiques de luxo. Por esse motivo, também não entendemos o que o renomado mix de marcas traria de vanguarda na Savassi. Em relação ao *Shopping* ser uma referência cultural, não nos sentimos capazes de nem de iniciar uma discussão sobre o assunto. A título de ilustração, registramos apenas que o último evento de que se tem notícia no *Shopping* foi a realização de uma feira de games em abril, e que a ‘agenda cultural’ de maio de 2017 se resume à programação dos cinemas.

O *Shopping* foi adquirido pela Multiplan Empreendimentos Imobiliários S.A., conforme ata da assembleia ordinária da empresa. Os últimos 38,4% de ações que ainda não pertenciam a ela foram adquiridos em maio de 2007, ocasião na qual a empresa passou a assumir sozinha o saldo da dívida junto ao BNDES referente ao financiamento concedido para construção do *Shopping*, no valor de R\$8.627.049,50 (Oito milhões, seiscentos e vinte e set mil, quarenta e nove reais e cinquenta centavos). (MULTIPLAN, 2007) E os planos da empresa são grandes: ela já comprou dois terrenos próximos, que somam mais de três mil m², continua procurando por mais áreas e anunciou a 2ª expansão do *Shopping*, já em andamento. (MULTIPLAN, 2017).

Digressão realizada, retomemos o curso. A Avenida Cristóvão Colombo apresenta duas porções bem diferentes antes e depois do cruzamento com a Getúlio Vargas – tomando o sentido Praça da Liberdade. Nessa primeira parte, do lado direito, há algumas lojas mais tradicionais, como as boutiques Windsor, Pitton e uma das entradas da loja Gujoreba – que vendo utilidades domésticas e uma infinidade de outros itens. Aberta em 1997. A loja vendia produtos a R\$1,99, um tipo

específico de comércio muito conhecido na época. Aos poucos foi ampliando o mix de produtos e, vinte anos depois, a loja possui três unidades, duas só na Savassi, sendo uma delas com entrada tanto pela Avenida Cristóvão Colombo quanto pela Rua Antônio de Albuquerque. Em 2017, os proprietários alugaram a loja vizinha e inovaram com o Gujoreba Café.

FIGURA 111: Fachada do Gujoreba Café, na Rua Antônio de Albuquerque.



Fonte: a autora, 2017.

O lado esquerdo da Avenida também é composto por uma sequência de lojas de variados ramos, desde roupas a balas, além de um estacionamento. Algumas dessas lojas chamam a atenção por não corresponderem ao padrão de luxo tão alardeado da Savassi, fenômeno que vamos verificar em vários outros pontos. Podemos citar, entre elas, a Lojas Rede. Com a missão de “oferecer sempre os melhores serviços e preços” (LOJAS REDE, 2016, s.p), a empresa criada há 18 anos possui mais de 50 lojas em Minas Gerais e se autointitula a maior rede de cosméticos do Brasil. Todas as lojas são padronizadas, possuem cerca de 500 m² e dez caixas (*checkouts*), e se assemelham a um pequeno supermercado. Seus mais de 2.200 colaboradores (LOJAS REDE, 2016) certamente não guardam muita semelhança com as poucas moças ‘que mais pareciam pinturas’ da antiga Perfumaria Lourdes.

Sem maiores novidades à vista, chegamos ao cruzamento central, tendo a loja da Claro do lado direito e a da Elmo Calçados do lado esquerdo. Atravessamos a Avenida Getúlio Vargas e, passando ao lado da loja da Vivo, seguimos para o quarteirão ‘de baixo’ da Cristóvão Colombo.

FIGURA 112: Quarteirão “de baixo” da Avenida Cristóvão Colombo.



Fonte: a autora, 2017.

Depois do cruzamento, o panorama muda muito. Não se verifica mais aquela profusão de pequenas lojas, exceto no trecho entre o cruzamento e a Feira Shop, do lado esquerdo. Nessa parte da avenida, há três agências bancárias grandes; a Feira Shop, que ocupa quase metade do quarteirão; o Ciné Pathé, fechado, apesar dos planos de reabertura; o restaurante La Traviata, que ocupa o mesmo imóvel desde 1987 (LA TRAVIATA, 2011). Há duas lojas de cosméticos, que na verdade pertencem à mesma empresa: O Boticário e quem disse, berenice? (ESTADO DE MINAS, 2014d) Também existe uma molduraria instalada numa casa muito antiga, que já foi ocupada por bares. A entrada do imóvel onde funcionava a Livraria Status está fechada para a Avenida.

Ao lado da loja da Vivo, há uma casa de sucos e açaí chamada Paçaí. Trata-se de uma franquia mineira criada em 2012 e que oferece lanches rápidos e baratos (PAÇAÍ, 2016). Sua principal característica é a fachada das lojas, sempre muito colorida e com grandes fotos de frutas, que remetem às lanchonetes mais populares do centro da cidade, que exibem, de maneira bem ostensiva, as frutas que usam nos sucos e vitaminas. A loja dá um tom mais popularesco ao entorno, o mesmo que faz a Feira Shop, com sua grande fachada amarela e chamativa. A Feira Shop é uma galeria cheia de lojas bem pequenas, espécies de stands, que comercializam diversos itens, especialmente moda feminina: “Com cerca de dois mil lojistas instalados nas 20 unidades espalhadas pela capital e região metropolitana, o negócio começou como alternativa para pequenos comerciantes que não tinham condições de alugar salas nos pontos comerciais mais cobiçados da cidade.” (HOJE EM DIA, 2015, s.p.) O negócio começou no Barro Preto, tradicional bairro de comércio de tecidos e aviamentos da cidade. Caracteriza-se por praticar preços bem baixos, o que atrai, principalmente, um público classe C, bem diferente das primeiras boutiques de luxo que ajudaram a consolidar a fama da Savassi.

Esses dois exemplos ajudam a sinalizar um movimento novo na Savassi: a chegada de um comércio mais popular. Ironicamente, o espaço que emergiu como alternativa requintada ao centro empobrecido da cidade parece, agora, receber filiais das mesmas lojas populares das quais a elite queria fugir. Nas observações que realizamos no perímetro da Praça da Savassi e nos quarteirões fechados, pudemos notar a presença de comércios populares além da lanchonete Paçaí e da Feira Shop, como lojas que vendem capinhas e acessórios para celular, lojinhas que oferecem serviços de chaveiro e que parecem fazer questão de ostentar uma fachada bem desorganizada e suja. Esses novos elementos, ainda que rarefeitos no cenário geral, certamente terão sua influência na paisagem da Savassi, e talvez já estejam influenciando no perfil de público que a região atrai:

Atualmente, em vez do desfile de consumidores de classes média e alta, com as mãos abarrotadas de sacolas de compras, o que se vê na Savassi é uma mistura democrática de uma legião de pessoas, muitas com crachás de trabalho no peito seguindo para o almoço, e o trânsito de quem passeia pelo bairro ou encontra amigos na vasta rede de bares. A pesquisa do projeto de requalificação mostrou que a quantidade de moradores da Região Centro-Sul que frequentava a Savassi em 2009 era a mesma de habitantes de outros bairros. O objetivo de quase 60% dos frequentadores era trabalhar por lá, sendo que 80% dos serviços eram usados por trabalhadores e 20% por patrões. (HOJE EM DIA, 2015, s.p.)

FIGURA 113: Entrada da Feira Shop na Savassi.



Fonte: Feira Shop, 2014, s.p.

Após percorrer as duas avenidas que formam o cruzamento central da Praça da Savassi, nosso trajeto precisa se deslocar para as ruas que contornam a Praça ou para aquelas que também se cruzam no centro. Vamos fazer o perímetro primeiro, pois nossa atenção terá que se voltar para as ruas que se cruzam com mais cuidado – são elas que abrigam os quarteirões fechados. De onde

estamos agora, não é possível tomar o perímetro diretamente; então optamos por voltar ao ponto inicial e começar o trajeto pela Rua Tomé de Souza.

Os dois quarteirões da Rua Tomé de Souza, que é cortada pela Rua Pernambuco, são muito parecidos: várias galerias e prédios comerciais. Muitas lojas estão fechadas, tanto na rua quanto dentro das galerias. Bem perto da esquina com a Avenida Getúlio Vargas está o Bar do João, um dos mais antigos e famosos da Savassi. Inaugurado em 1985, o bar também serve refeições na hora do almoço, mas seu grande negócio é a cerveja gelada: são vendidas 60 caixas por semana. Seu proprietário, João Pimenta, ainda mantém as famosas cadernetas, onde anota os gastos dos clientes fiéis e só recebe o pagamento no final do mês. A tradição é tão grande que, em 2015, alguns clientes se organizaram para criar um álbum com as ‘figurinhas carimbadas’ que frequentam o bar, e os clientes mais fiéis viraram, literalmente, figurinhas.

FIGURA 114: Bar do João na Savassi.



Fonte: Baixa Gastronomia, 2014.

Após o cruzamento com a Rua Pernambuco, organiza-se uma pequena feira esporadicamente. Também neste quarteirão há espaço de estacionamento que costuma ser usado por *food trucks*²⁵, logo ao lado de um *parklet*. De acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte, um *parklet* é um mini-parque temporário, implantado e mantido pela população em lugares destinados a estacionamento de veículos. Foram regulamentados pelo Decreto N^o 15.895, de 13 de março de 2015, que estabeleceu as regras para a instalação desse tipo de mobiliário urbano na cidade. O que ocorre,

²⁵ “Pode-se definir Food Truck como uma cozinha móvel, de dimensões pequenas, sobre rodas que transporta e vende alimentos, de forma itinerante.” (SEBRAE, s/d, s.p.)

na prática, é que proprietários de bares e restaurantes têm sido os principais financiadores desses espaços, que os instalam em frente a seus estabelecimentos para que seus clientes os usem. “Todos os *parklets* são, entretanto, locais de uso público, abertos à utilização de qualquer pessoa, não podendo ser usado com exclusividade pelo seu mantenedor.” (PBH, 2016, s.p.)

FIGURA 115: Feirinha na Rua Tomé de Souza.



Fonte: a autora, 2016.

FIGURA 116: Food truck na Rua Tomé de Souza.



Fonte: a autora, 2017.

FIGURA 117: Parklet na Rua Tomé de Souza.

Fonte: a autora, 2017.

FIGURA 118: Detalhe do parklet.

Fonte: a autora, 2017.

Atravessando a Avenida Cristóvão Colombo, seguimos pela Rua Alagoas. Os dois quarteirões cortados pela Rua Antônio de Albuquerque são bem diferentes. A primeira porção tem alguns estacionamentos, uma loja de tecidos, um bar e algumas pequenas lojas, mas nada muito expressivo. É um quarteirão com menos movimento de pessoas e trânsito intenso só de veículos. Já a porção final da rua tem lojas de ambos os lados, dos mais variados produtos, e o *Shopping 5ª Avenida*.

Nossa próxima parada seria na Rua Fernandes Tourinho, após a travessia da Avenida Getúlio Vargas. Como este trecho já foi apresentado, seguimos para a porção final do nosso perímetro e atingimos a Rua Paraíba. A esquina com a Avenida Cristóvão Colombo possui bares com mesas

na calçada dos dois lados. Um grande prédio está sendo construído bem perto da esquina. Do lado esquerdo há uma grande galeria, com apenas dois andares, que ocupa praticamente uma grande área entre a Rua Paraíba e a Avenida Cristóvão Colombo. Ao lado dela, temos um prédio bem alto que chega até a esquina com a Rua Antônio de Albuquerque e tem uma fachada também voltada para ela. Seu primeiro andar é ocupado por algumas lojas e muitos bares. Do lado direito, há grandes prédios comerciais, e no térreo de um deles funcionava a Livraria Mineiriana, fechada em 2015. Hoje, há uma escola no lugar.

A esquina com a Rua Antônio de Albuquerque é cercada por pequenas lojas e bares. Mais adiante há lojas maiores e um hotel do lado direito. O lado esquerdo segue a mesma tendência de pequenas lojas e bares até o encontro com a Avenida Getúlio Vargas, onde nosso périplo se encerra.

Antes de nos dedicarmos à exploração dos quarteirões fechados – que farão emergir discussões diferentes por uma série de fatores –, é necessário destacar o que nosso *road movie* nos apresentou. Isso porque, ao pensar sobre cidade e comunicação, entendemos a Praça da Savassi como uma paisagem comunicativa. Conforme Silva (2008, p. 10), “a paisagem guarda em si uma potência de significação”. Para Milton Santos (1997a), a palavra é frequentemente utilizada como sinônimo de configuração territorial: um conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. Em sua definição, tudo o que nossa visão alcança é a paisagem. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. Também podemos chamar, aqui, o conceito de cenário encontrado em Goffman (1985): constitui-se da mobília, decoração e disposição física dos elementos, de forma fixa, no espaço. Apesar de fixa, cabe ressaltar, a paisagem varia conforme o ponto de vista do observador. A paisagem de uma praça, por exemplo, é uma quando vista por um transeunte e outra quando vista do alto de um edifício. A mesma conformação espacial se apresenta de maneiras diferentes conforme o ponto de vista pelo qual é experimentada. É, sobretudo, o lugar que a personagem ocupa diante daquele espaço físico, somado às suas afinidades, memórias e experiências, que o farão prestar mais atenção a isto ou àquilo. “A ideia de se pensar a paisagem por um viés comunicacional tem como objetivo analisar os aspectos relacionais que traduzem a experiência de sujeitos comuns em relação ao espaço.” (FONSECA, 2008, p. 86).

As paisagens comunicativas se constituem a partir do ponto de vista do qual se percebe os elementos que compõem o lugar: objetos, sons, cheiros, pessoas, o uso do espaço, entre outros. A mesma conformação espacial se apresenta de maneiras diferentes conforme o ponto de vista pelo qual é experimentada. É, sobretudo, o lugar que a personagem ocupa diante daquele espaço físico, somado às suas afinidades, memórias e experiências subjetivas, que o farão prestar mais atenção a isto ou àquilo. (FONSECA, DIAS e MARRA, 2016, p. 221)

Conforme Silva (2008), a paisagem comunicacional coloca em relação tudo o que a compõe: as pessoas, as fachadas dos edifícios, o comércio, os acontecimentos. E ela permite analisar os aspectos relacionais que contêm a experiência dos sujeitos em relação ao espaço, e os usos cotidianos do espaço são a chave para compreender a configuração de uma paisagem. Seu sentido é atravessado não só pelos elementos visuais, mas também pelos sons, cheiros e movimentos. “Ruas, avenidas, bulevares, galerias, passagens, praças são os fixos que, construídos em pedra, ferro, bronze, vidro e cor dão suporte à cidade cosmopolita e assinalam seus signos.” (FERRARA, 2005, s.p.) De acordo com Milton Santos (1988), paisagem costuma ser empregada em sentido sinônimo de configuração territorial. É o conjunto de elementos físicos que caracterizam uma área. Mas, a rigor, paisagem é apenas a parte do território que podemos abarcar a partir de um ponto de vista: a paisagem depende da visão que temos dela, de que ponto observamos. A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção dos volumes, formas, cores que nos chegam aos sentidos, tomando diferentes escalas a depender do ponto de observação.

As paisagens comunicativas também podem ser imaginárias. O sentido da paisagem não é dado apenas por suas características no momento, mas também pelo que está na memória das pessoas (SILVA, 2008). As lembranças de um determinado lugar num determinado tempo atribuem afetividades à percepção, em geral com traços de saudosismo. Os momentos vividos no passado podem nos dar sensação de que o lugar era melhor antes, que as pessoas eram mais felizes ali. As paisagens imaginadas conectam os componentes do espaço com as experiências ali vividas. E a experiência do lugar faz parte da história de vida de cada um. Gilberto Mascarenhas, histórico frequentador da Savassi e membro da Turma do Serv-Bem, ao relatar um passeio dominical realizado em 1989, lembra da Praça, das pessoas e das situações vividas muitos anos antes como influências definitivas em sua vida:

Com esses pensamentos, chego à praça Diogo Vasconcelos, a praça da Savassi. Quando ia atravessar a praça, um ônibus avança o sinal e quase me atropela. Com o susto, resolvo retroceder e sentar um pouco em um banquinho de um jardim mal cuidado, bem em frente à loja Toulon, onde era a nossa querida padaria Savassi. Quando era menino, ficava maravilhado com os enormes ventiladores da padaria, presos ao teto, que faziam vento como se fossem hélices de helicóptero. Lembro também da turma da Savassi, que eu admirava e mantinha o maior respeito e distância. Camilo “Gorila”, Artur “Bengala”, Geraldo “Macaco”, Amaury e Cleber, o “Petúnia”. [...] De repente, me dá uma paz no peito ao sentir que tenho plena consciência do quanto essas recordações representam para mim. Sou o que sou, graças a essa praça e às pessoas que aqui viveram, sendo que com algumas delas, nunca troquei sequer um simples “Bom Dia”. Mas eu sabia que elas existiam. A todos esses homens e mulheres, só e sempre, o meu muito obrigado. (MASCARENHAS, 1989, p. 99 – 102)

De acordo com Milton Santos (1988), a produção do espaço é resultado da ação dos homens, e cada uma delas reproduz “níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas.” (p. 22) Ela não se cria de uma só vez, mas por acréscimos e substituições, de maneira que uma paisagem é escrita sobre a outra. Para ele, daí vem a anarquia das cidades capitalistas: “A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global.” (p. 23)

Fica claro que o espaço não pode ser analisado apenas em relação aos objetos que formam a paisagem, como se “tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos” (SANTOS, 1988, p. 68). Paisagem e espaço não podem ser tomados como sinônimos. As formas são importantíssimas, mas não são independentes de um conteúdo social, da ‘vida que as anima’ como já disse Milton Santos. Braga (2011a) ressalta que a sociedade gera tentativamente os padrões para o seu funcionamento, e essas práticas acabam se organizando em dispositivos que modelam os fenômenos comunicacionais que ocorrem neles. Para ele, o episódio interacional é que dá sentido e substância a esses dispositivos. Conforme Santos (1988), o espaço precisa ser entendido como o conjunto composto pelos objetos e pelas relações que se realizam em torno deles. Os objetos ajudam a concretizar as ações, mas o espaço é o resultado das ações dos homens. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem.

Essas reflexões nos levam às outras duas categorias que se relacionam com a paisagem: as ambiências e situações comunicativas. No mesmo espaço, é possível presenciar as mais diversas situações comunicativas. Elas, certamente, são influenciadas pela paisagem, mas não são imunes à passagem do tempo, aos dias da semana, às estações do ano ou aos eventos mais prosaicos - como a chegada do Natal ou a conquista de um campeonato de futebol, entre outras milhares de possibilidades. A situação comunicativa é aquilo que se desenrola no cenário, influenciado por ele, mas não determinado. É a ação comunicativa, mais comumente identificada nos diálogos, mas não só: a forma de permanecer, o modo de usar o espaço e de se apropriar dele são, também, ações comunicativas.

Os elementos que compõem o espaço urbano, percebidos a partir do ponto de vista da paisagem comunicativa, possibilitam, estimulam e sugerem aos passantes determinados usos e ações. Tanto um banco, quanto uma escadaria ou uma mureta de jardim em uma praça podem ser utilizados pelos habitantes da cidade para se sentar; o encontro com um amigo que distribui panfletos de um candidato a prefeito que não aprovamos pode se transformar em um debate político; uma esplanada ou calçadão traz a potência de ser apropriada como palco para uma apresentação popular circense, por exemplo. O resultado dessas interações, sejam elas previstas ou não, produz o que chamamos de situação comunicativa. (FONSECA, DIAS e MARRA, 2016, p. 221)

Para Mead (1968), nenhum indivíduo pode mudar toda uma sociedade, mas a atitude de cada um afeta continuamente a sociedade na medida em que muda a atitude de outros, provoca uma reação. Atitudes provocam outras atitudes. O que era significado vira símbolo, adquire outra significação e estimula outra reação. As situações comunicativas propõem sentidos para o espaço, reconfigurando a paisagem na medida em que criam, ali, um novo elemento. Elas também atualizam ou transformam os espaços. Se uma situação afeta uma paisagem, a paisagem cria condições para a proposição de situações, na medida em que está relacionada à distribuição e percepção dos elementos que compõem o espaço, sugerindo certas ações do sujeito e não outras.

“As situações são acontecimentos na paisagem.” (SILVA, 2008, p. 11) Elas dão indícios da participação das pessoas na construção da cidade através da interação, da convivência, do espaço e tempo compartilhados. “A experiência urbana se dá no trânsito dos sujeitos pelo espaço, e as relações são marcadas por essa transitoriedade.” (SILVA, 2008, p. 12) Assim, o espaço urbano se torna um objeto social, composto não só pela concretude das formas, mas também pelos ritmos, movimentos, esperas, passagens e permanências. É possível se sentar num banco de praça, sem que isso caracterize nenhum desvio ou afronta. Mas, se a praça se transforma num cruzamento de avenidas e se já não há mais o banco, sentar-se no meio dela representa uma total subversão da ordem proposta. Dessa forma, as situações comunicativas se tornam um importante ponto de partida para a investigação da negociação do espaço público pelos habitantes de uma cidade. Elas são influenciadas pela concretude do espaço - pela paisagem, que também comunica - mas, igualmente, exercem influência sobre esse espaço, o que resulta na ambiência. Paisagens e situações produzem impressões, ou ambiências, que se conformam a partir da percepção que temos do uso do espaço, e são capazes de reordenar a proposta original da paisagem.

A ambiência poderia ser livremente traduzida por ‘um ar de’. É constituída como resultado da ação das pessoas na paisagem, e causa impressões em outros que a percebem ou vivenciam. As ambiências se conformam a partir da percepção que se tem dos usos e apropriações que os sujeitos fazem do espaço, e podem ressignificar e reordenar aquilo que, originalmente, se propunha pela paisagem. Assim, pode-se dizer que, tanto na concepção de Santos (1997a, 1988), quanto de Silva (2008) e Fonseca (2008), o uso que se faz do espaço da cidade relaciona-se com a ambiência comunicativa, que será, em última análise, o que realmente conferirá significado ao espaço. As ambiências também interferem na dinâmica das situações, na medida em que a forma como uma determinada ação de um sujeito afeta outro influirá na forma como este agirá – reforçando-a, se contrapondo a ela, ignorando-a.

Se a paisagem não é um dado em si, também os elementos que a compõem – fixos ou fluxos – devem ser considerados numa tentativa de compreendê-la. “Em uma ambiência, o mobiliário

urbano, os sons e as placas afetam os sujeitos que passam por ali, que podem ter consciência ou não dessa afetação. Ao mesmo tempo as ambiências são suscetíveis às marcas intencionais ou não que os sujeitos imprimem nelas.” (SILVA, 2008, p. 11) Na arquitetura, os elementos e construções podem ser combinados para que se crie um sentido intencional. Ao lado de um planejamento urbano estruturado, outras intencionalidades emergem, o que acaba por conduzir a uma produção de sentido complexa, repleta de atravessamentos. As ambiências resultam dos usos que se faz da cidade e momentos diferentes, e tendem a conservar traços de memória. (SILVA, 2008)

Dizer que um mesmo espaço é utilizado e apreendido de diferentes formas significa dizer que ele abriga diversas ambiências comunicativas, apesar de não ser sua somatória (SILVA, 2008). Ao passar por uma rua, podemos nos deparar apenas com várias outras pessoas se deslocando. Se for este o caso, aquele espaço tem quase um ar de ‘não-espaço’: é apenas um corredor de passagem, sem que seja possível estabelecer quase nenhuma relação com ele. Mas outras situações comunicativas podem alterar completamente a ambiência daquela mesma rua: se, ao cair da tarde, as pessoas se aglomeram ao redor dos bares, aquela mesma paisagem ganha outra conotação. A mesma rua que foi corredor de passagem durante a semana inteira pode virar palco de protestos no domingo. Inúmeros outros exemplos poderiam ser dados para demonstrar que a ação dos sujeitos na paisagem é capaz de conferir ao espaço um outro significado, e a isso chamamos de ambiência. A ambiência, por sua vez, é capaz de influenciar a ação dos sujeitos: o mesmo cidadão que caminhou calmamente por aquela rua nos outros dias, torna-se inflamado e até agressivo durante o protesto. O trabalhador que se encontra com os amigos no bar deixa de usar aquela mesma rua como via de trânsito para se apropriar dela como um lugar de permanência e sociabilidade.

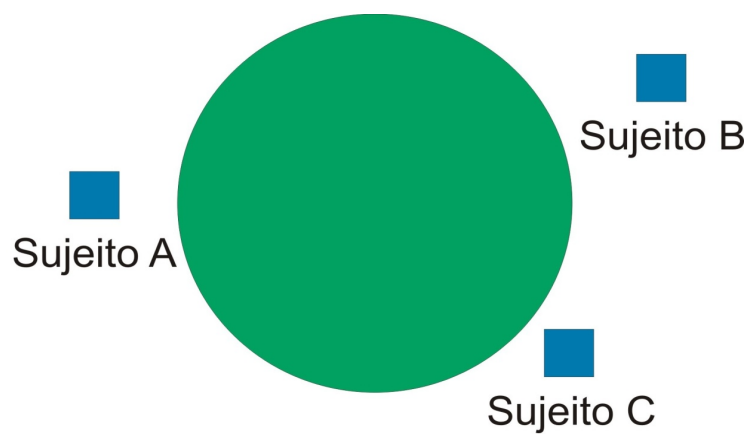
Ambiências também são fortemente influenciadas pelos elementos contidos no espaço. Uma sequência interminável de lojas ao longo de uma avenida não deixa espaço para que se criem ambiências muito diferentes de olhar vitrines e fazer compras. Os espaços devem ser entendidos não somente como ambiência das situações comunicativas, mas, simultaneamente, como expressão comunicativa em si. As edificações, em seu concreto, aço, vidro e marcas, interferem na formação de seu ‘público-alvo’ circulante, na pauta das conversas com seus apelos visuais persuasivos, nos interesses e propósitos de uso do espaço para trânsito, convívio, lazer ou consumo – ou seja, não é palco inerte, desconexo do que ali se constitui como comunicação. Porém, para além, a própria cidade comunica, se constitui como imagem discursiva, comunicação persuasiva e sedutora dentro de um alinhamento mercadológico. Por outro lado, as ambiências “também reconfiguram as paisagens na medida em que lhes atribuem uma topografia de

afetividades. Estão, assim, intimamente ligadas às negociações de sentidos acerca dos espaços urbanos.” (FONSECA, DIAS e MARRA, 2016, p. 224)

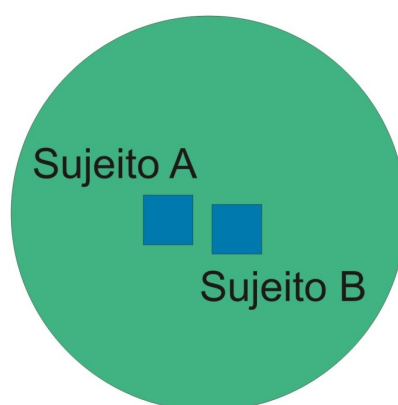
Na ambiência urbana, pensada a partir da comunicação, não existe uma intencionalidade, mas várias que se sobrepõem e que acabam resultando num processo complexo que é a produção de sentido sobre um espaço. Os usos cotidianos da calçada, da praça, dos objetos são múltiplos e são eles que criam a ambiência. Para esta produção de sentido podem contribuir também elementos acidentais que afetam a ambiência indiretamente. As ambiências são resultantes dos usos que se faz de um determinado espaço da cidade, nas diversas temporalidades. Elas tendem a conservar traços de memória do lugar, nas marcas da passagem do tempo nos objetos e nas falas das pessoas que a frequentam. (FONSECA, 2008, p. 87)

Um bom exemplo é a ocupação das paisagens da Praça da Savassi pelo comércio de classe média da capital, a partir da década de 1970, o que marca uma grande mudança na paisagem e na ambiência da Savassi. Ela deixa de ser um bairro residencial, relativamente tranquilo, e passa a ser uma área de comércio e trânsito frenéticos. Mas, mesmo com a ‘invasão’ das lojas e empresas, a Savassi continuou sendo uma região boêmia, mantendo a tradição iniciada com a própria Padaria Savassi. A apreensão dessas novas paisagens pelos belo-horizontinos da época só pode ser verificada, hoje, através de registros daquele período. Alguns estudos e um sem número de reportagens e depoimentos demonstram um estranhamento inicial e certo saudosismo em relação à ‘Praça da Savassi de antigamente’. Como é comum em situações de mudança, a paisagem residual de memória é o ponto de partida para compreender e significar o novo panorama. Na interação com e no novo cenário é que as pessoas vão experimentar e construir as novas situações e ambiências comunicativas.

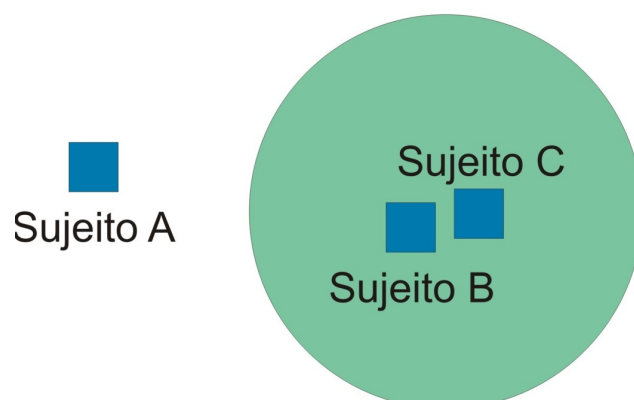
As ambiências também interferem na dinâmica das situações, na medida em que a forma como uma determinada ação de um sujeito afeta outro influirá na forma como este agir – reforçando-a, se contrapondo a ela, ou ignorando-a. Assim como as paisagens e situações, as ambiências comunicativas se interconectam de maneira a produzir outras ambiências ou a se concatenarem de maneira adjacente. As três categorias apresentadas podem ser graficamente representadas conforme a seguir. Considerando os círculos como o espaço urbano, temos:

FIGURA 119: Paisagem Comunicativa.

Fonte: a autora, 2012.

FIGURA 120: Situação Comunicativa.

Fonte: a autora, 2012.

FIGURA 121: Ambiência Comunicativa.

Fonte: a autora, 2012.

Na paisagem comunicativa, temos um conjunto de elementos cuja apreensão varia conforme o ponto de observação e as experiências daqueles que estão em interação com o lugar. Na primeira figura, os sujeitos A, B e C experimentam paisagens diferentes, pois observam os mesmos elementos sob diferentes ângulos. A paisagem 'age' sobre aqueles que a experimentam. Já na situação comunicativa, os sujeitos A e B interagem com a paisagem e na paisagem, criando situações que podem estar em acordo ou em conflito com os usos propostos por ela. Numa mesma paisagem, sujeitos diferentes e/ou momentos diferentes podem configurar diversas situações comunicativas. A situação protagonizada pelos sujeitos B e C confere à paisagem uma ambiência que é experimentada tanto por eles quanto pelo sujeito A, mesmo não sendo ele um dos participantes da ação. Além disso, a ambiência que surge a partir da ação dos sujeitos B e C pode ou não ser percebida da mesma forma pelos dois: mesmo estando envolvidos numa ação comum, cada um deles pode atribuir significados e afetos diferentes ao que se passa.

Conforme discutido por Kuper (2010), é necessário compreender porque determinadas ações ocorrem em determinados lugares e não em outros. Para ele, embora o mesmo lugar possa ser usado de variadas maneiras e com diferentes propósitos, cada cenário transmite uma gama limitada de mensagens e a qualidade das ações que ali podem se desenrolar estão contidas, de forma muito implícita e subjacente, nas características do próprio cenário. O território da cidade se configura como flexível, e se apresenta a nós como uma diversidade de ambiências que se interpenetram, entram em conflito, se sobrepõem ou se cruzam. Para conseguirmos perceber essa topografia de ambientes que o urbano configura, o único recurso que temos é entrar nele e caminhar pelas suas ruas.

4.1. Os quarteirões fechados da Praça da Savassi

Como já dito, a requalificação da Praça da Savassi criou um novo espaço, ou melhor, quatro: os quarteirões fechados. Eles correspondem aos trechos das ruas Pernambuco e Antônio de Albuquerque que desembocam no cruzamento das Avenidas Getúlio Vargas e Cristovão Colombo 'para cima e para baixo' – ou seja, em direção à Avenida do Contorno (para cima) e da Praça da Liberdade (para baixo). Apesar da morfologia bastante semelhante, os quarteirões guardam ambiências muito distintas. Tais distinções estão relacionadas às possibilidades de ocupação de cada espaço, que, por sua vez, estão ligadas ao tipo de sociabilidade que os estabelecimentos comerciais promovem. Considerando as ambiências observadas, as intencionalidades que emergem da organização dos espaços e, também, os discursos que se produzem sobre eles, os quarteirões fechados podem ser apelidados de quarteirão dos bares, do McDonald's, das boutiques e da feira de artes, como já discutido no capítulo três.

Apesar destes quarteirões estabelecerem uma relação de continuidade com os outros, há uma separação nítida entre os dois lados da Praça, ou mesmo na Avenida Getúlio Vargas em termos de uso: na área de cima desta Avenida, a concentração de serviços, em geral, ainda é um pouco inferior à do outro lado, e a sofisticação das lojas apresenta algum desnível com relação às do lado de baixo. Este fato justifica-se se lembrarmos que a ocupação da Savassi começou nas imediações do cinema Pathé e da Padaria Savassi. É relevante também o fato da ocupação do lado de cima ser limitada devido à restrição da área da Avenida do Contorno, que dificulta a expansão dos serviços. (LEMOS, 1985, p. 57)

Nas observações realizadas ao longo do nosso estudo, foi possível verificar múltiplas dinâmicas nesses espaços, e quase todas reforçam a 'vocação' proposta pela paisagem. No quarteirão dos bares, temos um espaço muito arborizado, com vários bancos e, quase sempre, com mesas nas calçadas. Se iniciarmos nossa observa o do cruzamento central, veremos duas telefônicas ladeando a entrada, com uma fonte ao meio. Porém, um passo a frente e teremos, do lado direito, A Cafeteria, que veio se abrigar atrás da loja que se tornou da Claro. Ao lado dela, uma sequência de bares entremeados por pequenas lojas, como a que vende capinhas e acessórios para celular, a Loja do Galo, que vende itens do time de futebol Clube Atlético Mineiro, poucas lojas de roupas e uma de balas já na esquina com a Rua Paraíba. A Cafeteria tinha uma parte do mobiliário fixo antes da reforma de 2012. Agora, todas as mesas são móveis, mas elas permanecem na calçada durante todo o funcionamento do estabelecimento. Na foto da Cafeteria após a obra (a seguir),   possível ver detalhes do piso e os pequenos cubos que receberiam plantas algum tempo depois.

FIGURA 122: A Cafeteria antes da chegada da operadora Claro, com a fachada voltada para o cruzamento central da Praça e o mobiliário fixo.



Fonte: Overmundo, 2006, s.p.

FIGURA 123: A Cafeteria após a obra de 2012, voltada apenas para a Rua Antônio de Albuquerque e com as mesas e cadeiras móveis.



Fonte: a autora, 2012.

FIGURA 124: As mesas da A Cafeteria em 2016.



Fonte: a autora, 2016.

Na sequência de bares, destacam-se a Baiana do Acarajé, que possui dois pontos no mesmo trecho, um quase em frente ao outro. Há ainda a oferta de comida mexicana, *croissants* e bares mais tradicionais, que servem cerveja e tira-gostos. Em todos eles há utilização da calçada para colocação de mesas, algumas com sobreiros, numa espécie de divisão informal do espaço. É como se cada estabelecimento tivesse o direito de uso do imóvel numa faixa avançada à frente dele, em

toda a área que os bancos de granito e os cubos de plantas permitirem. A ambiência toda do quarteirão é influenciada por essa lógica, e ela se adensa na medida em que, ao fim do dia, mais e mais mesas são dispostas na calçada.

Nesses momentos, a paisagem se transforma completamente. A rua comercial, por onde circulam os consumidores das marcas que povoam a Savassi, dá lugar ao calçadão repleto de mesas e cadeiras, com música alta – executada ao vivo em alguns locais, garçons e vendedores de balas. Se durante o dia podemos reconhecer uma ambiência comercial, à noite, quando as lojas se fecham, a ambiência que surge é a boêmia, irreverente e agitada. (FONSECA, DIAS E MARRA, 2016, p. 228)

Durante os dias da semana, há muitas pessoas almoçando, ainda com um crachá no pescoço ou guardado no bolso da camisa – um sinal de que, provavelmente, trabalham por perto. Numa de nossas visitas, observamos que, pelo menos em duas mesas da Cafeteria, os clientes chamam o garçom pelo nome. Um grupo se despede com um “até amanhã!” Quase todas as mesas do quarteirão dos bares estão ocupadas. A chegada de um grupo de seis pessoas leva o garçom a unir duas mesas para acomodar todo mundo. Os clientes o cumprimentam com um toque informal, como se fossem amigos. Fazem piadas uns com os outros e com o garçom, que faz piadas também. Ao terminarem o almoço, um deles sugere: “Vamos dar um rolé por aqui, cara.”

Um engraxate, com aparência de uns 30 anos, com caixa de madeira nas mãos, oferece os serviços aos homens de terno de uma das mesas. Consegue um cliente e demora cerca de 15 minutos com o trabalho. Perto da fonte que fica em frente à Cafeteria, há três hippies vendendo bijouterias, um vendedor de algodão doce e outro que oferece balas e chicletes, usando aqueles baleiros parecidos com os que se usa nos cinema. À noite, serão substituídos pelos vendedores de amendoim e queijo. Cerca de 20 a 30 pessoas estão pelos bancos, fazendo horário de almoço. Algumas conversam em pequenos grupos; outras ficam sozinhas, mexendo no celular. Num dos bares, os clientes bateram palmas para o músico que se apresentava. Aquilo chamou a atenção de todos que estavam por perto, que olharam para o local.

O movimento cai à tarde. Mas, no final do expediente, o volume de pessoas aumenta por conta do *happy hour* e dos jogos de futebol – mormente às quartas-feiras. Nos sábados, a ocupação dos bares se dá durante todo o dia e até altas horas da noite. Aos domingos, o movimento é bem menor do que todos os outros dias – muitos bares, inclusive, não abrem.

FIGURA 125: As mesas dos bares Baiana do Acarajé e Croasonho.



Fonte: a autora, 2016.

Pessoas de nível social mais baixo quase não são vistas no local. Em nossas observações, uma das exceções foram os lavadores de carros, que inclusive utilizam pontos de apoio em alguns estabelecimentos, que permitem que eles peguem água e guardem os materiais de trabalho. Pedintes também às vezes se aproximam das pessoas que estão nos bares ou mesmo em trânsito; “um aparente morador de rua pedia dinheiro para completar o trocado que já tinha para voltar para casa.” (FONSECA, DIAS e MARRA, 2016, p. 234) Na outra ponta do quarteirão (contrária ao cruzamento central) há uma casa de balas e um chaveiro instalado numa loja bem simples, um quase em frente ao outro, o que confere à esquina da Rua Paraíba com Antônio de Albuquerque uma atmosfera muito menos sofisticada.

Em 2016, o quarteirão dos bares ganhou um totem que traz algumas informações sobre o desenvolvimento da Savassi. O equipamento faz parte de uma iniciativa da PBH, realizada pela Fundação Municipal de Cultura que, entre outros objetivos, “resgata a história de praças da cidade. As peças medem cerca de dois metros de altura, são fixadas no chão, têm fotos antigas e informações em português e em inglês.” (ESTADO DE MINAS, 2016c, s.p.) As praças Sete de Setembro, ABC, da Liberdade e da Estação também foram contempladas pela iniciativa.

O quarteirão ao lado, o da feira de artes, é tão diferente do dos bares que poderia estar a quilômetros de distância. Sua ocupação é bem menos densa, pois há muitos edifícios residenciais e algumas lojas que só funcionam durante o dia. Na esquina com a Avenida Getúlio Vargas ficava a Livraria da Travessa, que também funcionava como bar e oferecia música ao vivo. No entanto, desde o seu fechamento – e até um pouco antes, tendo em vista que os investimentos no bar foram decaindo – o quarteirão fica deserto no período da noite. Os novos estabelecimentos que

assumiram seu lugar não herdaram o movimento da Travessa; além disso, boa parte dos serviços é oferecida internamente, o que também não contribui para a movimentação da rua. Aos sábados pela manhã, organiza-se ali uma exposição de arte, com vários quadros e alguns outros itens. Idealizada pelo produtor cultural Luiz Otávio Brandão, a Esquina da Arte acontece desde 2000 (PORTAL TERRA, 2009) e foi o evento que motivou o apelido que demos ao quarteirão – apesar de nunca termos verificado um grande número de pessoas presentes nas vezes em que estivemos por lá. A ‘vocação’ comercial da Savassi – não são da Praça, mas de toda a região –   tão significativa para a popula o de BH que as marcas ali expostas viraram sin nimo do lugar. É muito comum as pessoas dizerem “vamos encontrar na esquina da Claro” (loja de telefonia móvel) ao invés de referir-se   esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Antônio de Albuquerque, ou ao quarteirão fechado desta última. Se a Travessa ainda existisse, certamente este quarteirão seria chamado de quarteirão da Travessa, como muita gente se referia a ele. Mas, diante do encerramento das atividades da livraria/bar, ‘ajeitamos’ um nome substituto, mesmo sabendo que, nem de longe, ele é reconhecido pelas pessoas como o quarteirão da Travessa seria.

FIGURA 126: Pintura que adorna a entrada da feira de artes.



Fonte: a autora, 2012.

FIGURA 127: Quadros dispostos ao longo do quarteirão.



Fonte: a autora, 2012.

FIGURA 128: Feira de troca de livros que eventualmente acontece durante a feira de artes.



Fonte: a autora, 2012.

Durante o dia, a ambiência é de um quarteirão comum de um bairro residencial. Algumas lojas atraem uns poucos clientes, e os moradores dos prédios mantêm o entra e sai cotidiano. À noite, porém, a ambiência é causa de medo e insegurança, pois o espaço fica muito vazio. Em todos os

quarteirões da Savassi vamos perceber uma dependência muito grande do comércio, pois não há outros atrativos que uma praça tradicional poderia apresentar, como espaço gramado, brinquedos fixos para crianças, academias de ginástica ao ar livre ou pista de corrida. A paisagem é reduzida ao concreto do piso e dos prédios, de maneira que o cidadão não tem mesmo o que fazer ali quando termina o horário comercial.

FIGURA 129: O quarteirão vazio à noite.



Fonte: a autora, 2012.

Atravessando o cruzamento central, estaremos na outra parte da Rua Pernambuco que também é fechada ao trânsito (a 'parte de baixo'). Suas esquinas são ocupadas pelo McDonald's e pela operadora Vivo. O McDonald's funciona 24 horas, e atrai movimento durante vários horários do dia. Atrás da loja da Vivo ficava a Livraria Status, que espalhava suas mesas pela calçada à noite nos finais de semana. De vez em quando oferecia shows abertos para essa área externa. Abaixo, de ambos os lados da calçada, há várias lojas, algumas menores e uma grande, de brinquedos (Ri Happy). Mas, ao contrário da 'parte de cima' da Rua, o movimento de pessoas é maior e mais espalhado pelos vários horários do dia. O fato do McDonald's funcionar ininterruptamente contribui, pois, apesar da maioria das pessoas levar a ideia de *fast food* às últimas consequências durante o dia – comprar, comer, sair –, à noite e pela madrugada é comum as pessoas se demorarem mais, dentro e fora da loja, comentando os acontecimentos da noite ou combinando a continuação da programação. Nesses horários, parece que a balada é ali mesmo, e a ambiência de uma porta de boate seria uma comparação muito plausível.

Também é comum haver atividades nesse quarteirão, como brinquedos e ações promocionais. Os brinquedos, muitas vezes, são instalados pela loja de brinquedos que fica ali. Durante os dias em

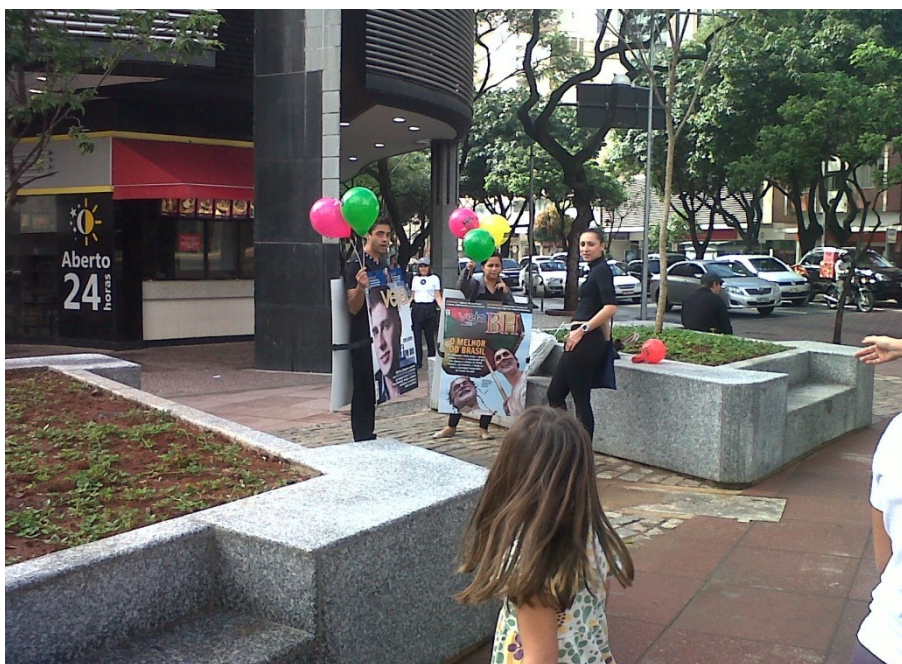
que isso acontece, muitos pais com crianças pequenas circulam pela área, que fica parecendo uma pracinha de bairro ou um parque. Já as ações promocionais ocorrem de dia e de noite, e são voltadas tanto para o público infantil quanto adulto. Elas criam um elemento novo, mas não nos parece que sejam capazes de alterar a ambiência de forma significativa. Ao contrário, como é próprio de promoções desse tipo, a ideia é se aproveitar do movimento já existente, de quem já está ali, pois estima-se que seja o público de interesse da empresa promotora.

FIGURA 130: Brinquedos infantis ao lado do McDonald's.



Fonte: a autora, 2012.

FIGURA 131: Esquina do McDonald's, onde acontecia uma ação promocional.



Fonte: a autora, 2012.

A novidade de 2015 ficou por conta da abertura de uma lanchonete Burger King no final do quarteirão, quase na esquina com a Rua Tomé de Souza, e da lanchonete Bobs a poucos metros na mesma rua. Segundo reportagem do jornal Estado de Minas, a mesma batalha que se desenrola nos *shoppings centers* do país ganhou as ruas da Praça da Savassi com a vinda dos dois gigantes, pondo fim ao ‘reinado solitário’ do McDonald’s.

Três gigantes do fast food de sanduíches que já travam disputa árdua pelo cliente nas praças de alimentação dos *shoppings centers*, agora abrem a guerra pela preferência do consumidor nas ruas da Savassi, região nobre de Belo Horizonte. O primeiro a se instalar, na esquina da Avenida Getúlio Vargas com Rua Pernambuco, foi o McDonald’s, que domina um terço do mercado brasileiro do segmento de comida rápida. Na Savassi, reinava sozinho desde 1992. Desde o fim de 2015, a loja da rede divide a praça com os rivais Burger King e Bob’s. (ESTADO DE MINAS, 2016d, s.p.)

Não por acaso, termos como ‘dividir a praça com os rivais’ são comuns, numa demonstração de que o loteamento do espaço público não só não incomoda, como não é sequer uma questão. Ao questionar se “na guerra na Praça da Savassi, resta saber se o consumidor, de fato, ganha com a disputa dos gigantes dos sanduíches”, o repórter encontra logo um especialista para afirmar que “Esta é sempre uma saudável competição. Se há um concorrente significa que existe mercado” (ESTADO DE MINAS, 2016d, s.p.). E, se existe mercado, com o que deveríamos estar incomodados, não é mesmo?

FIGURA 132: Perspectiva da lanchonete Burger King, à direita, em relação ao prédio onde fica o McDonald’s do lado esquerdo.



Fonte: a autora, 2016.

FIGURA 133: Entrada da lanchonete Burguer King.



Fonte: Estado de Minas, 2016d, s.p.

A loja da lanchonete Bobs, também anunciada pela reportagem, não funciona mais. Parece que sua sobrevivência foi curta na região. Ela ficava localizada na Rua Fernandes Tourinho, quase na esquina com a Rua Pernambuco. Pelo que pudemos apurar, era mais um quiosque do que uma lanchonete completa, e oferecia uma espécie de autosserviço, no qual a pessoa escolhia o lanche numa máquina de autoatendimento e pagava nela mesma com o cartão de crédito. Os funcionários só entravam em ação para montar e entregar o lanche, e por isso a loja não oferecia o cardápio completo do Bobs. O imóvel ocupado pelo Bobs encontra-se fechado.

Ao contrário das empresas de *fast food* em guerra, o comércio do quarteirão 'de baixo' da Rua Antônio de Albuquerque parece viver em paz, e tem planos de se unir ainda mais através do projeto conhecido como Via Albuquerque. O quarteirão já é totalmente ocupado por lojas, especialmente de roupas e calçados. Seu movimento diurno é intenso por causa das compras, e a lógica segue em direção à Rua Alagoas, onde estão vários outros estabelecimentos similares e o *Shopping 5ª Avenida*. Mas, à noite, não se vê absolutamente ninguém nesse espaço. Apesar do incremento da iluminação após a revitalização de 2012, o quarteirão continua causando medo. Passar por ele à noite significa assumir o risco de se encontrar completamente sozinho e fora da visão de quem possa estar no quarteirão dos bares, por exemplo. Somente após o cruzamento com a Rua Alagoas é que o movimento recomeça, devido à concentração de bares e restaurantes na sequência da rua. O quarteirão apresenta, assim, duas ambiências radicalmente opostas de dia e de noite.

FIGURA 134: Lojas na Rua Antônio de Albuquerque.



Fonte: a autora, 2012.

FIGURA 135: Apesar de fechados, os quarteirões precisam permitir a entrada e saída dos carros das garagens (Rua Antônio de Albuquerque).



Fonte: a autora, 2012.

O projeto Via Albuquerque incide apenas sobre essa ambiência diurna, comercial por excelência. Em discussão pelo menos desde 2010, a ideia básica girava em torno de “criar uma rua nos

moldes da Oscar Freire, em São Paulo, conhecida por abrigar lojas de grifes e atrair público de alto poder aquisitivo.” (PORTAL UAI, 2010, s.p.) Parte da Rua Antônio de Albuquerque, começando na Rua da Bahia e terminando na Praça Diogo de Vasconcelos – e que engloba o nosso derradeiro quarteirão de análise -, é o alvo dessa proposta de se criar um “ambiente requintado, que atraia moradores da cidade e turistas.” (PORTAL UAI, 2010, s.p.) Apesar de noticiada como iniciativa de moradores, comerciantes e empresários da região – assim, genericamente, dando a impressão de que haveria muitos envolvidos na discussão – o projeto é atribuído apenas a um dentista e dois empresários, e o objetivo seria a boa e velha revitalização dos quarteirões. O entusiasmo do trio com os lucros vindouros parecia ser grande, pois o investimento necessário para a ‘transformação’ – estimado entre três e quatro milhões de reais – foi objeto de consulta ao Ministério Público para que se verificasse “se os investimentos podem ser integralmente bancados pela iniciativa privada ou se há a necessidade de estabelecer algum tipo de parceria com o poder público” (PORTAL UAI, 2010, s.p. Grifo nosso.) Ou seja, o poder público não precisaria nem ser um parceiro, pois os recursos já estariam garantidos. “Vamos instalar mobiliário urbano como bancos, iluminação cênica e luzes especiais. Também queremos instalar pórticos nas faixas de pedestres, com flores e muito verde. A ideia é fazer tudo com mobiliário moderno, proporcionando conforto para a população.” (PORTAL UAI, 2010, s.p.)

Evidentemente o projeto ganhou uma logomarca e um site, além de muitas ilustrações que pretendiam fazer antever os cenários que o futuro reservava.

FIGURA 136: Página inicial do site Via Albuquerque.



Fonte: Via Albuquerque, 2012, s.p.

Mas as coisas não caminharam exatamente como o planejado. Em 2014, o site oficial do projeto já não estava mais disponível. Bem antes, quando a Prefeitura de Belo Horizonte conseguiu os

recursos para levar a cabo a reforma de 2012, apenas os quarteirões contíguos ao cruzamento central da Praça foram contemplados. Apesar de um desses coincidir com o trecho final do que seria a nossa Oscar Freire, não houve recursos destinados ao projeto da Via Albuquerque. Em 2012, o site dava conta de que o horário de funcionamento das lojas seria estendido até às 21 horas, e que uma reunião entre a CDL/BH, a Associação dos Moradores da Savassi – AMAS – e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae - havia sido realizada para dar andamento ao projeto. Um dos pontos principais era a criação de plano de marketing específico para a Via Albuquerque, exatamente como podemos encontrar nas cartilhas de *city branding*:

Durante a reunião, o consultor do SEBRAE, Antônio Matheus, falou sobre as etapas do projeto, que é desenvolvido com o apoio do SEBRAE-MG, da CDL/BH e da AMAS –. As atividades vão desde um diagnóstico com informações de mercado, como perfil do público atual das lojas da rua, até a elaboração e implantação de um plano de marketing específico para a Via Albuquerque. (VIA ALBUQUERQUE, 2012, s.p.)

Para os líderes do projeto, todos os lojistas deveriam aderir à causa porque “é fundamental para que os clientes da Savassi tenham a segurança de saber que as lojas realmente estarão abertas até mais tarde.” (VIA ALBUQUERQUE, 2012, s.p.) A segurança da região seria reforçada pela Polícia Militar e pela Guarda Municipal. Segurança esta, aliás, que se tornou ponto agudo de discussão em diversos momentos na história recente do perímetro da Praça da Savassi.

Boaventura de Souza Santos (2007) chama a atenção para o fascismo social que, em suas palavras, traduz o movimento a que assistimos no interior dos Estados Nacionais atualmente. A Constituição está em vigor, não há toque de recolher oficial, o direito de ir e vir continua, em tese, garantido. Mas o Estado passa a decidir com base num estatuto de emergência que visa o enquadramento de todos os agentes num sistema pré-fixado, como uma estratégia para governar e submeter sociedades cada dia mais plurais, com interesses crescentemente diversos e com conflitos que não deveriam ser sufocados. Um dos aspectos desse regime é a separação da cidade em “zonas civilizadas” e “zonas selvagens”, o que se faz, também, mas não apenas, através da arquitetura. “O mesmo Estado e a mesma polícia nos mata nas "zonas selvagens" e ajuda nosso filho a atravessar a rua nas "zonas civilizadas"; facilitam e reprimem com o mesmo treinamento e o mesmo Estado.” (p. 113). Resulta daí uma tensão, uma situação permanente de conflito que, de certa forma, caracteriza e diz muito do viver numa grande cidade no século XXI.

Jane Jacobs (1961) foi uma das autoras que discutiu a relação direta entre segurança pública e ocupação da cidade. Ela ressalta que a ordem pública não é mantida apenas pela ação da polícia ou de outros agentes de segurança, mas sobretudo pela rede constituída pelos que circulam na cidade, de forma espontânea e quase inconsciente. A questão da insegurança dos espaços da

cidade não pode ser solucionada pela dispersão de seus moradores: “uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não” (JACOBS, 1961, p.35). O vazio das ruas produz zonas de insegurança; logo, as ruas devem proporcionar às pessoas motivos concretos para que elas sejam utilizadas e percorridas. Os próprios lojistas e comerciantes atuam no sentido de incentivar a tranquilidade do espaço; a presença de pessoas que utilizam esses serviços funciona como atrator de mais pessoas, e assim por diante. É interessante o relato do proprietário do Bar do João sobre isso: “O movimento no meu bar é que garante a segurança dos lojistas ao lado de madrugada. Na Praça da Savassi é tudo muito lindo e iluminado, mas nos quarteirões do entorno não há iluminação e há muitos assaltos.” (ESTADO DE MINAS, 2012l, s.p.)

No entanto, se as lojas são os únicos atratores, a rua vai ficar deserta quando elas se fecharem. E esse fenômeno foi percebido logo após a inauguração da nova Praça da Savassi, ainda em 2012. Como já dito, muitos estabelecimentos não resistiram à obra e encerraram suas atividades. Além disso, a ocupação comercial dos quarteirões ficou mais segmentada do que antes. O resultado disso foi o aumento do registro de casos de assaltos e roubos durante a noite principalmente. Em 22 de maio de 2012, uma série de arrombamentos já era motivo de alarde entre os comerciantes, que acusavam a Polícia Militar de desaparecer durante a noite e a madrugada. Foi dessa movimentação que surgiu a tática de implantar uma viatura da PM na região, o que se perpetuou. “A partir de amanhã vamos destinar uma viatura do programa Polícia e Família, das 20h às 6h da manhã, para patrulhar exclusivamente a Savassi. Temos que migrar nosso policiamento para dar uma resposta.” (ESTADO DE MINAS, 2012l, s.p.) Uma van, um carro pequeno e até um trailer são usados pela Polícia na região, e os veículos já passaram a fazer parte da paisagem da Praça (ver as duas próximas imagens).

A Polícia atribuiu a onda de arrombamentos aos moradores de rua que circulavam pela Savassi então. Pessoas que trabalham ou moram na região corroboram os relatos ao discorrer sobre os grupos de mendigos, muitos menores de idade, que circulariam pelas ruas todos os dias. Em 2014, a ofensiva contra os moradores de rua seria exacerbada em função da realização da Copa do Mundo de futebol. No início daquele ano, algumas reportagens já chamavam a atenção para a presença desses ‘indesejáveis’ na Savassi, e para a sensação de medo que eles despertariam no restante da população. “Pelo menos 95% dos moradores de rua que perambulam pela Savassi, Região Centro-Sul de BH, têm passagem pela polícia por diversos crimes, segundo estimativa da corporação.” (ESTADO DE MINAS, 2014e, s.p.) Seus delitos mais comuns eram arrombamento de carros e furto de telefones celulares. O vício em drogas ilícitas também era apontado como uma das causas do problema.

FIGURA 137: Viatura da Polícia Militar estacionada na Savassi.



Fonte: a autora, 2016.

FIGURA 138: Van da Polícia Militar estacionada no canteiro central da Avenida Getúlio Vargas.



Fonte: G1, 2014a, s.p.

A forma de abordar a questão suscita discussões. Muitas polêmicas foram geradas pela Instrução Normativa Conjunta N°01, de 02 de dezembro de 2013 (PBH, 2013b), que permite que a Polícia recolha os pertences dos moradores de rua. “Segundo o documento, policiais, guardas municipais e fiscais devem recolher objetos que excedam a capacidade do morador de rua de carregar numa só viagem, sem auxílio de veículos transportadores.” (ESTADO DE MINAS, 2014a, s.p.) Os moradores de rua talvez não tenham sido avisados, e provavelmente não são leitores assíduos do DOM, de maneira que, numa tarde de janeiro de 2014,

mais de 10 se reuniam ao lado de uma fonte da praça, no quarteirão fechado da Rua Pernambuco, entre a Avenida Getúlio Vargas e a Rua Tomé de Souza. Junto ao grupo, havia um carrinho de supermercado com roupas, cobertores e outros pertences, o que desrespeita instrução normativa da prefeitura publicada no mês passado no Diário Oficial do Município. (ESTADO DE MINAS, 2014a, s.p.)

FIGURA 139: Moradores de rua próximos a uma das fontes.



Fonte: Estado de Minas, 2014a, s.p.

A tensão é multiplicada nos depoimentos dos moradores e frequentadores da Savassi, que afirmam que os mendigos tomam banho nas fontes e lavam roupas. “Eles fazem o que querem na fonte e ninguém faz nada”; “Frequento a Savassi desde os 18 anos e nunca tinha visto tantos moradores de rua”; “Ficamos constrangidas. Pareciam estar drogados. Essas pessoas que estão aqui são novas, não são as que costumamos ver na região, não sabemos quais são suas intenções” (ESTADO DE MINAS, 2014a, s.p.) Um dos comerciantes chama a atenção para o fato de que os moradores de rua teriam passado a frequentar a Praça da Savassi com a saída da base móvel da Polícia Militar do local (aquela mesma que se instalou na região em 2012). “A base móvel deixou de ficar lá há cerca de três meses para ser revezada entre a Praça da Savassi e outros locais, como a Praça da Liberdade e a região da Igreja da Boa Viagem”, explica um porta-voz da corporação (ESTADO DE MINAS, 2014a, s.p.).

O fato é que, no mesmo mês de janeiro, a PM anunciava o aumento do patrulhamento e a volta da base móvel à Praça da Savassi, já que a ‘sensação de segurança’ precisava aumentar. “O foco dessa unidade é o polo comercial da Savassi, que também é um ponto de lazer e turismo” (ESTADO DE MINAS, 2014f, s.p.). Os comerciantes reclamam, o poder público responde. Vários casos são relatados, denúncias são feitas e a criminalização dos moradores de rua se desenha, bem na medida da necessidade de se justificar sua perseguição. Apenas os ativistas que

trabalham com população de rua destoam do enredo, se dizendo surpresos com a afirmação de que a maioria dos sem-teto abordados na Savassi têm passagens na Polícia. Para o Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População em Situação de Rua, “A sociedade precisa ser conscientizada sobre o fenômeno da população em situação de rua. É preciso quebrar estigmas e parar com essa associação de criminalidade com população em situação de rua” (ESTADO DE MINAS, 2014f, s.p.). O discurso dos moradores e comerciantes é contrastante com o da população de rua, que busca as brechas para acessar a rua, talvez o único lugar onde sua entrada e sua permanência ainda não tenham sido totalmente impedidas – apesar de constrangidas, combatidas e indesejadas.

Em que pese o fato da arquitetura da cidade ter sido concebida com o fim de impedir revoltas sociais, por vezes os mesmos espaços hierarquizados, largos e iluminados, foram apropriados pelos movimentos sociais em seu benefício. Pelo fato da rua ser o lugar por excelência da troca entre diferentes, quando esta troca não se dá harmoniosa e espontaneamente com a convivência dos setores dominantes, as classes populares surgem no espaço público, ocupando a rua e se apropriando do seu potencial contestador e divulgador. (SILVA, 2003, p. 5)

FIGURA 140: Morador de rua instala rede na Praça da Savassi.



Fonte: Estado de Minas, 2014g, s.p.

De acordo com os estudos de Carneiro (2016), a possível retirada forçada dos moradores de rua ganhou destaque às vésperas da Copa, chamando a atenção de instituições da sociedade civil de proteção aos direitos da população de rua e dos órgãos públicos relacionados à defesa dos direitos humanos. Num dos debates organizados à época, moradores de rua reclamavam “da recolha dos pertences pelo poder público ou das revistas vexatórias pelas quais, constantemente, passavam e que, neste momento, estavam mais frequentes” (p. 79). Também se queixaram muito das condições precárias e das normas dos abrigos. Os abrigos, por sinal, já haviam sido alvo de uma reportagem de setembro de 2013, quando a CDL/Savassi cobrava providências da Prefeitura em relação aos moradores de rua. Alguns moradores de rua – citados como “mendigos, usuários de

crack e portadores de sofrimento mental” que, segundo o repórter, ‘insistiam’ “em permanecer debaixo de viadutos, marquises, calçadas e terrenos vagos de Belo Horizonte” (ESTADO DE MINAS, 2013d, s.p.) – usaram frases como “abrigo é pior do que cadeia”. Apesar da descrição dada pelo jornal, um dos entrevistados é catador de material reciclável – portanto, nem mendigo, nem drogado e nem ‘maluco’; e ele não ‘insistia’ em permanecer na rua: “O que eu mais quero é sair da rua. [...] Com o dinheiro que ganho, não sobra nada” (ESTADO DE MINAS, 2013d, s.p.)

Outras denúncias se sucederam entre o final de 2013 e o início de 2014. Ações muito incisivas da Polícia Militar foram verificadas em outros locais da cidade e em outras capitais também. O Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População de Rua e Catadores de Materiais Recicláveis – CNDDH organizou um relatório intitulado “Violações de direitos da população em situação de rua nos meses que antecedem a realização da Copa do Mundo”, no qual destaca “pelo menos três atuações consideradas ilegais de recolhimento de pertences realizadas pela Prefeitura de BH com acompanhamento da Polícia Militar no período anterior ao Mundial.” (APUBLICA, 2014, s.p.) As ações envolveram a retirada de roupas, documentos, cobertores e instrumentos de trabalho dos cidadãos em locais como Viaduto da Avenida Francisco Salles, Viaduto da Avenida Silva Lobo, algumas ruas do Centro e da Savassi.

O relatório do CNDDH também denuncia violações em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre. Em SP, o texto acusa limpeza urbana e remoção forçada de cerca de 90 pessoas em via de acesso à Arena Corinthians; no RJ, há a denúncia de remoção forçada de pessoas de regiões próximas ao estádio do Maracanã que teriam sido encaminhadas para abrigos, onde já existem denúncias de superlotação, precariedade das instalações e falta de segurança. (APUBLICA, 2014, s.p.)

Fato é que, durante os jogos da Copa do Mundo de 2014, a Praça da Savassi era uma festa completa, como veremos a seguir. Muita gente, muitos televisores, muitos bares e nenhum morador de rua.

4.2. Savassi em tempos de Copa

FIGURA 141: Jogo de abertura da Copa no quarteirão dos bares.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 142: Momento de maior ocupação dos bares no dia do jogo de abertura.



Fonte: a autora, 2014.

Analisando o que se poderia reconhecer como o cotidiano da Praça da Savassi, nada se compara à ambiência que emergiu por ocasião da Copa do Mundo da FIFA, em 2014²⁶. Muitos dos frequentadores eram os mesmos. Assistir a jogos de futebol tomando uma cerveja gelada não é nenhuma novidade para o local. Palcos armados nas esquinas, também não. No entanto, já no jogo de abertura da Copa, notava-se uma ambiência transformada: no quarteirão dos bares, mesas mais cheias, garçons mais nervosos, copos de plástico em lugar dos tradicionais 'lagoinha' (apelido belo-horizontino do copo americano, de vidro, muito usado para cerveja em bares). Em conversa

²⁶ Parte desses relatos foi também publicada no artigo "Paisagens, Ambiências e Situações Comunicativas na Praça da Savassi em tempos de Copa do Mundo", apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em 2015.

com um garçom, ele relatou que só serviriam cerveja em lata para evitar que garrafas fossem usadas como armas em caso de brigas. No quarteirão da feira de artes, um palco foi montado para shows e exibição dos jogos. O quarteirão recebeu banheiros químicos e grades, além de muitos anúncios dos promotores de um evento intitulado Savassi Cultural, que só acontecia nos dias de jogos da Copa. A Livraria Status também espalhou mesas e transmitiu os jogos, disputando espaço com uma feira de roupas que acontecia no local. O quarteirão 'de baixo' da Rua Antônio de Albuquerque não teve nenhum movimento para além do trânsito de pessoas. O quarteirão dos bares estava muito cheio, o excesso de policiais contribuía para um clima tenso, mas a partida de futebol transcorreu sem problemas, quase como que de costume.

FIGURA 143: Quarteirão dos bares ainda vazio, com os banheiros químicos ao fundo.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 144: O mesmo quarteirão em sentido oposto.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 145: Feira de roupas ao lado do McDonald's.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 146: Mesas da Livraria Status, com grades para delimitar o espaço.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 147: Mesas dos bares contíguos à Livraria Status.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 148: Base móvel da PM na Avenida Getúlio Vargas, ao lado do McDonald's.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 149: Palco do Savassi Cultural, no quarteirão 'de cima' da Rua Antônio de Albuquerque.



Fonte: a autora, 2014.

Desde o primeiro dia percebem-se muitos elementos novos na paisagem da Savassi. Grandes estruturas são instaladas e dão destaque às empresas patrocinadoras dos televisores e telões para transmissão dos jogos. O quantitativo de mesas e cadeiras nos bares é muito maior do que o normal, assim como o de policiais. Os banheiros químicos já haviam sido instalados, mas ainda em pequena quantidade. Fora dos quarteirões dos bares, da feira de artes e do McDonald's, no entanto, tudo continuava igual e vazio. Andávamos poucos metros e parecia que estávamos em outro lugar completamente diferente.

FIGURA 150: Rua Tomé de Souza esquina com Avenida Cristóvão Colombo.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 151: Bar do João, na esquina da Rua Tomé de Souza com Avenida Getúlio Vargas.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 152: Rua Pernambuco no quarteirão seguinte ao do McDonald's.



Fonte: a autora, 2014.

Nos jogos seguintes, a ambiência evoluiu numa escalada que acabou por desfigurar completamente os quarteirões. Primeiro vieram os banheiros químicos em muito maior quantidade, que foram distribuídos nos quatro quarteirões. Quase ao mesmo tempo, as boutiques do quarteirão dos bares alugaram freezers e passaram a vender cerveja durante os jogos. No quarteirão da feira de arte, o palco e o Festival foram se enchendo cada vez mais, receberam mais banheiros químicos, mais seguranças e mais grades. A paisagem foi transformada pelo excesso de pessoas, de grades e de sons, dando aos espaços uma ambiência de arquibancada de estádio de futebol. Pessoas paradas em pé, ou transitando sem muito diálogo. Mesas muito cheias e olhos voltados para as telas de TV. Bandeiras, gritos de guerra de torcidas.

FIGURA 153: Bares e outras lojas fazendo estoque de cerveja para os jogos.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 154: Novos banheiros químicos foram adicionados ao quarteirão dos bares.



Fonte: a autora, 2014.

Não só o mobiliário, a decoração e as grades, mas também as pessoas são capazes de alterar a ambiência. À medida que a concentração de pessoas aumenta, as situações são afetadas: é preciso falar mais alto, ou gritar, para ser ouvido; transitar se torna complicado; o medo de furtos aumenta, fazendo com que as pessoas evitem usar o celular e mantenham vigilância sobre seus pertences. Em cada dia de jogo, a presença de torcedores dos diversos países envolvidos na tabela do dia fazia surgir situações diferentes e acrescentava ingredientes à ambiência 'base'. Alguns grupos fazem mais barulho, mais bagunça; outros preferem a paquera aos berros pelo time; tem até quem suba em árvores.

[No dia 14 de junho] O quarteirão da Rua Antônio de Albuquerque entre Paraíba e Getúlio Vargas foi tomado pelas cores amarelo, vermelho e azul, das camisas e bandeiras colombianas. “Estamos nos sentindo em casa. Nossa cultura é bem semelhante. Nem parece que estamos em outro país”, comenta o comerciante Omar Ramires, de 38, ao lado do filho Nicolas, de 12. “Somos povos festeiros, alegres”, completa o contador Wilson Amaya, de 45, amigo de Omar. (ESTADO DE MINAS, 2014h, s.p.)

Na Copa do Mundo, a Praça da Savassi está para Belo Horizonte como a Vila Madalena está para São Paulo. [No dia 17 de junho] Os argelinos são os mais animados. Um deles subiu numa árvore e empunhou a bandeira de seu país. Outro ergueu uma réplica da taça da Copa do Mundo e fez os argelinos cantarem ainda mais. Os belgas estão em menor número. E aproveitam os bares. Um torcedor segurava quatro latas de cerveja e distribuía para os amigos. (ESTADÃO, 2014, s.p.)

FIGURA 155: Concentração de pessoas no quarteirão dos bares, à tarde, no dia 14 de junho.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 156: Concentração de pessoas no quarteirão dos bares, à noite, no dia 14 de junho.



Fonte: ESTADO DE MINAS, 2014h, s.p.

No dia 14 de junho foi realizado o primeiro jogo em Belo Horizonte, e foi também o dia das duas derivas que realizamos durante o período da Copa. Chegamos à Savassi por volta das 09:00, quando o movimento de torcedores ainda era pequeno. Alguns bares ainda estavam espalhando suas mesas na calçada. Como não havia muito que observar, caminhamos até pela Avenida Getúlio Vargas em direção à Avenida do Contorno. As lojas estavam abertas, mas o movimento de pessoas era quase nulo dos dois lados da Avenida. Chegando à esquina, vimos um grupo de três homens que chegavam a pé, descendo a Avenida do Contorno pelo passeio do Colégio Padre Machado. Aguardamos que eles atravessassem a Contorno e passamos a acompanhar sua caminhada pela Getúlio Vargas.

O grupo era formado por dois irmãos e pelo pai. Eles seguiam pela Avenida sem sequer olhar para as vitrines, ignorando completamente o movimento comercial característico da Savassi. Conversavam sobre vários assuntos, mas principalmente sobre o jogo a que iriam assistir e sobre outras pessoas que encontrariam no Mineirão. Ao chegar se aproximar do cruzamento central da Praça da Savassi, o grupo parou um pouco para observar o movimento e a decoração dos dois quarteirões 'de cima'. Um dos irmãos comentou algo como "é aqui que o pessoal está vindo assistir aos jogos, pai", ao que o pai respondeu que "no estádio é bem melhor". Também falaram sobre a montagem dos palcos e sobre como a região deveria ficar lotada de gente logo mais. Não se detiveram ali por muito tempo, e continuaram seguindo pela Getúlio Vargas até seu destino final: um dos pontos do ônibus especial que levaria as pessoas ao estádio, na Avenida Getúlio Vargas em frente à Escola Estadual Barão do Rio Branco.

FIGURA 157: Parada do ônibus especial da Copa.

Fonte: a autora, 2014.

Já havia cerca de 30 pessoas no ponto de ônibus quando nos aproximamos, por volta das 09:30. As pessoas se organizavam numa fila, que era ordenada pelas grades colocadas no passeio. Havia alguns policiais por perto, mas eles não pareciam ter nenhum problema em relação ao ordenamento da fila, de maneira que nem ficavam muito próximos a ela. Ao chegar, o grupo de homens também entrou na fila, e foi cumprimentado com um aceno de cabeça pelos últimos colocados. Fizeram os comentários mais banais, como “chegamos”, “é aqui”, “agora é só esperar”. Um dos irmãos conferiu o ingresso que estava no bolso. Pouco tempo depois de chegarem, perguntaram ao torcedor da frente se ele sabia o horário do ônibus. Ele disse que não, mas que deveria estar chegando porque um dos policiais havia informado a ele que o último ônibus tinha saído do ponto por volta das 09:00. De fato, poucos minutos depois, o ônibus parava no ponto para recolher os torcedores.

A entrada no ônibus seguiu sem nenhum percalço. As pessoas entravam calmamente, segundo sua ordem na fila de espera, e conversavam baixo, em pequenos grupos. Não demonstravam aquela agitação típica dos torcedores de futebol, até porque eram todos brasileiros e o jogo era entre as seleções da Grécia e da Colômbia. O grupo que nós acompanhamos agia da mesma forma que os demais: conversavam sobre os mais variados assuntos, consultavam o celular, falavam sobre como a partida seria fraca em termos de futebol. Ao encerrar o embarque, o motorista deu a partida rumo ao estádio, e nos deixou com a sensação de que nossos três escolhidos pareciam nem ter estado na Savassi. Todo o seu trajeto foi marcado pela total indiferença em relação ao entorno, exceto quando pararam, por brevíssimo tempo, para observar a preparação dos quarteirões para receber o público que assistiria aos jogos por ali. A Savassi foi apenas um lugar de passagem em direção a um objetivo, e eles provavelmente teriam agido da mesma forma e conversado sobre as mesmas coisas se tivessem decidido pegar o ônibus especial em outro ponto da cidade. A paisagem praticamente não os afetou; a pequena densidade de pessoas naquela ainda silenciosa manhã de sábado contribuiu para essa sensação de não-lugar.

Encerrando a deriva, decidimos encontrar um ponto para observar a movimentação da Praça e realizar outra deriva, desta vez com pessoas que assistissem ao jogo ali. Optamos pelo quarteirão dos bares, que estava mais movimentado. Por volta das 11:00, vimos chegar um grupo de cinco rapazes, que deviam ter idades entre 20 e 30 anos. Dois deles estavam com a camisa da seleção da Colômbia, e um outro estava com a camisa da seleção brasileira. Eles vieram pelo passeio da Avenida Getúlio Vargas, mas não sabemos como chegaram até lá, pois nos aproximamos deles já no começo do quarteirão. Ao contrário do grupo que acompanhamos antes, eles viam bem animados, falando alto e andado rápido. Percebemos que os dois com camisa da Colômbia falavam em espanhol, e deduzimos que seriam colombianos. Os brasileiros falavam com eles naquela tradicional mistura de português e espanhol, e às vezes só em português mesmo. Estávamos certos em achar que eles ficariam na região, pois seguiram direto para um dos primeiros bares do quarteirão fechado.

Eles não tiveram dificuldade em encontrar uma mesa bem de frente para um dos televisores que transmitiram o jogo, e nós nos instalamos numa mesa próxima. Enquanto se ajeitavam nas cadeiras, um deles já chamava o garçon. Pediram uma cerveja e copos para todos. Conversavam animadamente, mas às vezes era difícil acompanhar o assunto. Os bares já estavam ficando cheios e havia muito barulho na Praça. Conseguimos entender que os brasileiros debochavam da seleção colombiana, provocando os dois rapazes, e todos riam. Em alguns momentos, eles olhavam para as moças que passavam e faziam comentários em voz baixa. Seguiram bebendo suas cervejas, pediram uma porção de pastéis e ficaram esperando o início da partida.

À medida que o tempo passava, mais pessoas chegavam e se acomodavam pelos bares. Pouco antes do início do jogo, alguém começou a bater palmas e gritar “Colômbia! Colômbia!”, no que foi seguido por várias pessoas. Os colombianos que acompanhávamos gritaram também, e a atmosfera foi tomada por um clima de estádio de futebol mesmo. No bar do lado havia um homem com uma grande corneta, que ele ficava soprando de vez em quando, fazendo o barulho alcançar todo o ambiente. Muitas pessoas usavam a camisa da seleção brasileira, ou chapéus, perucas e outros acessórios com as cores da bandeira. Havia outras pessoas com camisa da seleção colombiana também, em outras mesas. Alguns chegavam e permaneciam de pé, sem ocupar nenhuma mesa, apenas observando a televisão dos bares.

O jogo começou e os gritos se intensificaram. Os cinco rapazes gritaram e bateram palmas, torcendo pela Colômbia. Durante a partida, a cena foi sempre a mesma: tensão nos momentos críticos do jogo, grande comemoração dos gols (a Colômbia venceria por três a zero), comentários futebolísticos típicos. Os rapazes beberam cerveja durante todo o jogo, mas só deram sinal de estarem um pouco embriagados no final da partida. A ambiência de arquibancada de futebol se espalhava por todo o quarteirão: os gols eram comemorados com gritos e abraços; cantos típicos de torcidas eram entoados. Com o fim do jogo, os rapazes não deram sinal de que deixariam o bar. Relaxaram com o fim da tensão da partida, pediram novos petiscos e passaram a dar mais atenção para as moças, inclusive fazendo comentários em tom mais alto do que antes, na intenção de que elas ouvissem – e, quem sabe, correspondessem à investida. Encerramos nossa deriva nesse momento, mais ou menos quarenta minutos após o apito final do juiz.

FIGURA 158: Torcedores aguardando o início do jogo no dia 14 de junho.



Fonte: a autora, 2014.

Nos dias 12 e 14 de junho, o movimento na Praça da Savassi ainda era pequeno se comparado ao que viria depois. No dia 17 de junho, a Savassi ficou dividida entre torcida e protesto, como alardeado por algumas reportagens. A simplificação indevida era uma tentativa (infeliz) de colocar em contraste a movimentação dos torcedores e frequentadores dos bares, de um lado, e alguns grupos que agendaram, para aquela data, uma manifestação em relação a diversos temas, como os gastos impostos pela FIFA, a remoção de famílias por causa da Copa e o aumento da tarifa de transporte coletivo, assunto que estava no auge na época. Ao contrário do antagonismo que alguns jornalistas tentavam dar a entender, o protesto foi marcado para acontecer na Praça da Savassi exatamente em função da presença das torcidas, que serviriam como uma blindagem contra a ação truculenta da Polícia em protestos anteriores: “Para tentar driblar a polícia, que cercou os manifestantes na Praça Sete no último sábado (14), impedindo o trajeto até o Mineirão, jovens se reúnem pela internet para tentar se fazer ouvir em uma das áreas mais tradicionais onde há torcedores reunidos para ver os jogos.” (R7, 2014a, s.p.)

FIGURA 159: Torcida no quarteirão dos bares no dia 17 de junho.



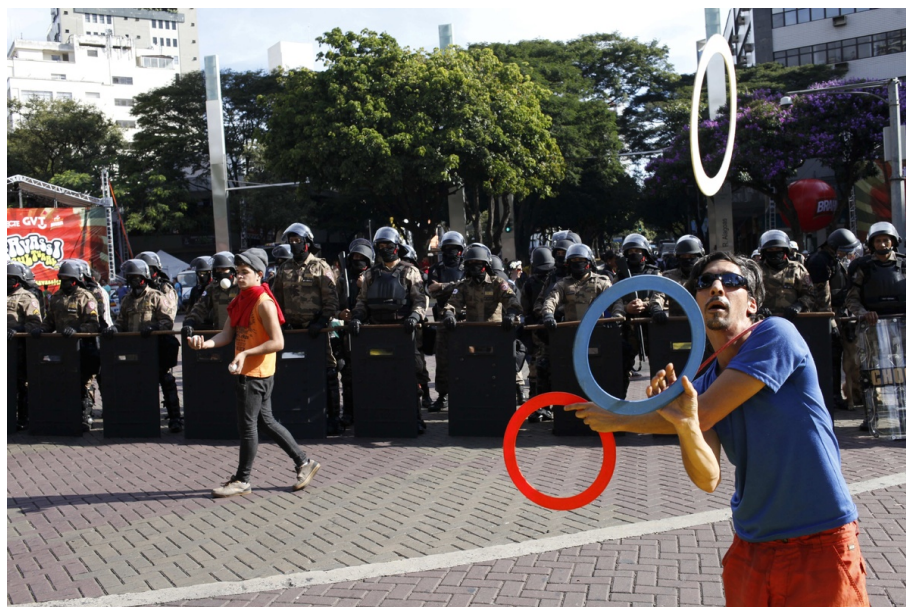
Fonte: R7, 2014a, s.p.

FIGURA 160: Alguns dos cerca de 200 manifestantes que estiveram na Savassi no dia 17 de junho.



Fonte: G1, 2014a, s.p.

FIGURA 161: Artistas de circo fazem performance durante o protesto.



Fonte: Brasilpost, 2014, s.p.

FIGURA 162: Performance durante o protesto.

Fonte: Brasilpost, 2014, s.p.

A tática parece ter funcionado. Após terem sido impedidos de chegar ao estádio Mineirão três dias antes – numa ação muito polêmica da Polícia Militar, que resultou em pessoas detidas, muitos feridos e um morto -, na Savassi “A movimentação foi acompanhada pela Polícia Militar (PM), que manteve o local cercado durante todo o ato. De acordo com a corporação, ninguém foi detido durante o protesto.” (G1, 2014a, s.p.) Além disso, segundo o portal G1 (2014a, s.p.), o clima de tensão entre manifestantes e PM “não atrapalhou a festa”. O espetáculo estava garantido, o que é motivo de alívio para aqueles que insistem em ver a cidade como tal.

Além de não atrapalhar, uma situação inusitada virou piada nas redes sociais. Ao formar um cordão de isolamento e contenção do protesto, a Tropa de Choque da PM parecia, por um determinado ângulo de observação, estar cercado o McDonald’s, como que defendendo a loja. “Fora do contexto, a foto do cerco policial virou piada na internet. [...] O “Site dos Menes”, perfil de humor curtido por 137 mil pessoas no Facebook e no Tumblr, não perdoou.” (R7, 2014b, s.p.) Com a legenda “A PM Nutricionista”, o site ironizou a ação policial como se eles estivessem impedindo as pessoas de comerem *fast food*.

FIGURA 163: Cordão de isolamento no protesto.



Fonte: Brasilpost, 2014, s.p.

FIGURA 164: Meme sobre a “PM Nutricionista”.



Fonte: R7, 2014b, s.p.

Na sequência dos jogos da Copa, o outro grande acontecimento que se desenrolou na Praça da Savassi ocorreu no dia 21 de junho. A essa altura, o fluxo de pessoas que se dirigia ao local era bem maior do que nos primeiros jogos. A notícia sobre as comemorações que se estendiam pela madrugada contribuiu para a fama da Savassi como ambiente de paquera. Muitas pessoas nem assistiam aos jogos: iam apenas para aproveitar a balada. Uma reportagem do jornal O Tempo (2014a, s.p.) traz o exemplo: "Todo mundo está comentando. Tem muitos gringos bonitos e barzinhos para curtir a festa da Copa." Ficaram famosos, inclusive, os casos de brasileiros fingindo

ser estrangeiros para impressionar os 'pretendidos'. "A Praça da Savassi foi palco de festa de colombianos, argentinos e belgas, e seus bares atraíram torcedores de outros países. Durante vários dias, os idiomas se misturaram à cerveja, à paquera e à curtição em um dos bairros mais boêmios da capital mineira." (O TEMPO, 2014b, s.p.)

FIGURA 165: Público da Savassi no dia 17 de junho de 2014.



Fonte: O Tempo, 2014a, s.p.

O espaço foi sendo transformado na mesma medida. As avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo foram fechadas para o trânsito de veículos. Grades e catracas foram instaladas nos quarteirões fechados – que nunca foram tão fechados quanto nesse período. Policiais ocupavam todo o perímetro da Praça, alguns deles com câmeras acopladas aos capacetes. Os bares cobravam pelo uso das mesas. Desse dia em diante, até o Brasil ser eliminado da Copa, o clima de tensão e hostilidade foi crescendo. Evidentemente, começaram as brigas: algumas verbais, outras físicas. Houve uma madrugada em que o quarteirão um se transformou em 'praça de guerra', com garrafas e paus sendo usados como armas num confronto generalizado: "Centenas de argentinos e brasileiros lançaram garrafas em uma confusão, que terminou com um ferido e um detido, na madrugada." (G1, 2014b, s.p.) A presença de equipamentos móveis, da polícia, da multidão ajudou a transformar a paisagem, que passou a encorajar um certo tipo de atitude muito diversa da habitual. As relações entre paisagem, ambiência e situação se materializaram na forma como as pessoas passaram a se relacionar com aquele espaço, forma esta que em nada lembrava uma tarde de sábado qualquer.

FIGURA 166: Controle de acesso à Praça da Savassi.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 167: Detalhe das catracas em funcionamento no dia 17 de junho de 2014.



Fonte: a autora, 2014.

4.3. A praça é nossa?

Como discutido anteriormente, podemos compreender o conceito de praça levando em conta três aspectos principais: morfologia, intencionalidade e função. Considerando que a morfologia das praças contemporâneas não permite, em muitos casos, a permanência das pessoas, podemos entender que elas carregam intencionalidades bem distintas daquelas previstas em sua origem. Da mesma forma, precisamos problematizar que funções as praças contemporâneas passam a assumir, ao mesmo tempo em que temos que investigar quais lugares assumiram suas funções originais.

Parece-nos claro que as praças de hoje assumem funções novas, o que não é necessariamente bom ou ruim. Com o crescimento das possibilidades de comunicação e interação via novas tecnologias, é perfeitamente natural que não tenhamos mais a mesma necessidade de estarmos juntos fisicamente para discutir o que quer que seja. Mesmo complicados processos de deliberação acerca de temas complexos podem ser mediados pelas tecnologias de informação e comunicação – TICs, o que vem sendo bastante explorado, inclusive, pelos mais diversos atores públicos e políticos – muitas vezes com grande sucesso. Apesar da tão propalada (por alguns teóricos) supremacia da interação face a face, estar fisicamente juntos tem se tornado cada dia mais uma opção.

A questão da opção, no entanto, faz emergir uma dúvida: temos essa alternativa nas praças hoje? Qualquer pessoa, a qualquer momento, pode, pelo menos em teoria, escolher estar e permanecer numa praça de uma grande cidade quando lhe aprouver? E, se não pode, já houve um tempo em que poderia? Alguns indícios nos ajudam nesses temas, e a morfologia das praças é um deles. Apesar do que se define na teoria urbanística, percebe-se que a praça contemporânea é muito mais uma construção simbólica, cuja morfologia não corresponde aos desenhos tradicionais, cuja intencionalidade é objeto de constantes disputas e tensões. Hoje existem muito mais desenhos de praças do que o ‘clássico’ e, de novo, isso não é necessariamente bom ou ruim. Em Belo Horizonte, por exemplo, temos a Praça da Liberdade, que mantém o desenho tradicional, mas que é usada muito mais como pista de corrida do que como ponto de encontro – seu coreto é frequentemente ocupado, mas apenas por pequenos grupos, como estudantes saindo das aulas, grupos de amigos tocando violão ou bebendo. Suas dimensões permitem a permanência, mas isso só costuma acontecer quando outros elementos lhe são acrescentados: um show, uma feira, um protesto. A Praça da Liberdade é ampla, mas não tem muitos itens de mobiliário que possam trazer conforto durante uma permanência maior; tem espaços gramados que podem receber toalhas de piquenique, mas não tem banheiro público. Não nos parece que essas características constringam a permanência das pessoas, mas, em certa medida, dificultam o seu uso para determinados fins. Realidade semelhante pode ser encontrada em várias outras praças de Belo Horizonte, como Floriano Peixoto, Hugo Werneck, Raul Soares, da Estação...

Um bom número de praças, no entanto, não tem mais – ou nunca teve – esse desenho característico, essa amplitude espacial. Hoje, são os quarteirões fechados em torno das praças – como no caso da Savassi – que costumam abrigar os usos típicos de um espaço destinado à permanência e à interação. De um lado, temos as praças tradicionais e mundialmente famosas que se tornaram inabitáveis, principalmente porque se resumem ao cruzamento de vias ou são pequenas ilhas ao redor das quais o trânsito é muito intenso. De outro, vemos trechos de parques, jardins, canteiros centrais e quarteirões fechados que parecem, à primeira vista, terem assumido as

principais funções de praça: lugares de encontro e de permanência, amplamente arborizados e com mobiliário típico.

Na Praça da Savassi, assim como em outras praças brasileiras e de outros países do mundo, podemos verificar duas estratégias antagônicas e complementares: enquanto o espaço original da praça perde suas feições e, em consequência, suas funções, ao constranger ou dificultar a permanência, as pessoas seguem buscando alternativas para ser e estar na cidade, do que resulta a transformação do uso de canteiros centrais, quarteirões fechados e trechos de parques. Através da comunicação, da interação, do 'ser no mundo', os cidadãos estão promovendo, em diversas localidades, o deslocamento das funções tradicionais das praças para outros espaços, onde sua permanência cria uma ambiência que poderíamos associar às encontradas nas praças de outros tempos.

Esse processo tem seus problemas: ao adotar um canteiro central como espaço de convivência, por exemplo, provavelmente teremos que nos submeter ao barulho e à poluição dos veículos de maneira muito mais contundente do que se estivéssemos numa praça dos livros de arquitetura – alargada, afastada do trânsito de veículos. Além disso, ao permanecer num quarteirão fechado, dificilmente encontraremos um pedaço de chão que não esteja devidamente loteado pelos estabelecimentos comerciais ao redor. Como um mar territorial, a faixa de rua ou calçada que se abre à frente de cada porta de loja costuma tratada como sua, e o direito de uso só é cedido a quem estiver disposto a pagar por ele através do consumo de produtos e serviços. A isso se somam outros detalhes: quarteirões fechados não costumam ser gramados, ou seja, não são tão confortáveis para uma permanência sobre cangas ou esteiras; a área livre que sobra depois da ocupação comercial tende a ser muito pequena, e acaba sendo um corredor de passagem que não pode ser ocupado; se não banheiros públicos, os comerciantes muito provavelmente vão cobrar pelo uso dos deles – seja diretamente, seja através da exigência de consumo em seu estabelecimento.

Esta é, precisamente, a realidade da Savassi. Hoje, os quatro quarteirões ao redor da Praça parecem ter-se transformado em novas praças: é neles que as pessoas permanecem e se relacionam; é neles que se encontra algum mobiliário de apoio à permanência. A morfologia não é a da praça tradicional, o mobiliário público é escasso, o piso é de concreto, o espaço livre é pequeno - e, na verdade, não é livre ('pertence' ao comércio). Apesar de tudo isso, essas são as áreas em que é pelo menos possível permanecer, tendo em vista que o centro da Praça não tem mais nem um centímetro quadrado de área: virou asfalto, pista para carros. Todos os quarteirões apresentam características físicas bastante uniformes: piso, mobiliário e iluminação foram padronizados; a circulação de veículos foi proibida; fontes de água, idênticas às que se encontram

em *shoppings*, ornam as quatro esquinas do cruzamento; lojas e bares cercam cada um dos quarteirões de lado a lado. Mas cada um tem sua própria ambiência, seus frequentadores habituais, suas atividades bem demarcadas pelo comércio diferenciado em cada um deles.

As ambiências mudam, por exemplo, com o fechamento das portas das lojas e com a disposição das mesas dos bares. Ainda que algumas pessoas utilizem apenas o mobiliário urbano, as relações comerciais acabam regendo as situações comunicativas na medida em que tem impacto preponderante nas ambiências que se criam. A morfologia/paisagem não é aquela da praça tradicional, mas a intencionalidade do mobiliário, da arborização e da ausência de trânsito de veículos emprestam aos quarteirões um ar/ambiência de praça. Em consequência, eles passam a cumprir exatamente essa função quando são ocupadas como praças, como aquele local de permanência e interação que abriga as situações comunicativas típicas. Finalmente, essas situações ajudam a conformar/reforçar essa ambiência, criando condições para que outras interações semelhantes aconteçam.

Em deriva²⁷ realizada no dia 15 de agosto de 2015, sábado à noite, na Praça da Savassi, percorremos os quarteirões fechados para observar o movimento de cada um. Encontramos música ao vivo na Rua Pernambuco, entre o cruzamento central e a Rua Tomé de Souza, e na Rua Antônio de Albuquerque, entre a Rua Paraíba e o cruzamento. A música dominava a sonoridade da rua, registrada na paisagem sonora realizada no dia (mais na Antônio de Albuquerque, que tocava mais alto, sendo escutada, inclusive, nos outros quarteirões). Também na Antônio de Albuquerque havia mais pessoas: em gravações de som realizadas na ocasião, podem-se escutar diversos polos de conversas. Nos dois quarteirões, o repertório era basicamente de Música Popular Brasileira - MPB (bossa nova e samba), sendo que, na Rua Antônio de Albuquerque, escutava-se banda completa (bateria, violão, voz, instrumento de sopro, baixo), e na Pernambuco, somente um duo (guitarra/violão e voz). As diferentes situações, proporcionadas pelo número de pessoas que assistiam aos shows e pelas formações musicais que se apresentavam, produziam duas ambiências de diferença sutil: na primeira, ambiência de barzinho, na segunda, de praça de alimentação de *shopping*, ou de restaurante a quilo em final de semana. De toda maneira, ambas delineiam um uso da calçada pelos bares (A Cafeteria e Status Livraria) para promoção de suas vendas, fazendo dos quarteirões fechados uma extensão dos estabelecimentos comerciais.

Mas isso não acontece em todos os quarteirões da Praça da Savassi. Naqueles onde não há bares, o comércio do dia não deixa nada para o deserto que se configura à noite. Nesses quarteirões, não há vida noturna, e caminhar por eles, a partir de certo horário, provoca uma

²⁷ O relato dessa deriva também foi publicado no livro *Cidade e Cultura: Rebatimentos no espaço urbano*, em 2016.

sensação de insegurança. É interessante observar como a ambiência muda em poucos metros: no quarteirão de cima da Rua Antônio de Albuquerque com a Avenida Cristóvão Colombo, agitação, alegria, barulho; já no quarteirão da Rua Pernambuco com a mesma Avenida, exatamente ao lado – e constituinte da mesma Praça – silêncio, escuridão, medo. Essa situação também foi encontrada no sábado à tarde, durante a deriva realizada, com exceção da sensação de medo, dissipada pela luz do dia. Nos quarteirões fechados e nas ruas que delimitam o quadrante, foi registrado pouco som de pessoas, um quase silêncio, o que evidencia uma rua vazia em uma paisagem esvaziada de elementos.

Essas diferentes ambiências constroem ou estimulam determinadas situações comunicativas. No quarteirão dos bares e no do McDonald's – que funciona 24 horas -, é possível encontrar os amigos, conversar alto, beber cerveja e torcer pelo seu time do coração. Mesmo aqueles que não estão sentados nas mesas dos bares se aglomeram nos bancos de concreto ou nas esquinas, conversam, paqueram, tiram fotos. A ambiência festiva permite, encoraja, proporciona determinadas interações e situações. Por outro lado, os quarteirões em situação deserta desencorajam tudo: ninguém quer parar ali, ninguém se sente à vontade. O constrangimento à permanência é total. A ambiência festiva também convoca quem está nos quarteirões desertos a participar da celebração. Nestes quarteirões, em seu ponto mais próximo do entroncamento das avenidas, durante a deriva do sábado a tarde, era possível escutar a grande intensidade da música que se desenrolava no quarteirão dos bares.

Alguns outros exemplos ajudam a completar o quadro. A Praça Sete de Setembro, em Belo Horizonte, no cruzamento das Avenidas Amazonas e Afonso Pena, também foi “transferida” para os quatro quarteirões fechados, num desenho muito semelhante ao da Savassi. Trata-se de uma região bem mais central, com edifícios muito mais altos e um trânsito sensivelmente maior de pessoas. Seus quarteirões são um pouco mais homogêneos: há bancos, lojas, postos de serviços públicos, muitas bancas de jornal. Em uma das esquinas, o Cine Theatro Brasil Vallourec se impõe, com sua grande fachada e forte iluminação, adquiridas por ocasião das obras de recuperação do antigo Cine Theatro Brasil pela empresa Vallourec-Mannesmann, em 2006. É interessante observar a relação que se estabelece entre a nova paisagem e a paisagem de memória: tanto a Praça Sete, quanto a Praça da Savassi, continuam sendo consideradas praças, chamadas de praças, entendidas como praças, mesmo não se configurando fisicamente como tal.

Também na Praça Sete, os quarteirões fechados funcionam quase que como praças independentes: a ambiência de um quarteirão, muitas vezes, nada tem a ver com a de outro, apesar de fazerem parte de um mesmo conjunto que recebe o nome de praça. Nela, a diferenciação ainda é mais contundente porque o mobiliário, o piso e outros elementos cênicos não

são uniformes, ao contrário do que se verifica na Savassi. Na Praça Sete há o quarteirão dos jogadores de damas, o quarteirão dos bares, o quarteirão dos jogos de cartas. Em alguns deles, é o mobiliário que estimula determinadas situações; em outros, são os frequentadores, com suas roupas e suas atitudes, que conferem àquela parte uma determinada ambiência. No caso da Savassi, em comparação, há os quarteirões que, especialmente à noite e nos finais de semana, se tornam bares a céu aberto, permanecendo tomados de mesas e cadeiras.

FIGURA 168: Vista aérea da Praça Sete de Setembro



Fonte: RODRIGUES, Nélio, 2006, s.p.

FIGURA 169: Um dos quarteirões fechados da Praça Sete de Setembro



Fonte: Penna, 2016, s.p.

Em alguns lugares, ao contrário dos exemplos anteriores, existem esforços organizados no sentido de incentivar, ou ao menos permitir, que as pessoas ocupem o espaço público e que nele permaneçam, com um mínimo de conforto e dignidade. Observando alguns desses locais, é

possível perceber uma certa negociação velada, ou um acomodamento de forças díspares que parecem encontrar uma via de convivência. Em Düsseldorf, na Alemanha, as margens do Rio Reno são cercadas por bares e restaurantes, mas também se preservou áreas de livre acesso e com infraestrutura gratuita. Além das garantias de segurança e limpeza comuns aos países mais desenvolvidos, transporte público de qualidade e fácil acesso para ciclistas completam o panorama que dá, aos cidadãos de qualquer classe social, acesso ao logradouro público. Como em muitas praças ao redor do mundo, as áreas de convívio são ilhas cercadas de vitrines por todos os lados; porém, bancos e banheiros públicos proporcionam alguma chance de desfrutar da cidade sem ter que pedir a conta no final.

FIGURA 170: Uma das praças de Düsseldorf, na Alemanha.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 171: Bancos em Düsseldorf, na Alemanha.



Fonte: a autora, 2014.

É muito significativo o fato de que as pessoas podem se deitar nos bancos. Na verdade, mais do que isso: eles parecem ter sido feitos exatamente com essa finalidade. Ao contrário dos bancos dos quarteirões fechados da Praça da Savassi, que são estreitos e equipados com uma barra de metal ao meio, estes são largos e com encosto. Também ao contrário do que ocorre na Savassi, os bancos são móveis, o que permite que as pessoas promovam arranjos conforme o tamanho da turma que se reúne ali. Outro contraste é o material de que são feitos. Aqui, temos 'lápides' de granito; lá, bancos plásticos e leves, certamente de produção mais barata, e que parecem pensados para os usos mais comuns das pessoas.

Já em Barcelona, Espanha, muitos os canteiros centrais funcionam como praças de alimentação para os bares e restaurantes que ficam do outro lado da rua. Assim como na Savassi, há vários quarteirões fechados ao trânsito de veículos – não necessariamente contíguos a praças ou cruzamentos centrais – que servem como praças. Seus espaços são tomados por mesas, ciclistas e pedestres. Em alguns há bancos fixos também.

FIGURA 172: Quarteirão fechado em Barcelona.

Fonte: a autora, 2014.

A cidade de Paris também traz um bom exemplo. A Praça Charles de Gaulle e seu grandioso Arco do Triunfo tem, hoje, aquele formato que caracteriza boa parte das praças ao redor do mundo: uma ilha cercada por veículos. O acesso de pedestres só se dá por meio de túneis, tamanha é a intensidade do tráfego. Não há faixas de pedestres ou semáforos. A Praça também não possui qualquer mobiliário, e o fluxo de turistas é tão intenso que a permanência ali chega a ser desagradável. A possibilidade de estar naquela região parece ter sido transferida para os calçadões da Avenida Champs-Élysées. Ladeada por lojas das grifes mais famosas do mundo, a Avenida permite a permanência através da ocupação de parte de suas calçadas pelas mesas dos cafés e restaurantes, ou por uns poucos bancos fixos. Há trechos em que a calçada é ainda mais alargada, e neles os restaurantes criam uma verdadeira extensão de suas lojas.

FIGURA 173: Praça Charles de Gaulle e o Arco do Triunfo cercados pelo trânsito.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 174: Calçada da Avenida Champs-Élysées.



Fonte: a autora, 2014.

FIGURA 175: Um dos trechos alargados da Avenida Champs-Élysées.



Fonte: Paris, 2015, s.p.

FIGURA 176: Ocupação parcial da calçada.



Fonte: Dicas Paris, s/d, s.p.

Já em Santiago, no Chile, o melhor exemplo é o Parque Florestal, que estende ao longo do Rio Mapocho, e apresenta várias áreas que funcionam como praças. Em algumas partes, nota-se o mobiliário característico, como bancos e pequenas mesas; em outras, há parquinhos infantis. O Parque é inteiramente aberto, como se fosse um calçadão largo. Pessoas lendo nos bancos, pequenos grupos conversando e até caçadores de Pokémon são comuns.

FIGURA 177: Grupo de caçadores de Pokémon no Parque Florestal



Fonte: a autora, 2016.

FIGURA 178: Uma das pequenas 'praças' do Parque Florestal



Fonte: a autora, 2016.

Vários outros espaços serviriam para demonstrar que, ao alterar a morfologia das praças, seus usos sofrem consequências diretas e, quando se tornam desagradáveis ou quase impossíveis, são deslocados para outros tipos de espaço. A praça, no entanto, continua lá: nos discursos, na memória ou mesmo cravada fisicamente no território. Mas para que ela serve, então? Como se conforma hoje? Vejamos nas Considerações Finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso em direção à Praça da Savassi parte do incômodo gerado pela presença ostensiva do capital global no território das cidades, especialmente em espaços centrais e simbólicos. A Savassi foi o recorte que escolhemos para tentar compreender alguns dos processos que perpassam quase todas as grandes cidades contemporâneas, e nelas provocam grandes mudanças físicas que reverberam nos usos e apropriações dos lugares. Em nosso entendimento, uma das forças que subjaz essas mudanças e permanências é o capital. Ele falou mais alto quando se decidiu que a antiga Ouro Preto já não servia, porque não era moderna, acessível, permeável ao trânsito de bens e serviços. E faltou quando Belo Horizonte foi construída, o que impediu a concretização de muitos dos projetos iniciais. Ele manteve sua incidência sobre os mais variados assuntos, processos e dinâmicas, de uma maneira que deixou marcas nos espaços da cidade e que não parece arrefecer. Para Harvey,

As relações monetárias têm penetrado em cada canto do mundo e em quase todos os aspectos da vida social e até mesmo da vida privada. [...] Essa transformação radical das relações sociais não ocorreu de modo regular. Ela se moveu mais rápido em alguns lugares do que em outros. Tem resistido mais fortemente aqui e sido mais bem-vinda ali. Tem penetrado de maneira relativamente pacífica em um lugar e com uma violência genocida em outro. Também tem sido acompanhada por transformações físicas espetaculares em seu escopo e radicais em suas implicações. (HARVEY, 1994, p. 546)

Buscamos demonstrar que tais transformações físicas espetaculares, como a obra de requalificação da Praça da Savassi em 2011/12, trazem implicações radicais na medida em que a morfologia dos espaços conforma os usos. A arquitetura e a lógica do planejamento urbano como um todo podem ser vistas como estratégias discursivas que dizem muito mais do que querem fazer crer, na medida em que pretendem organizar a forma de uso dos lugares. Isso interfere diretamente na significação do espaço e nas apropriações que se tornam possíveis, pois os usos alternativos são quase sempre vistos como intrusos, e o discurso geral reforça a ideia de marginalidade, de desobediência.

Para tanto, consideramos importante voltar ao próprio projeto de Belo Horizonte, pois acreditamos que ele reforça muitas das noções discutidas aqui. A construção de uma Cidade de Minas foi uma estratégia que atendia a um programa político de modernização do Estado de Minas Gerais, e que deveria situá-lo como um dos protagonistas do novo regime republicano. A transposição dessa ideia para a prancheta na qual se desenhou a planta de uma nova capital, seguida de sua materialização em remoções, demolições e edificações já são processos que incorporam as mudanças que cada realidade vai impondo. Mais transformações viriam na emergência da Belo

Horizonte, a cidade com novo nome e novos desafios. O planejamento urbano da cidade trazia consigo a proposta de um modo de viver. A intencionalidade do traçado, o cinturão sanitário, a lógica radiocêntrica que promoveu a concentração do comércio e da prestação de serviços: tudo servia para orientar uma forma de viver e se comportar, até de se locomover, de onde ir e onde estar. A arquitetura da nova cidade falava com seus moradores. Como organismo vivo, a urbe seguiria crescendo, se modificando e apresentando novos problemas, que demandavam novas propostas para cada parte do seu território. Belo Horizonte, que alguns pretendiam um símbolo da modernidade, insistiu em crescer segundo sua própria ordem e em desafiar as orientações originais. Talvez o mais perene de tudo isso, aquilo que sempre permanece igual, seja a prevalência da mudança.

E a Savassi foi uma região que mudou bastante. Mudou de nome, de status e de forma. Deixou de ser uma parte do pacato bairro residencial dos Funcionários para herdar o comércio de luxo da capital quando o centro da cidade já não parecia bom o suficiente para abrigá-lo. Parece ter perdido parte desse luxo para os *shopping centers*, anos depois, e se tornou mais popular, mais acessível e, talvez por tudo isso, mais disputada. As mudanças podem ser vistas nas construções, na medida em que as casas das famílias abastadas são cedidas para o comércio, e depois são demolidas para a construção de prédios; também são percebidas quando as telefônicas ocupam as esquinas, e depois quando chegam vizinhos menos glamourosos, como a Feira Shop, o Paçai e as lojinhas de capas para celular. A concretude do espaço, ao prescrever certas formas de agir e estar, acaba atraindo os inconformados, aqueles que não querem que a cidade seja predeterminada. Mas sua ação é contaminada pelas intencionalidades contidas no espaço urbano. Eles protestam e resistem em resposta ao que o espaço propõe, e são sempre vistos como os rebeldes, os que não respeitam as normas e os cidadãos que se encaixam nelas. Dito de outra forma, mesmo essa desobediência se construiu dentro de um roteiro que herdamos, pois é, em certa medida, uma reação a ele.

O capital continua a dominar, e o faz, em parte, graças ao domínio superior do espaço e do tempo, mesmo quando os movimentos de oposição obtêm por algum tempo o controle de um lugar particular. As 'alteridades' e 'resistências regionais' que a política pós-moderna enfatiza podem florescer num lugar particular. Mas, com muita frequência, estão sujeitas ao poder que o capital tem sobre a coordenação do espaço fragmentado universal e da marcha do tempo histórico global, que está além do alcance de qualquer delas. (HARVEY, 2008, p. 218)

O discurso dos indesejáveis (grafiteiros, pobres, mendigos, gays, imigrantes... a lista é extensa!) costuma produzir sempre o mesmo efeito: sua exclusão. Em geral, as pessoas reconhecem que há um problema, mas elas não querem resolvê-lo – porque é complicado demais, porque não compete a elas ou por outro motivo qualquer. O que as pessoas querem é se livrar do problema; a forma de

enfrentá-lo é escondê-lo, ou esconder-se dele. É preciso retirá-lo do alcance dos olhos, removê-lo da paisagem. Mas, ao mesmo tempo em que a cidade é remodelada por uns poucos, há toda uma população buscando alternativas para continuar vivendo nelas. E por viver, no espaço urbano, queremos entender todas as atividades, situações e interações que configuram a contemporaneidade e fazem do ‘ser no mundo’ atual um desafio inédito para a humanidade.

A rua não só materializa e exhibe a vida urbana como abriga suas possibilidades. Numa cidade capitalista, onde o espaço é mercadoria, a rua conserva-se ainda como espaço a ser apropriado por pessoas e grupos, mesmo quando esta apropriação é feita a margem dos processos hegemônicos da sociedade. [...] Se na grande metrópole atual, esta urbanidade é reprimida pela redução e privatização dos espaços comuns, a rua não perde sua importância, pelo contrário, torna-se reduto da experiência ímpar de viver na cidade. (FONSECA, 2008, p. 82 - 83)

Nas praças, esse desafio se torna ainda mais patente. Por sua centralidade e pelo significado que elas normalmente carregam, as praças costumam ser recortes muito disputados num território, o que faz com que sua construção e constantes reconstruções sejam mais fáceis de identificar. No Brasil, muitos dos projetos de modernização se dão em torno das praças, seja no sentido de readequá-las às feições da cidade, seja como estratégias para que elas passem a render mais. Algumas intervenções buscam tão somente a preservação dos espaços, muitas vezes promovendo o retorno a uma forma anterior que já se havia perdido, na tentativa de atrair visitantes e turistas.

Como fatos singulares e representações do poder no território, as praças têm demonstrado, desde os seus antecedentes no Brasil, visibilidade assegurada. As intervenções do poder público, pretendendo a *modernização*, independentemente do conteúdo do *moderno* aplicado, ora eliminou por completo todas as marcas de origem, ora recuperou as feições tradicionais da praça como potencial de atração para fins de consumo turístico — em ambos os casos com impactos avassaladores sobre as áreas onde estavam inseridos. Essas iniciativas parecem, frequentemente, desconsiderar as relações simbólicas e funcionais que aqueles espaços contêm e estimulam com as suas vizinhanças próximas e distantes. (SANTOS, 2010, p. 156)

As praças se tornam menos acessíveis na medida em que o consumo de bens ou serviços passa a ser condição para uma permanência mais prolongada, o que nos faz lembrar que, neste e em muitos outros pontos, “a qualidade de vida urbana se converteu em uma mercadoria para quem tem dinheiro, assim como a própria cidade.” (HARVEY, 2013a, p. 34. Tradução nossa.) Também por isso é fundamental intensificar a discussão sobre a presença dos interesses do capitalismo mundial no espaço das cidades e como essa presença se traduz em intervenções físicas nos espaços centrais das cidades, o que fere o nosso direito à cidade, uma vez que “o direito à cidade é [...] muito mais que um direito de acesso individual ou coletivo aos recursos que esta conserva ou protege; é um direito de mudar e reinventar a cidade de acordo com nossos desejos.” (HARVEY, 2013a, p. 20. Tradução nossa.) Isso pressupõe a oportunidade de reivindicar algum poder sobre a configuração da cidade e sobre os processos de urbanização de que ela é ‘vítima’.

A ocupação da praça pelo capital mundial inibe a ação do cidadão sobre ela: o uso que este poderia fazer do espaço é limitado pela ambiência criada pelas empresas globais. Até o fato de não haver mais praça – e sim o cruzamento de duas avenidas cercado por uns poucos quarteirões fechados – impede o livre trânsito e a livre expressão do cidadão. A presença das empresas multinacionais na Praça da Savassi é simbólica nesse sentido: traz para o dia a dia do belo-horizontino a mesma queda de braço que se trava entre as corporações globais. Assim analisada, a Praça da Savassi é evidência da dinâmica do capital global e objeto para problematização das formas como os espaços da cidade são conformados arquitetônica e economicamente.

Se a simples presença de mesas e cadeiras de bar altera a ambiência e as situações comunicativas, imaginemos o que faz uma reforma de grande impacto, com mobiliário fixo, iluminação direcionada e fontes de água. Pensemos no que advém das intervenções na ocupação dos imóveis, o que pode ser facilmente operado através de aumentos substanciais nas taxas de condomínio e com o apoio dos proprietários sedentos de reajustes nos aluguéis. Basta lembrar que 70% da obra de requalificação de 2012 foi custeada pelo *Shopping Pátio Savassi*.

Nosso percurso em direção à Praça da Savassi teve início com um incômodo que parece persistir. No processo, alguns pontos ficaram mais claros, e isso fez agravar aquela sensação inicial de que os espaços da cidade estão nos escapando por entre os dedos. É claro que esse sentimento inclui uma prepotência, no sentido de que, em algum momento anterior, a cidade pareceu mais nossa. Talvez essa ilusão tenha a ver com a permanência da conformação que encontramos na cidade quando nos deparamos com ela pelas primeiras vezes. A forma, as construções e a aparência da cidade da nossa infância e juventude acabam deixando um ranço, um registro muito fundo na memória, que se cristaliza como se a ‘nossa’ cidade fosse aquela.

No caso da Praça da Savassi, a época mais exata é mesmo a juventude. Boa parte dos belo-horizontinos tem histórias para contar sobre as aventuras vividas na Savassi e, no caso específico desta autora, histórias vividas nas décadas de 1990 e 2000 principalmente. Provavelmente, aqueles que lá passaram parte da vida nas décadas de 1950 ou 1960 terão uma sensação parecida com os que vieram depois: a clara noção de que tudo mudou, de que a Praça ‘dos nossos tempos’ se perdeu ou foi tomada por uma força estranha a nós e à nossa vontade. De fato, muita coisa mudou; outras coisas continuam iguais e muitas jamais voltarão a ser como antes, inclusive nós mesmos.

Porém, ciente da memória como uma construção social realizada pelos sujeitos, ela não foi o foco da nossa problematização, que se concentrou nas mudanças, muito discutidas aqui. Felizmente, há outra narrativa possível exatamente por isso que dissemos mais acima: a simples presença de

mesas e cadeiras de bar altera a ambiência e as situações comunicativas. A tensão entre a intencionalidade das construções e sua efetiva ocupação é um tema universal. Praças vêm sendo destruídas provavelmente em todas as grandes cidades do planeta, ao mesmo tempo em que as pessoas têm usado como praça outros espaços da cidade. Viver na cidade continua dependendo do convívio, do encontro, das relações que precisam de um lugar para acontecer. Aquele espaço amplo, urbano e público, dotado de mobiliário e paisagismo próprios, cujas finalidades estão relacionadas à convivência e ao lazer precisa continuar existindo. Os novos usos dos quarteirões fechados, canteiros centrais e outros locais demonstram a capacidade dos homens de atribuir significados e afetos aos lugares, mesmo - e, talvez, principalmente - quando não são encorajados a fazê-lo.

Considerando nossas discussões sobre a paisagem, as ambiências e situações comunicativas da Praça da Savassi e suas relações com as intervenções realizadas no espaço físico, pudemos concluir que o espaço da cidade é programado, construído e alterado para servir a determinados objetivos, mas são os cidadãos os únicos capazes de realizar ou não esses objetivos. É no exercício da vida cotidiana, no viver na cidade que as pessoas vão transformar o espaço em lugar, ressignificando o asfalto, o cimento e o granito da sua materialidade. A Praça da Savassi traz muitos indícios dessas relações, especialmente quando se comparam as situações que emergem de paisagens diferentes - dia e noite, dias de semana e fins de semana, vida cotidiana e em tempos de Copa. Nesse sentido, a fabulação capitula diante das disputas: lugares são apropriados das mais diversas formas, pelos mais diversos atores, nos mais diversos momentos. A 'cidade do pensamento único' (ARANTES, 2009) é simplesmente impossível.

As construções, a disposição do mobiliário, a especulação imobiliária; os grandes projetos de intervenção, a ideia de requalificação, o juízo de valor sobre o que é belo e adequado; a onipresença do comércio como único atrator; a orientação de absolutamente tudo para a geração de renda, a circulação do dinheiro, os investimentos privados. Tudo isso nos parece contido num discurso único, coeso e unilateral que poderia ser substituído por uma espécie estranha de código de conduta sobre o uso da cidade. Podemos ouvir o convite: Venham, usem a cidade! Mas venham só vocês, que têm a renda necessária para estar neste ambiente. Vejam como os bancos são diferenciados, vejam que lojas sofisticadas. Não me venham vocês outros, cujas peles, roupas e cabelos não combinam com o cenário. Mas, venham os outros! E, claro, venham nos dias e horários adequados, com o objetivo de fazer exatamente aquilo que nós determinamos que seja feito, naquele dia, naquele horário e naquele espaço. Não me venham deitar nos bancos; não inventem de escrever nada nos muros; não venham fazer protestos e nem reclamar, por favor! Respeitem os horários de abertura e fechamento, só promovam eventos de pequeno porte, e não atrapalhem o trânsito. O cenário está montado, a ambiência emana dele e vocês, as pessoas

certas, só precisam interagir conforme o previsto! E tudo será maravilhoso, a cidade será nossa, todos poderemos usufruir sem incomodar os demais, os nossos pares, aqueles a quem também é permitido estar aqui.

Se o capital é uma força em ação na cidade, ela não é a única. Se ela gosta de se imaginar mais poderosa do que as demais, por ter o condão de movimentar grandes recursos – materiais, humanos e financeiros –, ela também apanha da guerrilha, de quem resiste com paus e pedras – ou tinta em spray, ou só com o próprio corpo. Nossa percepção é de que o espaço é atravessado por inúmeros vetores, e o sentido que se sobressai dele nunca é dado, nunca foi definitivo e nunca estará acabado. Essa produção de sentido está diretamente relacionada com a comunicação, na medida em que a cidade comunica, as pessoas se comunicam nela, e uma coisa afeta diretamente a outra. É através da ação comunicativa que os sujeitos se entendem com o espaço e fabricam o lugar. Ainda que possamos perceber intencionalidades e constrangimentos numa paisagem, a ambiência e a situação comunicativas é que darão sentido a um espaço, e sempre dependerão do uso que as pessoas fazem dele.

Como nos ensina Braga (2010), a comunicação é uma tentativa. A experiência comunicacional recria laços de sociabilidade e constrói a relação com o lugar. Enquanto as construções tentam impor suas intenções, as pessoas tentam emplacar suas próprias visões de cidade, do que resulta um espaço sempre disputado (LOW E LAWRENCE-ZÚÑIGA, 2010). Os novos usos são os sintomas da relação tensionada, viva, em permanente transformação que se dá entre o homem e o espaço, entre o cidadão e a cidade, entre os interesses dos mais diversos grupos que atuam no urbano contemporâneo, onde nenhuma fabulação resiste às disputas. Na Praça da Savassi, o discurso oficial continua insistindo na fábula do glamour, da elegância e do charme. A obra de requalificação tentou recriar o espaço, assim como outros grupos, em iniciativas de menor envergadura, ainda tentam dotar a região de adjetivos bastante específicos. Enquanto isso, as pessoas comuns seguem simplesmente vivendo suas vidas na Praça e ao redor dela, confrontando os arranjos físicos ou se adaptando a eles, numa relação que se sobrepõe a tudo o mais, e da qual não podem escapar nem as pessoas, e nem o espaço.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carolina Abreu. “Ei, Polícia, a praia é uma delícia!”: Rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação. 2013. Disponível em: <http://www.joanaziller.com.br/ppgcom/m2013carolinaalbuquerque.pdf>. Acesso em 14.nov.2016.

ALMEIDA, Reinaldo Magalhães de. Possibilidades da leitura físico-espacial como instrumento de política pública – o caso da Savassi. Revista e-Tec, v. 3, n. 1. 2010. Disponível em: <http://revistas.unibh.br/index.php/dtec/article/view/473>. Acesso em 23.jan.2015.

AMIS – Associação Mineira de Supermercados. AMIS comemora 46 anos de fundação. 10/01/2017. Disponível em: <http://www.portalamis.org.br/?secao=noticias&id=2390>. Acesso em 09.abr.2017.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. Prefácio. In: JACQUES, Paola Berenstein (org.). Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ANDREVRUAS. Praça da Savassi, em Belo Horizonte. 2009. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/3.0>. Acesso em 11.out.2014.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Como surgiu Belo Horizonte. Sem data. Disponível em: http://www.belohorizonte.mg.gov.br/sites/belohorizonte.pbh.gov.br/files/anexos/belotur/a_historia_d_e_bh.pdf. Acesso em 23.mai.2016.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Planta de 1895. 1895. DOCUMENTO ELETRÔNICO.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Fotos. 1930. NÃO PUBLICADO.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Coleção José Góes. 1905, 1910, 1946, 1947, 1954, 1970 e 1977. NÃO PUBLICADO.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Instalação do obelisco na Praça da Savassi. 12/12/1963. Disponível em: <http://www.acervoarquivopublico.pbh.gov.br/itens.php?cid=5614>. Acesso em 15.nov.2016.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Registro de Imóveis. 1912, 1939, 1940. Disponível em: <http://www.acervoarquivopublico.pbh.gov.br/itens.php?cid=5364>. Acesso em 15.nov.2016.

APONTADOR. McDonald's Savassi. Sem data. Disponível em: http://www.apontador.com.br/local/mg/belo_horizonte/fast_food/C406895913142C1426/mc_donald_s_savassi.html. Acesso em 16.nov.2016.

APPADURAI, Arjun. Sovereignty without Territoriality: Notes for a Postnational Geography. IN: LOW, Seta M; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. The anthropology of space and place: locating culture. Oxford: Blackwell Publishing, 2010. p. 337 a 350.

APUBLICA. A outra história do Porto Maravilha. 19/08/2016. Disponível em: <http://apublica.org/2016/08/a-outra-historia-do-porto-maravilha/>. Acesso em 15.nov.2016.

APUBLICA. Expulsos das ruas. 24/06/2014. Disponível em: <http://apublica.org/2014/06/expulsos-das-ruas/>. Acesso em:

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gestões urbanas. IN: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 5. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 5. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARGENTINA PICTURES. Puerto Madero Buenos Aires. Sem data. Disponível em: https://www.google.com.mx/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjf4IzCzKnQAhVFFZAKHexcCEUQjxwIAw&url=http%3A%2F%2Fwww.pictures-argentina.com%2FBuenos%2BAires-Puerto%2BMadero%2B%2BBuenos%2BAires&bvm=bv.138493631,d.Y2I&psig=AFQjCNF24P8vjG53wXc4sa7ER_hdEmC_qw&ust=1479259295477304. Acesso em 14.nov.2016.

ARREGUY, Cíntia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (Coord.). História de bairros de Belo Horizonte: Regional Centro-Sul. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008.

ÁVILA, Myriam. O retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BAIRROS DE BELO HORIZONTE. Bairros da região centro-sul. Sem data. Disponível em: <http://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/bairros%20da%20regi%C3%A3o%20centro-sul/>. Acesso em 15.nov.2016.

BAIRROS DE BELO HORIZONTE. Os bons tempos da Savassi... 24/01/2010. Disponível em: <http://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/news/os-bons-tempos-da-savassi/>. Acesso em 15.nov.2016.

BAIXA GASTRONOMIA. "Trapeirinho" (Bar do João - Belo Horizonte, MG). 07/02/2014. Disponível em: <http://baixagastronomiapornenel.blogspot.com.br/2014/02/trapeirinho-bar-do-joao-belo-horizonte.html>. Acesso em 14.jan.2017.

BARBINI, Flávio; RAMALHETE, Filipa. A praça: intervenções contemporâneas em espaços de patrimônio. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), v. 4, n. 2, p. 233-244, jul./dez. 2012.

BAVARESCO, Agemir. A crise do estado-nação e a teoria da soberania em Hegel. IN: ROSENFELD, Dênis. Estado e Política: a filosofia política de Hegel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BERGER, Gaston. Phénoménologie du Temps et Prospective. Paris: Press Universitaires de France, 1964. apud SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2ª edição, 1997.

BERGER, P L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1985.

BESTOR, Theodore C. Markets and places: Tokyo and the Global Tuna Trade. IN: LOW, Seta M; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. The anthropology of space and place: locating culture. Oxford: Blackwell Publishing, 2010. p. 301 a 320

BRACHER, Blima. Savassi nossa, de cada dia. 28/12/2016. Disponível em: <http://blimabracher.com/cronicas-com-cafe/savassi-nossa-de-cada-dia/>. Acesso em 13.fev.2017.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. Unisinos: Verso e Reverso, XXV(58):62-77, janeiro-abril 2011b.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011a. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.doc. Acesso em 29.mar.2015.

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da Comunicação. Revista Matrizes. Ano 6 – nº 1 jul./dez. 2012 - São Paulo - Brasil –p. 25-41.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. MATRIZES: Ano 4, Nº 1, jul./dez. 2010. São Paulo, Brasil. p. 65-81.

BRASILPOST. Manifestação circense agita Belo Horizonte. 18/06/2014. Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/2014/06/18/black-bloc-suplicy_n_5507899.html. Acesso em: 20.jun.2014.

BRAUN, Erik; KAVARATZIS, Mihalis; ZENKER, Sebastian. My city – my brand: the different roles of residents in place branding. Journal of Place Management and Development, Vol. 6 Issue: 1, 2013. pp.18-28.

CAÇADORES DE BIBLIOTECAS. Museu de Artes e Ofícios - Praça da Estação – BH. 2015. Disponível em: <http://www.cazadoresdebibliotecas.com/2015/02/museu-de-artes-e-oficios-praca-da.html>. Acesso em 23.mai.2016.

CARDOSO, Janaína Maquiaveli. 2015: Para Onde vamos? Expectativas e desafios para o ano que começa. Estado De Minas: Caderno Pesar & Agir. 27 de dezembro de 2014.

CARNAVAL DE RUA BH. Página do Facebook. 17/12/2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/carnavalderuaBH/?fref=ts>. Acesso em 06.jan.2016.

CARNEIRO, A. R. S.; MESQUITA, L. B. Espaços livres do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CARNEIRO, Karine Gonçalves. Moradores de rua e produção do espaço urbano: análise sobre Bogotá e Belo Horizonte sob uma perspectiva genealógica. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2016.

CARTA CAPITAL. A batalha pelo Cais José Estelita. 18/06/2014a. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-batalha-pelo-cais-jose-estelita-8652.html>. Acesso em 15.nov.2016.

CARTA CAPITAL. Protestos: poucas bandeiras e muitos cassetetes. 20/06/2014b. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/revista/805/poucas-bandeiras-muitos-cassetetes-7865.html>. Acesso em: 12.ago.2015.

CARVALHO, Paola. Um símbolo restaurado. 03/05/2012. Disponível em: <http://vejabh.abril.com.br/materia/cidade/savassi-simbolo-restaurado/>. Acesso em: 31.mai.2013.

CCNM. Centro de Convergência de Novas Mídias. 2014. Disponível em: <http://ccnm.fafich.ufmg.br/sobre/>. Acesso em: 21/03/2017.

CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas. Sua História. 2015. Disponível em: http://www.cdldbh.com.br/portal/335/Quem_Somos/Sua_Historia. Acesso em 09.abr.2017.

CENTROSUL ONLINE. Savassi, a padaria que mudou a história de Belo Horizonte. 2013. Disponível em: <http://centrosulonline.blogspot.com.br/2013/04/savassi-padaria-que-mudou-historia-de.html>. Acesso em: 22.nov.2013.

CIRCUITO LIBERDADE. História. Sem data. Disponível em: <http://circuitoculturalliberdade.com.br/plus/modulos/conteudo/index.php?tac=historia&layout=conheca>. Acesso em: 11.out.2016.

CMBH- Câmara Municipal de Belo Horizonte. Audiência pública discute transtornos com revitalização da região. 17/06/2011. Disponível em: <http://www.cmbh.mg.gov.br/noticias/2011-06/audiencia-publica-discute-transtornos-com-revitalizacao-da-regiao>. Acesso em: 14.jan.2016.

CMBH - - Câmara Municipal de Belo Horizonte. Lei nº 5872 de 14 de Março de 1991. Estabelece a região da Savassi, disciplina normas de posturas e dá outras providências. Disponível em: <https://cm-belo-horizonte.jusbrasil.com.br/legislacao/237961/lei-5872-91>. Acesso em: 20.dez.2015.

CMBH - - Câmara Municipal de Belo Horizonte. Lei Nº 10.428, de 15 de março de 2012: Institui o Polígono Nova Savassi e dá outras providências. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1076870>. Acesso em: 20.dez.2015.

CMBH. - Câmara Municipal de Belo Horizonte. Subsérie Projetos de Lei e de Resolução não Aprovados (1977-2004). Sem data. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjcm8_J28jUAhXGHZAKHc5sB5QQFggqMAI&url=http%3A%2F%2Fportalpbh.pbh.gov.br%2Fpbh%2Fecp%2Ffiles.do%3Fevento%3Ddownload%26urlArqPlc%3Dcmbhlista08.pdf&usq=AFQjCNHPge8dC9luPjOGc2UNTKBY_1RvRw&sig2=kZOq_qjTcloT8tuhRLpSqq. Acesso em: 20.dez.2015.

COLCHETE FILHO, Antônio. Praça XV: Projetos do espaço público. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

COSTA, Ana Cristina Magalhães. Savassi: Transformações urbanas de um espaço turístico na Belo Horizonte do século XXI. Artigo de la Revista A-MÉRICA. Volumen 1 Número 1. Junio 5 de 2008. Disponível em: www.revistaamerika.deusto.es. Acesso em: 31.mai.2013.

COSTA, Stael Alvarenga Pereira et al. Os espaços livres na paisagem de Belo horizonte. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 26 - São Paulo - p. 51 - 72 - 2009

CURRAL DEL REY. Algumas obras realizadas em Belo Horizonte nos anos 30. <http://curraldelrei.blogspot.com.br/2010/09/algumas-obras-realizadas-em-belo.html>. Acesso em: 31.mai.2013.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos e DE ANGELIS NETO, Generoso. A praça no contexto da engenharia urbana - metodologia de avaliação. Acta Scientiarum, vol. 21, 1999. p. 941-948. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/view/3167>. Acesso em: 12.dez.2011.

DEI RIO, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. São Paulo: Pini, 1990.

DERNTL, Maria Fernanda. Praças das monarquias francesa e inglesa, no início do século XVII: Os casos de Place des Vosges, em Paris, e Covent Garden, em Londres. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2012.

DESCUBRA MINAS. Savassi - Praça Diogo Vasconcelos. 12/01/2013. Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoDetalhe.aspx?cod_destino=1&cod_atrativo=554. Acesso em 29.ago.2014.

DESCUBRA MINAS. Sem título. Sem data. Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoDetalhe.aspx?cod_destino=1&cod_atrativo=554. Acesso em 12.ago.2015.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Justiça Federal mantém anulação do leilão do Pátio Ferroviário no Cais José Estelita. 16/06/2016. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2016/06/16/interna_vidaurbana,650809/justica-federal-mantem-anulacao-do-leilao-do-patio-ferroviario-no-cais.shtml. Acesso em 15.nov.2016.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. Telemig Celular sem mudança. 04/08/2007. Disponível em: http://www.diariodocomercio.com.br/noticia.php?tit=telemig_celular_sem_mudanca___&id=122498. Acesso em 28.jul.2014.

DÍAZ, Alejandro Armas. En torno a la mercadotecnia urbana: reorganización y reimaginación de la ciudad. Biblio 3W - Revista Bibliográfica De Geografía Y Ciencias Sociales (Serie documental de GeoCrítica). Universidad de Barcelona. Vol. XII, nº 712, 20 de marzo de 2007. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-712.htm>. Acesso em 01.nov.2014.

DICAS PARIS. A famosa rua das compras: Champs-Elysées em Paris. s/d. Disponível em: <http://www.dicasparis.com.br/2015/06/champs-elysees-em-paris-franca.html#>. Acesso em 09.nov.2016.

DIGIGLOBE. Notícias. Sem data. Disponível em: http://www.digiglobe.com.br/noticias_materia_02.html. Acesso em 14.nov.2016.

DONAGEMMA, Maria Elizabeth Crosara. Análise da criminalidade no bairro Savassi entre os anos de 1998 a 2002. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Geoprocessamento da Universidade Federal de Minas Gerais. 2002. Disponível em <http://www.csr.ufmg.br/geoprocessamento/publicacoes/MARIA%20ELIZABETH%20CROSARA%20DONAGEMMA.PDF>. Acesso em 03.jul.2012

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

ELMO CALÇADOS. A Elmo. 2016. Disponível em: <http://elmo.com.br/a-elmo>. Acesso em 14.jan.2017.

ESTADÃO. Belo Horizonte é tomada por torcedores de Bélgica e Argélia. 17/06/2014. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,belo-horizonte-e-tomada-por-torcedores-de-belgica-e-argelia,1513207>. Acesso em: 25.jun.2014.

ESTADO DE MINAS. A Cafeteria café Três Corações da Praça da Savassi em BH dá lugar a uma loja de celular. 24/10/2006. Disponível em: <http://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=7693>. Acesso em 14.abr.2011.

ESTADO DE MINAS. A nova Savassi. 11 de janeiro de 2004. Hemeroteca da Escola de Arquitetura da UFMG.

ESTADO DE MINAS. Antiga Travessa, na Savassi, cede lugar a três novos espaços. 07/08/2012j. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/08/07/internas_economia,310404/antiga-travessa-na-savassi-cede-lugar-a-tres-novos-espacos.shtml. Acesso em 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Após revitalização, nova Savassi já está pichada. 13/05/2012h. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/13/interna_gerais,293994/apos-revitalizacao-nova-savassi-ja-esta-pichada.shtml. Acesso em 12.out.2013.

ESTADO DE MINAS. Calçadas precárias são campeãs de infrações ao código de posturas de Belo Horizonte. 23/11/2014c. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/23/interna_gerais,592650/calçadas-precarias-sao-campeas-de-infracoes-ao-codigo-de-posturas-de-belo-horizonte.shtml. Acesso em: 02.fev.2015.

ESTADO DE MINAS. Elaborada por Aarão Reis, planta da construção de BH não foi cumprida à risca. 17/02/2016a. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/17/interna_gerais,734868/elaborada-por-aarao-reis-planta-da-construcao-de-bh-nao-foi-cumprida.shtml. Acesso em 23.mai.2016.

ESTADO DE MINAS. Escolha do nome da empresa é o detalhe que define rota de sucesso ou fracasso. 02/02/2014d. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/02/02/internas_economia,494130/escolha-do-nome-da-empresa-e-o-detalhe-que-define-rota-de-sucesso-ou-fracasso.shtml. Acesso em: 14.jan.2016.

ESTADO DE MINAS. Fonte da Praça da Savassi já secou; bombas dos chafarizes se quebraram. 24/07/2013c. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/07/24/interna_gerais,426854/fonte-da-praca-da-savassi-ja-secou-bombas-dos-chafarizes-se-quebraram.shtml. Acesso em 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Fontes anunciam vida nova na Savassi. 10/05/2012a. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/10/interna_gerais,293472/fontes-anunciam-vida-nova-na-savassi.shtml#.T6ubL7X0etl.facebook. Acesso em 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Guerra do sanduíche: Burger King e Bob's dão fim ao reinado solitário do MC Donald's na Savassi. 10/01/2016d. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2016/01/10/internas_economia,723628/burger-king-e-bob-s-dao-fim-ao-reinado-solitario-do-mc-donald-s-na-sav.shtml. Acesso em: 12.mar.2016.

ESTADO DE MINAS. Lançamento do iPhone 5 já movimenta lojas da Tim e da Claro na Savassi nesta quinta. 13/12/2012d. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/12/13/internas_economia,336840/lancamento-do-iphone-5-ja-movimenta-lojas-da-tim-e-da-claro-na-savassi-nesta-quinta.shtml. Acesso em 13.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Livraria é mais uma a fechar as portas na Savassi. 01/02/2016b. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2016/02/01/internas_economia,730190/livraria-e-mais-uma-a-fechar-as-portas-na-savassi.shtml. Acesso em 02.mar.2016.

ESTADO DE MINAS. Mais de 50 estabelecimentos foram fechados na Savassi em 12 meses. 28/03/2012f. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/03/28/internas_economia,285827/mais-de-50

estabelecimentos-foram-fechados-na-savassi-em-12-meses.shtml#.T3LyIHPyWAY.facebook. Acesso em 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Morador de rua descansa em rede improvisada na Praça da Savassi. 20/11/2014g. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/20/interna_gerais,591888/morador-de-rua-descansa-em-rede-improvisada-na-praca-da-savassi.shtml. Acesso em: 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Moradores de rua com passagens pela polícia espalham medo pela Savassi. 16/01/2014a. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/01/16/interna_gerais,488423/moradores-de-rua-com-passagens-pela-policia-espalham-medo-pela-savassi.shtml. Acesso em: 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Moradores de rua querem ajuda, mas reclamam do tratamento em abrigos. 25/09/2013d. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/09/25/interna_gerais,452781/moradores-de-rua-querem-ajuda-mas-reclamam-do-tratamento-em-abrigos.shtml. Acesso em: 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Padaria símbolo da Savassi resiste ao tempo. 10/12/2011. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/12/10/interna_gerais,266632/padaria-simbolo-da-savassi-resiste-ao-tempo.shtml. Acesso em 31.mai.2013.

ESTADO DE MINAS. Pedestres fazem primeiro teste da nova Savassi. 12/05/2012b. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/12/interna_gerais,293895/pedestres-fazem-primeiro-teste-da-nova-savassi.shtml. Acesso em 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. PM reage ao medo na Savassi. 23/05/2012l. Disponível em:
http://impresso.em.com.br/app/noticia/cadernos/gerais/2012/05/23/interna_gerais,36874/pm-reage-ao-medo-na-savassi.shtml. Acesso em: 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. PM pode aumentar patrulhamento na Savassi para coibir ação de criminosos. 17/01/2014e. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/01/17/interna_gerais,488809/pm-pode-aumentar-patrulhamento-na-savassi-para-coibir-acao-de-criminosos.shtml. Acesso em: 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Polícia vai investigar ato de vandalismo contra estátua de Roberto Drummond. 30/11/2014b. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/30/interna_gerais,594924/estatu-e-pichada.shtml. Acesso em: 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Primeiro cinema de arte da capital, Cine Pathé foi inaugurado em 1920. 14/12/2013b. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/12/14/interna_gerais,479068/primeiro-cinema-de-arte-da-capital-cine-pathe-foi-inaugurado-em-1920.shtml Acesso em: 21.ago.2015.

ESTADO DE MINAS. Recém-inaugurada, Praça da Savassi já acumula lixos e pichações. 20/05/2012i. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/20/interna_gerais,295314/recem-inaugurada-praca-da-savassi-ja-acumula-lixos-e-pichacoes.shtml. Acesso em 12.out.2013.

ESTADO DE MINAS. Revitalização: enfim, a Savassi ficou pronta. 09/05/2012e. Disponível em:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/09/interna_gerais,293242/revitalizacao-enfim-a-savassi-ficou-pronta.shtml. Acesso em 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Saiba como foi construção do símbolo de BH, o Pirulito da Praça 7. 01/12/2013a. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/01/12/interna_gerais,342859/saiba-como-foi-construcao-do-simbolo-de-bh-o-pirulito-da-praca-7.shtml. Acesso em: 15.nov.2016.

ESTADO DE MINAS. Savassi quer mais Polícia. 17/01/2014f. Disponível em:

impresso.em.com.br/app/noticia/cadernos/gerais/.../savassi-quer-mais-policia.shtml. Acesso em: 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Série de arrombamentos faz Savassi apelar para segurança privada.

22/05/2012k. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/22/interna_gerais,295630/serie-de-arrombamentos-faz-savassi-apelar-para-seguranca-privada.shtml. Acesso em: 14.jan.2017.

ESTADO DE MINAS. Shopping a céu aberto gera polêmica. 30 de julho de 2001. Hemeroteca da Escola de Arquitetura da UFMG.

ESTADO DE MINAS. Torcedores colombianos e gregos festejam na Savassi antes da partida entre as seleções. 14/06/2014h. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/06/14/interna_gerais,539199/torcedores-colombianos-e-gregos-festejam-na-savassi-antes-da-partida-entre-as-selecoes.shtml. Acesso em: 25.jun.2014.

ESTADO DE MINAS. Totens revelam a história das praças de Belo Horizonte. 29/04/2016c.

Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/04/29/interna_gerais,757556/totens-revelam-a-historia-das-pracas-de-belo-horizonte.shtml. Acesso em: 20.jun.2016.

ESTADO DE MINAS. Tradicional livraria foi fechada em maio deste ano e imóvel disponibilizado para aluguel. 07/08/2012g. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/08/07/internas_economia,310404/antiga-travessa-na-savassi-cede-lugar-a-tres-novos-espacos.shtml. Acesso em 20.dez.2015.

ESTADO DE MINAS. Transferência da Praia da Estação para a Savassi divide opiniões.

30/09/2015. Disponível em:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/09/30/interna_gerais,693564/traferencia-da-praia-da-estacao-para-a-savassi-divide-opinioes.shtml. Acesso em 23.mai.2016.

ESTADO DE MINAS. Velho bonde deixou saudade em Belo Horizonte. 10/11/2012c. Disponível

em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/11/10/interna_gerais,328913/velho-bonde-deixou-saudade-em-belo-horizonte.shtml. Acesso em 20.dez.2015.

FARR, Douglas. Urbanismo Sustentável: Desenho Urbano com a Natureza. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FAULHABER, Lucas; AZEVEDO, Lena. SMH 2016: Remoções no RJ olímpico. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

FEIRA SHOP. Nossa história. 2014. Disponível em: <https://feirashop.com.br/content/nossa-hist%C3%B3ria>. Acesso em 14.jan.2017.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. Cidade: Fixos e Fluxos. 2005. Palestra ministrada durante o Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização. Bauru, 22 a 26 de agosto de 2005. Disponível em <http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=3840&ParamEnd=5>. Acesso em 03.set.2011.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: meio, mídia e mediação. Revista Matrizes. N. 2 abril 2008. p. 39-53

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Estudar a cidade por meio de textos não verbais. Entrevista. Geografia para todos. 2012. Disponível em <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=sl146>. Acesso em 03.nov.2013

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. Leitura sem palavras. Série Princípios. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2003.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. Por uma semiótica visual do espaço. Design em espaços. São Paulo: Rosari, 2002. Apud FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: meio, mídia e mediação. Revista Matrizes. N. 2 abril 2008. p. 39-53.

FERRARA, Lucrécia D'alessio; GURGEL, Adriana G; RAMOS, Adriana V; ROCHA, Debora C; JACOB, Eduardo L; FERRERIA, Gisele S N; BEKESAS, Bekesas. Dimensões comunicativas da cidade: da visualidade à visibilidade. Trabalho apresentado no XIII Encontro Latinoamericano de facultades de comunicacón social. Havana, Cuba, 19 a 22 de outubro de 2009. Disponível em http://www.dialogosfelafacs.net/descargas/APP1_Brasil%20-%20DAlessio,%20Gurgel,%20Vaz,%20Rocha,%20Jacob,%20Nunes,%20Bekesas.pdf. Acesso em 30.ago.2011

FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal De Minas Gerais: Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO. Igrejas, casas coloniais e ruas de pedra em Minas Gerais transportam turistas para a vida no século 18. 28/08/2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2016/08/1807375-igrejas-casas-coloniais-e-ruas-de-pedra-em-minas-gerais-transportam-turistas-para-a-vida-no-seculo-18.shtml>. Acesso em 15.nov.2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mais de 50% dos habitantes do planeta vivem em cidades, diz estudo. 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u305663.shtml>. Acesso em 24. abr.2012.

FONSECA, Alan. Viagem na história de BH em letras e fotos. 2007. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=831846>. Acesso em 09.nov.2016.

FONSECA, Cláudia Graça da. A cidade em comunicação: paisagens, conversas e derivas no Centro de BH. UFMG: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (Tese). 2008.

FONSECA, Cláudia; DIAS, Juliana; MARRA, Pedro. Um obelisco, duas praças: um estudo comparativo das paisagens, situações e ambiências das Praças Sete e da Savassi em Belo Horizonte. IN: SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula. Cidade e Cultura: rebatimentos no espaço público. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FORTUNA, Carlos. Culturas urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, Outubro 2002. p. 123-148.

FORTUNA, Vânia Oliveira. Megaeventos no Rio de Janeiro Estratégia discursiva para um consenso de cidade global. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2015. Rio de Janeiro, RJ, 4 a 7/9/2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0714-1.pdf>. Acesso em: 25.jan.2016.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. IN: PEREIRA, M.; GOMES, R. C.; FIGUEIREDO, V. F. (Org.). Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro; Aparecida: Editora PUC-Rio; Editora Idéias & Letras. v. 1, 2004.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Narrativas televisivas: programas populares na TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O objeto da comunicação / a comunicação como objeto. IN: HOHLFELDT, Antônio; FRANÇA, Vera Regina Veiga; MARTINO, Luiz C. Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

FRANCO, Juliana Rocha; MARRA, Pedro Silva. Som e Complexidade Urbana: apontamentos a partir de uma visão sistêmica das sonoridades do comércio popular no Hipercentro de Belo Horizonte. Ciberlegenda. Niterói, UFF, n.24, v.2, 2011.

G1. Após briga generalizada de torcidas, PM reforça policiamento na Savassi. 21/06/2014b. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/06/apos-briga-generalizada-de-torcidas-pm-reforca-policiamento-na-savassi.html>. Acesso em: 22.jun.2014.

G1. Belo Horizonte tem tarde de protesto pacífico contra a Fifa. 18/06/2014a. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/06/belo-horizonte-tem-tarde-de-protesto-pacifico-contra-fifa.html>. Acesso em: 20.jun.2014.

G1. Nova Praça da Savassi é inaugurada em Belo Horizonte. 10/05/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/05/nova-praca-da-savassi-e-inaugurada-em-belo-horizonte.html>. Acesso em 05.nov.2015.

G1. Remoção de famílias para obras da Copa e das Olimpíadas gera polêmica. 20/08/2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html>. Acesso em 15.nov.2016.

GARCIA, Luiz Henrique Assis; RODRIGUES, Rita Lages. O tempo, a carne e a pedra: reflexões sobre o patrimônio em Belo Horizonte. IN: SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula. Cidade e Cultura: rebatimentos no espaço público. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GIFFONI, Luís. Ai de ti, Savassi! 17/05/2012. Disponível em: <http://vejabh.abril.com.br/materia/cidade/ai-ti-savassi-luis-giffoni/>. Acesso em 14.jan.2015.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOOGLE MAPS. Praça da Savassi. 2016. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Pra%C3%A7a+Diogo+de+Vasconcelos/@-19.9382389,-43.938147,351m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xa699daee385369:0x57bb7abfcbc52fd3!8m2!3d-19.9382389!4d-43.9359583>. Acesso em: 03/03/2016.

GOOGLE STREET VIEW. Lotérica Show da Sorte. 2017. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/uv?hl=pt-BR&pb=!1s0xa699db2d07fec1%3A0x45b64bd3f6154f6c!2m19!2m2!1i80!2i80!3m1!2i20!16m13!1b1!2m2!1m1!1e1!2m2!1m1!1e3!2m2!1m1!1e5!2m2!1m1!1e4!3m1!7e115!4s%2Fmaps%2Fplace%2F!ot%25C3%25A9rica%2Bshow%2Bda%2Bsorte%2F%40-19.9371876%2C-43.9341709%2C3a%2C75y%2C254.55h%2C90t%2Fdata%3D*213m4*211e1*213m2*211s3AToLUTMWuWhde7aZWLuuQ*212e0*214m2*213m1*211s0xa699db2d07fec1%3A0x45b64bd3f6154f6c!5slot%C3%A9rica%20show%20da%20sorte%20-

%20Pesquisa%20Google&imagekey=!1e2!2sC1Ka3eaDYkBR8tvzmgrJDQ&sa=X&ved=0ahUKEwjDv4mP4M3UAhVIfZAKHSutAfMQpx8IZDAK. Acesso em: 14/02/2017.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. Ciudades rebeldes: del derecho de la ciudad a la revolución urbana. Madrid: Akal, 2013a.

HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HARVEY, David. La construcción social del espacio y del tiempo: Una teoría relacional. Geographical Review of Japan Vol 67 (Ser. B) No 2, 126-135, 1994.

HARVEY, David. O novo imperialismo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. Os limites do capital. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013b.

HERSTEIN, Ram; BERGER, Ron. Much more than sports: sports events as stimuli for city re-branding. Journal of Business Strategy, Vol. 34 Issue: 2, 2013. pp.38-44.

HOHLFELDT, Antônio; FRANÇA, Vera Regina Veiga; MARTINO, Luiz C. Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOJE EM DIA. Feira Shop se consolida e prevê crescimento de 10%. 09/09/2015. Disponível em: <http://hojeemdia.com.br/primeiro-plano/feira-shop-se-consolida-e-prev%C3%AA-crescimento-de-10-1.322775?localLinksEnabled=false>. Acesso em 03.mar.2016.

HOJE EM DIA. Obras na Savassi levam Café Travessa a fechar as portas. 14/03/2012. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/noticias/economia-e-negocios/obras-na-savassi-levam-cafe-travessa-a-fechar-as-portas-1.419107>. Acesso em 22.nov.2015.

HOJE EM DIA. Praça da Savassi terá plástica radical. Edição de 17/04/2010. Disponível em <http://www.hojeemdia.com.br/cmLink/hoje-em-dia/minas/praca-da-savassi-tera-plastica-radical-1.105917>. Acesso em 22.ago.2011.

HOJE EM DIA. Savassi, um point ainda bem cobiçado. 10/06/1993. Hemeroteca da Escola de Arquitetura da UFMG.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. 2017. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em 01.abr.2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Minas Gerais – Belo Horizonte – Histórico. Sem data. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=310620>. Acesso em 23.mai.2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Minas Gerais – Belo Horizonte: Informações completas. 2016. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=310620>. Acesso em 23.mai.2016.

IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Belo Horizonte: Monumento comemorativo do centenário da independência nacional (pirulito da Praça Sete). 2011. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/component/content/article/3322-guia-dos-bens-tombados-iephamg/1329-belo-horizonte-monumento-comemorativo-do-centenario-da-independencia-nacional-pirulito-da-praca-sete>. Acesso em 16.nov.2016.

IMGRUM. O arquiteto da cidade é o capital. Fotografia. Sem data. Disponível em: http://www.imgrum.net/media/1247556746055136985_590629236. Acesso em: 25.nov.2016.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

JACQUES, Paola Berenstein. Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JANSSON, André. For a Geography of Communication. ACSIS nationella forskarkonferens för kulturstudier. Norrköping, 13 a 15 de junho de 2005. Disponível em: http://www.geografias.net.br/autores/fot_a_geography_of_communication_jansson.pdf. Acesso em: 22.jun.2015

JORNAL DE CASA. A Savassi reclama seu lugar ao sol. 1 a 7 de outubro de 1995. Hemeroteca da Escola de Arquitetura da UFMG.

JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: Itinerários da cidade moderna (1891 – 1920). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal De Minas Gerais: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Ciência Política. Belo Horizonte, 1992.

KALANDIDES, Ares. City marketing for Bogotá: a case study in integrated place branding. Journal of Place Management and Development, Vol. 4 Issue: 3, 2011. pp.282-291.

KRÄITE, Stefan; WILDNER, Kathrin; LANZ, Stephan. Transnationalism and Urbanism. Nova York: Routledge, 2012.

KUPER, Hilda. The language of sites in the politics of space. IN: LOW, Seta M; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. The anthropology of space and place: locating culture. Oxford: Blackwell Publishing, 2010. p. 247 a 263.

LA TRAVIATA. Restaurante. 2011. Disponível em: <http://www.restaurantelatraviata.com.br/index.php>. Acesso em 14.jan.2017.

LAFFRONT, Paula. Times Square. Fotografia. 2015. Disponível em: http://www.paulalaffront.com/2015/05/12/o-que-fazer-em-ny-alem-das-compras/times_square/. Acesso em 14/11/2016.

LAGE, Selena Duarte Lage e. A pertinência das operações urbanas no paradigma do Urbanismo democrático e excludente: reflexões a partir da análise da regulamentação e aplicação do instrumento em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2000.

LEFEBVRE, Henry. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henry. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro, (2001) 2006.

LEMOS, Celina Borges. Uma Centralidade Belo-horizontina. Revista do Arquivo Público Mineiro – Dossiê. Volume 43, Fascículo 2. jul./dez. 2007. p. 92 – 111. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Uma_centralidade_belo-horizontina.PDF. Acesso em 26 abr 2017.

LEMOS, Celina Borges. Savassi: A consolidação de um centro urbano. Monografia. Universidade Federal De Minas Gerais: Escola de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte, 1985.

LETRAS. Biografia de Pacifico Mascarenhas. s/d. Disponível em: <https://www.letras.com.br/biografia/pacifico-mascarenhas>. Acesso em 14.mar.2014.

LIMA, Lúcia Faria. BH Antigamente. 2012. Disponível em: <https://www.slideshare.net/MENSAGENS/DOROY/bh-antigamente-13086734>. Acesso em 09.nov.2016.

LINK, Felipe. Presentación. Eure, Vol. XXXIV, No 102, pp. 133-138, agosto 2008.

LOJAS REDE. Quem somos. 2016. Disponível em: <http://www.lojasrede.com.br/QuemSomos>. Acesso em 14.jan.2017.

LONDON PERFECT. Discovering London – Covent Garden. 12/04/2013. Disponível em: <http://www.londonperfect.com/blog/2013/04/covent-garden-london/>. Acesso em 15.nov.2016.

LOW, Setha M. Cerrando y reabriendo el espacio público en la ciudad latinoamericana. Cuadernos de Antropología SocialFFyL – UBA, N° 30, pp. 17–38, 2009

LOW, Setha M. On the plaza: The politics of public space and culture. 1ª ed. Austin: University of Texas Press, 2000.

LOW, Seta M; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. The anthropology of space and place: locating culture. Oxford: Blackwell Publishing, 2010.

LOW, Setha M., TAPLIN, Dana, SCHELD, Suzanne. Rethinking urban parks : public space and cultural diversity. 1ª ed. Texas: University of Texas Press, 2005.

MASCARENHAS, Gilberto. Simplesmente uma turma. Belo Horizonte: (sem editora), 1989.

MATTOS, Rômulo Costa. Megaeventos, remoções de favelas e reforma do porto no Rio de Janeiro do tempo presente. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, 22 a 26 de julho de 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371350759_ARQUIVO_MATTOS_ANPUH_2013.pdf. Acesso em: 15.nov.2016.

MEAD, G. H. Espíritu, persona y sociedad. Buenos Aires: Paidós, 1968.

MELLO, Cristina Homem de. Place des Vosges – história, arquitetura, museus, cafés, restaurantes, hotéis, galerias de arte, lojas... 03/12/2012. Disponível em: <http://www.cristinamello.com.br/?p=8700>. Acesso em 15.nov.2016.

MINAS GERAIS. Lei nº 302, de 1 de julho de 1901. Muda para "Belo Horizonte" a denominação da Capital do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:minas.gerais:estadual:lei:1901-07-01;302>. Acesso em 23.mai.2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

MULTIPLAN. Ata de reunião do Conselho de Administração, realizada em 22 de maio de 2007. 2007. Disponível em: http://ri.multipplan.com.br/enu/328/Multipplan_RCA_22.05.07_port.pdf. Acesso em 20.mar.2017

MULTIPLAN. Shopping centers. 2017. Disponível em: <http://www.multipplan.com.br/pt-br/shopping-centers/minas-gerais/patio-savassi>. Acesso em 20.mar.2017.

NA SAVASSI. Revitalização: PBH promete início das obras em março na Savassi. 09/03/2011a. Disponível em: <http://www.nasavassi.com.br/bairro/revitalizacao--promete-inicio-das-obras-em-marco-na-savassi/>. Acesso em 09.jul.2012

NA SAVASSI. Manifestação na Praça da Savassi. 03/08/2011b. Disponível em: <http://www.nasavassi.com.br/bairro/manifestacao-na-praca-da-savassi/>. Acesso em 09.jul.2012

NAGEM FRADE, Ana Maria. A legislação urbana e a ocupação de Belo Horizonte de 1897 a 2010: conjunto urbanístico da Praça da Liberdade. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais: Escola de Arquitetura, 2011.

NETTO, Vinicius M.; VARGAS, Julio Celso; SABOYA, Renato T. de. (Buscando) Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), v. 4, n. 2, p. 261-282, jul./dez. 2012

NOGUÉ FONT, Joan; SAN EUGENIO, Jordi de. Pensamiento geográfico versus teoría de la comunicación: Hacia un modelo de análisis comunicativo del paisaje. Documents d'Anàlisi Geogràfica, N° 55, 2009. P. 27 – 55. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/DocumentsAnalisi/article/viewFile/171748/224066>. Acesso em: 20.jun.2015

NOVO RECIFE. Blog institucional. 2016. Disponível em: <http://www.novorecife.com.br/blog/index/2?>. Acesso em 15.nov.2016.

NOVO RECIFE. Site institucional. 2014. Disponível em: <http://www.novorecife.com.br/o-consorcio>. Acesso em 15.nov.2016.

O TEMPO. Aluguel caro faz lojas da Savassi fecharem portas. 17/03/2015e. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/capa/economia/aluguel-car-faz-lojas-da-savassi-fecharem-portas-1.1010040>. Acesso em 02.fev.2015.

O TEMPO. Caminhão-pipa na Praia da Estação gera discussão sobre desperdício. 24/01/2015a. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/caminh%C3%A3o-pipa-na-praia-da-esta%C3%A7%C3%A3o-gera-discuss%C3%A3o-sobre-desperd%C3%ADcio-1.978941>. Acesso em 14.nov.2016.

O TEMPO. Depois de palco de festas gringas, Savassi volta a ser do Brasil. 23/06/2014b. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/hotsites/copa-do-mundo-2014/depois-de-ser-palco-de-festas-gringas-savassi-volta-a-ser-do-brasil-1.870290>. Acesso em: 25.jun.2014.

O TEMPO. Fontes da praça da Estação devem funcionar neste fim de semana. 01/10/2015b. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/fontes-da-pra%C3%A7a-da-esta%C3%A7%C3%A3o-devem-funcionar-neste-fim-de-semana-1.1127555>. Acesso em 23.jun.2016.

O TEMPO. Mapa da Torcida. 17/06/2014a. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/torcedores-belo-horizontinos-lotam-pra%C3%A7a-da-savassi-e-bares-da-cidade-1.866910>

Acesso em: 20.jun.2014.

O TEMPO. Mesmo com fontes religadas, "praia" deve ser mantida na Savassi. 02/10/2015c. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/mesmo-com-fontes-religadas-praia-deve-ser-mantida-na-savassi-1.1128843>. Acesso em 23.jun.2016.

O TEMPO. Primeira praia da Estação na Savassi reúne ao menos 500 pessoas. 03/10/2015d. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/primeira-praia-da-esta%C3%A7%C3%A3o-na-savassi-re%C3%BAne-ao-menos-500-pessoas-1.1129500>. Acesso em 23.jun.2016.

O TEMPO. Vândalos pintam estátua e arrombam loja na Savassi durante a madrugada. 03/03/2014c. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/v%C3%A2ndalos-pintam-est%C3%A1tua-e-arrombam-loja-na-savassi-durante-a-madrugada-1.798576>. Acesso em 22.dez.2015.

Oi. A empresa. 2017. Disponível em: http://ri.oi.com.br/oi2012/web/conteudo_pt.asp?idioma=0&tipo=43763&conta=28&id=160349. Acesso em 15.abr.2017.

OVERMUNDO. Música de graça na praça? Claro! 18/6/2007. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/musica-instrumental-na-praca-e-de-graca-claro>. Acesso em 14.abr.2011.

OVERMUNDO. Ponto de encontro vira ponto de venda. 03/11/2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/ponto-de-encontro-vira-ponto-de-venda-1>. Acesso em 14.abr.2011.

PAÇAÍ. Home. 2016. Disponível em: <http://www.franquiapacai.com.br/>. Acesso em 14.jan.2017.

PADARIA SAVASSI. Website oficial. s/d. Disponível em: <http://www.padariasavassi.com.br/index.html>. Acesso em 22.nov.2016.

PALMER, Adrian. Introdução ao Marketing. Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 2006.

PARIS. Avenue des Champs-Élysées. 2015. Disponível em: <https://en.parisinfo.com/transport/73130/Avenue-des-Champs-Elysees>. Acesso em 09.nov.2016.

PARIS FRANÇA. Praça da Concórdia. 2016. Disponível em: <https://parisfranca.com/praca-da-concordia>. Acesso em 15.nov.2016.

PARREIRAS, Elisabeth Guerra. Belo Horizonte: uma economia de serviços. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 8, n. 10, p. 110-121, 2º sem. 2006. p. 110 - 121

PAULANI, Leda. Apresentação. IN: HARVEY, David. Os limites do capital. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013b.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Badalação e charme na região Centro-Sul. Sem data b. Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=historia&lang=pt_BR&pg=5780&tax=14364. Acesso em 13.set.2011.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Bairros de BH com quadras. 2010c. Disponível em: http://www.pbh.gov.br/smpl/HTA_M007.pdf. Acesso em 11.set.2011.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. BH 100 Anos: Uma lição de história. 1997. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&app=historia&tax=11794&pg=5780&taxp=0>. Acesso em 23.mai.2016.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. De uma padaria, nasceu o estilo Savassi de ser. Sem data a. Disponível em: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/bh-primeira-vista/historia/de-uma-padaria-nasceu-o-estilo-savassi-de-ser>. Acesso em 13.set.2011.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Decreto Nº 37, de 9 de Novembro de 1938. Dá o nome de Avenida Getúlio Vargas à atual Avenida Paraúna. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/decreto/1938/4/37/decreto-n-37-1938-da-o-nome-de-avenida-getulio-vargas-a-atual-avenida-parauna>. Acesso em 03.set.2011.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Instrução Normativa Conjunta nº 01, de 02 de dezembro de 2013: Disciplina a atuação dos agentes públicos junto à População em Situação de Rua, no Município de Belo Horizonte. 2013b. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1112251>. Acesso em: XXXXX/2014.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Lei Nº 2662, de 29 de novembro de 1976. Dispõe sobre Normas de Uso e Ocupação do Solo no Município de Belo Horizonte, e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/1976/266/2662/lei-ordinaria-n-2662-1976-dispoe-sobre-normas-de-uso-e-ocupacao-do-solo-no-municipio-de-belo-horizonte-e-da-outras-providencias>. Acesso em 27.abr.2017.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Lei nº 7.166/96 com alterações introduzidas pela Lei nº 9.959/10. 2010a. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&app=regulacaourbana&pg=5570&tax=20542>. Acesso em 28.ago.2011.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Lei Nº9.959, de 20/7/2010: Altera as leis nº 7.165/96 - que institui o Plano Diretor do Município de Belo Horizonte - e nº 7.166/96 - que estabelece normas e condições para parcelamento, ocupação e uso do solo urbano no Município -, estabelece normas e condições para a urbanização e a regularização fundiária das Zonas de Especial Interesse Social, dispõe sobre parcelamento, ocupação e uso do solo nas Áreas de Especial Interesse Social, e dá outras providências. 2010b. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1038018>. Acesso em 28.ago.2011.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Mapa Bairros BH. 2014. Disponível em: http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/produtos/mapa_bairros_bh_a0_1.pdf. Acesso em 16.jul.2015.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Praça Diogo de Vasconcelos. Sem data c. Disponível em: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativos-turisticos/culturais-lazer/praca-diogo-de-vasconcelos>. Acesso em 14.set.2011.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Requalificação da Praça Diogo de Vasconcelos e entorno. 2011. Disponível em: <http://www.slideshare.net/prefeituradebh/praa-da-savassi>. Acesso em 11.set.2011.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Uma história de curvas sinuosas define a silhueta simbólica de BH. 16/05/2013a. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=106872&pIdPc=&app=salanoticias>. Acesso em 23.mai.2016.

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. Varandas urbanas. 2016. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?app=varandasurbanas>. Acesso em 14.jan.2017.

PENNA, Gustavo. Praça Sete, Quarteirão Xacriabá. 2016. Disponível em: http://www.gustavopenna.com.br/mobile/projetos/exibir/praca_sete_quarteirao_xacriaba/54. Acesso em 16.nov.2016.

PEREIRA, M.; GOMES, R. C.; FIGUEIREDO, V. F. (Org.). Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro; Aparecida: Editora PUC-Rio; Editora Idéias & Letras. v. 1, 2004, pp.13-26.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Da Observação Participante à Pesquisa-Ação em Comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

PORTAL TERRA. Praça reúne obras de arte em Belo Horizonte. 14/09/2009. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/vc-reporter-praca-reune-obras-de-arte-em-belo-horizonte,f12f68f40d94b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em 13.mai.2012.

PORTAL UAI. Café da Travessa fecha as portas. 13/03/2012. Disponível em: http://blogs.uai.com.br/blogdogirao/cafe_da_travessa_fecha_as_portas/. Acesso em 19.dez.2015.

PORTAL UAI. Comerciantes querem criar recanto classe A na Savassi. 11/06/2010. Disponível em: http://www.uai.com.br/htmls/app/noticia173/2010/06/11/noticia_minas,i=163690/COMERCIENTES+QUEREM+CRIAR+RECANTO+CLASSE+A+NA+SAVASSI.shtml. Acesso em 20.ago.2012.

PORTO MARAVILHA. Site Institucional. 2016. Disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/>. Acesso em 14.nov.2016.

PRAÇA LIVRE BH. A Tradição Praiera Insurgente de Belo Horizonte. 28 de Maio de 2011. Disponível em: <https://pracalivrebh.wordpress.com/category/prai-da-estacao/>. Acesso em 14.nov.2016.

PRAÇA LIVRE BH. ...e pra você, meu irmão, o que é a Praia da Estação? 20 de dezembro de 2010. Disponível em: <https://pracalivrebh.wordpress.com/category/prai-da-estacao/>. Acesso em 14.nov.2016.

PRICEWATERHOUSECOOPERS. Duas cidades brasileiras estão entre os 30 centros urbanos mais importantes do mundo, aponta estudo global da PwC. 15/09/2016. Disponível em: <http://interfacecomunicacao.com.br/duas-cidades-brasileiras-estao-entre-os-30-centros-urbanos-mais-importantes-do-mundo-aponta-estudo-global-da-pwc/>. Acesso em: 20/12/2016.

PRÓ-SAVASSI. A Savassi não pode parar! Julho de 1989. Hemeroteca da Escola de Arquitetura da UFMG.

QUÉRÉ, Louis. D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique. In: Réseaux, 1991, volume 9 n°46-47. pp. 69-90. Tradução de Lúcia Lamounier Sena e Vera Lúcia Westin

R7. Cerco da PM no McDonald's da Savassi vira piada na internet. 18/06/2014b. Disponível em: <http://noticias.r7.com/minas-gerais/cerco-da-pm-no-mcdonalds-da-savassi-vira-piada-na-internet->. Acesso em: 20.jun.2014.

R7. Manifestantes escolhem reduto de torcida como palco de terceiro protesto em BH. 17/06/2014a. Disponível em: <http://noticias.r7.com/minas-gerais/manifestantes-escolhem-reduto-de-torcida-como-palco-de-terceiro-protesto-em-bh-17062014>. Acesso em: 20.jun.2014.

RABINOW, Paul. Ordonnance, Discipline, Regulation: Some Reflections on Urbanism. IN: LOW, Seta M; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. The anthropology of space and place: locating culture. Oxford: Blackwell Publishing, 2010. p. 353 a 362

REVISTA ENCONTRO. A Savassi vai ficar assim. 05/05/2011. Disponível em: http://www.revistaencontro.com.br/app/noticia/revista/2011/05/05/noticia_revista,141779/a-savassi-vai-ficar-assim.shtml. Acesso em 15.dez.2015.

REVISTA PRISMA. Uma nova área de convivência para BH. 18/12/2012. Disponível em: http://revistaprisma.com.br/novosite/noticia_print.asp?cod=5383. Acesso em 13.abr.2013.

REVISTA VEJA. Perfil: Aqui me tens de regresso. 15/06/2012b. Disponível em: <http://vejabh.abril.com.br/materia/cidade/aqui-me-tens-regresso/>. Acesso em 20.dez.2015.

REVISTA VEJA. Um símbolo restaurado: Ponto de encontro belo-horizontino, a Praça da Savassi deve ficar pronta no sábado (12). 03/05/2012a. Disponível em: <http://vejabh.abril.com.br/materia/cidade/savassi-simbolo-restaurado/>. Acesso em 31.mai.2013.

RICHARDSON, Miles. Being-in-the-Market Versus Being-in-the-Plaza: Material culture and the construction of social reality in Spanish America. IN: LOW, Seta M; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. The anthropology of space and place: locating culture. Oxford: Blackwell Publishing, 2010. p. 74 a 91

RIO MODA RIO. Veja opções de passeios para conhecer o Porto Maravilha. 10 de junho de 2016. Disponível em: <http://riomodario.virgula.uol.com.br/2016/06/10/passeios-para-conhecer-o-revitalizado-porto-maravilha/>. Acesso em 14.nov.2016.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. Praças brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial do Estado, 2002

RODMAN, Margaret C. Empowering Place: multilocality and multilocality. IN: LOW, Seta M; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. The anthropology of space and place: locating culture. Oxford: Blackwell Publishing, 2010. p. 204 a 223

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade: Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2006.

RODRIGUES, Nélio. Um olhar do céu para Belo Horizonte. 2006. Disponível em: <http://www.neliorodrigues.com.br/um-olhar-do-ceu-para-belo-horizonte-5/>. Acesso em 16.nov.2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2ª edição, 1997a.

SANTOS, Milton. Geografia. Folha de São Paulo, Caderno Mais. 13 de abril de 1997b. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs130419.htm>. Acesso em: Acesso em 29.mar.2014

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: EDUSP, 2007.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª Ed. São Paulo: Ed Record, 2001.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Thereza Carvalho. Espaço público, morfologia e fragmentação — rupturas e mutações no ordenamento do território. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO. 2010. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau>. Acesso em 31.mar.2013

SASSEN, Saskia. La ciudad global: introducción a un concepto. Sem data. Disponível em: <https://www.bbvaopenmind.com/articulo/la-ciudad-global-introduccion-a-un-concepto/?fullscreen=true>. Acesso em 01.nov.2014

SASSEN, Saskia. Una Sociología de la globalización. Buenos Aires: Katz, 2007.

SAVASSI. História da Savassi. s/d. Disponível em: <http://www.savassi.com.br/hist.htm>. Acesso em 29.ago.2014.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Food Truck: uma nova tendência. s/d. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/food-truck-uma-nova-tendencia,d128e6f7c633c410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em 14.jan.2017.

SHOPPING 5ª Avenida. Sobre o Shopping. s/d. Disponível em: <http://www.shopping5avenida.com.br/paginas/sobre-o-shopping>. Acesso em 14.jan.2017.

SILVA, Paulo Celso da. Análise da produção intelectual do Dr. Milton Santos e sua relação com a Comunicação. In: MOREIRA, Sônia Virgínia (Org.). Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas. Coleção GPs da INTERCOM. Vol 3. São Paulo: Intercom, 2012.

SILVA, Regina Helena Alves da. A história vive aqui. IN: SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula (Orgs). Cidade e Cultura: rebatimentos no espaço público. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Regina Helena Alves da. Cartografias Urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade. Visões Urbanas - Cadernos PPG-AU/FAUFBA Vol.V - Número Especial – 2008. Disponível em www.atlas.ufba.br. Acesso em 22.ago.2011

SILVA, Regina Helena Alves da. Espaço urbano, espaço da comunicação. Trabalho apresentado ao Núcleo de Comunicação para a Cidadania, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

SILVA, Regina Helena Alves da; FONSECA, Claudia G; FRANCO, Juliana de Oliveira Rocha; MARRA, Pedro da Silva; GONZAGA, Milene Migliano. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós, Brasília, v.11, n.1, jan./abr. 2008.

SILVA, Regina Helena Alves da; SILVEIRA, Amanda Carolina Costa. Os espaços de lazer na cidade: a política urbana de Belo Horizonte. Licere, Belo Horizonte, v.13, n.3, set/2010

SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula; Apresentação. IN: SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula (Orgs.). Cidade e Cultura: rebatimentos no espaço público. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula. (Orgs.) Cidade e Cultura: rebatimentos no espaço público. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula; MADEIRA, Thaíse Valentim. Os megaeventos como arena: o jogo das identidades e os espetáculos das culturas. XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014. – p. 01 – 17.

SUPPIA, Alfredo; SCARABELLO, Marília. As reformas do Rio de Janeiro no início do século XX. 2014. IN: Revista Pré-Univesp, No. 60: Capitalismo e Sustentabilidade. Novembro de 2016. Disponível em: <http://pre.univesp.br/as-reformas-do-rio-de-janeiro-no-inicio-do-seculo-xx#.WCsaL9lrLIU>. Acesso em 15.nov.2016.

TAGLIACARNE, Guglielmo. Pesquisa de mercado, técnica e prática. São Paulo: Atlas, 1976.

TELEFÔNICA. Quem somos. 2016. Disponível em: <http://telefonica.mediagroup.com.br/pt/Empresa/Perfil.aspx>. Acesso em 05.abr.2016.

TELETIME. TIM assume controle total da Maxitel. 28/11/2000. Disponível em: <http://convergecom.com.br/teletime/28/11/2000/tim-assume-controle-total-da-maxitel/>. Acesso em 28.jul.2014.

THOMAS, W. I., e D. S. THOMAS. The Child in American, Nova Iorque: Knopf, 1928. apud RICHARDSON, Miles. Being-in-the-Market Versus Being-in-the-Plaza: Material culture and the construction of social reality in Spanish America. IN: LOW, Seta M; LAWRENCE-ZUÑIGA, Denise. The anthropology of space and place: locating culture. Oxford: Blackwell Publishing, 2010. p. 74 a 91.

TIM. Investidores. 2017. Disponível em: <http://www.tim.com.br/mg/sobre-a-tim/institucional/investidores>. Acesso em 15.abr.2017.

TOSTES, Simone Parrela. Fabulações: espaço e produção de diferença. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

ÚLTIMO SEGUNDO. Praça da Savassi, coração cultural de BH, sofre com reforma. 17/09/2011. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mg/praca-da-savassi-coracao-cultural-de-bh-sofre-com-reforma/n1597214568855.html>. Acesso em: 19.dez.2015.

UOL. Protestos na Copa das Confederações reuniram 864 mil pessoas. 2013. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/07/02/protestos-na-copa-das-confederacoes-reuniram-864-mil-manifestantes.htm>. Acesso em 05.mai.2014.

VIA ALBUQUERQUE. Home. 2012. Disponível em: <http://www.viaalbuquerque.com/>. Acesso em 20.ago.2012.

VIVER BRASIL. Sempre Savassi. 30/08/2011. Disponível em: <http://www.revistaviverbrasil.com.br/retrospectiva/show.php?url=http://www.revistaviverbrasil.com.br/38/materias/01/cidade/sempre-savassi/>. Acesso em: 13.out.2013.

WALLERSTEIN, Immanuel. The Modern World System. New York: Academic, 1974. apud GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

WILDNER, Kathrin. Assembléia como método de uma pesquisa experimental – um esboço. Arte e Ensaios: Revista do PPGAV/EBA/ UFRJ. No. 26 – jun/jul 2013. p. 125 – 141. Disponível em: http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/01/ae26_kathrin.pdf. Acesso em 13.out.2015.

WILDNER, Kathrin. La Plaza: Public Space as Space of Negotiation. Instituto Europeu para Políticas Culturais Progressivas. Setembro de 2003. Disponível em <http://eipcp.net/transversal/1203/wildner/en>. Acesso em 03.set.2011.

YOUROPI. Covent Garden & the Strand. Sem data. Disponível em: <http://www.youropi.com/en/london/locations/covent-garden-the-strand-1641>. Acesso em 15.nov.2016.

APÊNDICE 1: RESULTADOS DA BUSCA SISTEMÁTICA NO GOOGLE

Acesso em 12/08/2015

1	24/10/2006 A Cafeteria café Três Corações da Praça da Savassi em BH dá lugar a uma loja de celular	http://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=7693
2	25/11/2006 Beth Carvalho dá o ritmo à festa do Atlético-MG no Mineirão	http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2006/11/25/ult59u107830.jhtm
3	14/09/2009 vc repórter: praça reúne obras de arte em Belo Horizonte	https://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/vc-reporter-praca-reune-obras-de-arte-em-belo-horizonte,f12f68f40d94b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html
4	17/04/2010 Praça da Savassi terá plástica radical	http://www.hojeemdia.com.br/cmmlink/hoje-em-dia/minas/praca-da-savassi-tera-plastica-radical-1.105917
5	11/06/2010 Comerciantes querem criar recanto classe A na Savassi	http://www.uai.com.br/htmls/app/noticia173/2010/06/11/noticia_minas,i=163690/COMERCIANTE+QUEREM+CRIAR+RECANTO+CLASSE+A+NA+SAVASSI.shtml
6	09/03/2011 Revitalização: PBH promete início das obras em março na Savassi	http://www.nasavassi.com.br/bairro/revitalizacao-pbh-promete-inicio-das-obras-em-marco-na-savassi/
7	24/03/2011 Obras de revitalização na Savassi são confirmadas pela Prefeitura de BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/03/obras-de-revitalizacao-na-savassi-sao-confirmadas-pela-prefeitura-de-bh.html
8	15/05/2011 Cruzeirenses que não foram à Arena do Jacaré fazem festa nas ruas de BH	http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2011/05/cruzeirenses-que-nao-foram-arena-do-jacare-fazem-festa-nas-ruas-de-bh.html
9	17/06/2011 Audiência pública discute transtornos com revitalização da região	http://www.cmbh.mg.gov.br/noticias/2011-06/audiencia-publica-discute-transtornos-com-revitalizacao-da-regiao
10	03/08/2011 Manifestação na Praça da Savassi	http://www.nasavassi.com.br/bairro/manifestacao-na-praca-da-savassi/
11	30/08/2011 Sempre Savassi	http://www.revistaviverbrasil.com.br/retrospectiva/show.php?url=http://www.revistaviverbrasil.com.br/38/materias/01/cidade/sempre-savassi/
12	08/09/2011 Tecnologia LED é implantada em semáforos de Belo Horizonte	http://noticias.r7.com/cidades/noticias/tecnologia-led-e-implantada-em-semaforos-de-belo-horizonte-20110908.html
13	17/09/2011 Praça da Savassi, coração cultural de BH, sofre com reforma	http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mg/praca-da-savassi-coracao-cultural-de-bh-sofre-com-reforma/n1597214568855.html
14	12/12/2011 Belo Horizonte completa 114 anos e tem programação especial	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/12/belo-horizonte-completa-114-anos-e-tem-programacao-especial.html
15	13/03/2012	http://blogs.uai.com.br/blogdogirao/cafe_da_traves

	Café da Travessa fecha as portas	sa_fecha_as_portas/
16	14/03/2012 Obras na Savassi levam Café Travessa a fechar as portas	http://www.hojeemdia.com.br/noticias/economia-e-negocios/obras-na-savassi-levam-cafe-travessa-a-fechar-as-portas-1.419107
17	27/03/2012 Pesquisa aponta que 51 lojas já fecharam as portas na Savassi	http://www.nasavassi.com.br/bairro/pesquisa-aponta-que-51-lojas-ja-fecharam-as-portas-na-savassi/
18	28/03/2012 Mais de 50 estabelecimentos foram fechados na Savassi em 12 meses	http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/03/28/internas_economia,285827/mais-de-50-estabelecimentos-foram-fechados-na-savassi-em-12-meses.shtml#.T3LyIHPyWAY.facebook
19	31/03/2012 Com reforma, Praça da Savassi muda até de nome	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/31/interna_gerais,286513/com-reforma-praca-da-savassi-muda-ate-de-nome.shtml
20	12/04/2012 O antes e o depois da Savassi	http://www.nasavassi.com.br/bairro/o-antes-e-o-depois-da-savassi/
21	09/05/2012 Revitalização: enfim, a Savassi ficou pronta	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/09/interna_gerais,293242/revitalizacao-enfim-a-savassi-ficou-pronta.shtml
22	10/05/2012 Nova Praça da Savassi é inaugurada em Belo Horizonte	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/05/nova-praca-da-savassi-e-inaugurada-em-belo-horizonte.html
23	10/05/2012 Requalificação da Praça da Savassi	http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=politicassurbanas&lang=pt_BR&pg=5562&tax=28123
24	10/05/2012 Obra de revitalização da Savassi é concluída	http://tarcisiocaixeta.com.br/web/obra-de-revitalizacao-da-savassi-e-concluida/?utm_source=e-goi&utm_medium=email&utm_term=Obra%20de%20revitaliza%E7%E3o%20da%20Savassi%20%E9%20conclu%EDa&utm_campaign=Tarcisio%20Caixeta
25	10/05/2012 Fontes anunciam vida nova na Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/10/interna_gerais,293472/fontes-anunciam-vida-nova-na-savassi.shtml#.T6ubL7X0etl.facebook
26	11/05/2012 Inaugurada a nova praça da Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/11/interna_gerais,293710/inaugurada-a-nova-praca-da-savassi.shtml
27	12/05/2012 Pedestres fazem primeiro teste da nova Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/12/interna_gerais,293895/pedestres-fazem-primeiro-teste-da-nova-savassi.shtml
28	13/05/2012 Após revitalização, nova Savassi já está pichada	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/13/interna_gerais,293994/apos-revitalizacao-nova-savassi-ja-esta-pichada.shtml
29	20/05/2012 Recém-inaugurada, Praça da Savassi já acumula lixos e pichações	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/20/interna_gerais,295314/recem-inaugurada-praca-da-savassi-ja-acumula-lixos-e-pichacoes.shtml
30	22/05/2012 Série de arrombamentos faz Savassi apelar para segurança privada	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/22/interna_gerais,295630/serie-de-arrombamentos-faz-savassi-apelar-para-seguranca-privada.shtml
31	23/05/2012	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/23/

	Polícia Militar reage ao medo na Savassi e monta operação especial	3/interna_gerais,295887/policia-militar-reage-ao-medo-na-savassi-e-monta-operacao-especial.shtml
32	24/05/2012 Casarão é point do crime e da degradação na Zona Sul de BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/24/interna_gerais,296112/casarao-e-point-do-crime-e-da-degradacao-na-zona-sul-de-bh.shtml
33	24/05/2012 Segurança privada aproveita para lucrar com crimes na Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/05/24/interna_gerais,296111/seguranca-privada-aproveita-para-lucrar-com-crimes-na-savassi.shtml
34	01/06/2012 Imóvel da Travessa tem novo inquilino	http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/06/01/internas_economia,297692/imovel-da-travessa-tem-novo-inquilino.shtml#.T8iyFPie-KQ.facebook
35	03/06/2012 Prefeitura vai padronizar mesas e cadeiras na Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/06/03/interna_gerais,298031/prefeitura-vai-padronizar-mesas-e-cadeiras-na-savassi.shtml#.T8tLRrjQaol.facebook
36	19/06/2012 Projeto Via Albuquerque conquista comércio aberto até às 21h na região da Savassi	http://www.cdlbh.com.br/portal/600/Noticias_CD_LBH/Projeto_Via_Albuquerque_consegue_comercio_aberto_ate_as_21h_na_rua_que_leva_o_nome
37	01/08/2012 Horário de funcionamento de lojas da Savassi é ampliado	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/08/horario-de-funcionamento-de-lojas-da-savassi-e-ampliado.html
38	21/09/2012 Ex-vocalista do A-ha, Morten Harket, se apresenta em carreira solo em BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/09/ex-vocalista-ha-morten-harket-se-apresenta-em-carreira-solo-em-bh.html
39	18/09/2012 Mulher de biquíni toma banho de sol na praça da Savassi, em Belo Horizonte	http://www.otempo.com.br/cidades/mulher-de-biqui%C3%ADni-toma-banho-de-sol-na-pra%C3%A7a-da-savassi-em-belo-horizonte-1.411945
40	18/12/2012 Filho e neto tocam negócio de baleiro que trabalhou no Barão até os 77	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/12/filho-e-neto-tocam-negocio-de-baleiro-que-trabalhou-no-barao-ate-os-77.html
41	18/12/2012 Uma nova área de convivência para BH	http://www.portalprisma.com.br/novosite/noticia.asp?cod=5383
42	30/01/2013 Festa S.E.N.S.A.C.I.O.N.A.L abre carnaval de BH com 15 atrações na Savassi	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/2013/carnaval/2013/01/30/noticia_carnaval,139997/festa-s-e-n-s-a-c-i-o-n-a-l-abre-carnaval-de-bh-com-15-atracoes-na-sav.shtml
43	07/03/2013 BH terá metrô na Av. Nossa Senhora do Carmo	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/03/07/interna_gerais,355191/bh-tera-metro-na-av-nossa-senhora-do-carmo.shtml
44	08/03/2013 Água de Cheiro fecha lojas de baixo retorno na capital mineira	http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/03/08/internas_economia,355434/agua-de-cheiro-fecha-lojas-de-baixo-retorno-na-capital-mineira.shtml
45	24/03/2013 Leis são ignoradas pela população de Belo Horizonte	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/03/24/interna_gerais,361991/leis-sao-ignoradas-pela-populacao-de-belo-horizonte.shtml
46	11/04/2013	http://g1.globo.com/minas-

	Suposto ataque a morador de rua é investigado em Belo Horizonte	gerais/noticia/2013/04/suposto-ataque-morador-de-rua-e-investigado-em-belo-horizonte.html
47	15/04/2013 Preso por apologia ao nazismo é transferido para Belo Horizonte	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/04/preso-por-apologia-ao-nazismo-e-transferido-para-belo-horizonte.html
48	16/04/2013 Confira como surgiu e a trajetória do movimento skinhead até sua propagação em BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/04/16/interna_gerais,372061/confira-como-surgiu-e-a-trajetoria-do-movimento-skinhead-ate-sua-propagacao-em-bh.shtml
49	09/05/2013 Sinal do 4G em BH é excelente, mas nem sempre funciona	http://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2013/05/09/interna_tecnologia,385042/sinal-do-4g-em-bh-e-excelente-mas-nem-sempre-funciona.shtml
50	18/05/2013 Inquisition: banda toca neste domingo em Belo Horizonte	http://whiplash.net/materias/news_827/179807-inquisition.html
51	20/05/2013 Concurso Paisagens Mineiras ganha as ruas de BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/05/20/interna_gerais,390568/concurso-paisagens-mineiras-ganha-as-ruas-de-bh.shtml
52	09/06/2013 Bom negócio	http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/raquel-faria/bom-neg%C3%B3cio-1.660653
53	14/06/2013 Belo Horizonte organiza protesto contra tarifa de ônibus	http://noticias.r7.com/minas-gerais/belo-horizonte-organiza-protesto-contratarifa-de-onibus-14062013
54	16/06/2013 Manifestação em Belo Horizonte reúne oito mil pessoas	http://www.tribunahoje.com/noticia/66948/brasil/2013/06/15/manifestaco-em-belo-horizonte-reune-oito-mil-pessoas.html
55	17/06/2013 Site da BHTrans erra preço da corrida de táxi e tempo previsto para trajeto	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/06/17/interna_gerais,406699/site-da-bhtrans-erra-preco-da-corrída-de-taxi-e-tempo-previsto-para-trajeto.shtml
56	24/07/2013 Fonte da Praça da Savassi já secou; bombas dos chafarizes se quebraram	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/07/24/interna_gerais,426854/fonte-da-praca-da-savassi-ja-secou-bombas-dos-chafarizes-se-quebraram.shtml
57	13/08/2013 BH registra um avanço de sinal a cada dois minutos	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/08/13/interna_gerais,434399/bh-registra-um-avanco-de-sinal-a-cada-dois-minutos.shtml
58	03/09/2013 Naldo Benny agita a hora do almoço na praça da Savassi com show	http://www.otempo.com.br/cidades/naldo-benny-agita-a-hora-do-almo%C3%A7o-na-pra%C3%A7a-da-savassi-com-show-1.707349
59	06/09/2013 Apesar de destruição de piano na praça Sete, músico não desiste de projeto	http://www.otempo.com.br/cidades/apesar-de-destrui%C3%A7%C3%A3o-de-piano-na-pra%C3%A7a-sete-m%C3%BAsico-n%C3%A3o-desiste-de-projeto-1.709394
60	10/09/2013 Jota Quest presenteia os mineiros com "show surpresa" na Praça da Liberdade	http://www.otempo.com.br/cidades/jota-quest-presenteia-os-mineiros-com-show-surpresa-na-pra%C3%A7a-da-liberdade-1.711153
61	18/09/2013 Artista Eduardo Kobra realiza pintura ao vivo em três pontos de BH	http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/artista-eduardo-kobra-realiza-pintura-ao-vivo-em-tr%C3%AAs-pontos-de-bh-1.715205
62	19/09/2013	http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/eduard

	Eduardo Kobra pinta painel na praça da Savassi	o-kobra-pinta-painel-na-pra%C3%A7a-da-savassi-1.716131
63	23/09/2013 BH quer triplicar pontos de acesso livre à internet, alcançando 151 em três anos	http://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2013/09/23/interna_tecnologia,451994/bh-quer-triplicar-pontos-de-acesso-livre-a-internet-alcancando-151-em-tres-anos.shtml
64	25/09/2013 Moradores de rua querem ajuda, mas reclamam do tratamento em abrigos	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/09/25/interna_gerais,452781/moradores-de-rua-querem-ajuda-mas-reclamam-do-tratamento-em-abrigos.shtml
65	27/09/2013 PBH vai exigir estudos de impacto de vizinhança	http://www.otempo.com.br/pbh-vai-exigir-estudos-de-impacto-de-vizinhanc%C3%A7a-1.719814
66	10/11/2013 Cruzeirenses se reúnem na Savassi para assistir ao jogo	http://www.otempo.com.br/superfc/cruzeiro/cruzeirenses-se-re%C3%BAnem-na-savassi-para-assistir-ao-jogo-1.744236
67	14/11/2013 Loja do Galo é alvo de vandalismo em festa do título na Savassi	http://www.otempo.com.br/superfc/loja-do-galo-%C3%A9-alvo-de-vandalismo-em-festa-do-t%C3%ADtulo-na-savassi-1.746103
68	25/11/2013 Fuga em massa do Faixa Azul causa problemas para moradores em BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/11/25/interna_gerais,473300/fuga-em-massa-do-faixa-azul-causa-problemas-para-moradores-em-bh.shtml
69	15/12/2013 Du iu ispiki brazinglish? Tradução ao pé da letra emperra comunicação em BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/12/15/interna_gerais,479408/du-iu-ispiki-brazinglish-traducao-ao-pe-da-letra-emperra-comunicacao-em-bh.shtml
70	16/01/2014 Moradores de rua com passagens pela polícia espalham medo pela Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/01/16/interna_gerais,488423/moradores-de-rua-com-passagens-pela-policia-espalham-medo-pela-savassi.shtml
71	17/01/2014 PM pode aumentar patrulhamento na Savassi para coibir ação de criminosos	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/01/17/interna_gerais,488809/pm-pode-aumentar-patrulhamento-na-savassi-para-coibir-acao-de-criminosos.shtml
72	01/02/2014 Músicos estão à frente de blocos que prometem animar o carnaval de rua de BH	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/2013/carnaval/2014/02/01/noticia_carnaval,151062/artistas-puxam-a-fofia.shtml
73	07/02/2014 Pré-Carnaval esquenta em BH	http://www.otempo.com.br/cidades/pr%C3%A9-carnaval-esquenta-em-bh-1.785357
74	10/2/2014 Prefeitura de BH inicia cadastro de ambulantes para o Carnaval nesta segunda-feira	http://entretenimento.r7.com/carnaval-2014/minas-gerais/prefeitura-de-bh-inicia-cadastro-de-ambulantes-para-o-carnaval-nesta-segunda-feira-10022014
75	12/02/2014 Ocupação gera medo entre frequentadores da praça Raul Soares	http://www.otempo.com.br/cidades/ocupa%C3%A7%C3%A3o-gera-medo-entre-frequentadores-da-pra%C3%A7a-raul-soares-1.787542
76	21/02/2014 Blocos antigos e novos disputam os foliões em fim de semana de pré-carnaval	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/2013/carnaval/2014/02/21/noticia_carnaval,151758/blocos-antigos-e-novos-disputam-os-folioes-em-fim-de-semana-de-pre-car.shtml

77	22/02/2014 Bloco Mama na Vaca desfila no Santo Antônio	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/2013/carnaval/2014/02/22/noticia_carnaval,151815/bloco-mama-na-vaca-desfila-no-santo-antonio.shtml
78	28/02/2014 Belo Horizonte mostra que tem carnaval para todos os gostos	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/2013/carnaval/2014/02/28/noticia_carnaval,152008/belo-horizonte-mostra-que-tem-carnaval-para-todos-os-gostos.shtml
79	01/03/2014 Centro, Savassi e Pampulha recebem folia de carnaval	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/2013/carnaval/2014/03/01/noticia_carnaval,152063/centro-savassi-e-pampulha-recebem-fofia-de-carnaval.shtml
80	02/03/2014 Anitta comanda bloco em Ouro Preto e Molejo esquentam folia em BH	http://entretenimento.r7.com/carnaval-2014/minas-gerais/anitta-comanda-bloco-em-ouro-preto-e-molejo-esquentam-fofia-em-bh-02032014
81	03/03/2014 Carnaval de BH reúne público de todas as idades	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/2013/carnaval/2014/03/03/noticia_carnaval,152125/carnaval-de-bh-reune-publico-de-todas-as-idades.shtml
82	03/03/2014 Praça da Savassi recebe um dos maiores públicos da folia em Belo Horizonte	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/2013/carnaval/2014/03/03/noticia_carnaval,152127/praca-da-savassi-recebe-um-dos-maiores-publicos-da-fofia-em-belo-hori.shtml
83	03/03/2014 Vândalos pintam estátua e arrombam loja na Savassi durante a madrugada	http://www.otempo.com.br/cidades/v%C3%A2ndalos-pintam-est%C3%A1tua-e-arrombam-loja-na-savassi-durante-a-madrugada-1.798576
84	14/03/2014 St. Patrick e suas versões belohorizontinas	http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/roteiros-culturais/st-patrick-e-suas-vers%C3%B5es-belohorizontinas-1.807171
85	22/03/2014 Flash Mob indiano chamou atenção neste sábado na Savassi	http://www.otempo.com.br/cidades/flash-mob-indiano-chamou-aten%C3%A7%C3%A3o-neste-s%C3%A1bado-na-savassi-1.812315
86	24/03/2014 Mônicas gigantes 'invadem' Praça da Savassi, em Belo Horizonte	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/03/monicas-gigantes-invadem-praca-da-savassi-em-belo-horizonte.html
87	24/03/2014 Mônica em diversas versões	http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/m%C3%B4nica-em-diversas-vers%C3%B5es-1.812563
88	13/04/2014 Cruzeirenses fazem carnaval por BH, e jogadores festejam em churrascaria	http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2014/04/cruzeirenses-fazem-carnaval-por-bh-e-jogadores-festejam-em-churrascaria.html
89	22/04/2014 Estátua da 'Mônica Parade' é danificada na Savassi, em BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/04/estatua-da-monica-parade-e-danificada-na-savassi-em-bh.html
90	23/04/2014 Às vésperas da Copa, Savassi sofre com ação de vândalos	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/04/23/interna_gerais,521648/as-vesperas-da-copa-savassi-sofre-com-acao-de-vandalos.shtml
91	23/05/2014	http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/paulo-

	Lobo bão demais	navarro/lobo-b%C3%A3o-demaais-1.851327
92	14/06/2014 Torcedores colombianos e gregos festejam na Savassi antes da partida entre as seleções	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/06/14/interna_gerais,539199/torcedores-colombianos-e-gregos-festejam-na-savassi-antes-da-partida-entre-as-selecoes.shtml
93	14/06/2014 Caroneiro viaja 2 meses e passa por 5 países para ver a Colômbia em BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/06/caroneiro-viaja-2-meses-e-passa-por-5-paises-para-ver-colombia-em-bh.html
94	15/06/2014 Estado de Minas testa três meios de transporte que levam ao Mineirão	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/06/15/interna_gerais,539397/estado-de-minas-testa-tres-meios-de-transporte-que-levam-ao-mineirao.shtml
95	15/06/2014 O primeiro jogo do Mineirão (e meu!) na Copa do Mundo	http://www.otempo.com.br/blogs/blog-da-kikacastro-19.180341/o-primeiro-jogo-do-mineir%C3%A3o-e-meu-na-copa-do-mundo-19.290676
96	16/06/2014 Alemães hospedados em BH preveem jogo difícil contra Portugal	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/06/alemaes-hospedados-em-bh-preveem-jogo-dificil-contr-portugal.html
97	17/06/2014 Manifestantes escolhem reduto de torcida como palco de terceiro protesto em BH	http://noticias.r7.com/minas-gerais/manifestantes-escolhem-reduto-de-torcida-como-palco-de-terceiro-protesto-em-bh-17062014
98	17/06/2014 Belo Horizonte é tomada por torcedores de Bélgica e Argélia	http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,belo-horizonte-e-tomada-por-torcedores-de-belgica-e-argelia,1513207
99	17/06/2014 Colombianos são presos após tentativa de roubo na praça da Savassi em BH	http://noticias.r7.com/minas-gerais/colombianos-sao-presos-apos-tentativa-de-roubo-na-praca-da-savassi-em-bh-17062014
100	17/06/2014 Saiba como usar os pontos de acesso livre à internet em BH	http://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2014/06/17/interna_tecnologia,540042/saiba-como-usar-os-pontos-de-acesso-livre-a-internet-em-bh.shtml
101	17/06/2014 Savassi está dividida entre manifestantes e torcedores da Copa	http://www.otempo.com.br/cidades/savassi-est%C3%A1-dividida-entre-manifestantes-e-torcedores-da-copa-1.866634
102	17/06/2014 Belo Horizonte tem tarde de protesto pacífico contra a Fifa	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/06/belo-horizonte-tem-tarde-de-protesto-pacifico-contr-fifa.html
103	17/06/2014 Belo Horizonte tem dia de vitória da Bélgica, Fan Fest lotada e protesto	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/06/belo-horizonte-tem-dia-de-vitoria-da-belgica-fan-fest-lotada-e-protesto.html
104	17/06/2014 Torcedores belo-horizontinos lotam praça da Savassi e bares da cidade	http://www.otempo.com.br/cidades/torcedores-belo-horizontinos-lotam-pra%C3%A7a-da-savassi-e-bares-da-cidade-1.866910
105	18/06/2014 Manifestação circense agita Belo Horizonte	http://www.brasilpost.com.br/2014/06/18/black-bloc-suplicy_n_5507899.html
106	18/06/2014 Cerco da PM no McDonald's da Savassi vira piada na internet	http://noticias.r7.com/minas-gerais/cerco-da-pm-no-mcdonald's-da-savassi-vira-piada-na-internet-18062014
107	19/06/2014	http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/com-

	Com mais de 20 protestos, 1ª semana de Copa tem 180 detidos em atos	mais-de-20-protestos-1-semana-de-copa-tem-180-detidos-em-atos.html
108	20/06/2014 Protestos: poucas bandeiras e muitos cassetetes	http://www.cartacapital.com.br/revista/805/poucas-bandeiras-muitos-cassetetes-7865.html
109	20/06/2014 Argentinos reclamam que há poucas mulheres em Belo Horizonte	http://www.otempo.com.br/hotsites/copa-do-mundo-2014/argentinos-reclamam-que-h%C3%A1-poucas-mulheres-em-belo-horizonte-1.868727
110	21/06/2014 Sem rivalidade: americanos, atleticanos e cruzeirenses se unem na torcida pela Argentina	http://www.superesportes.com.br/app/1,1195/2014/06/21/interna-noticia,287018/sem-rivalidade-americanos-atleticanos-e-cruzeirenses-se-unem-na-torcida-pela-argentina.shtml
111	21/06/2014 Após briga generalizada de torcidas, PM reforça policiamento na Savassi	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/06/apos-briga-generalizada-de-torcidas-pm-reforca-policiamento-na-savassi.html
112	23/06/2014 Depois de ser palco de festas gringãs, Savassi volta a ser do Brasil	http://www.otempo.com.br/hotsites/copa-do-mundo-2014/depois-de-ser-palco-de-festas-gringas-savassi-volta-a-ser-do-brasil-1.870290
113	24/06/2014 BH tem despedida da Inglaterra da Copa e shows com CPM 22 e Jeito Moleque	http://noticias.r7.com/minas-gerais/bh-tem-despedida-da-inglaterra-da-copa-e-shows-com-cpm-22-e-jeito-moleque-24062014
114	24/06/2014 Repórter do EM vira garçoneiro por um dia durante a Copa e revela os desafios	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/06/24/interna_gerais,541929/reporter-do-em-vira-garconete-por-um-dia-durante-a-copa-e-revela-os-desafios.shtml
115	24/06/2014 Costa-riquenhos se impressionam com BH e dizem que são parecidos com brasileiros	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/06/24/interna_gerais,541905/costa-riquenhos-se-impressionam-com-bh-e-dizem-que-sao-parecidos-com-brasileiros.shtml
116	24/06/2014 Costa-riquenhos apoiam colombianos na Copa do Mundo	http://www.otempo.com.br/superfc/costa-riquenhos-apoiam-colombianos-na-copa-do-mundo-1.870962
117	24/06/2014 Flash mob com gingando brasileiro rouba a cena na Savassi	http://www.otempo.com.br/hotsites/copa-do-mundo-2014/flash-mob-com-gingando-brasileiro-rouba-a-cena-na-savassi-1.870975
118	25/06/2014 Em época de Copa, paquera internacional corre solta em BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/06/25/interna_gerais,542282/em-epoca-de-copa-paquera-internacional-corre-solta-em-bh.shtml
119	26/06/2014 Bairro tradicional de Belo Horizonte concentra torcedores em bares	http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-06/bairro-tradicional-em-minas-concentra-torcedores-em-bares
120	28/06/2014 BH recebe seleção brasileira pela primeira vez na história das Copas	http://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo-2014/bh-recebe-selecao-brasileira-pela-primeira-vez-na-historia-das-copas-28062014
121	29/06/2014 Praça JK e Parque das Mangabeiras também viram pontos de torcida	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/06/29/interna_gerais,543604/praca-jk-e-parque-das-mangabeiras-tambem-viram-pontos-de-torcida.shtml
122	04/07/2014	http://g1.globo.com/minas-

	BH - 16h30: Grupo faz manifestação na região da Savassi	gerais/transito/noticia/2014/07/bh-16h30-grupo-faz-manifestacao-na-regiao-da-savassi.html
123	06/07/2014 Torcida alemã prepara invasão	http://www.superesportes.com.br/app/1,1195/2014/07/06/interna-noticia,288039/torcida-alema-prepara-invasao.shtml
124	08/07/2014 Alemães invadem BH e buscam 'Pan de quétzo'	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/07/08/interna_gerais,546315/alemaes-invadem-bh-e-buscam-pan-de-quetzo.shtml
125	08/07/2014 Torcedores vivem dia de euforia e frustração com eliminação do Brasil na Copa	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/07/08/interna_gerais,546616/torcedores-vivem-dia-de-euforia-e-frustracao-com-eliminacao-do-brasil-na-copa.shtml
126	31/08/2014 Virada Cultural movimentada diversos espaços de Belo Horizonte	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/08/virada-cultural-movimentada-diversos-espacos-de-belo-horizonte.html
127	01/09/2014 Jovem esfaqueado na Virada Cultural de BH está internado em estado grave	http://noticias.r7.com/minas-gerais/jovem-esfaqueado-na-virada-cultural-de-bh-esta-internado-em-estado-grave-01092014
128	26/09/14 Tentativa de assalto e tiro assustam população na Savassi	http://www.otempo.com.br/cidades/tentativa-de-assalto-e-tiro-assustam-popula%C3%A7%C3%A3o-na-savassi-1.922355
129	01/10/2014 Paletas mexicanas invadem Belo Horizonte	http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/10/01/internas_economia,574663/paletas-mexicanas-invadem-belo-horizonte.shtml
130	16/10/2014 Judô mantém ideia de expansão e vai para casa de shows	http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/judo-mantem-ideia-de-expansao-e-vai-para-casa-de-shows_27288.html
131	16/10/2014 BH recebe torneio de judô de alto nível	http://www.otempo.com.br/superfc/outros/bh-recebe-torneio-de-jud%C3%B4-de-alton%C3%ADvel-1.933010
132	25/10/2014 Cidade natal dos dois candidatos, BH abriga passeatas de apoio a Aécio e Dilma	https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=newssearch&cd=227&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiWorb8zKPPAhWEhpAKHXNTB-E43AEQqQIILCgAMAY&url=http%3A%2F%2Fagenciabrasil.ebc.com.br%2Fpolitica%2Fnoticia%2F2014-10%2Fcidade-natal-dos-dois-candidatos-bh-abriga-passeatas-de-apoio-aecio-e-dilma&usg=AFQjCNFizCvA-j0scwpegGyGXfo7A1NUHg&sig2=fVpBlxyz5kkbBJJetoMKhw
133	29/10/2014 PM faz blitz educativa para reforçar importância do Outubro Rosa	http://www.otempo.com.br/cidades/pm-faz-blitz-educativa-para-refor%C3%A7ar-import%C3%A2ncia-do-outubro-rosa-1.939210
134	13/11/2014 Torcedores não enchem os bares de BH para acompanhar o clássico	http://www.otempo.com.br/superfc/torcedores-n%C3%A3o-enchem-os-bares-de-bh-para-acompanhar-o-cl%C3%A1ssico-1.946491
135	13/11/2014 Após vitória no primeiro jogo da final, alvinegros dominam BH	http://www.otempo.com.br/superfc/ap%C3%B3s-vit%C3%B3ria-no-primeiro-jogo-da-final-alvinegros-dominam-bh-1.946602
136	15/11/2014 Cerca de 600 pessoas participam de 'Fora Dilma' em BH	http://www.otempo.com.br/cidades/cerca-de-600-pessoas-participam-de-fora-dilma-em-bh-1.947996

137	20/11/2014 Porsche Carrera S com placa clonada é apreendido em blitz na Savassi	http://www.otempo.com.br/cidades/porsche-carrera-s-com-placa-clonada-%C3%A9-apreendido-em-blitz-na-savassi-1.950223
138	20/11/2014 Morador de rua descansa em rede improvisada na Praça da Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/20/interna_gerais,591888/morador-de-rua-descansa-em-rede-improvisada-na-praca-da-savassi.shtml
139	21/11/2014 Violência faz moradores de rua usarem praças e parques como dormitórios de dia	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/21/interna_gerais,592111/violencia-faz-moradores-de-rua-usarem-pracas-e-parques-como-dormitorios-de-dia.shtml
140	23/11/2014 Calçadas precárias são campeãs de infrações ao Código de Posturas de Belo Horizonte	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/23/interna_gerais,592650/calçadas-precarias-sao-campeas-de-infracoes-ao-codigo-de-posturas-de-belo-horizonte.shtml
141	24/11/2014 Torcedores desfilam por BH com camisa do Cruzeiro	http://www.otempo.com.br/superfc/torcedores-desfilam-por-bh-com-camisa-do-cruzeiro-1.951748
142	25/11/2014 Ato combate violência contra as mulheres	http://www.otempo.com.br/cidades/ato-combate-viol%C3%Aancia-contra-as-mulheres-1.952454
143	30/11/2014 Polícia vai investigar ato de vandalismo contra estátua de Roberto Drummond	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/30/interna_gerais,594924/estatua-e-pichada.shtml
144	12/12/2014 Outlet Lingerie inaugura a primeira loja em BH	http://www.diariodocomercio.com.br/noticia.php?id=146161
145	21/12/2014 Capital iluminada vira atração	http://www.otempo.com.br/cidades/capital-iluminada-vira-atra%C3%A7%C3%A3o-1.964309
146	28/12/2014 Paletas mexicanas são a "febre gelada" do verão mineiro	http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/12/28/internas_economia,603044/paletas-mexicanas-sao-a-febre-gelada-do-verao-mineiro.shtml
147	07/01/15 O Brasil está em crise. Será?	http://www.otempo.com.br/blogs/blog-da-kikacastro-19.180341/o-brasil-est%C3%A1-em-crise-ser%C3%A1-19.357945
148	07/01/2015 PBH muda regra para mesas e cadeiras em calçadas	http://www.otempo.com.br/cidades/pbh-muda-regra-para-mesas-e-cadeiras-em-cal%C3%A7adas-1.969763
149	17/01/2015 Folia além dos blocos	http://www.otempo.com.br/pampulha/foia-al%C3%A9m-dos-blocos-1.974848
150	20/01/2015 Estátua do escritor Roberto Drummond volta a ser atacada em menos de dois meses na Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/01/20/interna_gerais,609895/estatua-do-escritor-roberto-drummond-volta-a-ser-atacada-em-menos-de-d.shtml
151	20/01/2015 Estátua do escritor Roberto Drummond aparece pichada mais uma vez	http://www.otempo.com.br/cidades/est%C3%A1tua-do-escritor-roberto-drummond-aparece-pichada-mais-uma-vez-1.976808
152	30/01/2015 BH terá cerca de 200 blocos de rua no carnaval; veja programação	http://g1.globo.com/minas-gerais/carnaval/2015/noticia/2015/01/bh-tera-cerca-de-200-blocos-de-rua-no-carnaval-veja-

		programacao.html
153	31/01/2015 Pedalada em grupo de segunda a segunda em Belo Horizonte	http://www.otempo.com.br/hotsites/tempo-de-bike/pedalada-em-grupo-de-segunda-a-segunda-em-belo-horizonte-1.986459
154	01/02/2015 Carnaval de BH tem programação infantil-juvenil variada; confira!	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/carnaval/2015/02/01/noticia_carnaval,164084/carnaval-de-bh-tem-programacao-infanto-juvenil-variada-confira.shtml
155	12/02/2015 MG: Centro Integrado de Comando e Controle dá início à operação de carnaval	http://www.jb.com.br/pais/noticias/2015/02/12/mg-centro-integrado-de-comando-e-controle-da-inicio-a-operacao-de-carnaval/
156	14/02/2015 Com modificações no trânsito no carnaval, motoristas devem escolher rotas alternativas	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/02/14/interna_gerais,618251/transito-modificado-em-bh.shtml
157	14/02/2015 Veja as fotos dos foliões em Minas Gerais	http://g1.globo.com/minas-gerais/carnaval/2015/fotos/2015/02/veja-fotos-dos-folioses-em-minas-gerais.html
158	14/02/2015 Folia na Savassi reúne mais de 15 mil pessoas na noite deste sábado	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/carnaval/2015/02/14/noticia_carnaval,164606/folia-na-savassi-reune-mais-de-10-mil-pessoas-na-noite-deste-sabado.shtml
159	14/02/2015 Multidão lota a praça da Savassi na noite de sábado de Carnaval	http://entretenimento.r7.com/carnaval-2015/multidao-lota-a-praca-da-savassi-na-noite-de-sabado-de-carnaval-14022015
160	14/02/2015 Primeiro dia de carnaval em Minas Gerais leva multidões às ruas	http://g1.globo.com/minas-gerais/carnaval/2015/noticia/2015/02/primeiro-dia-de-carnaval-em-minas-gerais-leva-multidoes-ruas.html
161	15/02/2015 Bloco da limpeza entra em ação na Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/02/15/interna_gerais,618525/bloco-da-limpeza-entra-em-acao-na-savassi.shtml
162	15/02/2015 Da Guaicurus à Savassi, mais de 60 mil foliões tomam conta de BH	http://www.otempo.com.br/hotsites/carnaval-2015/da-guaicurus-%C3%A0-savassi-mais-de-60-mil-folioses-tomam-conta-de-bh-1.994461
163	15/02/2015 Bloco Jângalove homenageia Silvio Santos no Bairro Cruzeiro	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/carnaval/2015/02/15/noticia_carnaval,164650/bloco-jangalove-homenageia-silvio-santos-no-bairro-cruzeiro.shtml
164	15/02/2015 Savassi reúne 30 mil foliões na noite deste domingo	http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/especiais/carnaval/2015/02/15/noticia_carnaval,164665/savassi-ja-reune-multidao-de-folioses-na-noite-deste-domingo.shtml
165	15/02/2015 Fantasia e cores fortes enfeitam carnaval de BH neste domingo	http://g1.globo.com/minas-gerais/carnaval/2015/noticia/2015/02/fantasia-e-cores-fortes-enfeitam-carnaval-de-bh-neste-domingo.html
166	16/02/2015 'Baianas Ozadas', em BH, é destaque de público no carnaval desta segunda	http://g1.globo.com/minas-gerais/carnaval/2015/noticia/2015/02/baianas-ozadas-em-bh-e-destaque-de-publico-no-carnaval-desta-segunda.html

167	22/02/2015 Linha turística de BH é desativada por falta de passageiros, diz BHTrans	http://g1.globo.com/minas-gerais/transito/noticia/2015/02/linha-turistica-de-bh-e-desativada-por-falta-de-passageiros-diz-bhtrans.html
168	06/03/2015 Comida de rua (de raiz)	http://www.otempo.com.br/gastro/comida-de-rua-de-raiz-1.1003988
169	15/03/2015 Manifestação em Belo Horizonte já reúne 12 mil pessoas	http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/manifestacao-em-bh-ja-reune-12-mil-pessoas-diz-policia
170	15/03/2015 Protestos contra Dilma atingem ao menos 1,5 milhão de pessoas, diz PM	https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=newssearch&cd=184&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwilvfVA1qPPAhVBIJAKHZErCM04tAEQqQIIJCgAMAM&url=http%3A%2F%2Fwww.istoedinheiro.com.br%2Fnoticias%2Feconomia%2F20150315%2Fprotestos-contradilma-atingem-menos-milhao-pessoas-diz%2F241839&usg=AFQjCNFdpXAaHBrKcGChPmfqr-wm23IXmg&sig2=1bb9NpbjQ4oB1-hu-LRz_g
171	15/03/2015 E agora, Dilma? Manifestações contra o Governo tomam conta do Brasil	http://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/2015/03/e-agora-dilma-manifestacoes-contrao-governotomam-conta-do-brasil.html
172	15/03/2015 Manifestação contra o governo reúne 24 mil pessoas em BH	http://www.otempo.com.br/cidades/manifesta%C3%A7%C3%A3o-contrao-governo-re%C3%BAne-24-mil-pessoas-em-bh-1.1009291
173	15/03/2015 Manifestação na Avenida Paulista chega a 1 milhão de pessoas, diz PM; veja imagens	http://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/3920604/manifestacao-avenida-paulista-chegamilhao-pessoas-diz-veja-imagens
174	15/03/2015 Cerca de 1,4 milhão de pessoas protestam pelo País neste domingo	http://noticias.r7.com/brasil/cerca-de-14-milhao-de-pessoas-protestam-pelo-pais-neste-domingo-15032015
175	16/03/15 Uma boa análise dos protestos de ontem	http://www.otempo.com.br/blogs/blog-da-kikacastro-19.180341/uma-boa-an%C3%A1lise-dos-protestos-de-ontem-19.402395
176	16/03/2015 Manifestação contra Dilma reuniu 24 mil pessoas na praça da Liberdade, em BH	http://noticias.r7.com/minas-gerais/manifestacao-contradilma-reuniu-24-mil-pessoas-na-praca-daliberdade-em-bh-16032015
177	17/03/2015 Aluguel caro faz lojas da Savassi fecharem portas	http://www.otempo.com.br/capa/economia/aluguel-carofaz-lojas-da-savassi-fecharem-portas-1.1010040
178	03/04/2015 Iluminação adequada vira privilégio da praça da Savassi	http://www.otempo.com.br/cidades/ilumina%C3%A7%C3%A3o-adequada-vira-privil%C3%A9gio-da-pra%C3%A7a-da-savassi-1.1019207
179	19/04/2015 Feriado e decisões pela Libertadores esfriam movimento nos bares de BH durante clássico	http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2015/04/19/noticia_interior,308441/feriado-e-decisoes-pela-libertadores-esfriam-movimento-nos-bares-de-bh-durante-classico.shtml
180	22/04/2015 Projeto resgata histórias de quem vive nas cidades	http://hojeemdia.com.br/horizontes/projeto-resgatahist%C3%B3rias-de-quem-vive-nas-cidades-1.313137
181	05/05/2015 Apagão na Savassi complica o	http://www.otempo.com.br/cidades/apag%C3%A3o-na-savassi-complica-o-tr%C3%A2nsito-na

	trânsito na região Centro-Sul	regi%C3%A3o-centro-sul-1.1034051
182	08/05/2015 Andréa Beltrão, Malu Galli e Mariana Lima apresentam 'Nômades' em BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/05/andrea-beltrao-malu-galli-e-mariana-lima-apresentam-nomades-em-bh.html
183	26/05/2015 BH participa de Dia de Luta Contra a Redução da Maioridade Penal	http://www.otempo.com.br/cidades/bh-participa-de-dia-de-luta-contr-a-redu%C3%A7%C3%A3o-da-maioridade-penal-1.1045191
184	27/05/2015 Belo Horizonte tem diversos pontos de livre acesso à internet	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/05/belo-horizonte-tem-diversos-pontos-de-livre-acesso-internet.html
185	01/06/2015 Praça da Savassi é tomada por dançarinos durante Flash Mob	http://www.otempo.com.br/cidades/pr%C3%A7a-da-savassi-%C3%A9-tomada-por-dan%C3%A7arinos-durante-flash-mob-1.1048621
186	05/06/2015 Feriado prolongado em BH tem festival de zouk e mostras de cinema	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/06/feriado-prolongado-em-bh-tem-festival-de-zouk-e-mostras-de-cinema.html
187	06/06/2015 Vai à Virada Cultural de BH? Confira o esquema do trânsito	http://hojeemdia.com.br/horizontes/vai-%C3%A0-virada-cultural-de-bh-confira-o-esquema-do-tr%C3%A2nsito-1.323155
188	14/06/2015 Há um ano, BH foi ocupada por colombianos que contagiaram cidade com alegria	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/06/14/interna_gerais,657971/ha-um-ano-bh-foi-ocupada-por-colombianos-que-contagiaram-cidade-com-a.shtml
189	01/07/2015 Em busca de resgate de identidades, coletivo de BH fotografa moradores	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/07/coletivo-de-bh-fotografa-moradores-em-busca-de-resgate-de-identidades.html
190	02/07/2015 Projeto resgata memória de Belo Horizonte	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/07/02/interna_gerais,664365/projeto-resgata-memoria-de-moradores-de-belo-horizonte.shtml
191	07/07/2015 1ª BH Rock Week celebra o Dia Mundial do Rock na capital	https://catracalivre.com.br/bh/agenda/barato/1a-bh-rock-week-celebra-o-dia-mundial-do-rock-na-capital/
192	10/07/2015 Enfeitada com bandeirinhas, Praça da Estação recebe 'Arraial de Belô'	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/07/enfeitada-com-bandeirinhas-praca-da-estacao-recebe-arraial-de-belo.html
193	13/07/2015 O rock psicodélico dos gaúchos	http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/o-rock-psicod%C3%A9lico-dos-ga%C3%BAchos-1.1068554
194	13/07/2015 Cachorro Grande e Pato Fu fazem show em BH no Dia Mundial do Rock	http://g1.globo.com/minas-gerais/musica/noticia/2015/07/cachorro-grande-e-pato-fu-fazem-show-em-bh-no-dia-mundial-do-rock.html
195	11/07/2015 Um filme na frente	http://hojeemdia.com.br/horizontes/um-filme-na-frente-1.370178
196	10/08/2015 Intervenção teatral urbana 'Tá Sentado?' é apresentada em BH	https://catracalivre.com.br/bh/agenda/gratis/intervencao-teatral-urbana-ta-sentado-e-apresentada-em-bh/

197	15/08/2015 Movimentos contrários ao governo prometem ocupar as ruas neste domingo	http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/08/15/interna_politica,678575/movimentos-contrarios-ao-governo-prometem-ocupar-as-ruas-neste-domingo.shtml
198	15/08/2015 Polícia Militar divulga informações sobre manifestação deste domingo em Belo Horizonte	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/08/15/interna_gerais,678641/policia-militar-divulga-informacoes-sobre-manifestacao-deste-domingo-em-belo-horizonte.shtml
199	16/08/2015 BH deve reunir até 40 mil pessoas em protesto contra o Governo Dilma	http://noticias.r7.com/minas-gerais/bh-deve-reunir-ate-40-mil-pessoas-em-protesto-contr-o-governo-dilma-16082015
200	16/08/2015 Cerca de 4.000 pessoas se reúnem na praça da Liberdade para protesto contra o Governo	http://noticias.r7.com/minas-gerais/cerca-de-4000-pessoas-se-reunem-na-praca-da-liberdade-para-protesto-contr-o-governo-16082015
201	16/08/2015 Após concentração, 10 mil saem em passeata contra o Governo Dilma	http://noticias.r7.com/minas-gerais/apos-concentracao-10-mil-saem-em-passeata-contr-o-governo-dilma-16082015
202	16/08/2015 Confusão entre ambulantes e fiscais termina com um ferido em protesto	http://www.otempo.com.br/cidades/confus%C3%A3o-entre-ambulantes-e-fiscais-termina-com-um-ferido-em-protesto-1.1086724
203	16/08/2015 Manifestação reúne 10 mil pessoas na praça da Liberdade	http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/manifesta%C3%A7%C3%A3o-re%C3%BAne-10-mil-pessoas-na-pra%C3%A7a-da-liberdade-1.1086766
204	16/08/2015 Termina manifestação em BH e PM estima participação de 6 mil pessoas	http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2015/08/16/interna_politica,592672/termina-manifestacao-em-bh-e-pm-estima-participacao-de-6-mil-pessoas.shtml
205	16/08/2015 Manifestantes protestam contra o governo em todos estados e no DF	http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/08/manif-estantes-protestam-contr-governo-dilma-em-todos-estados-e-no-df.html
206	16/08/2015 Capitais brasileiras têm protestos contra o governo	http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2015/08/manifestacoes-de-16-de-agosto-de-2015.html
207	17/08/2015 'Aqui Jazz' tem repertório inspirado em George Gershwin e Tom Jobim	https://catracalivre.com.br/bh/agenda/gratis/aqui-jazz-tem-repertorio-inspirado-em-george-gershwin-e-tom-jobim/
208	20/08/2015 Protesto a favor do governo Dilma pode fechar ruas do centro de BH nesta quinta-feira	http://noticias.r7.com/minas-gerais/protesto-a-favor-do-governo-dilma-pode-fechar-ruas-do-centro-de-bh-nesta-quinta-feira-20082015
209	20/08/2015 Protesto dura mais de três horas e reúne milhares no centro de BH	http://www.otempo.com.br/cidades/protesto-dura-mais-de-tr%C3%AAAs-horas-e-re%C3%BAne-milhares-no-centro-de-bh-1.1091028
210	03/09/2015 Taxista flagra briga entre travesti e torcedor em lanchonete	http://www.otempo.com.br/cidades/taxista-flagra-briga-entre-travesti-e-torcedor-em-lanchonete-1.1102556
211	07/09/2015 Com calorão, jovens se refrescam em fonte da Praça da Savassi, em BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/09/com-calorao-jovens-se-refrescam-em-fonte-da-praca-da-savassi-em-bh.html

212	10/09/2015 O melhor da Virada Cultural 2015, em Belo Horizonte	http://www.otempo.com.br/blogs/blog-da-kikacastro-19.180341/o-melhor-da-virada-cultural-2015-em-belo-horizonte-19.547375
213	11/09/2015 Fim de semana terá chuva em Belo Horizonte e região metropolitana	http://www.otempo.com.br/cidades/fim-de-semana-ter%C3%A1-chuva-em-belo-horizonte-e-regi%C3%A3o-metropolitana-1.1110561
214	11/09/2015 BHTrans alerta para mudanças no trânsito durante a Virada Cultural de BH	http://noticias.r7.com/minas-gerais/bhtrans-alerta-para-mudancas-no-transito-durante-a-virada-cultural-de-bh-11092015
215	11/09/2015 Polícia indicia 2 por morte de jovem após briga na Virada Cultural em BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/09/policia-indicia-2-por-morte-de-jovem-apos-briga-na-virada-cultural-em-bh.html
216	15/09/15 Novo CD de blues do Affonsinho para download + showzaço com Kenny Brown em BH	http://www.otempo.com.br/blogs/blog-da-kikacastro-19.180341/novo-cd-de-blues-do-affonsinho-para-download-showza%C3%A7o-com-kenny-brown-em-bh-19.551924
217	16/09/2015 1º Festival Viva reúne sete bandas e ocupa três espaços da cidade	https://catracalivre.com.br/bh/agenda/barato/1o-festival-viva-ocupa-tres-espacos-da-cidade-reunindo-7-bandas/
218	24/09/2015 Zoológico de BH abre as portas para os ciclistas pela primeira vez	http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2015/09/24/noticia_saudeplena,155219/zoologico-de-bh-abre-as-portas-para-os-ciclistas-pela-primeira-vez.shtml
219	30/09/2015 Transferência da Praia da Estação para a Savassi divide opiniões	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/09/30/interna_gerais,693564/traferencia-da-praia-da-estacao-para-a-savassi-divide-opinioes.shtml
220	01/10/2015 Fontes da praça da Estação devem funcionar neste fim de semana	http://www.otempo.com.br/cidades/fontes-da-pra%C3%A7a-da-esta%C3%A7%C3%A3o-devem-funcionar-neste-fim-de-semana-1.1127555
221	01/10/2015 Fontes voltam a funcionar na Praça da Estação	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/10/01/interna_gerais,693989/fontes-voltam-a-funcionar-na-praca-da-estacao.shtml
222	02/10/2015 Mesmo com fontes religadas, "praia" deve ser mantida na Savassi	http://www.otempo.com.br/cidades/mesmo-com-fontes-religadas-praia-deve-ser-mantida-na-savassi-1.1128843
223	02/10/2015 Fonte da Praça da Estação volta a funcionar neste sábado	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/10/02/interna_gerais,694323/fonte-da-praca-da-estacao-volta-a-funcionar-neste-sabado.shtml
224	03/10/2015 Primeira praia da Estação na Savassi reúne ao menos 500 pessoas	http://www.otempo.com.br/cidades/primeira-praia-da-esta%C3%A7%C3%A3o-na-savassi-re%C3%BAne-ao-menos-500-pessoas-1.1129500
225	03/10/2015 Praia da Estação reúne público para se refrescar na praça da Savassi	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/10/praiada-estacao-reune-publico-para-se-refrescar-na-praca-da-savassi.html
226	04/10/2015 Participantes do movimento Praia da Estação ocupam a Praça da Savassi em mais um protesto	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/10/04/interna_gerais,694581/participantes-do-movimento-praia-da-estacao-ocupam-a-praca-da-savassi-em-mais-um-protesto.shtml
227	09/10/2015	http://www.otempo.com.br/hotsites/que-amor-

	Cultura machista dá origem à agressividade dos homens	%C3%A9-esse/cultura-machista-d%C3%A1-origem-%C3%A0-agressividade-dos-homens-1.1134362
228	13/10/2015 Calor e feriado fazem população lotar áreas de lazer de Belo Horizonte	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/10/13/interna_gerais,697181/calor-e-feriado-fazem-populacao-lotar-areas-de-lazer-de-belo-horizonte.shtml
229	16/10/2015 BH tem dia mais quente em 105 anos, diz Instituto Nacional de Meteorologia	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/10/bh-tem-o-dia-mais-quente-do-ano-desde-1910-ano-do-inicio-da-medicao.html
230	18/12/2015 Savassi receberá só blocos pequenos no Carnaval 2016	http://www.otempo.com.br/cidades/savassi-receber%C3%A1-s%C3%B3-blocos-pequenos-no-carnaval-2016-1.1195137

Acesso em 31/07/2016

231	05/01/2016 Prestes a completar 18 anos, Código de Trânsito ainda enfrenta falta de educação dos motoristas	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/01/05/interna_gerais,721836/prestes-a-completar-18-anos-codigo-de-transito-ainda-enfrenta-falta-d.shtml
232	09/01/2016 Praça fica lotada na primeira edição do ano da Praia da Estação em BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/01/09/interna_gerais,723564/praca-fica-lotada-na-primeira-edicao-do-ano-da-praia-da-estacao-em-bh.shtml
233	10/01/2016 Burger King e Bob's dão fim ao reinado solitário do MC Donald's na Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2016/01/10/internas_economia,723628/burger-king-e-bob-s-dao-fim-ao-reinado-solitario-do-mc-donald-s-na-sav.shtml
234	29/01/2016 Blocos de Carnaval agitam Belo Horizonte neste fim de semana	http://g1.globo.com/minas-gerais/carnaval/2016/noticia/2016/01/blocos-de-carnaval-agitam-belo-horizonte-neste-fim-de-semana.html
235	01/02/2016 Livraria é mais uma a fechar as portas na Savassi	http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2016/02/01/internas_economia,730190/livraria-e-mais-uma-a-fechar-as-portas-na-savassi.shtml
236	05/02/2016 Evento repudia ação da PM no Bloco da Bicletinha	http://www.otempo.com.br/cidades/evento-repudia-a%C3%A7%C3%A3o-da-pm-no-bloco-da-bicicletinha-1.1227264
237	06/02/2016 Belo-horizontino encontra trânsito complicado no segundo dia de Carnaval	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/06/interna_gerais,732222/belo-horizontino-encontra-transito-complicado-no-segundo-dia-de-carnav.shtml
238	08/02/2016 Dupla é presa suspeita de arrastão na região centro-sul de BH	http://noticias.r7.com/minas-gerais/dupla-e-presa-suspeita-de-arrastao-na-regiao-centro-sul-de-bh-08022016
239	10/02/2016 Dez coisas que (re)aprendi sobre o Carnaval de BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/10/interna_gerais,732920/dez-coisas-que-re-aprendi-sobre-o-carnaval-de-bh.shtml
240	11/02/2016 Com público cada vez maior, Belotur chamará blocos para organizar melhor os desfiles em	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/11/interna_gerais,733201/com-publico-cada-vez-maior-belotur-chamara-blocos-para-organizar-melh.shtml

	2017	
241	27/02/2016 Ciclistas saem pelas ruas do Centro em apoio ao Bloco da Bicletinha	http://www.otempo.com.br/cidades/ciclistas-saem-pelas-ruas-do-centro-em-apoio-ao-bloco-da-bicicletinha-1.1244760
242	28/02/2016 Savassi: 25 anos no coração de BH	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/28/interna_gerais,738327/savassi-25-anos-no-coracao-de-bh.shtml
243	15/03/2016 Do rock às brasilidades: 12 festas para curtir em BH	https://catracalivre.com.br/bh/agenda/barato/do-rock-as-brasilidades-12-festas-para-curtir-em-bh/
244	16/03/2016 Grupo protesta contra nomeação de Lula na Região Centro-Sul de BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/03/grupo-protesta-contranomeacao-de-lula-na-regiao-centro-sul-de-bh.html
245	16/03/2016 Manifestantes fazem buzinação em BH e fecham trânsito em protesto contra a nomeação de Lula	http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2016/03/16/interna_politica,744226/manifestantes-fazem-buzinaco-em-bh-e-protestam-contralula-e-dilma.shtml
246	16/03/2016 População de 11 estados e do Distrito Federal vai às ruas e faz panelaço contra nomeação de Lula	http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2016/03/16/interna_politica,744283/moradores-de-11-estados-e-do-distrito-federal-fazem-panelaco-contraa.shtml
247	17/03/2016 Universitários protestam em BH contra nomeação de Lula e pedem impeachment de Dilma	http://hojeemdia.com.br/primeiro-plano/universit%C3%A1rios-protestam-em-bh-contranomea%C3%A7%C3%A3o-de-lula-e-pedem-impeachment-de-dilma-1.359638
248	17/03/2016 Belo Horizonte tem novo protesto contra Lula e governo do PT	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/03/belo-horizonte-tem-novo-protesto-contralula-e-governo-do-pt.html
249	17/03/2016 Acompanhe em tempo real as manifestações contra o governo em BH	http://www.otempo.com.br/tempo-real/acompanhe-em-tempo-real-as-manifesta%C3%A7%C3%B5es-contrao-governo-em-bh-1.1260804
250	17/03/2016 Atos contra o governo ocorrem em 24 Estados	https://www.noticiasaminuto.com.br/brasil/200158/atos-contrao-governo-ocorrem-em-24-estados-diz-portal
251	17/03/2016 Protestos contra Dilma e Lula tomam ruas em várias cidades do Brasil	http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/17/manifestantes-gritam-e-buzinam-pelo-impeachment-de-dilma-em-diversascidades-do-brasil.htm
252	20/03/2016 Manifestantes percorrem ruas da Savassi contra Dilma e Lula	http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2016/03/20/interna_politica,745429/manifestantes-percorrem-ruas-da-savassi-contradilma-e-lula.shtml
253	11/04/2016 Lojas em BH torram estoque para fechar as portas	http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2016/04/11/internas_economia,751707/lojas-em-bh-torram-estoque-para-fechar-as-portas.shtml
254	15/04/2016 Familiares e amigos de jovem morto na porta de boate fazem ato em BH	http://www.otempo.com.br/cidades/familiares-e-amigos-de-jovem-morto-na-porta-de-boate-fazem-ato-em-bh-1.1280177
255	17/04/16 Oi Virtual	http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/banco-de-ideias/oi-virtual-1.1280777

256	29/04/2016 Totens revelam a história das praças de Belo Horizonte	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/04/29/interna_gerais,757556/totens-revelam-a-historia-das-pracas-de-belo-horizonte.shtml
257	02/05/2016 Segunda edição do 'Sorriso para todos' chega a BH	http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/segunda-edic%C3%A7%C3%A3o-do-sorriso-para-todos-chega-a-bh-1.1290668
258	09/05/2016 Grupos vão protestar em todo Brasil contra decisão de Maranhão	http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/grupos-v%C3%A3o-protestar-em-todo-brasil-contra-decis%C3%A3o-de-maranh%C3%A3o-1.1295866
259	09/05/2016 Grupos marcam protesto contra a anulação do impeachment nesta segunda na Savassi	http://hojeemdia.com.br/primeiro-plano/grupos-marcam-protesto-contra-a-anula%C3%A7%C3%A3o-do-impeachment-nesta-segunda-na-savassi-1.383055
260	09/05/2016 Antonio Donato, skinhead que aparece estrangulando morador de rua, é condenado a 8 anos de prisão	http://hojeemdia.com.br/horizontes/antonio-donato-skinhead-que-aparece-estrangulando-morador-de-rua-%C3%A9-condenado-a-8-anos-de-pris%C3%A3o-1.383064
261	09/05/2016 Manifestantes protestam na praça da Savassi contra decisão de Maranhão	http://www.otempo.com.br/cidades/manifestantes-protestam-na-pra%C3%A7a-da-savassi-contra-decis%C3%A3o-de-maranh%C3%A3o-1.1296198
262	09/05/2016 Grupos pró e contra impeachment ocupam as ruas em seis capitais	http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,grupos-pro-e-contra-impeachment-ocupam-paulista,10000050019
263	11/05/2016 300 pessoas manifestam contra o impeachment na praça da Liberdade	http://www.otempo.com.br/cidades/300-pessoas-manifestam-contra-o-impeachment-na-pra%C3%A7a-da-liberdade-1.1297540
264	11/05/2016 Movimentos a favor e contra a presidente Dilma fazem atos em BH	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/05/movimentos-favor-e-contra-presidente-dilma-fazem-atos-em-bh.html
265	12/05/2016 Com campeões olímpicos e artistas, BH se prepara para receber a Tocha	http://www.otempo.com.br/superfc/com-campe%C3%B5es-ol%C3%ADmpicos-e-artistas-bh-se-prepara-para-receber-a-tocha-1.1298365
266	13/05/2016 Chegada da tocha Olímpica altera o trânsito em BH neste sábado	http://hojeemdia.com.br/horizontes/chegada-da-tocha-ol%C3%ADmpica-altera-o-tr%C3%A2nsito-em-bh-neste-s%C3%A1bado-1.384043
267	13/05/2016 BH e Contagem terão mudanças no trânsito para receber a Tocha Olímpica	http://www.otempo.com.br/cidades/bh-e-contagem-ter%C3%A3o-mudan%C3%A7as-no-tr%C3%A2nsito-para-receber-a-tocha-ol%C3%ADmpica-1.1298490
268	14/05/2016 Trânsito foi modificado neste sábado, em BH, devido à passagem da Tocha Olímpica	http://br.blastingnews.com/belo-horizonte/2016/05/transito-foi-modificado-neste-sabado-em-bh-devido-a-passagem-da-tocha-olimpica-00915681.html
269	20/05/2016 Confira os principais destaques do FIT-BH, que tem início nesta sexta	http://hojeemdia.com.br/almanaque/confira-os-principais-destaques-do-fit-bh-que-tem-in%C3%ADcio-nesta-sexta-1.385715
270	31/05/2016 Circuito Aproxima promove exposição ao ar livre na Savassi	http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/circuito-aproxima-promove-exposi%C3%A7%C3%A3o-ao-ar-livre-na-savassi-1.1311178
271	03/06/2016	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/06/0

	Praça da Savassi recebe exposição de porquinhos estilizados	3/interna_gerais,769160/praca-da-savassi-recebe-exposicao-de-porquinhos-estilizados.shtml
272	14/06/2016 Circuito Aproxima agrega a culinária mineira com a boa cerveja artesanal da região	http://www.soubh.com.br/noticias/gastronomia/mais-um-festival-gastronomico-em-bh/
273	15/06/2016 Cervejaria e supermercado se unem para arrecadar cobertores neste inverno	http://hojeemdia.com.br/horizontes/cevejaria-e-supermercado-se-unem-para-arrecadar-cobertores-neste-inverno-1.391796
274	29/06/2016 BH não registrava temperaturas tão baixas há quatro anos	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/06/29/interna_gerais,778011/bh-nao-registrava-temperaturas-tao-baixas-ha-quatro-anos.shtml
275	23/07/2016 Lançamento do 'Pokémon Go' no Brasil: conheça os principais 'PokéStops' em Belo Horizonte	http://br.blastingnews.com/lazer/2016/07/lancamento-do-pokemon-go-no-brasil-conheca-os-principais-pokestops-em-belo-horizonte-001030219.html
276	25/07/2016 Bares e casas noturnas de BH investem em programação especial na segunda-feira	http://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2016/07/25/noticia-e-mais,182419/bares-e-casas-noturnas-de-bh-investem-em-programacao-especial-para-atr.shtml

APÊNDICE 2: PESQUISA QUANTITATIVA – PRAÇA DA SAVASSI

ABERTURA

Bom dia / Boa tarde / Boa noite. Meu nome é _____ e estou fazendo uma pesquisa sobre a Praça da Savassi. Posso lhe fazer algumas perguntas? São apenas 7 questões e eu não tomarei nem 3 cinco minutos do seu tempo. Obrigado.

A SER PREENCHIDO PELO ENTREVISTADOR:

Data da entrevista: _____ Horário: _____

Sexo do entrevistado: () Fem () Masc

1. O que traz você à Praça da Savassi? Por que você vem aqui?

() trabalha próximo () compras () bares e cafés () Cooper/caminhada
() passeio / ver vitrines () conhecer a obra / nova praça () outros

2. Em geral, com que frequência você vem à Praça da Savassi?

() diariamente () semanalmente () mensalmente () raramente () 1ª vez

3. O que você achou da nova Praça da Savassi?

4. Você acompanhou as obras da Praça? O que você achou do processo?

5. Agora que a obra acabou, você considera a Praça da Savassi um lugar:

	SIM	NÃO	MAIS OU MENOS	NÃO SEI
Bonito				
Limpo				
Organizado				
Seguro				
Agradável				
Bem frequentado				

6. O que você acha que falta na Praça da Savassi?

7. E o que sobra?
